

SA AU '21

do vernacular ao
contemporâneo -
os rumos da
arquitetura
latino-americana

Organização

Anneliese Heyden Cabral de Lira
Lucas Rodrigues Moreira
Pedro Freire de Oliveira Rossi

ISBN: 978-65-5825-138-5

SA AU '21

semana
acadêmica
de arquitetura
e urbanismo
uniesp

Centro Universitário – UNIESP

Cabedelo - PB
2022



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIESP

Reitora

Érika Marques de Almeida Lima

Pró-Reitora Acadêmica

Iany Cavalcanti da Silva Barros

Editor-chefe

Cícero de Sousa Lacerda

Editores assistentes

Márcia de Albuquerque Alves

Josemary Marcionila F. R. de C. Rocha

Editora-técnica

Elaine Cristina de Brito Moreira

Corpo Editorial

Ana Margareth Sarmento – Estética

Anneliese Heyden Cabral de Lira – Arquitetura

Arlindo Monteiro de Carvalho Júnior - Medicina

Aristides Medeiros Leite - Medicina

Carlos Fernando de Mello Júnior - Medicina

Daniel Vitor da Silveira da Costa – Publicidade e Propaganda

Érika Lira de Oliveira – Odontologia

Ivanildo Félix da Silva Júnior – Pedagogia

Patrícia Tavares de Lima – Enfermagem

Marcel Silva Luz – Direito

Juliana da Nóbrega Carreiro – Farmácia

Larissa Nascimento dos Santos – Design de Interiores

Luciano de Santana Medeiros – Administração

Marcelo Fernandes de Sousa – Computação

Thyago Henriques de Oliveira Madruga Freire – Ciências Contábeis

Márcio de Lima Coutinho – Psicologia

Paula Fernanda Barbosa de Araújo – Medicina Veterinária

Giuseppe Cavalcanti de Vasconcelos – Engenharia

Rodrigo Wanderley de Sousa Cruz – Educação Física

Sandra Suely de Lima Costa Martins - Fisioterapia

Zianne Farias Barros Barbosa – Nutrição

Copyright©2022 – Editora UNIESP

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade do(os) autor(es).

Designer Gráfico:

Anneliese Heyden Cabral de Lira

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Padre Joaquim Colaço Dourado (UNIESP)**

S111 Saau'21: do vernacular ao contemporâneo – os rumos da arquitetura latino-americana [recurso eletrônico] / Organizado por Annelise Heyden Cabral de Lira, Lucas Rodrigues Moreira, Pedro Freire de Oliveira Rossi. - Cabedelo, PB: Editora UNIESP, 2022.

275 p. ; il : color.

Tipo de Suporte: E-book
ISBN: 978-65-5825-138-5

1. Arquitetura e urbanismo. 2. Arquitetura latino-americana. 3. Arquitetura contemporânea. 4. Urbanismo. 5. Arquitetura – Produção científica. I. Título. II. Lira, Annelise Heyden Cabral de. III. Moreira, Lucas Rodrigues. IV. Rossi, Pedro Freire de Oliveira.

CDU: 711

Bibliotecária: Elaine Cristina de Brito Moreira – CRB-15/053

Editora UNIESP

Rodovia BR 230, Km 14, s/n,
Bloco Central – 2 andar – COOPERE
Morada Nova – Cabedelo – Paraíba
CEP: 58109-303

apresentação

A diversidade e a complexidade advindas dos vários povos que habitam a América Latina, em seus mais de meio bilhão de habitantes, se estendem igualmente ao Brasil e ao seu Nordeste. Em cada região, revelam-se comportamentos e manifestações que conferem identidades plurais, realçadas pelo conhecimento ancestral e empírico e pelo poder de adaptação às peculiaridades geográficas, econômicas, sociais e culturais destes povos.

A sua representatividade também se traduz na arquitetura e nas cidades, enquanto materialização dos valores históricos e culturais e das formas de viver e resistir. Há, nos edifícios e nos espaços urbanos, o acúmulo das tradições e das raízes, bem como os traços da sociedade atual, influenciadas pela economia e política global. Assim, sobretudo no panorama intensificado do século XXI, a própria arquitetura e a cidade se reinventam, ao mesmo tempo que fortalecem a histórica efervescência social, política e cultural e a apropriação destes espaços pela população.

Diante desse cenário inquietante, busca-se a reflexão e o diálogo sobre os rumos da produção (e reprodução) da arquitetura latino-americana, brasileira e nordestina, das nossas cidades e identidades. Destacam-se entre os pontos chave da discussão, o reconhecimento desta arquitetura multiculturalista e tão plural quanto o seu povo; a reflexão quanto ao estabelecimento de paradigmas arquitetônicos e urbanísticos que se sobrepõem e universalizam as particularidades regionais e que ainda reforçam contornos coloniais; bem como a reflexão acerca da produção arquitetônica e o seu envolvimento com as singularidades e as reais necessidades da nossa sociedade.

Desse modo, objetiva-se o aprofundamento do debate sobre o processo de descolonização, perpassando pelo fortalecimento dos saberes vernaculares como das inovações tecnológicas, à concepção e produção projetual, a partir de discussões e inquietações que se descortinaram no cenário de pandemia no Nordeste, no Brasil e na América Latina. Para o aprofundamento desta discussão, quatro eixos temáticos possibilitam a categorização do diálogo:

1. tecnologia promovendo diálogos sobre conceitos e técnicas, ensaios metodológicos, soluções e experiências projetuais acerca do bioclimatismo, da ergonomia e da acessibilidade universal do edifício e da cidade; dos materiais, das técnicas e das tipologias construtivas regionais contemporâneas e vernaculares, com vistas ao uso racional e inovador dos recursos naturais e à eficiência energética. Inclui a discussão sobre recursos tecnológicos e a utilização de novos softwares no âmbito da arquitetura, do urbanismo, do paisagismo e do geoprocessamento. Debate sobre estratégias da concepção projetual - método, forma e processo e a interdisciplinaridade com outros conhecimentos afins; inovações tecnológicas aliadas ao desenvolvimento urbano e da construção, visando cidades inteligentes e adaptadas às necessidades do século XXI e aos contextos diversos do Nordeste, do Brasil e da América Latina;

2. cultura centrado na reflexão sobre o fazer arquitetura e as suas múltiplas identidades e práticas culturais, evocando a necessidade de se discutir os padrões e os elementos

arquitetônicos universalizantes estabelecidos frente à diversidade do conhecimento e das experiências empíricas regionais. Foca no debate acerca da representatividade da população brasileira e latino-americana na arquitetura e na cidade, trazendo para o centro das discussões a arquitetura sincrética, plural, multiculturalista, descolonizada. Versa sobre as diversas formas de habitar, a partir das particularidades identitárias, englobando a arquitetura afro-brasileira, indígena, sertaneja, entre outras representatividades regionais. Abarca reflexões técnicas e conceituais que versem sobre manifestações e intervenções artísticas na escala do edifício e da cidade; a relação entre arquitetura urbana e artes visuais, teatro, cinema e literatura; memória, salvaguarda patrimonial e técnicas de intervenção; instrumentos de incentivo à cultura aplicados à arquitetura e ao urbanismo; o edifício e a cidade a partir da historiografia, da sociologia e da antropologia;

3. sociedade tratando do papel social da arquitetura e dos desafios dos arquitetos e urbanistas frente às necessidades, dinâmicas, manifestações, pluralidade e diversidade da sociedade contemporânea latino-americana, brasileira e nordestina. Dialoga a partir da relação entre a arquitetura e as vulnerabilidades do contexto urbano, englobando temas como precariedade, violência, segregação, gentrificação, homogeneização, enclaves sociais. Debate sobre os rumos da atual produção dos edifícios e das cidades, da arquitetura globalizada e suas implicações na sociedade e na economia locais. Abarca também reflexões sobre alternativas e experiências que evocam a arquitetura inclusiva voltada às particularidades regionais, suscitando debates sobre a vida comunitária, economia urbana e colaborativa, coletivos urbanos, direito à cidade, justiça e equidade social, abrangendo todos sujeitos das relações socioculturais, habitação social e políticas públicas;

4. sustentabilidade buscando discutir a relação entre arquitetura e sustentabilidade, acentuando a responsabilidade de projetar com sensibilidade ambiental em consonância com a qualidade de vida humana e com a preservação dos sistemas naturais locais. Versa sobre o reconhecimento da interdependência das ações humanas e o mundo natural, para a concepção de construções realmente vivas, sensíveis a sua localização e conscientes de seus efeitos futuros. Deste modo, este eixo pretende promover diálogos entre bases teóricas, críticas e metodológicas, ensaios e práticas projetuais dedicados à relação da arquitetura com o meio ambiente, aos impactos ambientais e às estratégias de preservação, à economia do processo de construção e redução de desperdícios, à utilização de materiais e sistemas vernaculares e sustentáveis, à eficiência energética, à infraestrutura e aos modais ecológicos, abrangendo as escalas do edifício e da cidade.

Anneliese Heyden Cabral de Lira

Lucas Rodrigues Moreira

Pedro Freire de Oliveira Rossi

Coordenadores Executivos da Semana Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo'21

comissão científica

Aline Paiva Montenegro

Arquitetura e Urbanismo - UFPB

Paulo José Rossi

Sociologia - UFPB

Ana Luísa Pires Gouveia Guedes

Arquitetura e Urbanismo - UFPB

Sidney Pereira dos Santos Junior

Arquitetura e Urbanismo - UFPB

Andrei de Ferrer e Arruda Cavalcanti

Arquitetura e Urbanismo - UFPB

Tayene de Oliveira Pinto

Arquitetura e Urbanismo - UNIPÊ

Dayse Luckwu Martins

Arquitetura e Urbanismo - UFPB

Yane Almeida Diniz OmaiaAline Paiva Montenegro

Arquitetura e Urbanismo - UFPB

Flavia Giangiulio Taveira

Arquitetura e Urbanismo - UFPB

Gilmara Danielle de Carvalho Rocha

Engenharia Civil - UNIPÊ

Isis Amaral Mélo

Arquitetura e Urbanismo - UFPB

José Giuseppe Pereira Branquinho

Arquitetura e Urbanismo - UFPB

Jakeline Silva dos Santos

Arquitetura e Urbanismo - UFPB

Larisse Lima de Sousa

Design de Interiores - IFPB

Marcela Dimenstein

Arquitetura e Urbanismo - UFPB

Nirvana Lígia Albino Rafael de Sá

Geografia - UFPB

MODELAGEM DA INFORMAÇÃO DA CONSTRUÇÃO APLICADA À PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO: UMA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA PARA A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE PATOS, PARAÍBA

Pedro Gomes de Lucena

18

A INFLUÊNCIA DA PAISAGEM URBANA DO BAIRRO DE MANAÍRA EM RELAÇÃO AO ESCOAMENTO DE VENTO E A PRESENÇA DE ESPAÇOS LIVRES

Poliana Barbosa Lima Moura

Aline Montenegro

33

A APLICABILIDADE DA ALVENARIA ESTRUTURAL COMO TÉCNICA CONSTRUTIVA RACIONAL

José Albino de Paula Júnior

Matheus Lins de Albuquerque Smith

Cristiano Enrico Aires Papi

Rebecca Cristina Monteiro de Araújo

40

MODERNIDADE X PRESERVAÇÃO: AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS E O PROCESSO DE DESTRUIÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO DE PATOS, PARAÍBA

Pedro Gomes de Lucena

56

O IDEÁRIO IMPERIAL E A ARQUITETURA NEOCLÁSSICA NA PARAHYBA OITOCENTISTA

Jessica Soares de Araújo Rabello

Ivan Cavalcanti Filho

71

SIGNIFICÂNCIA E MEMÓRIA: INVESTIGAÇÃO DAS PAISAGENS URBANAS DO SÃO JOSÉ

Ana Iris de Oliveira Alves

Camila Leal Costa

84

ANÁLISE DOS ASPECTOS ARQUITETÔNICOS DAS EDIFICAÇÕES DA AVENIDA VISCONDE DE PELOTAS

Maria Eduarda Costa

Ícaro Fernando de Oliveira Chaves

Hadassa Flgueira Falcão

96

INSERÇÃO DA RUA VISCONDE DE INHAÚMA NA CIDADE BAIXA DE JOÃO PESSOA: ASPECTOS HISTÓRICOS, URBANÍSTICOS E ARQUITETÔNICOS

Suellen Paulina Alves Pereira

Paulo Vinícius Corrêa Lima

Raiana de Souza Guimarães

105

A HISTÓRIA EDIFICADA DA RUA PEREGRINO DE CARVALHO, JOÃO PESSOA - PB

Sônia Maria Vicente Pereira

Nathalia Alyne Freire Freitas

Pablo Felinto Lira

Romário Figueiredo dos Santos

118

O URBANO EM VÍDEO

Fernando de Oliveira Morais

Liana Ferreira de Brito

Vanessa Borges Berto

131

CO-LIVING E CO-WORKING: ECONOMIA COLABORATIVA E SUSTENTABILIDADE EM NOVAS FORMAS DE HABITAR

Larissa Gabrielle Brasileiro Bento

Nathalia Correia Rodrigues

145

INVENTÁRIO TEMÁTICO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO LIGADO A VINDA DO IMPERADOR DOM PEDRO II, SITUADO NO CENTRO DA CIDADE DE MAMANGUAPE-PB

Julio Cezar Martir Cabral

152

ANTEPROJETO DE UM PARQUE CULTURAL PAISAGÍSTICO EM GOIANA-PE

Hebert de Azevedo Costa

Flávia Dantas da Nóbrega

167

ESTUDO DE COR PARA SALAS DE RECUPERAÇÃO PÓS-ANESTÉSICA

Lucas Nascimento Lustosa

Silvana Chaves Claudino de Queiroga

182

A LEITURA URBANA NA ANÁLISE DOS USOS E APROPRIAÇÕES DOS ESPAÇOS PÚBLICOS ESTUDO SOBRE A PRAÇA GETÚLIO VARGAS, PATOS-PB

Uriel Lucas dos Santos

Patrícia Costa e Silva Cruz

193

VIVER E MORAR NAS PEQUENAS CIDADES DA PARAÍBA: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS SÓCIOESPACIAIS NO BAIRRO MARIA DE LOURDES LEITE, BORBOREMA-PB

Heleilton Martins S. da C. Maranhão

Alana Maluf Vilela

205

INTERVENÇÃO URBANA - O DESIGN A SERVIÇO DO ATIVISMO

Fernanda Angelo Diniz

217

ARQUITETURA E DESIGN DE INTERIORES NA INCLUSÃO SOCIAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: PROPOSTA DE CRIAÇÃO DA CASA DE ARTE E CULTURA – CASA MAJU

Ana Luzia Lima Rodrigues Pita

Denyse Luckwu Martins

230

ENTRELINHAS URBANAS: SOCIABILIDADE, APROPRIAÇÕES E SUAS SIGNIFICÂNCIAS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE CARUARU-PE

Aretha Beserra da Silva

238

PERTEN[S]ER: A INFLUÊNCIA DO PROJETO VILLA SANHAUÁ NO SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO AO CENTRO HISTÓRICO DE JOÃO PESSOA-PB

Ilane Abreu de Vasconcelos

Lizia Agra Vilarim

253

O ICÓ, O RIO E A ENCANTERIA DA BALEIA

Lucas Rodrigues Moreira

264

eixo temático - semana acadêmica
de arquitetura e urbanismo uniesp

tecnologia



MODELAGEM DA INFORMAÇÃO DA CONSTRUÇÃO APLICADA À PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO: UMA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA PARA A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE PATOS, PARAÍBA

BUILDING INFORMATION MODELING APPLIED TO THE PRESERVATION OF ARCHITECTURAL HERITAGE: A FIRST EXPERIENCE FOR THE PATOS RAILWAY STATION, PARAÍBA

LUCENA, PEDRO GOMES DE

Arquiteto e Urbanista, pós-graduando em Assistência Técnica nas Áreas de Arquitetura, Urbanismo e Engenharia (ATAU+E/UFPB)

RESUMO

Atualmente o campo da preservação do patrimônio conta com um grande número de tecnologias capazes de garantir o levantamento, documentação, gestão e conservação do legado histórico das cidades. Dentro dessa perspectiva, pode-se destacar o Building Information Modeling (BIM), uma importante plataforma capaz de auxiliar arquitetos em todo o ciclo de vida de uma edificação. Assim, levando em consideração o panorama da preservação com todos os desafios a vencer e consonante com as afirmações que apresentam as tecnologias digitais como ferramentas importantes para os processos de manutenção e salvaguarda do legado patrimonial das cidades, a presente pesquisa teve como objetivo geral o desenvolvimento da modelagem BIM da Estação Ferroviária de Patos/PB e explorar as potencialidades dessa tecnologia para a preservação do patrimônio arquitetônico. A partir desse experimento foi possível enxergar a capacidade que essa tecnologia tem de aperfeiçoar e tornar mais eficaz os processos de documentação, conservação e difusão dos edifícios históricos.

PALAVRAS CHAVES: BIM; Modelagem Digital; Patrimônio Arquitetônico.

ABSTRACT

Currently, the field of heritage preservation has a large number of technologies capable of guaranteeing the survey, documentation, management and conservation of the cities' historical legacy. Within this perspective, we can highlight the Building Information Modeling (BIM), an important platform capable of assisting architects throughout the life cycle of a building. Thus, taking into account the panorama of preservation with all the challenges to overcome and in line with the statements that present digital technologies as important tools for the processes of maintenance and safeguarding the heritage of cities, the present research had as its general objective the development the BIM modeling of the Patos / PB Railway Station and explore the potential of this technology for the preservation of the architectural heritage. From this experiment it was possible to see the capacity that this technology has to improve and make the processes of documentation, conservation and diffusion of historical buildings more efficient.

KEYWORDS: BIM; Digital Modeling; Architectural Heritage.

INTRODUÇÃO

Os bens patrimoniais possuem valor de identidade e assim constituem-se representativos para a diversidade social de uma região, desse modo, são fundamentais para evidenciar o desenvolvimento e as transformações nas civilizações ao longo do tempo. Assim, o desafio sempre constante quando se trata dessa temática é o de garantir, por meio da preservação do patrimônio, a transmissão do conhecimento cultural e histórico que esses legados contêm (CHECA, 2014).

Conforme Cardenas et al (2014) os espaços de significação cultural enriquecem a existência dos povos e proporcionam mais profundidade e sentido para as suas memórias sociais, através da possibilidade que esses têm de evocar e evidenciar valores históricos, estéticos, científicos e espirituais, portanto, é indispensável discutir ações que garantam a manutenção e continuidade desses edifícios remanescentes pois “o patrimônio é um recurso não renovável em relação ao seu passado e é por isso que se manifesta como um recurso intocável e insubstituível de um povo” (CARDENAS ET AL, p.147, 2014).

De acordo com Abdelmonem (2017) atualmente o patrimônio cultural está cada vez mais ameaçado por agentes diversos, como: as alterações climáticas, conflitos sociais, comercialização e exploração excessiva do turismo. A esses problemas somam-se a falta de investimento, planejamento e manutenção que provocam danos irreversíveis aos monumentos representantes de tradições culturais.

Consonante a essas ideias Amorim (2008) afirma que além da degradação e acidentes de todo tipo, o acervo patrimonial das cidades brasileiras está sob ameaças constantes por causa de fatores relativos ao crescimento urbano desordenado, a especulação imobiliária e as intensas mudanças socioculturais que acabam ressignificando valores.

As ameaças ao legado patrimonial ganham ainda mais intensidade em cidades como Patos na Paraíba, que por não possuir uma cultura de preservação da malha histórica de seu núcleo urbano e não contar com estratégias e ações de salvaguarda das edificações históricas, sofre com processos urbanos que provocam a destruição de exemplares arquitetônicos que são dotados de significância e valores históricos, sociais e/ou estéticos (LUCENA et al, 2016).

Assim, a modelagem tridimensional com foco na preservação digital tornou-se uma prioridade internacional pois contribui para a criação de um novo momento nos estudos sobre patrimônio cultural estando esses assentes nas reconstruções fotorrealistas dos bens históricos, que são meios eficazes de remediar possíveis perdas coletivas de tesouros patrimoniais (DENKER, 2016).

Nos últimos anos, a documentação das edificações que portam considerável valor patrimonial tem sido observada à luz das abordagens de métodos sofisticados que fazem uso de tecnologias para investigar e garantir o registro e consequente salvaguarda desses bens, com efeito, se tornou cada vez mais frequente a implementação e consequente consolidação de plataformas a exemplos do BIM e da Realidade Virtual que têm colaborado com a descrição gráfica desse legado (BRAGA ET AL, 2017).

Nessa perspectiva, Araújo (2018) afirma que, dentro da dimensão das tecnologias aplicadas às questões de salvaguarda do patrimônio, é buscado o estabelecimento de princípios e métodos eficazes para uma documentação digital que possibilite mais transparência e compartilhamento de informações, assim a autora expõe que os avanços relativos a esses estudos têm possibilitado novos meios de coletar, analisar, apresentar e disseminar o conhecimento sobre edificações históricas.

Portanto, levando em consideração o panorama da preservação com todos os desafios a vencer e consonante com as afirmações que apresentam as tecnologias como ferramentas importantes para auxiliar nos processos de manutenção e salvaguarda do legado patrimonial das cidades, a presente pesquisa buscou explorar e entender como a modelagem digital pode contribuir para a preservação de edificações históricas.

Assim, trabalho tem como objetivo geral desenvolver a modelagem de uma edificação histórica através da plataforma BIM e explorar as potencialidades dessa tecnologia para a preservação do patrimônio arquitetônico, e como objetivos específicos:

- a) Discutir as potencialidades da adoção do BIM como instrumento que visa a preservação do patrimônio arquitetônico;
- b) Realizar a prototipagem digital através do programa Revit Architecture 2020 (versão estudantil);
- c) Analisar os conteúdos digitais produzidos e apontar quais as informações deverão ser incorporadas no modelo para que seja possível ter uma base de dados eficaz no auxílio de atividades preservacionistas.

A metodologia utilizada no trabalho contou com a utilização de diferentes procedimentos, tais como: Pesquisa bibliográfica e documental para apreensão do estado da arte relacionado a aplicação do BIM na preservação patrimonial, além de captação de dados e informações para auxiliar em outra etapa metodológica, que é relativa ao estudo de caso, ou seja, a prototipagem digital de uma edificação histórica através da ferramenta Revit Architecture 2020 (versão educacional). Por fim, foi realizada a sistematização e análise do material produzido para observação das questões centrais da pesquisa.

Como objeto de estudo é apresentado o processo de modelagem da Estação Ferroviária da cidade de Patos, Paraíba (Figura 01). Construída na década quarenta, com sua inauguração no ano de 1944, essa edificação apresenta linhas gerais em estilo *art déco*, e constitui-se como símbolo de um importante momento da evolução urbana do município que foi a sua ligação a outros Estados do Nordeste o que possibilitou uma maior expansão do escoamento de mercadorias da produção local, contribuindo para o aumento da expansão comercial que o município vivenciava na época. Além disso, de acordo com Lucena e Lira (2018), é o único bem patrimonial tombado do município, e conta com proteção em nível estadual e nacional.

Figura 01: Estação Ferroviária de Patos, Paraíba



Fonte: LUCENA (2018)

DESENVOLVIMENTO

Amorim (2017) expõe que na atualidade o uso das novas tecnologias tem se difundido devido às suas características relativas ao acesso fácil e velocidade na coleta e no tratamento dos dados, além dos custos baixos na divulgação e distribuição das informações, dessa maneira, essas inovações tem colaborado com as mais diversas atividades de registro, restauro, preservação e gestão do patrimônio arquitetônico.

Ao longo das últimas duas décadas foram realizadas diversas experiências que buscam estudar e propor metodologias que garantam a utilização de softwares e hardwares nas atividades de documentação, conservação e disseminação do patrimônio cultural.

Iniciativas como a do projeto Syrian Heritage Archive Project surgem como soluções propostas para documentar através da modelagem virtual os monumentos históricos destruídos ou ameaçados por guerras e eventos naturais, dessa maneira é possível através de reconstruções digitais contribuir com a preservação da herança cultural e ter a disposição materiais de alta qualidade que poderão auxiliar em atividades de restauração e intervenção (CANUTO, 2017).

Além dessa experiência pode-se destacar também as experiências do departamento de Arquitetura do MIT, com o projeto que visa a documentação digital do santuário histórico de Machu Picchu, através de elaboração de mapeamento 3D e integração com a realidade virtual e aumentada visando a disseminação do sítio histórico através da internet facilitando o seu reconhecimento.

No Brasil pode-se destacar as pesquisas que são desenvolvidas pelo Laboratório de estudo avançados em cidade, Arquitetura e tecnologias Digitais (LCAD) da FAUFBA, cujos trabalhos elaborados visam o desenvolvimento e apropriação do uso de tecnologias digitais no aprimoramento e agilização do registro documental de bens integrados (TOLENTINO, 2018).

O BIM ASSOCIADO AO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO

Building Information Modeling é atualmente um dos mais avançados sistemas para processamento e catalogação de dados voltado para a representação virtual das especificidades físicas e funcionais dos edifícios, assim, através dessa tecnologia é possível criar modelos que contenham além das características geométricas, as informações e dados relativos às propriedades dos materiais e os elementos técnicos que constituem os bens edificados (PICONE; VERONESE, 2019).

Atualmente pode-se observar o aumento do uso do BIM na captura da realidade do patrimônio edificado, através da documentação orientada à sua análise e interpretação, alteando o potencial dessa plataforma na investigação diagnóstica e na conservação de edifícios históricos, além disso, é destacada a possibilidade da integração com plataformas de realidade virtual e aumentada objetivando a difusão e realização de atividades de educação patrimonial (CANUTO; MOURA; SALGADO, 2017).

Dentro dessa perspectiva, Picone e Veronese (2019) afirmam que na última década a modelagem da informação da construção (BIM) tem experimentado um crescente desenvolvimento no campo da documentação do legado cultural, graças aos trabalhos de muitos profissionais que vem dedicando-se à exploração das potencialidades dessa ferramenta na geração de banco de dados orientados à gestão de um monumento histórico, tais iniciativas têm aberto caminhos e orientado para futuros possíveis dessas metodologias (PICONE; VERONESE, 2019).

O uso de tal tecnologia torna possível elaborar modelos virtuais com alta fidelidade visual, além de precisão métrica e integração de vários tipos de mídias, portanto a documentação do patrimônio mudou, passando a constitui-se em bases de dados inteligentes, isso foi possível graças ao reconhecimento do BIM como uma ferramenta multidisciplinar que atende a todo o ciclo de vida da edificação e como uma importante metodologia facilitadora da junção dos aspectos tangíveis e intangíveis da herança patrimonial (FAI ET AL, 2011)

Consonante com essas ideias Pereira (2015) classifica a prototipagem em BIM como sendo um dossiê eletrônico de dados e que a adoção desse tipo de metodologia é capaz garantir a modelagem de artefatos arquitetônicos capaz de abarcar tanto os dados geométricos como os não geométricos, o que será útil para facilitar a gestão integrada desses objetos históricos.

Desse modo, Jesus (2018) expõe que o desafio da preservação do patrimônio arquitetônico está em salvar as camadas de informações sobre o passado que ele contém, assim, a autora afirma que o BIM apresenta-se como vital na busca por soluções para essa questão, pois é uma ferramenta capaz de armazenar em um banco de dados central os dados de construção que foram perdidos ou nunca foram registrados. E dessa maneira, essa documentação tem a capacidade de auxiliar na qualidade e eficiência de processos de gestão e conservação, apresentando-se como um método importante uma vez que as instituições que lidam com a preservação desse legado histórico pertencem ao setor público e tem que administrar bem os recursos e orçamentos limitados, o que evidencia o potencial da sua aplicação nesse setor:

Applying BIM to the heritage sector has enormous potential: it will ensure that complex programmes of improvements, repairs and maintenance are delivered effectively and efficiently, and it will help preserve the layers of information and the 'living history' of our much-loved heritage buildings (JESUS, s.p., 2018).

Nos processos ligados à preservação do patrimônio construído, as tomadas de decisão e realização de operações variam demandando muito tempo de investigação por profissionais diversos para que seja possível conseguir um nível adequado de documentação de toda a estrutura da edificação, assim, ao ser observada a multidisciplinaridade nas ações operações sobre as edificações históricas percebe-se a indispensável adoção de uma plataforma colaborativa capaz de conter todas as informações e dados necessários aos processos de documentação, e que além disso, seja possível manipular essas informações ao longo do tempo na medida em que novas informações são obtidas (PEREIRA, 2015).

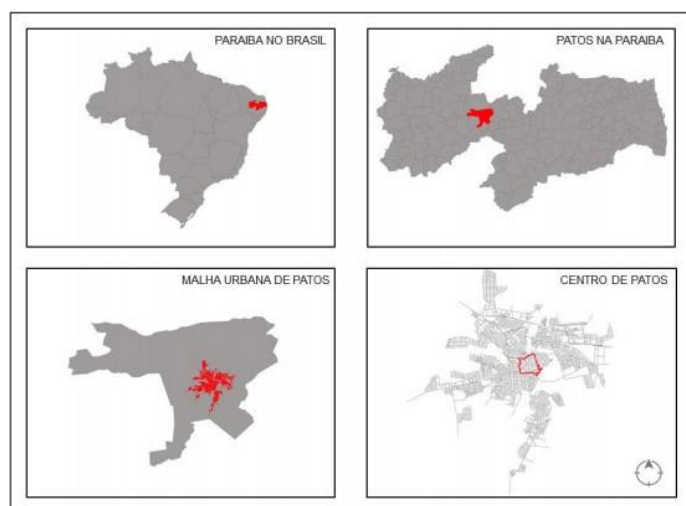
Ainda segundo o mesmo autor, adotar o BIM no campo do patrimônio construído garante a gestão da informação coletada, modelada, utilizada e compartilhada por diferentes profissionais e campos disciplinares envolvidos nos processos de investigação e conservação, o que reflete-se numa melhor acessibilidade ao conhecimento histórico e técnico sobre edificações históricas, desse modo, através da democratização do acesso e possibilidade de operacionalização multidisciplinar na metodologia de documentação, há uma ampliação nos fluxos de trabalho que visam a monitoração, investigação e intervenção sobre o legado patrimonial.

Portanto, através da utilização do BIM (Building Information Modeling) como tecnologia que possibilita a elaboração de modelos paramétricos com a finalidade de documentar e intervir no patrimônio é possível, além da reconstrução virtual, a exploração e gestão da informação, o que faz desses protótipos fontes de estudo que auxiliarão em diversas atividades de ensino, pesquisa e extensão, constituindo-se como uma poderosa fonte de registro (PAIVA; DIÓGENES; CARDOSO, 2015).

O CONTEXTO PRESERVACIONISTA DE PATOS E A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

Patos é um município sertanejo com inquestionável influência econômica, histórica sociocultural para o Estado da Paraíba, está localizado (Figura 2) na mesorregião do sertão paraibano, distante 310 km da capital João Pessoa. A cidade vem sofrendo ao longo dos anos, um processo de descaracterização da sua memória urbana, enxergado no contínuo mecanismo de destruições de edificações dotadas de significância para a história social e evolução urbana do município, sendo possível constatar com frequência nas áreas centrais da cidade, edificações de diferentes tipologias e estilos serem demolidas e nos seus lugares serem construídas novas, geralmente para suprirem as demandas do setor comercial dessa localidade.

Figura 02: Mapa de localização de Patos, Paraíba



Fonte: LUCENA (2018)

Conforme Lucena et al (2016) o processo de modernização experimentado pela cidade, estimulado pelo aquecimento da economia local, provocou um contínuo fluxo de alteração da paisagem arquitetônica de sua área central onde foi possível observar através do estudo realizado pelos autores que esse cenário é relativo à modificações ou substituições de corpos edílios históricos por outros com programas e estruturas adaptadas para os serviços comerciais, assim, percebeu-se a falta de preocupação da sociedade local quanto a preservação do seu patrimônio.

Uma outra pesquisa realizada, por Lucena (2018), evidencia a falta de atuação do poder público municipal na regulamentação de entidades e atividades de promoção da salvaguarda da malha arquitetônica histórica do município, à essa questão é somada ainda a insuficiente participação de órgãos estaduais que tratam da manutenção de bens patrimoniais.

O autor demonstra ainda que existe atualmente um pequeno acervo remanescente de edificações dotadas de significância patrimonial, porém encontra-se em avançado grau de modificação de suas características arquitetônicas originais, cuja a maioria dos bens identificados não estão inscritos sob algum tipo de instrumento legal de proteção. De todos os bens que são apresentados na pesquisa, apenas a Estação Ferroviária - objeto de estudo dessa pesquisa -, é protegida através de legislações nacional (portaria 407/2010) e estadual (decreto 22.082/2001), justificadas por tombamentos temáticos nessas duas instâncias com o objetivo de proteger o legado ferroviário patrimonial.

Tal edificação, com geometria simples e linhas gerais assentes no estilo art déco, constitui-se como um marco importante para o processo de evolução urbana de Patos, pois, a sua implementação contribuiu para a conexão da região a polos comerciais pelo nordeste, o que colaborou para a ascensão econômica da cidade.

Dessa maneira fica exposta a sua importância, que extrapola os limites da sua municipalidade, apresentando-se como bem de inquestionável valor e significância para a história da ferrovia brasileira. Apesar de sua relevância cultural e simbólica, o bem encontra-se em um estado precário de conservação, sendo possível identificar “desgaste

e fissuras na alvenaria e esquadrias em decorrência da ação do tempo” (LUCENA, 2018), fato que amplia a necessidade de implementação de metodologias para documentação precisa que possam auxiliar em processos de salvaguarda dessa herança.

METODOLOGIA EMPREGADA NO EXPERIMENTO

A metodologia empregada no desenvolvimento dessa pesquisa que apresenta caráter exploratório, está fundamentada pela investigação e pela abordagem qualitativa, para tanto está sistematizada a partir da elaboração das seguintes etapas:

- Pesquisa bibliográfica e documental: com o objetivo de observar e destacar as abordagens mais relevantes e atuais acerca do uso da plataforma BIM na preservação do patrimônio arquitetônico (ABDELMONEM, 2017, DENKER, 2016; CANUTO, 2017; PICONE e VERONESE, 2019; AMORIM, 2017; TOLENTINO, 2018), além disso, foi realizada também a busca por fontes primárias de dados técnicos e históricos sobre a Estação Ferroviária de Patos (LUCENA, 2018; GRASSI, 2018).
- Modelagem BIM do objeto de estudo: prototipagem digital da Estação Ferroviária através do software Revit Architecture 2020 (licença educacional) com base nos dados obtidos na pesquisa documental, tal procedimento buscou observar as potencialidades da ferramenta no auxílio aos processos de preservação do patrimônio arquitetônico.
- Análise dos dados obtidos: observando de que modo deve ser a documentação virtual para que se tenha um banco de dados eficaz e auxiliador nas atividades e processos que visem a manutenção da herança patrimonial das cidades.

O PROCESSO DE MODELAGEM BIM DA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

Com o intuito de contribuir com a efetivação de pesquisas e ampliação de campos educacionais que busquem ações para preservação do patrimônio arquitetônico da cidade de Patos, foi escolhido um exemplar remanescente para modelagem BIM – a Estação Ferroviária. Pretendeu-se a partir do estabelecimento desse método, observar as potencialidades que o Building Information Modeling (BIM) pode ofertar para o processo de salvaguarda da herança patrimonial dessa localidade.

Para o processo de elaboração do produto digital foram utilizados como base de dados o levantamento e os desenhos técnicos bidimensionais (plantas, cortes, fachadas) em plataforma CAD, produzidos por Grassi (2018) elaborados durante a realização do seu trabalho de conclusão de curso intitulado “Museu do Sertão: Projeto de intervenção para a Estação Ferroviária de Patos/PB.

O processo de modelagem foi iniciado a partir da importação dos arquivos .dwg no software Revit Architecture, a partir de então foi respeitada a seguinte sequência (figura 3):

- (1) Definição do piso: primeiramente foi modelado a estrutura de embasamento do térreo a partir da elaboração das estruturas externas e externas do referido

elemento, utilizando os comandos **piso** para superfícies aterradas e de acabamento, e **parede** para as estruturas do entorno da calçada circundante;

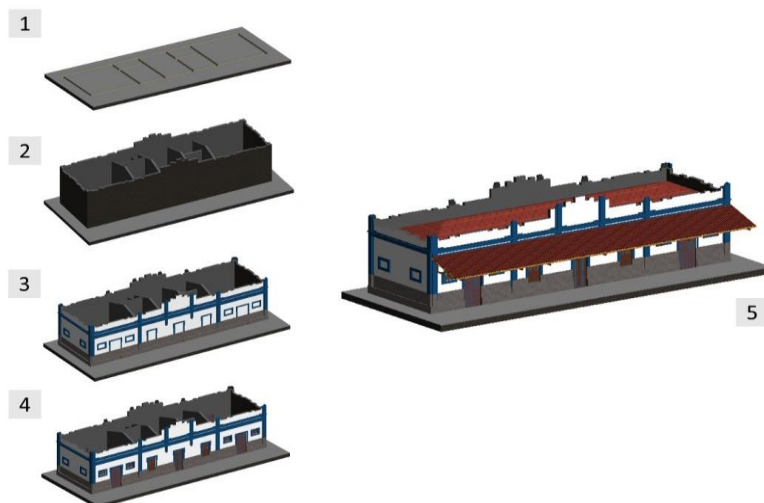
(2) Lançamento de paredes: através do comando **parede** foram criadas famílias carregadas com informações relativas às espessuras e camadas compositivas, o que resultou na criação de dois tipos básicos, as paredes internas e externas. Além disso, nessa etapa, para a elaboração do arranjo escalonado da platibanda, se fez necessária a alteração da forma da parede através da função **editar perfil**.

(3) Elementos das fachadas externas: utilizando o comando **parede** foram criadas famílias, com diferentes tamanhos de espessura e com camada compositiva em reboco, destinadas à construção dos adornos decorativos em alto-relevo presentes nas fachadas externas do edifício.

(4) Esquadrias: foram modeladas a partir dos templates de famílias de portas e janelas presentes no software utilizado, com base nos levantamentos realizados por Grassi (2018).

(5) Telhados: utilizando o comando **telhado**, e respeitando o nível da coberta, a estrutura do telhado foi elaborada de maneira esquemática, a partir de famílias de **montantes paredes cortina** e famílias de **telhado vidraça inclinada** onde esquematizou-se os elementos coloniais em madeira e as telhas cerâmicas.

Figura 03: etapas de elaboração do modelo BIM



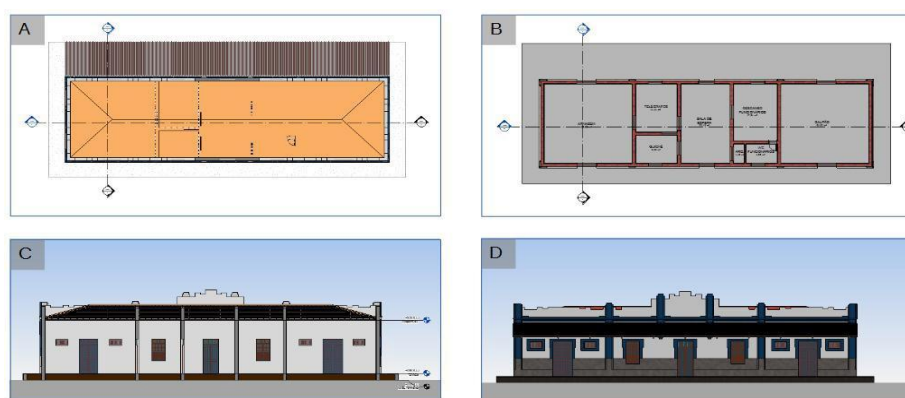
Fonte: elaborado pelo autor

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A realização da presente experiência evidenciou a contribuição positiva da tecnologia BIM em atividades inerentes à preservação do patrimônio arquitetônico. Viu-se através desse

método que é possível a elaboração de uma base de dados digital com conteúdo gráfico (figura 04) eficaz para a documentação efetiva e fidedigna das edificações históricas. Para tanto.

Figura 04: Conteúdos gráficos da Estação Ferroviária



Fonte: elaborado pelo autor

Pode-se perceber que esse tipo de plataforma é adequada para a modelagem (figura 05) da tipologia estudada, projetada com programa simples e linhas gerais geometrizadas assentes em estilo *art déco*, assim foi possível desenvolver um fluxo de trabalho coerente que garantiu a representação de todos os elementos estéticos decorativos presentes na edificação. além disso, pôde-se observar que esse produto, uma primeira experiência, apresenta potencial para aprimoramento através da inserção de mais informações garantindo assim um nível maior de LOD, o que tornará possível a sua utilização em trabalhos e atividades de intervenção.

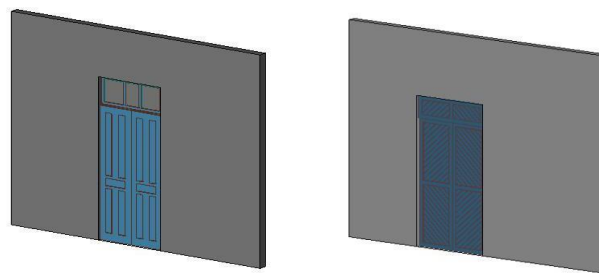
Figura 05: perspectiva da modelagem BIM



Fonte: elaborado pelo autor

O experimento demonstrou a capacidade que o software tem de possibilitar a especificação de todas as características arquitetônicas do edifício, incluindo as geometrias e formas presentes em portas e janelas (figura 06), evidenciando o seu potencial em representar de forma fidedigna e com elevado nível de detalhamento e precisão, tal fator pode refletir-se positivamente na academia ao permitir que estudantes tenham um maior contato e uma melhor observação dos sistemas construtivos e formas estéticas de estilos passados, unindo em uma mesma disciplina o estudo histórico em uma análise projetual.

Figura 06: detalhamento de esquadrias



Fonte: elaborado pelo autor

A elaboração de tabelas de quantitativo (figura 07) é outra potencialidade que a ferramenta pode oferecer, para tanto é indispensável a configuração de todas as entidades do projeto através da especificação dos materiais construtivos presentes na edificação. Desse modo o documento gerado será eficaz às atividades de conservação e restauro possibilitando de maneira mais clara a elaboração de orçamentos, o que é de extrema necessidade para as entidades que lidam com a gestão do patrimônio arquitetônico das cidades.

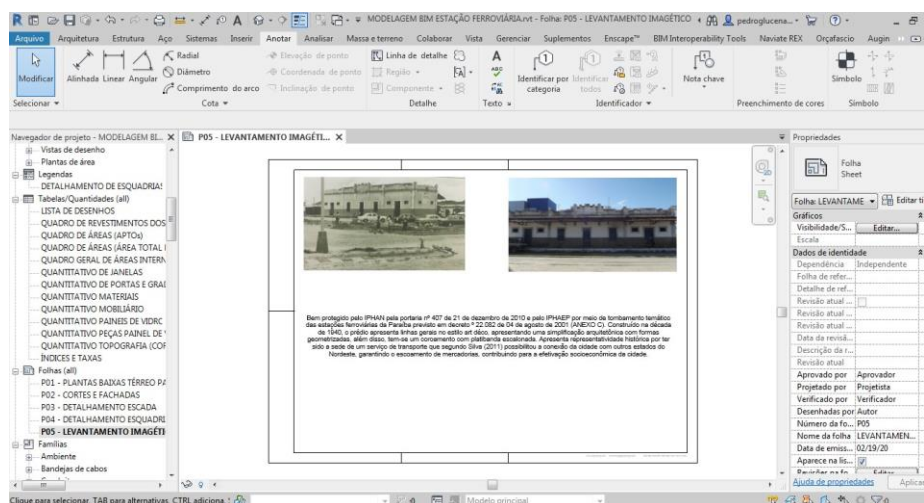
Figura 07: tabela de quantitativos

QUANTITATIVO MATERIAIS					
A	B	C	D	E	F
TIPO	QUANTIDADE	VOLUME	UNITÁRIO	PREÇO (R\$)	TOTAL / m²
ALVENARIA DE TUOLO CERAMICO	648.67 m²	180.37 m³	0.00	0.00	0.00
ATERRO_FUNDACAO	316.57 m³	159.28 m³	0.00	0.00	0.00
CHARGCO_EXTERNO	152.04 m²	0.00 m³	0.00	0.00	0.00
ESTACAO_PINTURA_AZUL_EXTERNA	144.68 m²	0.36 m³	0.00	0.00	0.00
ESTACAO_PINTURA_BRANCA_EXTERNA	216.65 m²	0.00 m³	0.00	0.00	0.00
ESTACAO_PINTURA_BRANCA_EXTERNA	1.88 m²	0.00 m³	0.00	0.00	0.00
ESTACAO_PINTURA_BRANCA_INTERNA	794.45 m²	1.99 m³	0.00	0.00	0.00
MADERA_TELHADO	735.92 m²	0.13 m³	0.00	0.00	0.00
PSO CONCRETO ESTACAO	343.27 m³	17.18 m³	0.00	0.00	0.00
REBOCO EXTERNO ESTACAO	641.80 m²	26.37 m³	0.00	0.00	0.00
REBOCO_INTERNO	794.47 m²	18.35 m³	0.00	0.00	0.00
TELHA_CANAL	195.00 m²	13.60 m³	0.00	0.00	0.00
	4695.41 m²	397.60 m³	0.00	0.00	0.00

Fonte: elaborado pelo autor

Além disso, através da configuração de templates, o software é capaz de receber e armazenar arquivos documentais como fotos e textos (figura 08) o que é extremamente eficaz para as atividades de preservação visto que elas exigem a catalogação de dados históricos ou de levantamentos dos estados de conservação das edificações protegidas. Tal fator evidencia a capacidade dessa aplicação de gerar inventários digitais, onde o arquivo central com todas as informações acerca do bem, comporta-se como uma ficha eletrônica do patrimônio.

Figura 08: registro imagético e textual



Fonte: elaborado pelo autor

Os desafios e trabalhos futuros a serem desenvolvidos são relativos à definição de tipo de LOD adequado à necessidade do edifício existente e a utilização da plataforma BIM pra gerar geometrias mais complexas. Além disso, um possível desdobramento da pesquisa é relacionado à elaboração de modelo 4D assente nas tecnologias de Realidade Aumentada resultando em interfaces gráficas compatíveis com sistemas web e dispositivos que garantem uma maior interação com esse tipo de mídia digital, contribuindo assim para a utilização desse conteúdo em atividades educativas e de disseminação do patrimônio o que pode contribuir de maneira efetiva para aumentar a valorização e reconhecimento da herança cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa explorou as potencialidades da plataforma BIM para a preservação do patrimônio, onde foi possível observar inicialmente através de pesquisas bibliográficas um aumento contínuo de trabalhos tratando sobre a questão da salvaguarda dos bens históricos através de técnicas de modelagem tridimensional, com o objetivo de garantir a proteção desse legado contra ameaças diversas.

Através do experimento, procedimento que realizou a modelagem BIM da Estação Ferroviária de Patos, foi possível enxergar a capacidade que essa tecnologia tem de aperfeiçoar e tornar mais eficaz os processos de documentação, conservação e difusão dos edifícios históricos. Assim, o estudo possibilitou chegar às seguintes observações sobre futuros possíveis para a adoção do BIM na salvaguarda do patrimônio arquitetônico:

1. Elaboração de inventários digitais, que contenham dados tangíveis e intangíveis de modo que contribua para a documentação eficaz;
2. Análises de desempenho e orçamentárias, através da investigação dos materiais e da extração automática de quantitativos, o que auxiliará em atividades de conservação e intervenção;

3. Difusão da herança patrimonial através da integração com tecnologias 4D, o que garantirá uma maior acessibilidade aos bens históricos, que poderá ser visitado virtualmente por estudantes e outras pessoas interessadas;

Portanto, pode-se observar de maneira geral que a adoção das tecnologias na preservação do patrimônio arquitetônico é uma estratégia necessária por garantir o aumento da eficiência nos trabalhos de manutenção dos edifícios construídos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDELMONEM, Mohamed Gamal et al. VIRTUAL PLATFORMS FOR HERITAGE PRESERVATION IN THE MIDDLE EAST: THE CASE OF MEDIEVAL CAIRO. **International Journal of Architectural Research: ArchNet-IJAR**, [s.l.], v. 11, n. 3, p.28-41, 22 nov. 2017. Emerald. <http://dx.doi.org/10.26687/archnet-ijar.v11i3.1404>. Disponível em: <<https://archnet.org/collections/34>>. Acesso em: 14 fev. 2020.

AMORIM, Arivaldo Leão de. DOCUMENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO DO ESTADO DA BAHIA COM TECNOLOGIAS DIGITAIS.In: Computação Gráfica: Pesquisas e Projetos Rumo à Educação Patrimonial, São Paulo, **Anais...** 04 nov. 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/275967781_DOCUMENTACAO_DO_PATRIMONIO_ARQUITETONICO_DO_ESTADO_DA_BAHIA_COM_TECNOLOGIAS_DIGITAIS>. Acesso em: 15 fev. 2020.

ARAUJO, Ana Paula Ribeiro de. DIGITAL HERITAGE: A APLICAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO – TICS PARA A DOCUMENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO MATERIAL IMÓVEL NO BRASIL SEGUNDO PESQUISAS MAIS RECENTES.. In: Anais do 5º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação, **Anais...** Belo Horizonte (MG) UFMG, 2018. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/arqdoc/71648-DIGITAL-HERITAGE--A-APLICACAO-DAS-TECNOLOGIAS-DIGITAIS-DE-INFORMACAO-E-COMUNICACAO--TICS-PARA-A-DOCUMENTACAO-DO-P>>. Acesso em: 14/02/2020.

BRAGA, Gisele Pinna et al.. INVENTÁRIO DIGITAL DA ARQUITETURA MODERNA DE CURITIBA: A CASA DO ARQUITETO 1962-1985.. In: Anais do 5º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação, **Anais...** Belo Horizonte(MG) UFMG, 2017. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/arqdoc/70935-INVENTARIO-DIGITAL-DA-ARQUITETURA-MODERNA-DE-CURITIBA—A-CASA-DO-ARQUITETO-1962-1985>>. Acesso em: 16 fev. 2020.

CANUTO, Cristiane; SALGADO, Monica. MODELAGEM DA INFORMAÇÃO DA CONSTRUÇÃO NA PRESERVAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, **Anais...** 16, 2016, São Paulo. Anais...São Paulo: Usp, 2016. p. 4864 - 4875 .

CANUTO, Cristiane Lopes; MOURA, Larissa Ribeiro de; SALGADO, Mônica Santos. TECNOLOGIAS DIGITAIS E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO: EXPLORANDO ALTERNATIVAS. **Parc Pesquisa em Arquitetura e Construção**, Rio de

Janeiro, v. 7, n. 4, p.252-264, 31 dez. 2016. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/parc/article/view/8647456>>. Acesso em: 19 fev. 2020.

CHECA, Zaira Joanna Peinado. **DOCUMENTACIÓN GRÁFICA DEL PATRIMONIO ARQUITECTÓNICO APLICADO A SU GESTIÓN, CONSERVACIÓN Y DIFUSIÓN. EL CASO DE ESTUDIO DE LA VILLA DE ÁGRED A (SORIA)**. 2014. 291 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação Visual em Arquitetura y Diseño, Departamento de Expresión Gráfica Arquitectónica I, Universitat Politècnica de Catalunya, Barcelona, 2014.

CÁRDENAS, María Isabel Zapata et al. GENERACIÓN DE CONTENIDOS DIGITALES PARA LA REACTIVACIÓN DEL PATRIMONIO ARQUITECTÓNICO. ESTUDIO DE CASO: PLAZA DE MERCADO DE TECHO CUBIERTO DE GUAYAQUIL, MEDELLÍN. **Anagramas: Rumbos y Sentidos de la Comunicación**, Medellín, v. 13, n. 13, p.145-166, dez. 2014. Semestral. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=491548259009>> Acesso em: 14 fev. 2020.

DENKER, Ahmet. VIRTUAL PALMYRA: 3D RECONSTRUCTION OF THE LOST REALITY OF "THE BRIDE OF THE DESERT". In: PROCEEDINGS OF 8 INTERNATIONAL CONGRESS ON ARCHAEOLOGY, COMPUTER GRAPHICS, CULTURAL HERITAGE AND INNOVATION, **Anais...** 2016, Valência: Universitat Politècnica de València, 2016. p. 318 - 320. Disponível em: <<http://ocs.editorial.upv.es/index.php/arqueologica20/arqueologica8/paper/view/3540>>. Acesso em: 14 fev. 2020.

FAI, Stephen; GRAHAM, Katie; DUCKWORTH, Todd; et al. Building information modeling and heritage documentation. In: CIPA INTERNATIONAL SYMPOSIUM, 23., 2011, Prague. **Proceedings...** Disponível em: < <https://www.autodeskresearch.com/publications/heritagedoc>>. Acesso em: 18 fev. de 2018.

GRASSI, Matheus Dantas. **Museu do Sertão: Projeto de intervenção para a estação ferroviária de Patos/PB**. 2018. 1 v. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário de Patos, Patos, 2018.

JESUS, Edonis. Why historic buildings need BIM. **The Riba Journal**. Reino Unido, 6 jun. 2018. [s.p]. Disponível em: <<https://www.ribaj.com/intelligence/historic-buildings-bim-building-modelling-information-bim-4-heritage>>. Acesso em: 17 fev. 2020.

LUCENA, Pedro Gomes de. **O INVENTÁRIO COMO INSTRUMENTO DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO DE PATOS, PARAÍBA**. 2018. 1 v. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário de Patos, Patos, 2018.

LUCENA, Pedro Gomes de; LIRA, Anneliese Heyden Cabral de. O INVENTÁRIO COMO INSTRUMENTO DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO DE PATOS, PARAÍBA. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 5, 2018, Salvador. **Anais....** Salvador: UFBA, 2018. p. 6160 - 6184. Disponível em: <<https://www.enanparq2018.com/copia-resultados>>. Acesso em: 14 fev. 2020.

LUCENA, et al. MEMÓRIA E CIDADE: dinâmicas urbanas e o processo de destruição do

patrimônio arquitetônico do Centro de Patos – PB. In: Simpósio Nacional sobre Pequenas Cidades, 5, 2016, Ituiutaba. **Anais....** Ituiutaba: UFU, 2016. p. 1210 - 1229. Disponível em: <<https://www.sinapeq.com.br/>>. Acesso em: 14 fev. 2020.

PAIVA, Ricardo; DIÓGENES, Beatriz; CARDOSO, Daniel. “Futuro do Pretérito”: BIM e Documentação Digital da Arquitetura Moderna em Fortaleza. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA CONSTRUÇÃO, 7., 2015, Recife. Anais... Porto Alegre: ANTAC, 2015.

PEREIRA, João Maria de Almeida Frescata Correia. **O USO DA TECNOLOGIA BIM EM PATRIMÔNIO HISTÓRICO UM CASO DE ESTUDO: O CONVENTO DOS CAPUCHOS DA CAPARICA (ALMADA)**. 2015. 195 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Instituto Superior Técnico de Lisboa, Lisboa, 2015.

PICONE, R.; VERONESE, L.. SPECIFICITY OF HISTORICAL BUILDINGS AND BIM METHODOLOGIES. A FIRST EXPERIMENTATION FOR THE FEDERICO II HEADQUARTERS IN NAPLES. **Isprs - International Archives Of The Photogrammetry, Remote Sensing And Spatial Information Sciences**, [s.l.], v. -2/11, p.961-968, 5 maio 2019. Copernicus GmbH. <http://dx.doi.org/10.5194/isprs-archives-xxii-2-w11-961-2019>.

A INFLUÊNCIA DA PAISAGEM URBANA DO BAIRRO DE MANAÍRA EM RELAÇÃO AO ESCOAMENTO DE VENTO E A PRESENÇA DE ESPAÇOS LIVRES

THE INFLUENCE OF THE URBAN LANDSCAPE IN THE NEIGHBORHOOD OF MANAÍRA IN RELATION TO THE WIND FLOW AND PUBLIC SQUARES

BARBOSA LIMA MOURA, POLIANA

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Instituto de Educação Superior da Paraíba - Departamento de Arquitetura e Urbanismo. João Pessoa, PB - Brasil. E-mail: polianabmoura@gmail.com

PAIVA MONTENEGRO, ALINE

Professora Mestre em Desenvolvimento e Meio ambiente - Universidade Federal da Paraíba - PRODEMA. João Pessoa, PB - Brasil. E-mail: alinemontenegro.iesp@gmail.com

RESUMO

A questão do planejamento urbano é de fato muito importante para que a relação entre dispersão de vento, paisagem urbana, espaços livres e verticalização sejam benéficas para a saúde da cidade e da população em geral. Quando tal correlação foge dos padrões considerados eficazes, surgem diversos fatos que afetam diretamente os níveis de escoamento do vento e, portanto, a qualidade de vida na cidade se torna desagradável. Faz-se, então, necessário um estudo para análise de tal fato em Manaíra, bairro muito adensado, verticalizado e com espaços livres da cidade de João Pessoa, para que seja constatado o direcionamento de vento, a eficácia das praças e conforto térmico na região.

PALAVRAS CHAVE: Planejamento urbano. Escoamento de vento. Verticalização. Conforto térmico. Espaços livres.

INTRODUÇÃO

A cidade, desde a sua origem até os dias atuais lida com as questões acerca do seu planejamento e se ele hoje influencia a vivência dos seus indivíduos de uma maneira benéfica ou não. O que de fato deve-se considerar para um urbanismo eficaz seria aplicá-lo com o propósito correto, que seria no caso, segundo Jorge Wilhelm (apud DUARTE 2013, p.35) “analisar criticamente a realidade do espaço da vida urbana, oferecer uma visão desejável e possível, propor e instrumentar uma estratégia de mudança”. Ou seja, o ato de planejar a cidade deve ser feito com cautela aliada a um estudo prévio, pois pode causar mudanças concretas na cidade que ocasionam alterações drásticas nas relações econômicas, sociais e culturais. Portanto, dá-se a importância e a necessidade de análises urgentes referente ao planejamento urbano das cidades, para que tais consequências que hoje podemos presenciar não se perdurem e a urbe se torne um ambiente equilibrado e um espaço natural de interesse coletivo. (FERRAZ,2003.)

Levando em consideração a história de formação da cidade de João Pessoa, é notório que a urbanização mudou a sua paisagem, a relação com a natureza, a rugosidade do solo e, além disso, o amplo desmatamento para construção civil e a alta concentração de edificações verticais alteraram as características climáticas locais. Isto foi possível e deliberadamente realizado através dos padrões estabelecidos pelo plano diretor, que possibilitou o crescente número de construções prediais, multifamiliares, aliados aos seus números de pavimentos elevados em meio ao contexto urbano, resultando em, conforme as fases de verticalização, da cidade de João Pessoa, novas barreiras para o vento. A partir de tal afirmativa, levanta-se a questão da existência e da importância dos espaços livres em meio a estas circunstâncias, este tópico é dado, a sua alta relevância, ser um dos pontos cruciais deste estudo.

METODOLOGIA

Para realização desta pesquisa, que objetiva estudar a correspondência entre verticalização, espaços livres e fluxo de vento dentro do bairro de Manaíra, pretende-se realizar o estudo em etapas. A primeira consistiu no estudo de referencial teórico; na segunda foi delimitada a área de estudo; a terceira foi realizada por meio do Google Earth, Mapa de João Pessoa (PMJP), dados da AESA e Qgis, produzindo então os mapas de Localização, Área, Uso e Ocupação do Solo e Gabarito; na quarta, foi realizada a verificação dos dados encontrados na etapa anterior por meio de Visita in Loco e, assim, as informações foram cruzadas para realizar estudo de recuos de acordo com a Legislação de Uso e Ocupação do Solo de João Pessoa por meio das ferramentas 2D AutoCAD e Qgis, constatou-se também que a área de estudo encontra-se dentro das zonas ZT2, ZR1 e ZA3; na quinta, houve a produção da maquete 3D a partir dos dados compilados por meio do software SKETCHUP; a sexta

consistiu na aplicação da maquete no FLOW DESIGN para estudo do vento na situação em questão. O estudo se baseia em 5 perfis da área de estudo de acordo com cada zona de fluxo de vento predominantes (leste, sudeste e sul), e as suas respectivas maiores médias dentro do maior fluxo de velocidade do vento (2m/s,4m/s,2m/s) baseadas do gráfico de rosa dos ventos da cidade. Na sétima foi feita a análise dos dados obtidos e, então, a produção do artigo.

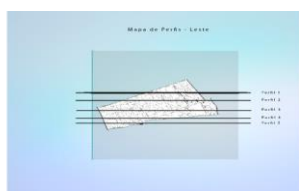
RESULTADOS

Com a finalidade de melhor compreensão dos dados obtidos a partir desta pesquisa, optou-se por subdividir a análise em três análises correspondentes às principais direções da ventilação natural que são: leste, sudeste e sul.

ANÁLISE DO VENTO DA DIREÇÃO LESTE

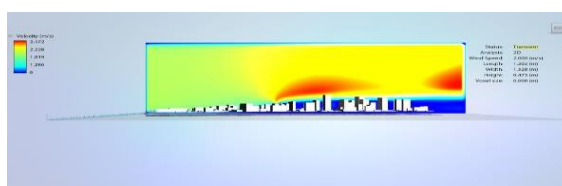
Examinando os resultados dos perfis pôde-se observar um aumento gradativo (Perfil 1 ao 4) da região com pouca ou nenhuma passagem de vento, como também é possível observar a influência da verticalização do contexto de alteração do caminho e fluxo de vento natural em todos os trechos. Porém, vale salientar a pior situação dentro deste eixo no Perfil 1, em que a mudança do traçado de ventilação corrobora no aumento da sua velocidade e, provavelmente, em redemoinhos. Analisando-se os perfis em que representam a presença da praça em meio ao contexto da cidade (Perfil 1 e 3), verificou-se que as localidades em questão estão dentro do eixo de velocidade nula de ventilação. Portanto, no que se refere ao setor leste da correspondente a área analisada, tem-se que as regiões próximas a orla do mar são as que mais recebem o fluxo de vento sem alteração significativa do seu traçado, porém com o avançar para o interior do bairro é notório a diminuição deste devido ao crescimento da verticalização, podendo vir a ocasionar o aumento das temperaturas, e levando, então, a níveis negativos de conforto térmico.

Figura 01: Mapa de Perfil Leste



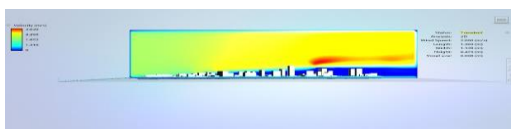
Fonte: Poliana Moura

Figura 02: Leste (2m/s) Perfil 1



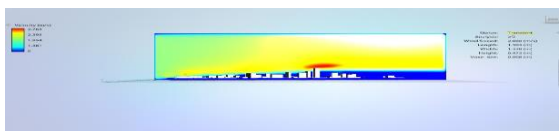
Fonte: Poliana Moura

Figura 03. Leste (2m/s) Perfil 2



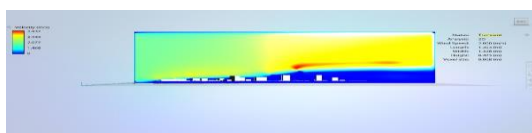
Fonte: Poliana Moura

Figura 04. Leste (2m/s) Perfil 3



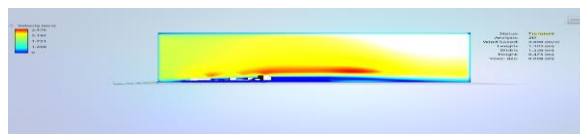
Fonte: Poliana Moura

Figura 05. Leste (2m/s) Perfil 4



Fonte: Poliana Moura

Figura 06. Leste (2m/s) Perfil 5

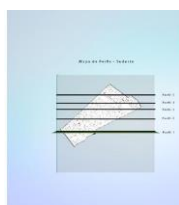


Fonte: Poliana Moura

ANÁLISE DO VENTO DA DIREÇÃO SUDESTE

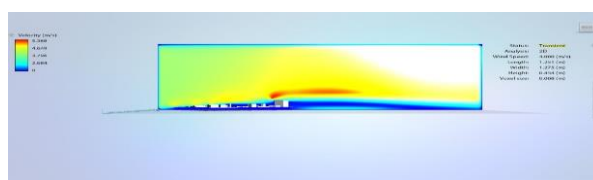
É possível observar uma mudança no percurso do vento devido a verticalização das edificações em todos os perfis dentro desta situação, porém no Perfil 2 vê-se que tal alteração ocorreu em um tempo posterior a dos outros perfis, recebendo então a ventilação de maneira eficaz nos edifícios mais à esquerda da área de estudo. A presença da praça neste contexto, é favorável apenas no perfil 4 em que recebe o fluxo de vento maior pela esquerda, porém no perfil 3 está dentro da margem que recebe pouco ou nada deste.

Figura 07: Mapa de Perfil Sudeste



Fonte: Poliana Moura

Figura 08: Sudeste (4m/s) Perfil 1



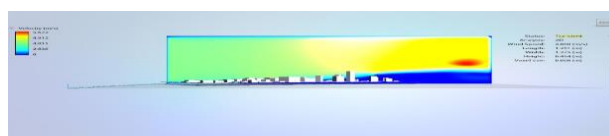
Fonte: Poliana Moura

Figura 09: Sudeste (4m/s) Perfil 2



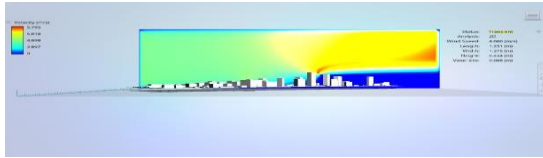
Fonte: Poliana Moura

Figura 10: Sudeste (4m/s) Perfil 3



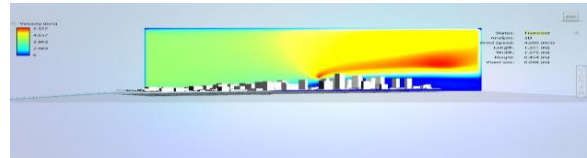
Fonte: Poliana Moura

Figura 11. Sudeste (4m/s) Perfil 4



Fonte: Poliana Moura

Figura 12. Sudeste (4m/s) Perfil 5

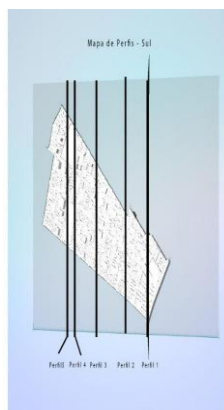


Fonte: Poliana Moura

ANÁLISE DO VENTO DA DIREÇÃO SUL

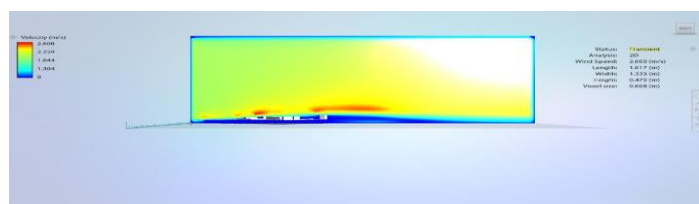
Dentro deste contexto é possível observar que temos os extremos de conforto térmico. Apesar de termos o perfil 4 como a melhor situação de fluxo do vento – e vale salientar que os arredores da praça estão bem ventilados –, os outros quatro perfis estão em condições completamente desfavoráveis, há a presença de mais de um desvio do caminho percorrido pelo vento que podem criar uma massa de velocidade superior logo acima do *skyline*. Da mesma forma, é visto que ao final da área de estudo nos perfis 3, 4 e 5 é gerada uma massa de sombra azul muito elevada em relação ao nível do solo que, ocasionado pela verticalização, que pode gerar para os bairros circunvizinhos uma região com pouco ou nenhum vento. Porém, nos perfis 1 e 2, tal massa se configura próxima ao solo, chegando a estagnação logo depois, evitando, então, a possibilidade de alteração do fluxo de vento nos arredores.

Figura 13. Mapa de Perfil Sul



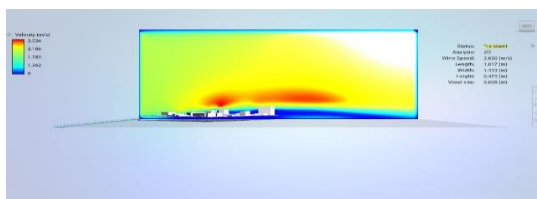
Fonte: Poliana Moura

Figura 14. Sul (2m/s) Perfil 1



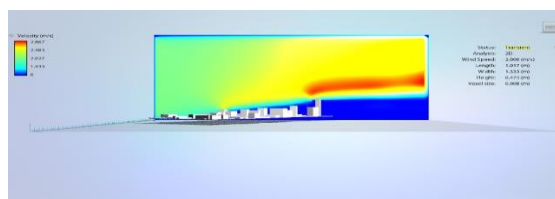
Fonte: Poliana Moura

Figura 15. Sul (2m/s) Perfil 2



Fonte: Poliana Moura

Figura 16. Sul (2m/s) Perfil 3



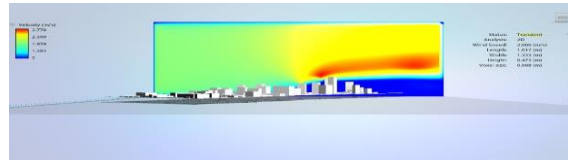
Fonte: Poliana Moura

Figura 17. Sul (2m/s) Perfil 4



Fonte: Poliana Moura

Figura 18. Sul (2m/s) Perfil



Fonte: Poliana Moura

CONCLUSÃO

Em suma, o planejamento urbano tem em si um papel crucial que reflete a maneira em que a paisagem urbana se relaciona com as questões sociais, econômicas e climáticas de uma cidade. Porém, quando tal estudo não é eficaz em sua prática, pode trazer drásticas consequências a vida da população local, dentre as quais, em relação ao contexto climático, salientando a verticalização exacerbada constituindo-se como barreira de vento e findando em um quadro bioclimático desfavorável. Manaíra, o bairro do estudo em questão, é um ótimo exemplo, porque possui um adensamento de edifícios de alturas consideráveis em meio a casas unifamiliares e espaços livres. A paisagem urbana com diferentes níveis de estatura das edificações pode criar partes dentro da mesma localidade com pouca ou nenhuma ventilação, contribuindo com os fatores de ilhas de calor dentro da cidade, níveis diferentes de sensações térmicas em um curto percurso e contribuindo para o aumento de doenças respiratórias, além de poder influenciar o fluxo de vento nos arredores. Nas análises realizadas, foi visto que houve situações favoráveis ao escoamento de vento nas praças, porém também ocorreram as que estavam com pouco ou nenhum vento, mas não se deve descartar o fato de que a presença do espaço livre pode contribuir para fluxos de ventilação favoráveis as moradias existentes nas suas fronteiras.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Fábio. **Planejamento Urbano**. 1ed. Curitiba: Ibipex, 2013.

MONTENEGRO, Aline Paiva. **Estudo da repercussão das variáveis climáticas decorrentes**

da ocupação do solo em Intermares. 2003. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - PRODEMA, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

A APLICABILIDADE DA ALVENARIA ESTRUTURAL COMO TÉCNICA CONSTRUTIVA RACIONAL

THE APPLICABILITY OF STRUCTURAL MASONRY AS A RATIONAL CONSTRUCTIVE TECHNIQUE

PAPI, CRISTIANO ENRICO AIRES

Graduando, UNIESP

ARAÚJO, REBECCA CRISTINA MONTEIRO DE

Graduando, UNIESP

SMITH, MATHEUS LINS DE ALBUQUERQUE

Graduando, UNIESP

JÚNIOR, JOSÉ ALBINO DE PAULA

Graduando, UNIESP

RESUMO

O presente artigo analisa a técnica construtiva de Alvenaria Estrutural, para analisar suas características técnicas de racionalização na construção civil. Possuindo algumas limitações nas suas construções, como a inflexibilidade no layout depois de executada, seu uso pode ser variado, permitindo construções residenciais, comerciais e prédios públicos, além de ser uma solução econômica, segura e de fácil execução. No estudo feito é apresentada a contribuição positiva na execução, por meio de aplicabilidade racional que permite reduções de gastos e materiais, assim como uma melhor qualidade no produto final, proporcionando um melhor resultado não só para o profissional da construção civil como também para o usuário final.

PALAVRAS-CHAVE: Alvenaria; Racionalização; Aplicabilidade; Execução.

ABSTRACT

This article analyzes the constructive technique of Structural Masonry, to analyze its technical characteristics of rationalization in civil construction. Having some limitations in its constructions, such as inflexibility in the layout after being executed, its use can be varied, allowing residential, commercial and public buildings, besides being an economical, safe and easy solution. In the study done, the positive contribution in execution is presented, through rational applicability that allows cost and material reductions, as well as a better quality in the final product, providing a better result not only for the construction professional but also for the user final.

KEYWORD: Masonry; Rationalization; Applicability; Execution.

INTRODUÇÃO

Na construção civil cada edificação tem ainda em sua fase de concepção, materiais, técnicas, elementos e componentes definidos para melhor execução. Partindo da etimologia da palavra, do grego “systema”, que significa “reunião, grupo, associação”, é justamente esse “grupo” de determinantes que são os sistemas construtivos. A alvenaria é um material de construção tradicional que tem sido usado há milhares de anos (DUARTE, 1999). De acordo com Duarte, as edificações em alvenaria estão entre as construções mais aceitas pelo homem, não só hoje em dia, mas, também nas civilizações antigas.

Segundo o Mohamad (2015), algumas construções se tornaram um marco importante na história, pelos seus aspectos estruturais ou arquitetônicos, sendo compostos por unidade de blocos de pedra ou intertravados, ou cerâmicos com ou sem o material ligante utilizado neste período. Observamos isto em algumas construções como o Coliseu Romano a Catedral de Notre Dame, tais edificações mostram eficácia e durabilidade desse sistema, tendo em vista que estas edificações perduram até os dias atuais.

De acordo com Teixeira (2017), a arquitetura vernacular pode ser definida como arquitetura tradicional, resultante do desenvolvimento histórico de onde estavam inseridos, ou seja, está associado a um determinado povo/ cultura. Logo, as construções como Coliseu Romano a Catedral de Notre Dame, exemplificam muito bem este conceito.

Já no Brasil em 1966 foram construídos os primeiros prédios em alvenaria estrutural e estima-se que tenham sido executados mais de dois milhões de unidades habitacionais em alvenaria estrutural entre 1964 e 1966. Porém, esse sistema só atingiu o auge no Brasil na década de 80. (KALIL; LEGGERINI).

Por mais variadas que sejam as técnicas construtivas, algumas ganham ainda mais destaque quanto à eficiência na execução e aplicabilidade, gerando a racionalização de todo o processo. Nesses quesitos, a alvenaria estrutural é uma das principais técnicas. (RAMALHO; CORRÊA, 2003).

É necessário compreender de fato as vantagens e desvantagens da alvenaria estrutural para saber qual o melhor momento para usá-la, já que esses fatores contribuem também para a concepção projetual do arquiteto em concomitância com as necessidades do seu cliente.

Estuda-se também neste artigo as limitações da alvenaria estrutural e de que forma isso pode afetar na Arquitetura. Este estudo engloba a modulação desse sistema construtivo, que interfere diretamente no dimensionamento preciso dos ambientes, sem flexibilidade para mudanças futuras, como por exemplo a impossibilidade de fazer uma reforma modificando a metragem de algum ambiente.

É importante também entender os processos e as fases de construção de uma edificação com a Alvenaria estrutural, para podermos decidir sobre qual técnica utilizar, desde a fase projetual, já que isso influencia diretamente nos ambientes do projeto, do preço total e no tempo de execução da obra.

Na construção civil, a fase de projetos é extremamente importante. Porém, muitas vezes, os projetos não recebem a devida relevância e são tratados como instrumentos meramente legais, que os construtores procuram minimizar, ao máximo, suas despesas. (RAUBER, 2005).

Além disso, durante o processo de fabricação dos blocos cerâmicos, fase inicial do processo construtivo, já inclui procedimentos racionais. São apresentados os métodos de fabricação dos blocos que constituem a alvenaria estrutural, de modo a explicar suas diferenças em relação aos blocos de alvenaria de vedação; bem como vantagens na economia de materiais para sua fabricação. O canteiro de obras é um local que por vezes se torna insalubre, com métodos mais simples na execução o desperdício de material é menor em comparação ao concreto armado, por exemplo. Enquanto no CA a racionalização exige certa “sofisticação” para ser implantada, na AE ela é simples, favorecida, principalmente, pela coordenação modular do projeto (CAVALHEIRO, 2018).

O artigo dispõe de algumas análises comparativas entre alvenaria estrutural, alvenaria de vedação e concreto armado, compreendendo suas vantagens, principalmente, no aspecto da competitividade econômica.

JUSTIFICATIVA

A racionalização executiva numa obra, isto é, o planejamento mais eficiente a fim de economizar e evitar desperdícios de tempo, custo e materiais é fundamental no âmbito da construção civil, por isso é relevante fazer uma avaliação sobre uma técnica construtiva em específico, a alvenaria estrutural, que apresenta características positivas de eficiência na sua racionalização.

Este sistema, por ser racional, se apresenta de maneira competitiva no mercado e aumenta a sua aplicação na construção civil brasileira. De acordo com os autores Ramalho; Corrêa (2003), entre os processos construtivos racionalizados, esta técnica vem ganhando um grande impulso no Brasil ao longo das últimas décadas.

OBJETIVOS

Objetivo geral do artigo é analisar a aplicabilidade da Alvenaria Estrutural como um sistema construtivo racional.

Os objetivos específicos são:

- Identificar as características que englobam sua racionalização de tempo, custo e execução.
- Analisar suas limitações estruturais e arquitetônicas.
- Compreender as etapas da construção visando a praticidade de execução.

METODOLOGIA

Para a realização do presente artigo, o embasamento teórico foi feito através de pesquisa bibliográfica, onde foram analisados dados e informações de livros, revistas acadêmicas e dissertações para maior entendimento das características da alvenaria estrutural. Segundo Severino (1996) a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.

SISTEMAS CONSTRUTIVOS

Na construção civil, cada edificação tem em sua fase de concepção, materiais, técnicas, elementos e componentes definidos, para melhor execução. Os sistemas construtivos que são divididos em três classificações, a tradicional, convencional e industrial.

Tradicional: Sistema artesanal, utilizado em regiões com carência de recursos financeiros. Geralmente trabalham com materiais obtidos no próprio canteiro ou arredores, como por exemplo, a terra ou barro. Um exemplo dessa técnica são as construções de taipa de pilão, onde paredes são executadas com terra socadas em formas de madeira (imagem 1 e 2).

Figura 01 - Montagem das fôrmas em construção de barro.



Fonte: <<https://portalvirtuhab.paginas.ufsc.br>> Acesso em 01 de Abril de 2020

Figura 02 - Obra tradicional finalizada em sistema feito de barro.



Fonte: <<https://www.vivadecora.com.br>> Acesso em 01 de Abril de 2020

Convencional: Material é industrializado, porém seus equipamentos, apesar de modernos, são manuais. Sua execução ainda é artesanal, como na imagem 3.

Figura 03 - Execução de uma obra em concreto armado.



Fonte: <<http://www.forumdaconstrucao.com.br/conteudo.php?a=7&Cod=2172>> Acesso em 01 de Abril de 2020

Industrial: Utilização mais intensa de máquinas e equipamentos para a montagem dos elementos. A mão-de-obra é especializada e sua construção mais limpa. Edificações com peças pré-fabricadas são um exemplo desse sistema, conforme a imagem 4.

Figura 04 - Auxílio das máquinas na execução de um edifício.



Fonte: <<http://www.forumdaconstrucao.com.br/conteudo.php?a=7&Cod=2172>>
Acesso em 01 de Abril de 2020

Com os aperfeiçoamentos dos sistemas já existentes e as constantes descobertas, os métodos construtivos vêm ganhando uma grande diversidade. De acordo com PEREIRA (2018), dos sistemas construtivos existentes, os que estão ganhando mais destaque são: Alvenaria de vedação ou convencional, steel frame, wood frame, paredes de concreto e **alvenaria estrutural**.

Alvenaria estrutural

A alvenaria estrutural caracteriza-se pelo emprego de blocos de concreto ou cerâmicos autoportantes.

A alvenaria estrutural é um conjunto de blocos justapostos que formam um só elemento, através da interação dos blocos um com o outro, realizada pela aplicação de argamassa apropriada em suas faces[...] (TAUIL, 2010).

Levando em consideração a grande variedade de sistemas construtivos existentes, a alvenaria estrutural vem se mostrando econômica, segura e de rápida execução. Em longo prazo, permite uma considerável economia de energia com o ar condicionado ou aquecedor.

Os componentes que fazem parte desse sistema são: Os blocos, a argamassa, as armaduras e o *graute*. Sendo esse último um típico específico de concreto, composto por cimento, agregados miúdos, água e cal, já os blocos podem ser cerâmicos ou de concreto.

Os cerâmicos são mais leves e possuem melhor isolamento acústico. São fabricados por

conformação plástica de matéria-prima argilosa, queimados a temperaturas elevadas. Outra vantagem é que os blocos cerâmicos são encontrados em todo o Brasil, além de sua cerâmica ser 100% natural e não utilizar aditivos insalubres aos ocupantes dos imóveis nem ao meio ambiente. Por ser mais leve, o transporte horizontal tem uma economia no consumo de energia - das fábricas aos canteiros de obra - e na vertical - nos elevadores dos canteiros.

No caso dos blocos de concreto, sua fabricação é composta, basicamente, por areia natural, pedriscos e areia industrial. Esses blocos permitem a redução de tempo de execução da obra e seus respectivos custos, além de permitir uma diminuição na geração de resíduos.

Os blocos são classificados em famílias de acordo com suas dimensões, onde essas, são determinadas de acordo com o bloco principal. As peças da mesma família possuem a mesma espessura e altura, porém, seu comprimento varia, assim, para o projeto a modulação se dá através da decisão de qual família será usada no projeto.

A família 29 é formada pelos blocos B29 (14x19x29 cm), B14 (14x19x19cm) e B44 (44x19x14cm). A família 39 é formada pelos blocos B39 (39x19cm) e largura variável; o bloco B19 (19x19cm) e largura variável; e o bloco B54 (54x19cm) e largura variável. As unidades primordiais são: os blocos principais, o meio bloco e o bloco e meio. Os elementos de segundo plano são os blocos compensadores, e as canaletas, usadas geralmente para compor as cintas, vergas e contravergas.

APLICABILIDADE DA ALVENARIA ESTRUTURAL

Visando eficiência e economia na construção, a alvenaria estrutural vem tornando-se mais comum a aplicação desse sistema em obras de edificações residenciais e comerciais no Brasil. Como exemplos de edificações residenciais que fizeram uso desse sistema, estão a seguir, apresentados no quadro 01.

Quadro 01 - Edificações residenciais em alvenaria estrutural

TIPO DE USO	IMAGEM		LOCALIZAÇÃO	HISTÓRIA
RESIDENCIAL		CONJUNTO HABITACIONAL CENTRAL PARK	SÃO PAULO	COMPOSTO POR QUATRO TORRES, CONTENDO CADA UMA DOZE PAVIMENTOS, COM QUATRO APARTAMENTOS EM CADA ANDAR. FOI CONCLUÍDO NO ANO DE 1972
		FIT TERRA BONITA	LONDRINA/ PARANÁ	CONSTRUÍDO NO ANO DE 2011, FOI CONSIDERADO PRÉDIO MAIS ALTO FEITO DE ALVENARIA ESTRUTURAL, NO SUL DO PAÍS, CONTENDO DEZ PAVIMENTOS

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 02 - Edifícios comerciais com vários pavimentos

TIPO DE USO	IMAGEM		LOCALIZAÇÃO	HISTÓRIA
COMERCIAL		PRIME BUSINESS CENTER	SÃO BERNARDO DO CAMPO/SÃO PAULO	CONTENDO DEZESSEIS PAVIMENTOS, APARENTANDO APENAS DOZE, A EDIFICAÇÃO É COMPOSTA POR ANDARES COM PÉ DIREITOS DE 3,20M, SENDO TRÊS DUPLEX COM 6,40M.
		EXCALIBUR CASINO HOTEL	LAS VEGAS/ NEVADA	CONSTRUÍDO EM 1990, É CONSIDERADO O MAIS ALTO PRÉDIO FEITO DE ALVENARIA ESTRUTURAL DO MUNDO, CONTENDO TRINTA PAVIMENTOS, SUPERANDO A MÉDIA UTILIZADA NA CONSTRUÇÃO CIVIL

Fonte: Elaboração própria.

EXECUÇÃO DA OBRA

O início da execução da obra se dá pelo projeto arquitetônico. Vale salientar que é imprescindível um bom planejamento, pois o mesmo viabiliza um processo de construção racionalizado. Segundo Rauber (2005) na construção civil, a fase de projetos é extremamente importante. Porém, muitas vezes, os projetos não recebem a devida relevância e são tratados como instrumentos meramente legais, que os construtores procuram minimizar, ao máximo, suas despesas.

Para o início da obra no canteiro o primeiro passo é a preparação do solo, com assentamento da viga baldrame, que possui o papel de fundação. É necessário fazer a impermeabilização da viga baldrame nesta fase.

A primeira fiada é a mais importante, está na base do bloco, começando no sentido mais externo (quinas das paredes) para o interno (parte mais central). Faz-se a necessária a revisão, por profissional qualificado, após a conclusão da primeira fiada para evitar erros que serão mais difíceis de corrigir no decorrer da obra.

Em seguida já é possível iniciar as instalações elétricas e hidráulicas. O processo de levantamento das paredes é realizado com argamassa, que une os blocos. A instalação de vergas e contravergas nas portas e janelas são fundamentais, auxiliando na distribuição de esforços; esses elementos são feitos de blocos canaletas sob e sobre os vãos.

Depois de última fiada de blocos serem assentadas é feito o grauteamento, processo no qual barras de aço são colocadas nos vãos dos blocos, geralmente nas quinas, e os espaços vazados são preenchidos com graute, que é um micro concreto fluido.

A instalação de blocos canaleta na parte de cima, após a última fiada, e a execução da laje são os últimos passos. Dependendo do porte da construção e da experiência dos executores a obra com alvenaria estrutural pode ser concluída em pouco tempo.

Em comparação com o concreto armado (CA), a alvenaria estrutural (AE) ganha no sentido de racionalização pelas suas etapas de execução mais simples e práticas. Na AE, pela simultaneidade das etapas, ocorre uma economia de tempo que pode chegar a 50%, na execução até as instalações básicas. De acordo com Cavalheiro (2018) ela é simples, favorecida, principalmente, pela coordenação modular do projeto.

Em quesitos como economia de tempo e materiais, execução rápida e redução de desperdícios essa técnica se apresenta muito competitiva no mercado, por mais tradicional que seja torna-se também bastante atual.

TEMPO E CUSTO DA CONSTRUÇÃO

A estratégia da alvenaria estrutural necessita de uma etapa de planejamento longa para que a obra possa ser executada com uma maior precisão. Essa técnica não possui pilares, vigas ou blocos de fundação e a parte estrutural são as próprias paredes, os processos das atividades são de forma simultânea, ou seja, conforme as paredes são erguidas também é realizada a instalação elétrica e hidrossanitária ao mesmo tempo, o que permite a redução do tempo de execução da obra.

Com a aplicabilidade dessa ferramenta, segundo Bacellar (2017, apud Tauila.c 2012)

Estudos feitos por especialistas demonstram que a alvenaria estrutural em blocos de concreto pode reduzir a obra em até 30% (em torres de até quatro pavimentos) e 15% (em torres com 20 pavimentos), com ganhos ambientais, por praticamente não gerar rejeitos de canteiro e quase não utilizar fôrmas e escoras de madeira (BACELLAR, 2017 apud. TAULI, 2012).

A simplicidade e a economia no processo dessa técnica tem como uma de suas principais vantagens o tempo de execução da edificação. O menor tempo para a execução irá interferir em alguns custos como mão de obra, consumo de água, consumo de energia e entre outros. Na literatura, a alvenaria estrutural gera uma economia de até 15% no custo e pode ter um ganho de até 20% no tempo de execução da edificação.

MATERIAIS

Atualmente existem diversos tipos de materiais que podem ser empregados na alvenaria estrutural, sendo os mais utilizados: blocos de concreto estrutural, blocos cerâmicos, graute, argamassa e armaduras.

BLOCOS DE CONCRETO

Os blocos de concreto possuem dois grandes furos na vertical, assim torna a estrutura mais leve, e economiza material em sua fabricação.

Quando se torna necessário suportar o peso de estruturas mais pesadas, esses blocos podem ser facilmente preenchidos com o graute, como também adicionar vergas e contra vergas, entre outros, podendo assim ser facilmente modificado de acordo com as necessidades.

Figura 05: Bloco de concreto.



Fonte: <<https://construfacilrj.com.br/materiais-da-alvenaria>>

BLOCOS CERÂMICOS

Produzidos com argila e queimados no forno, os blocos cerâmicos podem ser utilizados tanto para vedação como também na estruturação, mudando apenas a posição do assentamento, sendo assim, na alvenaria estrutural, são utilizados com os furos na vertical, possibilitando uma maior resistência.

Figura 06: Bloco cerâmico.



Fonte: <<https://www.obramax.com.br/bloco-ceramico-de-vedacao-furo-vertical-linha-9-09x19x39cm-89255873.html>>

GRAUTE

Consiste em uma massa utilizada para preencher espaços vazios dos blocos de concreto e cerâmicos, tendo como principal objetivo aumentar a resistência da estrutura e a solidificação da armadura e, conseqüentemente, suportar uma carga muito maior. Por ter uma consistência bastante fluida, possui a capacidade de preencher os pequenos vazios entre o concreto e a armadura, evitando o aparecimento de bicheiras (falhas que provocam espaços vagos em estruturas de concreto endurecido).

Figura 07: Graute sendo utilizado na fixação da armadura.



Fonte: <http://construindodecor.com.br/graute/>. 2019

ARGAMASSA

Aplicada entre os blocos, tem a função de solidificar os blocos e preencher as deformações da estrutura, com o objetivo de unificar as tensões e consolidar a estrutura. Funcionando como uma cola, ela é responsável por ligar os blocos de concreto ou cerâmicos entre si.

Figura 08: Argamassa sendo aplicada em blocos de concreto.

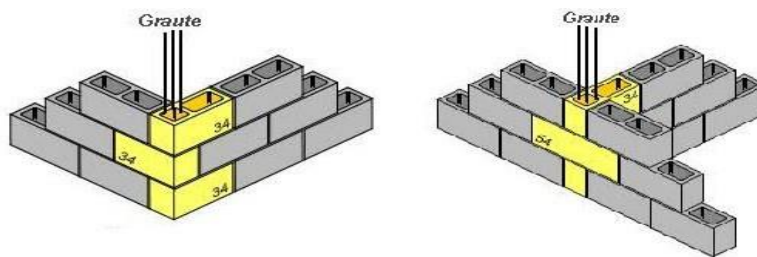


Fonte: <https://www.suaobra.com.br/home>. 2019

ARMADURAS

São utilizadas principalmente nas extremidades da estrutura, como mostra a imagem abaixo, com o objetivo de travar o encaixe entre as paredes. Podem ser usadas tanto na vertical, quanto na horizontal. Podem ser aplicadas nas canaletas, vergas e contra vergas. Essas armaduras são fixadas dentro dos blocos e envolvidas com o graute a fim de preencher os vãos dentro do bloco, e prevenir a oxidação.

Figura 09: Parede de concreto com localização das armaduras.
Amarração de parede em “L” Amarração de parede em “T”



Fonte: https://lume-re-demonstracao.ufrgs.br/alvenaria-estrutural/blocos_concreto.php. 2019

RESISTÊNCIA E DURABILIDADE DA ALVENARIA ESTRUTURAL

A resistência da alvenaria estrutural se dá pela capacidade dela de suportar os diversos esforços e cargas que toda estrutura está suscetível, como os ventos, seu peso próprio ou as deformações naturais dos seus materiais. Existem alguns fatores que interferem na resistência dessa técnica estrutural que são definidos na concepção de seu projeto, como por exemplo a espessura da parede, as juntas e ligações entre elas e a resistência específica de cada material utilizado.

Segundo o artigo estudado, a alvenaria estrutural é altamente resistente à compressão sendo ela a força que comprime as paredes, como pede a NBR 718492. Outro fator importante é a cura, ou seja, a secagem total dos blocos de concreto, é um ponto extremamente importante na resistência à compressão da estrutura, durando 28 dias para chegar na secagem total, podendo ter uma vida útil de 500 anos.

LIMITAÇÕES DA ALVENARIA ESTRUTURAL

Esse sistema pode sustentar até quinze pavimentos, dependendo do local inserido e quando a edificação passa dessa altura estipulada, a estrutura tende a ficar mais fragilizada, por aumentar o seu peso próprio, além de tornar-se onerosa.

Neste sistema, as paredes são os elementos estruturais, que devem resistir a todas as cargas, as quais com um sistema convencional de concreto armado eram resistidos pelos pilares e vigas. Levando isto em consideração, o ideal é que a distribuição das paredes sirva como um elemento estabilizador da outra. (ARAÚJO, 1995).

Uma das primeiras limitações está relacionada à restrição do projeto arquitetônico pela concepção estrutural, que não permite a construção de obras audaciosas, devido ao uso de blocos com medidas pré-definidas, além disso, há a impossibilidade de adaptação da arquitetura para um novo uso, como também há a necessidade de mão de obra

especializada.

Segundo Thomaz (2001), na fase inicial de projeto, deve-se evitar os vãos de janelas muito próximos, pois, a região da parede localizada entre esses vãos comporta-se como um pilar, recebendo a concentração de cargas dos pavimentos superiores, consequentemente, com o tempo, vão aparecendo fissuras.

Suas limitações também reverberam na utilização de grandes aberturas e o uso de muitas esquadrias, visto que esse tipo de alvenaria não pode ser modificado, além de haver a necessidade de ser a mais maciça possível, pois ela sustenta todos os andares.

A alvenaria autoportante tem uma altíssima resistência à compressão, entretanto, é muito frágil à tração. Além disso, por esse sistema não possuir vigas nem pilares, como resultado, existem vãos livres limitados e vãos em balanço não indicados.

CONCLUSÃO

Com o estudo apresentado ficam demonstradas as características técnicas (materiais e execução), que garantem um sistema construtivo eficiente como a alvenaria estrutural. Na área da construção civil não há técnica isenta de contrapeso negativo, logo também foram apresentadas limitações estruturais.

Percebe-se que em comparação com concreto armado esta técnica apresenta vantagens de racionalização da obra, tempo na execução, durabilidade, menos desperdício de materiais e estrutura mais simples, porém o concreto armado ganha em questão de flexibilidade e possibilidade de mudança futura de layout e ainda maior aplicação no mercado.

De tal maneira é possível compreender aspectos que fazem dessa técnica, tão utilizada há séculos, ainda muito atual e requisitada para obras que necessitam de aplicação simples. Do ponto de vista arquitetônico é vantajoso utilizar tal técnica construtiva por sua competitividade no mercado da construção civil, como demonstrado ao longo da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, R. B. **Recomendações para o Projeto e Execução de Edifícios de Alvenaria Estrutural**. Associação Nacional da Indústria Cerâmica. Porto Alegre, p.79, 1999.

RAMALHO, Marcio A.; CORRÊA, Marcio R. S. **Projeto de Edifícios de Alvenaria Estrutural**. 1ª Edição, São Paulo: Pini, 2003.

RAUBER, Felipe Claus. **Contribuição ao Projeto Arquitetônico de Edifícios em Alvenaria Estrutural**. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil- Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2005.

CAVALHEIRO, Odilon. **ALVENARIA ESTRUTURAL, TÃO ANTIGA E TÃO ATUAL**. UFSM, 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 20. Ed. São Paulo: Cortez, 1996.

MOHAMAD, Gihad. **Construções em Alvenaria Estrutural. Materiais, projeto e desempenho**. 1ª ed. São Paulo: Blucher, 2015.

KALIL, S. M. B; LEGGERINI, MARIA REGINA. **ALVENARIA ESTRUTURAL**. Trabalho de conclusão de curso, orientado pela autora, do aluno Vinicius Bonacheski: PUCRS.

TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. **Arquitetura vernacular: Em busca de uma definição**. VITRUVIUS: Rio Grande do Norte, v. 201, n. 01, fev./2017.

ALEXANDRE, Ilídio Francisco. **Manifestações Patológicas em Empreendimentos Habitacionais de Baixa Renda Executados em Alvenaria Estrutural: Uma Análise da Relação de Causa e Efeito**. UFRGS, 2008.

ARAÚJO, H. N. **Intervenção em obra para implantação do processo construtivo em alvenaria estrutural: Um estudo de caso**. UFSC, 117p, 1995.

CAMACHO, J.S. **Projeto de edifícios de alvenaria estrutural**. UNESP: Ilha Solteira, 2006.

FREITAS JR., José de Almendra. **Alvenaria Estrutural**. Disponível em: <<https://docente.ifrn.edu.br/valtencirgomes/disciplinas/construcao-civil-ii-1/alvenaria-estrutural-apresentacao/>>. Acesso em: 26 de setembro de 2019.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Construção Civil: Sistemas Construtivos** Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/contabilidade/construcao-civil-sistemas-construtivos/54065>>. Acesso em: 21 de setembro de 2019.

RAMALHO, Marcio A.; CORRÊA, Marcio R. S. **Projeto de Edifícios de Alvenaria Estrutural**. 1ª Edição, São Paulo: Pini, 2003.

RICHTER, C. **Qualidade da alvenaria estrutural em habitações de baixa renda: uma análise da confiabilidade e da conformidade**. UFRGS, 2007.

SILVA, Dhanilo Bacellar; SALES, Mascarenhas Fernando Marques; SILVA, Lucas Antônio e SILVA, Matheus de Souza. **Análise Comparativa Entre Alvenaria Estrutural e Concreto Armado**. São Paulo, 2017.

TAUIL, Carlos Alberto; NESE, Flávio José Martins. **Alvenaria Estrutural**. 1. ed. São Paulo:

Pini, 2010.

THOMAZ, E. **Tecnologia, Gerenciamento e Qualidade na Construção**. São Paulo. Editora Pini. 2001.

ROSEMANN, Fernando. **Resistência ao fogo de paredes de alvenaria estrutural de blocos cerâmicos pelo critério de isolamento térmico**. UFSC,2011.

MARTINS, Helga Ferreira. **Resistência ao cisalhamento de alvenaria estrutural de blocos de concreto**. UFSC,2001.

eixo temático - semana acadêmica
de arquitetura e urbanismo uniesp

cultura



MODERNIDADE X PRESERVAÇÃO: AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS E O PROCESSO DE DESTRUIÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO DE PATOS, PARAÍBA

MODERNIDADE X PRESERVAÇÃO: URBAN TRANSFORMATIONS AND THE DESTRUCTION PROCESS OF THE ARCHITECTURAL HERITAGE OF PATOS, PARAÍBA

LUCENA, PEDRO GOMES DE

Arquiteto e Urbanista, Pós-graduando em Assistência Técnica nas áreas de Arquitetura, Urbanismo e Engenharia (ATAU+E/UFPB)

RESUMO

A destruição do patrimônio arquitetônico das cidades tem sido fruto, na maioria dos casos, das demandas espaciais de territórios privilegiados visando a lucratividade do mercado imobiliário, desrespeitando o valor histórico e cultural da urbe e transformando de forma negativa sua paisagem. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva analisar a perda da memória e identidade do Centro da cidade de Patos/PB, a partir da destruição de edificações representativas no decorrer de suas dinâmicas urbanas. Mediante pesquisa bibliográfica, iconográfica e documental, constatou-se a perda indiscriminada de edificações de grande potencial cultural e histórico, decorrente do processo de especulação imobiliária aquecido pelo setor comercial. Observou-se um processo constante de descaracterização da identidade do lugar, potencializado pela falta de órgãos competentes e atuantes que garantam a preservação do patrimônio edificado.

PALAVRAS CHAVES: Patrimônio; Demolição; Memória; Dinâmicas urbanas.

ABSTRACT

The destruction of the architectural heritage of the cities has been the result, in most cases, of the spatial demands of privileged territories that use the profitability of the real estate market, disrespecting the historical and cultural value of the city and transforming its landscape in a negative way. In this sense, the present objective work analyzes the loss of memory and the identity of the city center of Patos / PB, based on the destruction of representative editions in the course of its urban dynamics. Through bibliographic, iconographic and documentary research, an indiscriminate loss of editions of great cultural and historical potential was found, due to the process of real estate speculation heated by the commercial sector. Observe a constant process of mischaracterization of the identity of the place, enhanced by the lack of competent bodies and agents that guarantee the conservation of the built heritage.

KEY WORDS: Heritage; Demolition; Memory; Urban dynamics.

INTRODUÇÃO

De modo geral, as cidades contemporâneas da América Latina, devido aos avanços da economia globalizada, têm sofrido com um súbito processo de descaracterização da identidade local, onde as dinâmicas imobiliárias e sua especulação tem destruído a memória das suas cidades ou muitas vezes empobrecido a paisagem urbana. É cada vez mais frequente ver nas produções dos espaços atuais, a introdução de elementos arquitetônicos contemporâneos que objetivam o atendimento às necessidades dos mercados, passando por cima, com as máquinas de demolição, de toda a história social da cidade ao longo dos anos, representada pelas arquiteturas e estilos arquitetônicos os quais antecederam a era contemporânea.

Dando considerável importância à conservação da memória da cidade, possível graças à preservação do patrimônio arquitetônico das mesmas, o presente trabalho tem o intuito de abordar a problemática das dinâmicas urbanas a partir das demolições de edificações memoráveis, cujo estudo concentra-se no centro da cidade de Patos – PB. O local vem passando ao longo dos anos por uma crescente série de adaptações das suas edificações aos usos e processos que se desenvolvem no entorno de suas vias, resultando na morte das edificações de diferentes estilos arquitetônicos, culminando na perda da identidade e memória do espaço.

O trabalho objetiva discutir os processos de transformação da paisagem e identidade do local ocasionados pelas destruições de edificações representativas ao longo do centro da cidade de Patos - PB, decorrentes de dinâmicas urbanas, catalogando e classificando as possíveis causas. Para tanto, tem-se como objetivos específicos:

- a) Identificar os edifícios representativos de arquitetura que foram demolidos;
- b) Compreender os motivos das demolições;
- c) Construir um ideário pertinente à relação da arquitetura com o processo de preservação da identidade do espaço na escala da cidade.

Para realização da pesquisa, foram utilizados diferentes procedimentos, dentre eles a pesquisa bibliográfica e documental, visando a busca de informações e dados acerca da produção que diz respeito às edificações históricas da cidade, além disso, realizou-se estudo iconográfico para a análise das transformações urbanas ao longo do tempo. Além disso, foi utilizada o método elaborado por Amorim (2007) no livro “Obituário arquitetônico: Pernambuco modernista”, para analisar os processos de transformação da malha arquitetônica das cidades.

Diante da perda da memória e da descaracterização da cidade a partir do viés arquitetônico, é indispensável o entendimento dos fatores que caracterizam a dinâmica do espaço citadino, com a obtenção de ideais que fortaleçam as práticas de conservação e de manutenção das características próprias de cada cidade, de maneira que levem as mesmas ao resgate e apropriação da sua memória e dos seus lugares. É preciso encarar os desafios de promoção dos lugares urbanos e propor uma política que resguarde a manutenção de práticas conservadoras da identidade social, de maneira a combater os problemas ocasionados pela dinâmica do mercado imobiliário, objetivando a reestruturação da paisagem da cidade que deve ser pensada para as pessoas.

DESENVOLVIMENTO

Amorim (2007) defende que a discussão a respeito das destruições das edificações representativas da arquitetura das gerações ao longo do tempo se sustenta pelo fato de que as mesmas abrigam, revelam e simbolizam as manifestações humanas, impregnadas em sua matéria. Sendo assim, a defesa da preservação do ambiente construído gerará um repertório para as cidades poderem revelar as diversas temporalidades vividas. Pensar a respeito da escolha dos exemplares que sobreviverão e os que perecerão é um exercício necessário para que as sociedades reconheçam a si próprias, pois têm personalidades distintas.

Pontual e Picolo (2008) evidenciam que:

A demolição e a conservação dos artefatos urbanos e arquitetônicos construídos pelos próprios homens é uma questão que perpassa e até hoje encontra-se presente na história de várias cidades ao redor do mundo. As passagens entre as cidades antiga, moderna e contemporânea mostram de formas distintas, a clara relação entre tais práticas, que foram além da polaridade existente entre ambas e caminharam paralelamente rumo a profundas modificações urbanas (PONTUAL; PICCOLO, 2008, p.01).

Para Lopes (2007 apud TEOBALDO, 2010), as mudanças provocadas pela globalização afetam a produção do espaço urbano, atingindo diretamente a formulação das políticas urbanas. Dentre muitos efeitos causados é possível destacar a espetacularização das cidades que surge como resultado do planejamento urbano estratégico, levando a promoção de cidades cada vez mais semelhantes e desconsiderando aspectos regionais de cada uma delas, ou utilizando elementos aparentes de caracterização regional que funcionam para diversos locais.

Para Souza (2009), o conflito dialético e infindável entre a permanência e a mudança marca a trajetória da urbanização de toda e qualquer cidade e/ou metrópole mundo afora. Estes são conceitos inerentes à evolução humana, e conseqüentemente, à evolução urbana, e a variedade e diferenciação de tais conceitos nas cidades residem na sua intensidade de uso: enquanto algumas culturas preservam mais do que destroem ao desenvolverem-se, o inverso também é verdadeiro, e esta medida será caracterizadora das particularidades de cada cidade mundo afora.

No caso de Patos, o processo de transformação da paisagem urbana sofreu ao longo dos anos uma brusca ruptura, passando da cena arcaica de uma cultura baseada no comércio de produtos agrícolas para uma cena modernista, com o seu produto arquitetônico transformado para atender as questões do seu intenso comércio de produtos industriais, evidenciando a falta de interesse ou preocupação com a preservação da memória e identidade arquitetônica da sociedade provincial que desenvolveu e fez parte do processo de crescimento da cidade.

Tinem (2010) expõe que, à luz do pensamento de Brandi, é pacífico o reconhecimento da existência de obras e conjuntos de valor artístico, que devem ser objeto de preservação

rígida, assim como a consciência de que já se efetuou uma ruptura irreversível entre o tempo das obras em questão e o tempo de hoje, o que implica em intervenções que devem responder a anseios e sensibilidades contemporâneas. O processo de transformação que vem sofrendo as cidades ao longo dos anos busca atender as demandas do mercado cada vez mais exigente que requer uma maior necessidade de espaço e curtos intervalos de tempo de construção, passando por cima do respeito à preservação da memória das gerações que fizeram parte e contribuíram para os avanços das sociedades.

Para Souza (2009):

As demolições conduzidas pelos promotores imobiliários não escolhem quais exemplares demolir, mas qual localização será mais vantajosa financeiramente. Antes as demolições de residências unifamiliares, atualmente demolições de edifícios multifamiliares, o próximo passo da destruição - a terceira geração - serão as implosões de edificações de grande porte? (SOUZA, 2009, p.17).

De acordo com Amorim (2007), escolher que exemplares devem sobreviver e quais podem perecer é um exercício necessário para que as cidades reconheçam a si próprias, pois têm personalidades distintas, e nós, a nós próprios, pois temos um pouco delas, como elas nos tem. Conferir imortalidade a algumas arquiteturas é criar elos de coesão no espaço e no tempo. Para a realidade de Patos, não parece haver algum critério para as destruições e transformações dos espaços, e parece que todo o repertório arquitetônico que fora produzido ao longo das décadas não é adequado ou passível de adequação aos usos que se pretendem atribuir aos empreendimentos, evidenciando uma situação de descaso quanto o resguardo dos valores imateriais, culturais e estéticos atrelados às edificações representativas das gerações passadas.

Para Castriota (2007), o patrimônio arquitetônico é percebido como uma espécie de “coleção de objetos”, identificados e catalogados por peritos, como representantes significativos da arquitetura do passado e, como tal, dignos de preservação, passando os critérios adotados aqui pelo caráter de excepcionalidade da edificação, à qual se atribuía valor histórico e/ou estético, caracterizando a importância cultural e social de um bem material edificado. A preocupação quanto à identificação e documentação dos patrimônios arquitetônicos mediante a atuação de órgãos competentes e eficientes dentro das cidades é a principal prática que resguardará a preservação de tais bens.

Amorim (2007) estabelece que a morte anunciada está relacionada ao valor de uso da arquitetura da época corrente, e a esse valor estão atribuídos todos os sentidos das leis de mercado, da demanda habitacional e dos investimentos imobiliários. Tais fatores ditam o potencial valor das edificações dentro da cidade, avaliando as possíveis e constantes substituições de uma arquitetura por outra, sem estar imbuído o senso de pertencimento ao lugar que tem esta ou aquela edificação, que já atravessou décadas ou séculos, e possui em suas paredes todas as marcas do tempo e da história garantindo uma simbologia cultural ao que pode ser considerado patrimônio arquitetônico. Assim, o principal motivo de tal morte muitas vezes se justifica pelas localizações privilegiadas, onde o valor real de cada obra não diz necessariamente a obra edificada, mas ao lote, à porção de terra que a mesma se encontra inserida.

A INFLUÊNCIA DO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA CIDADE DE PATOS NAS DEMOLIÇÕES

Patos é uma das mais importantes cidades do sertão paraibano, sua localização e sua malha viária garantem acessos a dezenas de cidades próximas, além de permitir ligação com os estados Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará. Toda essa acessibilidade viária garantiu à localidade, o destaque como grande centro de comércio do sertão por sua economia estar baseada no setor comercial e de oferta de serviços, com isto, converge grande percentual de pessoas, de todas as cidades de sua microrregião e de municípios de outros estados. A intensificação da polarização de tais setores foi responsável por provocar um fervoroso processo de modificação da paisagem bem como dos costumes e tradições da cidade.

Nas primeiras décadas do século XX até por volta de 1940, Patos era uma cidade pequena de fortes tradições e costumes que despontava no cenário local como polo de comércio e possuía sua economia baseada na produção do algodão, atraindo a atenção de grandes incorporadoras como a Anderson Clayton e Cia LTDA e a SANBRA, que, atraídas pelas condições especiais oferecidas pelo governo e a chegada do trem (vindo do Ceará), instalaram sedes na cidade.

O processo de transformação da economia, através da modernização industrial e a consequente instalação de indústrias do gênero alimentar e têxtil na cidade a partir de 1940, sintetiza uma das significativas dinâmicas urbanas, que acarretaram mudanças na configuração do espaço urbano de Patos. Com isso, tornou-se cada vez constante a instalação de edifícios para abrigar a gama de serviços que chegam à cidade. Além disso, as ruas foram alteradas para acomodar o trânsito de veículos que fazem o transporte de pessoas e mercadorias, e por fim, as residências são aprimoradas tomando características e aspectos modernistas.

A modernização se acentuou a partir de então, e passaram a serem visíveis as mudanças que sofreu o cenário local, onde a dinâmica de implementação de novos serviços com instalação de novas edificações acabaram norteando a ocupação e os usos da cidade. Dessa forma, era cada vez mais crescente o advento de novos empreendimentos ligados ao setor da construção civil que estava sempre buscando atender as exigências funcionais do comércio e da vida moderna.

Portanto, no final da década de 1950, a modernização de Patos já era uma prática bastante visível. O comércio já havia consagrado o município como polo de desenvolvimento do Sertão, sendo ponto de união entre os estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco. Além disso, havia recentemente recebido os trilhos que estabeleciam a ligação com Campina Grande, que por sua vez ligava-se aos principais centros urbanos do Nordeste (SILVA, 2011).

Em 1960, a polarização de Patos como centro comercial e o avanço da industrialização na cidade aumentou a necessidade de infraestrutura de transporte, e nessa época, as veredas e caminhos são transformados em rodovias, a exemplo da BR 230, que atribuiu ainda mais visibilidade e centralidade a região. O processo de expansão da localidade é visualizado e explicado mais tarde, em 1970, pelo crescimento da malha urbana ao longo

das rodovias que a corta.

Outro fator de destaque da década de 1970 é a instituição da Fundação Francisco Mascarenhas, uma entidade jurídica que implantou o ensino superior na cidade, tornando-se mais tarde um dos principais serviços ofertados.

De acordo com Cavalcante (2004), Patos já contava com toda a malha de equipamentos e infraestrutura que fortaleciam a oferta de serviços na região, dando a mesma uma posição de destaque no âmbito paraibano. Todo esse conjunto de avanços evidencia a cena do cotidiano moderno na década de 1970 (figura 01), e é possível se perceber as transformações que sofre a paisagem provincial (figura 01), que passa a receber todas as novas edificações modernas aliadas as necessidades de funcionalidade e espaço, além de aperfeiçoamento da infraestrutura urbana, sintetizando uma crescente modificação do espaço citadino decorrente das dinâmicas urbanas que se sucedem.

Figura 01 - Centro de Patos na década de 1950 (a) e na década de 1970 (b)



Fonte: SANTOS; SANTOS, 2011 (a) / LUCENA, 2014 (b)

O PROCESSO DE DISTORÇÃO DA MEMÓRIA DE PATOS

Nos registros do obituário da cidade (figura 2) pode-se ouvir falar de algumas vítimas ilustres como, por exemplo, o *cine Eldorado*, que passou a fazer parte da cena de Patos em 1934, inicialmente em um prédio na Rua Grande, atual Solon de Lucena, e posteriormente, em 1946 teve sua sede inaugurada na Rua Pedro Firmino, onde funcionou até 1971. De acordo com Wanderley (2009 apud SILVA, 2011) o cinema passou a possibilitar uma certa vida pública noturna na cidade de Patos. Foi também um ponto de novas sociabilidades, tendo em vista que, além da exibição de filmes, se tornou um ponto de encontro da juventude, sendo relacionado a ideia de sensibilidade exatamente por ter provocado um impacto na vida cotidiana, resultando em mudanças de comportamento, de atitudes ou visão de mundo.

Figura 2 - Mapa de localização das demolições.



Fonte: elaborado pelo autor

O novo prédio em estilo art déco, localizado no centro da cidade, acabou sendo ponto de atração de grande montante de pessoal que o frequentava para aproveitar dos filmes e dos espetáculos que eram exibidos no local, onde por muitos anos abrigou a função de teatro-cinema. Em 1971, o empreendimento foi negociado com a empresa de cinema São Francisco, que se encarregou da inauguração de nova sede do ramo cinematográfico – o cine São Francisco, localizado na confluência da Rua do Prado com a Rua 26 de Julho. Este se tornou outro ícone da história do entretenimento da cidade que até o início do século XXI seguiu com os espetáculos e sessões de cinema. Após o fechamento das portas das duas unidades de cinema, os edifícios passaram alguns anos abandonados, até chegarem aos seus óbitos.

Amorim (2007) evidencia que a obsolescência de certas atividades e com ela a da estrutura social e material que lhes dá suporte, é responsável pela morte de tipos edilícios que emergiram nos dois últimos séculos, e que caracterizaram, por sua abrangência, a arquitetura do século XX, dentre os mais interessantes estão as salas de cinema. Segundo o autor, a causa da morte (por abandono) para este tipo de edificação parece ser uma só e diz respeito à mudança na forma de distribuição e comercialização do produto cinematográfico, que acabou cedendo lugar para as novas mídias e hábitos.

Uma matéria publicada no jornal eletrônico Patos Online evidencia a importância que tinha o cine São Francisco para a memória de uma parcela da população que frequentou e pode comprovar o sucesso de público do “Gigantão do Prado”:

Não é preciso ter muita sensibilidade para perceber nos rostos o desconsolo de todos que passam por onde funcionou o Cine São Francisco. “O Gigantão do Prado”- onde muitos patoenses viveram horas de emoções, alegrias, tristezas, suspenses e aventuras, hoje vive em ruínas, de ossos a mostra. O estado de degradação e abandono do imóvel é visto por quem passa em frente. Ah! E se fosse só isso! Durante a noite os moradores e os que circulam por lá, se depararam com grupos de viciados em álcool e drogas, que fazem dos seus escombros moradia e até motel. O local primeiro foi vendido a Igreja Universal, em seguida foi repassado a um grupo empresarial, que derrubou as paredes do velho Chico, com objetivo

de transformá-lo em um grande empreendimento comercial para a Morada do Sol (AZEVEDO, 2011).

Os corpos edilícios tiveram fins distintos. No caso do *Cine Eldorado* (figura 03) e do *cine São Francisco* (figura 04), ambos foram destruídos. Os edifícios tiveram suas demolições realizadas por volta da década de 2010, vítimas da efervescência do comércio da área, onde cederam lugar para empreendimentos comerciais. No local onde estava fixado o *Cine Eldorado* está atualmente a Insinuante (figura 03), e no local onde esteve o cine São Francisco, tem-se um terreno ocioso (figura 04), onde será construído um centro comercial.

Figura 03 - Cine Eldorado na década de 1930 (a) e Loja Insinuante em 2016 (b)



Fonte: LUCENA, 2015, p.453 (a) / Acervo Pessoal (b)

Figura 04 - Prédio do Cine São Francisco na década de 1990 (a) e ruína do Cine São Francisco em 2011 (b)



Fonte: LUCENA, 2015, p.457 (a) / AZEVEDO, 2011 (b)

Para Veschambre (2014), a reflexão sobre os modos de apropriação do espaço se inscreve no contexto da “renovação urbana”, ou em outras palavras, da reciclagem de espaços abandonados, desvalorizados (mas geralmente bem localizados) seja pela demolição/reconstrução, seja pela reabilitação. Esta obsolescência dos espaços urbanos, geralmente pericentrais, suscita conflitos de apropriação, nos quais o registro do simbólico, em torno do conceito de patrimônio, em particular, é frequentemente evocado. A tônica por trás da renovação urbana maximiza a utilização do espaço urbano, demolindo na maioria das vezes edificações memoráveis abandonadas. Sobre esta ideia deve-se lançar o sentido máximo de apropriação do patrimônio arquitetônico e a defesa da readequação dos espaços ociosos para a manutenção da identidade daquele local por meio dos ícones que por décadas e gerações fomentaram o ideário e o cotidiano social.

Segundo Amorim (2007), em áreas urbanas consolidadas, construir é destruir, isto é, substituir estruturas arquitetônicas preexistentes, e em alguns casos, reestruturar o parcelamento urbano. Ele afirma que a produção em escala também altera modos de vida, pelo maior adensamento, pela modificação da relação entre a rua e edifício, pelos efeitos na mobilidade urbana e na distribuição de usos, tais situações além de provocar a

perca da memória e identidade do lugar acabam modificando a rotina da rua em que se insere.

Todos os mecanismos por trás no mercado imobiliário capitalista visam a dinâmica de valorização do empreendimento sem antes preocupar-se com a rotina e cotidiano do meio em que se pretende inserir. Esta lógica de mercado acaba empobrecendo a identidade do espaço e provocando novos fenômenos que mudam o comportamento e a experiência das pessoas com os espaços.

A substituição de antigas edificações por grandes empreendimentos acaba provocando uma nova modalidade de morte - a anunciada, cujas edificações mais assombradas pela mesma são as residências, segundo Amorim (2007) este tipo de morte de edifícios é a mais frequente e acontece por causa da oportunidade dada ao proprietário do imóvel. Um caso de destaque em Patos que diz respeito a este tipo de destruição de edificações memoráveis é inerente à demolição da Vila Doracy (figura 05), localizada na confluência das ruas Darcílio Wanderley com a Av. Rio Branco.

Figura 05 - Edifício Vila Doracy em 2013 (a) e sua demolição no mesmo ano (b)



Fonte: ABRANTES, 2013

Uma matéria publicada em jornal eletrônico da cidade evidencia a preocupação acerca da destruição do edifício:

A esquina da Rua Darcílio Wanderley em cruzamento com a Avenida Rio Branco, em pleno centro da cidade de Patos, abrigou durante mais de cem anos o casarão que se consolidou com o nome Vila Doraci. De acordo com informações extraoficiais, existia um processo judicial movido pelos proprietários que pedia a autorização da derrubada, mas o juiz da cidade, em sentença, negou. Os herdeiros recorreram e nesta terça-feira, dia 03, o Tribunal de Justiça da Paraíba – TJ/PB autorizou a derrubada, pois o prédio era tombado informalmente. (ANTERO, 2013).

É possível perceber a falta de respeito acerca das legislações patrimoniais e a conscientização das pessoas acerca da importância de edifícios como o supracitado para a manutenção da memória da cidade. Precisa-se entender a urbe além da óptica do valor capitalista, e encarar os edifícios como capazes de renovação e readequação, muito além disso, deve-se respeitar toda a história e cultura impregnada na matéria destes elementos que compõem a paisagem e a personalidade urbana. A vila Doracy (figura 06) manteve-se emblemática na confluência de importantes ruas do centro de Patos evidenciando o modo de morar e habitar de determinada época. Ela deveria ter sido respeitada como

um ícone símbolo de uma geração que consolidou ao longo dos anos a identidade e influência da cidade, deveria ter sido enxergada a beleza por trás de sua rusticidade e tê-la dotado de funcionalismo e utilidade. Porém, ela foi vista como algo obsoleto que não teria outro destino a não ser deixar de ser, assim a cidade corre o risco de perder parte de si ao permitir destruir importantes elementos arquitetônicos que a diferenciam das demais cidades.

Amorim (2007) relata que edifícios, salvo os transitórios, são concebidos para atender aos fins que lhe foram atribuídos, garantindo que as cidades sejam vistas pelo seu traçado e paisagem urbanos. As edificações públicas e/ou comerciais expressam e marcam a imagem da cidade com suas arquiteturas, por serem em maior escala e estarem dotadas de usos que acabam atraindo pessoas. Este tipo de edificação não está livre de ser acometida pela “morte anunciada”, onde as dinâmicas de transformação da cidade, com indexação de novos serviços e modalidades de comércio, requerem espaços que estejam totalmente moldados para o uso específico.

Como exemplos de edificações comerciais que foram sucumbidas pela “morte anunciada” temos o prédio da Loteria Federal (figura 07) e o Hotel Central (figura 08), ambas importantes edificações supostamente datada do final do século XIX e início do século XX, a primeira localizada no cruzamento da Rua Felizardo Leite e Grande (Solon de Lucena) e a segunda localizada no cruzamento das Ruas Epitácio Pessoa e Pedro Firmino. Estas edificações por muitos anos tiveram os seus usos do tipo comercial: a primeira passou de loteria federal a farmácia por volta da década de 1950, e, no final da década de 1960 a edificação foi demolida e cedeu lugar ao prédio do Banco Industrial (atual Banco do Nordeste) (figura 01), inaugurado em 1969. O Hotel Central cedeu lugar ao Edifício Estevão (figura 08).

Figura 07 - Loteria Federal na década 1940 (a) e Banco Industrial em 1969 (b)



Fonte: DINIZ, 2015

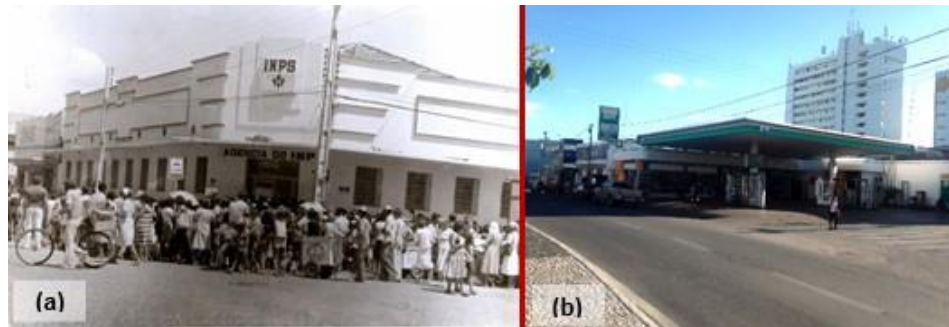
Figura 08 - Hotel Central na década de 1970 (a) e edifício Estevão em 2016 (b)



Fonte: DINIZ, 2015 (a) / Acervo Pessoal (b)

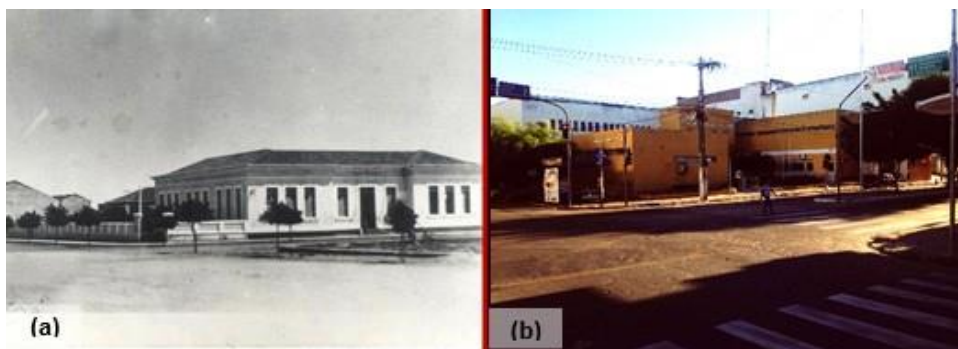
Podem-se evidenciar quanto aos edifícios de uso público, o prédio do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) (figura 09) e a escola Rio Branco (figura 10), ambas edificações datadas da primeira metade do século XX, aquela localizada no cruzamento da Rua Solon de Lucena e Bossuet Wanderley e esta no cruzamento das Ruas Epitácio Pessoa e Pedro Firmino. O INPS foi demolido e no seu lugar foi construído o Posto de Combustível Paizão (figura 09). A escola Rio Branco cedeu lugar para o Fórum Miguel Sátiro (figura 10) construído na década de 1970.

Figura 09 - Prédio do INPS na primeira metade do século XX (a) e Posto Paizão em 2016 (b)



Fonte: LUCENA, 2014 (a) / Acervo Pessoal (b)

Figura 10: -Escola Rio Branco na década de 1930 (a) e Fórum Miguel Sátiro em 2016 (b).



Fonte: DINIZ, 2015 (a) / Acervo Pessoal (b)

A esta prática de demolição do bem cultural e histórico edificado estão atrelados todos os ideais do mercado imobiliário, que na busca pela dinâmica de valorização da produção do espaço, preocupa-se com as localizações privilegiadas, como é o caso de todas estas edificações demolidas que foram relatadas. Localizadas em porções de terra no centro do comércio intenso que atendem a um fluxo contínuo de pessoas, tanto moradores da cidade como de cidades vizinhas, valorizam e tornam o centro da cidade um local propício para a instalação de novos pontos comerciais, que na maioria das vezes são acompanhados de novas edificações.

Outro tipo de destruição do patrimônio arquitetônico que ameaça a preservação da identidade e cultura das cidades é intitulada por Amorim (2007) como “morte por vaidade”. Neste caso as edificações acabam sofrendo modificações em sua forma, ameaçando a composição estética original da mesma. Segundo o autor, a arquitetura é um todo indissociável, onde, a remoção de alguns dos componentes constituintes da estrutura arquitetônica de qualquer edificação pode comprometer definitivamente sua identidade.

Um modelo representativo que sofreu este tipo de descaracterização em Patos é a sede

dos Correios (figura 11), inaugurada é 04 de julho de 1933. A edificação está localizada na Rua Epitácio Pessoa, no Centro da cidade, cujo prédio sintetizou a implantação e disseminação de um importante meio de comunicação instalado no município.

A edificação que originalmente foi edificada em estilo *art déco* passou ao longo das décadas por duas consecutivas transformações ocasionando uma consequente descaracterização do partido escolhido: a primeira na década de 1970, onde o edifício original foi demolido para a construção de um novo, entregue no ano de 1974; A segunda em 2012, com a realização de uma reforma. Tais ações promoveram alterações na organização dos espaços internos e alteração da composição de elementos estéticos das fachadas, como também alteração dos revestimentos e esquadrias.

Figura 11 - Sede dos Correios em 2012 (a) e na década de 1930 (b)



Fonte: CORREIOS, 2012 (a) / LUCENA, 2014 (b)

De acordo com Amorim (2007), as arquiteturas têm identidades construídas pela forma como organizam a vida dos homens entre espaços, mas principalmente por seus atributos físicos. Com isso é possível reconhecer paisagens, cidades e edifícios pelos elementos que os compõe, a forma como são arranjados e os materiais aplicados.

Os movimentos de uniformização da arquitetura, com a reconfiguração das edificações aos novos métodos construtivos, acabaram levando vários imóveis à modificação e destituição dos seus estilos originais. As edificações acabam passando por consecutivos processos de transformação do espaço e da estrutura, recebendo novos revestimentos e instalações, sem que o caráter historicista e cultural seja avaliado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amorim (2007) deixa claro o quão as cidades são frutos do constante processo de construir e reconstruir e, através disto, elas parecem adquirir identidade, renovação e necessária conservação daquilo que lhe é peculiar. Neste contexto, tem-se notoriedade o sentido de modificação da paisagem urbana que é constante, porém deve ser evidenciada a necessidade de contemplação e apreciação da indispensável preservação das edificações anexadas à malha urbana ao longo das décadas, pois são estas as responsáveis pela construção da identidade e memória das cidades.

O processo de estruturação urbana da vida cidadina justifica-se pela passagem conflitante e modificadora do passado para o presente, onde, neste processo, encontra-se enraizado o empasse entre a mudança (uma característica natural de qualquer cidade) e a permanência

que é vista como forma de controle da mudança. A este processo está imbuída toda a lógica de mercado imobiliário que ataca o setor fundiário e a questão de ocupação e uso do solo, centrando-se na dinâmica da valorização imobiliária, que garantam maiores lucros aos empreendimentos. Para isso, os agentes imobiliários promovem processos de modificação da paisagem construindo e reconstruindo empreendimentos que atenderão as demandas das sociedades.

Toda a lógica de produção do espaço urbano baseada nos princípios capitalistas acaba fazendo vítimas, são estas edificações representativas que vão sendo inscritas no obituário arquitetônico das cidades, onde muitas não foram sequer analisadas ou investigadas para se ter noção da importância, do valor ou da capacidade de requalificação e aprimoramento às demandas de tal mercado. A esta prática está anexada a fórmula de construção de cidades menos democráticas e mais egoístas, onde é possível enxergar construções de grandes centros comerciais onde as pessoas são apenas forças motoras de um sistema lucrativo, que não se preocupam com a criação de cidades saudáveis que garantam o bem-estar humano.

As dinâmicas urbanas do Centro da cidade de Patos permitem identificar uma lógica voltada para a adequação e valorização do setor comercial fervoroso, que garantiu um processo de apropriação massificado do uso comercial. Tal demanda de mercado acabou garantindo ao longo das décadas um processo de descaracterização do centro histórico e social, culminando em um espaço escravo da lógica capitalista que não avalia as formas de produção do espaço no processo histórico de construção da cidade, deixando de lado a preservação da identidade e memória social.

O que tem sido constantemente visto ao longo das ruas do Centro de Patos são processos de demolição e construção de edificações que atenderam as exigências econômicas do setor comercial. Tal prática estende-se desde 1940 com a intensificação da economia da cidade que passa a ser predominantemente comercial e industrial, onde, tais setores se consolidaram como processos dinâmicos que promoveram consecutivas mudanças na cidade. Com a efervescência de tais setores, a paisagem do espaço acabou sofrendo severas transformações (ainda são constantes nos dias atuais), que garantem o empobrecimento do repertório arquitetônico e da identidade do local.

No processo de investigação do objeto de estudo foi possível identificar demolições de edificações de diferentes usos que possuíram uma representatividade da história urbana tanto pelo contexto social quanto pela influência no comportamento da sociedade patoense em diferentes épocas. Diante de toda a problemática e após a identificação das edificações vitimadas, seja pela especulação, seja pelo setor comercial, seja pelo próprio abandono que gerou posterior falta de utilidade, é notória a falta de consciência patrimonial que impera na cidade.

Outra questão que influencia a realidade de destruição das edificações representativas da memória e identidade da cidade diz respeito à falta de órgãos competentes que garantam a problematização e consequente prática da conservação do patrimônio arquitetônico com base na realidade local, potencializando a falta de interesse ou de atividades voltadas às ações que fortaleçam a frequente discussão a respeito da manutenção da história do cenário citadino. Este fato afirma-se quando se evidencia apenas uma edificação que encontra-se tombada e protegida pelo IPHAN na cidade, a estação ferroviária, que só teve

o seu tombamento assegurado graças a um movimento de preservação do Patrimônio Cultural Ferroviário a nível nacional previsto no artigo 9º da Lei n.º 11.483/2007. Além disso, não é possível identificar quaisquer legislações ou movimentos de preservação e defesa do acervo arquitetônico detentor da cultura e memória da cidade.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Wesley. Amantes da cultura lamentam destruição de casarão centenário na cidade de Patos. **Rádio Espinharas**, Patos, 04 de Setembro de 2013. 02 Fotografias. Disponível em: <<http://radioespinharas.com.br/noticia.php?codigo=12355>> Acesso em: 15 de abril de 2016.

ACIAP, **Associação Comercial e Industrial de Patos**. Disponível em:<<http://www.aciapatospb.com.br/dados-economicos/>> Acesso em: 30/06/2016.

ALMEIDA, Adriana. **Difusão da Arquitetura Moderna em Campina Grande-PB: necessidades e desafios para preservação de um patrimônio ameaçado**. In: doco.mo.mo, 3., 2010. João Pessoa. Anais... João Pessoa: Paraíba, 2010.

AMORIM, Luiz. **Obituário arquitetônico: Pernambuco modernista**. Recife: Ed. UFPE, 2007.

ANTERO, Jozivan. Amantes da cultura lamentam destruição de casarão centenário na cidade de Patos. **Rádio Espinharas**, Patos, 04 de Setembro de 2013. Disponível em: <<http://radioespinharas.com.br/noticia.php?codigo=12355>> Acesso em: 15 de abril de 2016.

AZEVEDO, Lusângela. Cine São Francisco: Do “Gigantão” as “Ruínas” do Prado, **Patos Online**, 06 de Abril de 2011. Disponível em: < <http://www.patosonline.com/post.php?pagina=3&codigo=18397>> Acesso em: 15 de Abril de 2016.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Intervenções sobre o patrimônio urbano: modelos e perspectivas**. In: X Encontro Nacional da ANPUR, 2003, Belo Horizonte. Anais do X ENA. Belo Horizonte: ANPUR, 2003.

CAVALCANTE, Vilma Lúcia Urquiza. **A centralidade de Patos – PB: um estudo a partir de arranjos espaciais**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2008.

CORREIOS entrega novas instalações sexta. Sede continua provisoriamente na Rua do Prado. **Patos em Foco**, Patos, 25 de Julh. 2012. Disponível em: <<http://patosemfoco.com.br/post.php?codigo=3827>>. Acesso em: 30 de Jun. 2016.

DINIZ, Lavoisier Lino. **Patos, te amo Patos**. 2 fotografias. Disponível em:< <https://www.facebook.com/groups/patosteampatos/>>. Acesso em: 20 de mai. de 2016

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: . Acesso em: 03 jul. de 2016.

LUCENA, Damião. **Patos, te amo Patos**. 1 fotografia. Disponível em: < <https://www>.

facebook.com/groups/patosteamopatos/>. Acesso em: 20 de mai. De 2016

LUCENA, Damião. **Patos de todos os tempos: A capital do Sertão da Paraíba**. João Pessoa: Ed. A União, 2015.

PONTUAL, V.; PICCOLO, R. A demolição e a conservação das áreas centrais: planos, leis e transformações morfológicas no Recife, Brasil. In: X COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA. UNIVERSIDAD DE BARCELONA, 2008. Barcelona. **Anais eletrônicos**. Barcelona: UB, 2008. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-270/sn-270-138.htm>. Acesso em: 10 março de 2016.

SILVA, Josinaldo Gomes da. **Imagens do moderno em Patos – PB: (1934 – 1958)**. Campina Grande: Ed. UFCG, 2011.

SANTOS, José Ozildo; SANTOS, Rosélia. **Patos-Paraíba, uma viagem no tempo**. 01 fotografias. Disponível em:<<http://ozildoroseliafazendohistoriahotmail.blogspot.com.br/2011/09/patos-paraiba.html>> Acesso em: 30/06/2016.

SOUZA, Rafaella. A arte de envelhecer a cidade: processo de ocupação do bairro de boa viagem e as ações de demolição para novas construções. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 2009, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: Santa Catarina, 2009.

TEOBALDO, Izabela Naves Coelho. A cidade espetáculo: efeito da globalização. **Revista Sociologia**, Lisboa - Portugal, v. 10, p.137-148, 2010. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8791.pdf>. Acesso em: 09 de maio 2016.

TINEM, Nelci. Desafios da Preservação da arquitetura moderna: o caso da Paraíba. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, Salvador, v.VIII, 2009, p. 37-63.

VESCHAMBRE, Vincent. Em torno do patrimônio e da memória: questões de apropriação e de marcação do espaço. **GEOSABERES-Revista de Estudos Geoeducacionais**, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 51-58, 2015.

WANDERLEY, Helmara Gicceli Formiga. **Cotidiano, cultura e lazer em Pombal: as contradições do progresso (1927-1959)**. Campina Grande: Ed. UF

O IDEÁRIO IMPERIAL E A ARQUITETURA NEOCLÁSSICA NA PARAHYBA OITOCENTISTA

IMPERIAL IDEOLOGY AND NEOCLASSICAL ARCHITECTURE IN 19TH CENTURY PARAHYBA

RABELLO, JESSICA

Arquiteta e urbanista, mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Paraíba

CAVALCANTI FILHO, IVAN

Doutor em História da Arte, Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

A difusão da estética neoclássica no Brasil remete a meados do século XIX, após a chegada da Corte Portuguesa, quando passou a ser adotada como arquitetura oficial nas cidades mais importantes, na tentativa de suplantar sua imagem colonial através de novos cenários urbanos. Como reflexo desse ideário, a província da Parahyba (atual João Pessoa) teve seu patrimônio arquitetônico reanimado pela linguagem classicizante. Nos principais logradouros da capital ergueram-se novos edifícios, e a população, entusiasmada pelo progresso, testemunhou a “atualização” de prédios erigidos no período colonial através de reformas que os adequaram à nova estética. Considerando a importância do referido patrimônio, o presente ensaio reúne resultados de um Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, tendo por objetivo registrar a presença do neoclassicismo em edifícios públicos do período imperial e a atuação dos profissionais que os conceberam na Parahyba. Dada a ênfase na produção local, com bases na engenharia militar, o estudo destaca um tópico pouco explorado na historiografia, cuja relevância reside em dois aspectos principais: o primeiro diz respeito à contribuição teórica dentro da temática, e o segundo refere-se ao seu caráter documental, na medida em que permite inventariar o legado arquitetônico neoclássico na antiga Parahyba.

PALAVRAS CHAVES: neoclassicismo; arquitetura imperial; engenharia militar; Parahyba.

ABSTRACT

The diffusion of neoclassical aesthetics in Brazil dates back to the mid 19th century, after the arrival of the Portuguese Court, when it was adopted as an official architecture in the most important cities, in an attempt to supplant its colonial image through new urban settings. Reflecting this idea, the province of Parahyba (present day João Pessoa) had its architectural heritage revived by the classicizing language. New buildings were erected on the main streets of the capital, and the population, animated by progress, witnessed the “updating” of buildings erected in the colonial period through reforms that adapted them to the new aesthetics. Considering the importance of this heritage, the present work brings together research results of a Final Graduation Work in Architecture and Urbanism, aiming to register the presence of neoclassicism in imperial period public buildings and the performance of professionals who conceived them in Parahyba. Given the emphasis on local production, based on military engineering, the study highlights a topic little explored in the historiography, whose relevance lies in two main aspects: the first concerns the theoretical contribution about the theme, and the other according to its documentary character, as it allows to inventory the neoclassical legacy in Parahyba.

KEYWORDS: neoclassicism; imperial architecture; military engineering; Parahyba.

INTRODUÇÃO

Em meados do século XVIII, no contexto da Revolução Industrial, as principais capitais europeias tiveram sua produção arquitetônica reanimada por uma linguagem caracterizada por elementos formais próprios da Antiguidade Greco-romana – o neoclassicismo. A adoção de tal vertente na arquitetura resultou de reflexões e práticas que imperavam na época, como o entusiasmo com o pensamento iluminista, o surgimento da Arqueologia, as informações registradas nas publicações de História da Arte, e os efeitos das *Grand Tours* empreendidas pelos intelectuais aos sítios arqueológicos então conhecidos, além do descontentamento da sociedade com os abusos formais expressos na produção artística do barroco tardio e do rococó.

No Brasil, o estilo se consolidou cerca de um século depois e teve como sede primeira a cidade do Rio de Janeiro, sendo difundido, posteriormente, em outras capitais, a exemplo do Recife, que ainda ostenta precioso legado arquitetônico do gênero. Semelhantemente, a antiga cidade da Parahyba (atual João Pessoa) foi contemplada pela linguagem classicizante do Império, refletindo o ideário nacional. Novos prédios foram erguidos nos principais logradouros da capital e outros, de origem colonial, foram remodelados de acordo com a nova estética.

A fim de resgatar a importância desse acervo arquitetônico, o presente trabalho intenta identificar os fatores que impulsionaram a adoção do estilo em terras provincianas e reconhecer seu valor simbólico. Examinando o repertório também em termos estilísticos, o ensaio destaca a participação de engenheiros militares no desenvolvimento de uma arquitetura que renunciou ao caráter monumental e decorativo do academicismo francês, explorado exaustivamente pela historiografia, e aglutinou características da tradição colonial e do racionalismo da arquitetura clássica.

Para tanto, a pesquisa recorre à revisão bibliográfica sobre o tema e à pesquisa documental acerca dos exemplares arquitetônicos especificamente, considerando o papel de destaque dos engenheiros militares na produção desse repertório. Tendo em vista que parte dele foi alterada *a posteriori*, os registros iconográficos foram fundamentais para a identificação e o mapeamento de imóveis do gênero.¹ O levantamento fotográfico e das respectivas plantas baixas compõem o material produzido que, somados aos dados históricos, reúnem todas as informações básicas acerca de cada prédio.² Dessa forma, pôde-se compreender o percurso histórico da produção neoclássica na Parahyba através de edificações expressivas da época, destacando os profissionais que as conceberam e as características mais recorrentes no repertório, sob a ótica dos parâmetros compositivos clássicos.

O NEOCLASSICISMO EUROPEU A VERTENTE BRASILEIRA

A arquitetura neoclássica tem suas origens na Europa do século XVIII e constituiu a expressão arquitetônica do pensamento iluminista, que defendia uma nova ordenação

¹ Com o intuito de adaptar a pesquisa às dimensões deste ensaio, foram destacados apenas seis dos treze edifícios identificados, a saber o Quartel de Polícia (atual Casa do Artesão), a Cadeia Pública (antiga Central de Polícia), o Palácio do Governo (atual Palácio da Redenção), o Tesouro Provincial (atual sede do Comando Geral da Polícia Militar), o Teatro Santa Roza e o Quartel de Linha (atualmente ocupado pelo 1º Batalhão da Polícia Militar).

² É importante destacar que, por terem uso institucional e por razões de segurança, as plantas baixas atuais dos prédios foram representadas de forma esquemática, onde foi priorizada a organização dos espaços internos do pavimento térreo, relevando a posição das aberturas. Não obstante, foram rigidamente respeitadas as proporções do perímetro geral dos imóveis e dos respectivos cômodos.

racionalista do mundo, inspirada nos ideais da democracia grega, nas virtudes morais de Roma e na excelência natural do homem primitivo. A aspiração iluminista encontrava na cultura clássica a solução para regenerar a produção arquitetônica da extravagância do barroco tardio e do rococó, sintomática dos excessos da sociedade moderna. Para superar tal prática, a arquitetura deveria recobrar seu fôlego na sobriedade e nobreza dos princípios da Antiguidade greco-romana e do Renascimento, que refletiam submissão ao domínio do pensamento através de traços decorativos passíveis de serem racionalmente justificados. Esse debate também teve o suporte dos estudos arqueológicos e das publicações sobre História da Arte, que traziam à tona reflexões sobre modernidade e tradição arquitetônica, e, embebidos nos ideais iluministas, impulsionaram o surgimento do revivalismo clássico.

Na França, essa tendência vigorou nos ensinamentos da École des Beaux-Arts e da École Polytechnique, cujos modelos tornaram-se referenciais no que diz respeito à formação acadêmica dos arquitetos e engenheiros. Os arquitetos egressos da École des Beaux-Arts buscavam aplicar partidos comumente utilizados na Antiguidade, optando pela monumentalidade e pela imponência dos edifícios, de forma que traduzissem o espírito do recente Estado revolucionário. No entanto, dentro de um contexto de Revolução Industrial, surgiu também a necessidade de criar soluções que atendessem à nova demanda de usos das cidades: fábricas, estações ferroviárias, hospitais, prisões, escolas. Nesse sentido, a metodologia desenvolvida por Jean-Nicolas-Louis Durand na École Polytechnique optou pelo pragmatismo e pela funcionalidade, facilitando, assim, a maneira de projetar tais edifícios. Durand elegeu a *utilitas* como fator mais importante da tríade vitruviana, considerando que a *firmitas* seria um meio para se alcançar a funcionalidade, e a *venustas* seria obtida como resultante final da composição (MENDES *et al*, 2011, pág. 35-37). Seu raciocínio era simples, utilizando-se de um reticulado quadrado como base para a modulação, de modo a permitir futuras ampliações ou acréscimos sem a perda da unidade formal.

Durante o século XVIII, a maioria dos arquitetos europeus trabalhava para o governo, conseqüentemente, seus projetos eram, com frequência, concebidos para servir funções públicas e exaltar o Estado; afinal a arquitetura era vista como um meio de fomentar a consciência cívica, segundo os preceitos morais da Antiguidade. Nesse sentido, os princípios ‘universais’ da arquitetura clássica consolidaram-se através da construção de monumentos importantes na Europa, que serviram de modelo para outros países, como Estados Unidos e Brasil.

No contexto nacional, a difusão da linguagem remete a meados do século XIX e está diretamente ligada à vinda da Família Real Portuguesa, que, fugindo das tropas napoleônicas, transfere-se de Lisboa para o Rio de Janeiro. Junto com a Corte, desembarcaram as grandes cerimônias, as missas de ações de graças e os monumentos comemorativos, que conferiam o caráter cênico e pomposo da sociedade imperial. A “lógica do espetáculo” instaurada pela Família Real tinha como objetivos, entre outros, “[...] criar uma memória, dar visibilidade e engrandecer uma situação, no mínimo, paradoxal” (SCHWARCZ, 1998, pág. 50). A retórica grandiloquente, dentro de um cotidiano de escravidão, violência e desigualdade, estava longe de corresponder à idealização neoclássica do heroísmo. No entanto, buscava-se, aos poucos, reafirmar a imagem civilizada e constitucional do Estado através de ações de embelezamento e modernização nas principais cidades brasileiras. Afinal, a então capital do Brasil não se encontrava à altura das exigências da Corte, cuja referência era a Lisboa pombalina, reconstruída após o terremoto de 1755 sob as tendências do neoclassicismo europeu (MOURA FILHA, 2000, pág. 48).

Além do inegável apelo estético evocado pela arquitetura imperial, a iniciativa de construir novos prédios também estava ligada a uma necessidade funcional, uma nova demanda de usos: “A Côrte e as capitais das províncias vão exigir instalações condígnas para secretarias de governo, assembleias, hospitais, escolas, faculdades, instituições de crédito [...]” (BARATA, 1954, pág. 04). As edificações outrora centralizadoras do poder civil e eclesiástico passaram a dividir as atenções com outros programas arquitetônicos que incorporavam o novo cotidiano da vida urbana. Dessa forma, o neoclassicismo se configurava como arquitetura oficial do Império, fortalecida pela atuação de arquitetos e engenheiros de formação classicista, que desenvolveram o ensino oficial de arquitetura no Brasil.

Inaugurada em fins de 1826, no Rio de Janeiro, a Academia Imperial de Belas-Artes introduziu o ensino artístico acadêmico no país, sob a direção de artistas e estudiosos franceses, entre eles, Grandjean de Montigny, responsável pela implantação do ensino regular de arquitetura. Apesar de sua expressiva atuação, o modelo de ensino por ele ministrado reproduzia as lacunas de sua formação profissional na Academia parisiense, que já vinha sendo criticada na própria França por seu conservadorismo e, principalmente, por preparar profissionais sem conhecimentos suficientes para resolver bem os aspectos funcionais e tecnológicos dos edifícios. Segundo depoimentos da época, os projetos concebidos por Montigny apresentavam sérios problemas de estabilidade, iluminação e organização espacial, antes favorecendo o largo uso de adornos caros e desnecessários, inspirados nas grandes obras clássicas do passado. Sob essa ótica, o arquiteto tornava-se um ótimo desenhista e projetista de fachadas, mas não um profissional completo (SOUSA, 2001, pág. 53-54).

Segundo Sousa (2001, pág. 76), os projetistas egressos da Academia tendiam a ficar no Rio de Janeiro e imediações. Com o gradual descrédito, o modelo de ensino acadêmico foi superado pela eficiência técnica da engenharia militar, cujas raízes remetiam à École Polytechnique. A metodologia impregnada de racionalismo, economia e austeridade estética preconizada pela engenharia militar refletiu a aplicação dos ensinamentos de Durand, autor de uma referência básica no curso da Academia Militar - *Précis des leçons d'architecture* (SOUSA, 2001, pág. 71). O projeto para a sede da Academia, desenvolvido por Pierre Joseph Pézerat, arquiteto oriundo da Politécnica parisiense, constituiu um dos primeiros exemplares baseados na modulação e nos parâmetros compositivos de Durand. Em termos de volumetria, a composição era marcada pela sobriedade formal e pela presença dos elementos básicos do classicismo, partido amplamente adotado nas capitais provincianas.

Em 1860, a maioria das edificações oficiais modernas do Brasil Imperial apresentava a linguagem neoclássica, sobretudo no Rio de Janeiro, e nas capitais mais importantes – na época, Salvador, Recife, Belém e Porto Alegre. Acerca da capital pernambucana, Sousa (1994, pág. 18) reforça seu destaque no cenário da arquitetura imperial: “Recife deu ao movimento uma contribuição equivalente ou mesmo superior à do Rio de Janeiro, sobretudo se se toma como parâmetro de avaliação a originalidade das obras, caso em que Recife passa a ocupar uma posição de primazia”. Para o autor, a arquitetura produzida no Recife manifestou uma maior aproximação com a tradição colonial, sendo orientada pelo utilitarismo e pela austeridade da engenharia militar (SOUSA, 1994, pág. 92).

Dentre os centros menores que integraram a área de influência do Recife estava cidade da Parahyba, que, por sua proximidade à capital pernambucana, conheceu amplamente o classicismo imperial, adotando a linguagem em quase todos os seus prédios oficiais,

geralmente situados em logradouros importantes da urbe. Apesar de ter perdido parte desse patrimônio devido à sobreposição de vertentes modernizantes do século XX, registros iconográficos confirmam a presença da estética neoclássica na cidade, cujo legado constitui objeto da próxima seção.

O NEOCLASSICISMO NA ARQUITETURA INSTITUCIONAL DA PARAHYBA

O ideário nacional de civilização e modernização ecoou na capital paraibana ainda na primeira metade do século XIX, entretanto, no âmbito da arquitetura, as manifestações mais expressivas ocorreram apenas a partir de 1850, devido às condições econômicas pouco propícias e à falta de mão de obra. Apesar de não ter alcançado os padrões urbanísticos das capitais mais desenvolvidas, como Recife, a Parahyba oitocentista foi marcada pelo espírito progressista do Império, que repudiava os modos provincianos do período colonial: “É tempo pois de sairmos desse marasmo deshonroso; a época é de progresso e sua influencia deve igualmente repercutir em todos os anglos da cidade e em todos os pontos da provincia” (O PUBLICADOR, 02 mar. 1864, pág. 04).

A nota divulgada no jornal O Publicador traduz a ambiguidade vivida pela sociedade paraibana do século XIX: de um lado o descontentamento frente ao atraso e a má direção das obras públicas; do outro, o entusiasmo pelo ideário imperial, disseminado na imprensa e nos discursos dos presidentes da província. Esses relatos representam a principal fonte de informações sobre a capital provinciana e revelam o contexto ideológico do governo, salientando o papel de civilizar a cidade em detrimento das dificuldades financeiras e técnicas para a sua urbanização.³

Além dos fatores socioculturais relacionados à recente independência, esse cenário refletia as condições econômicas desfavoráveis da época, agravadas pelas secas periódicas e pelas dificuldades na organização das instituições governamentais. Afinal, os presidentes da província assumiam os cargos por um ou dois anos, no máximo, e o rodízio era tão intenso que praticamente impossibilitava qualquer esforço de realização administrativa (SILVA, 2007, pág. 86). Ademais, as obras dependiam da liberação de verbas do Governo Imperial e da competência técnica para efetivá-los, ou seja, da existência de engenheiros e trabalhadores (SILVA, 2007, pág. 97).

O presidente Francisco Xavier Monteiro de Franca, por não considerar a capital civilizada a ponto de precisar de “edifícios sumptuosos”, chegou a afirmar que não seria necessário contratar engenheiros para esta função (PARAHYBA DO NORTE, 1841, pág. 07). Entretanto, foi ele mesmo quem sancionou o decreto de 20 de abril de 1840, encontrado no Arquivo Público de João Pessoa, que anunciava a criação de um órgão responsável pela administração das obras públicas, realizadas por meio de empresas, arrematação ou administração (AP, 1840, *apud* SILVA, 2007, pág. 98). As edificações que, por sua natureza, não pudessem ser orçadas com exatidão e entregues por contrato a empresas provinciais, seriam confiadas a arrematantes. No caso de não haver concorrentes à arrematação ou por quaisquer razões que o Governo julgasse mais vantajosas, as obras poderiam ser realizadas por administração, sendo entregues aos cuidados do “Engenheiro da Província”, profissional responsável pela supervisão das obras públicas.

Nos relatórios da província, em geral, esses engenheiros eram mencionados pelo cargo

³ Considerando que a impressão dos relatórios dos presidentes da província só teve início a partir de 1837, os arquivos consultados neste estudo correspondem ao período de 1837 a 1900.

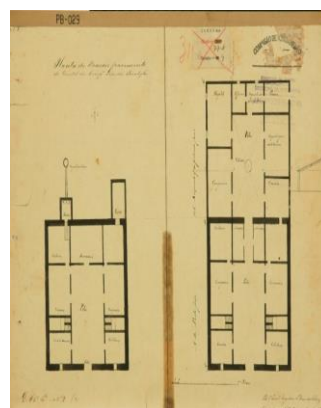
que exerciam e não pelos seus próprios nomes, por isso nem sempre é possível identificar a quem os presidentes se referiam em suas pronunciações. Nesse sentido, o primeiro profissional do ramo a ser reconhecido nos documentos como encarregado das obras da província foi o 2º tenente do Imperial Corpo de Engenheiros, Francisco Pereira da Silva, no relatório de João Antônio de Vasconcellos, em 1848 (PARAHYBA DO NORTE, 1848, pág. 12). Apesar de sua expressiva atuação nas obras de infraestrutura e levantamentos realizados em todo o estado, o engenheiro também executou reformas em prédios públicos importantes e foi responsável pela construção do Quartel de Polícia (Figura 01). Neste empreendimento, adotou-se a mão de obra de presos sentenciados, admitidos como serventes por decisão do presidente da província, o Coronel José Vicente de Amorim Bezerra.⁴ Segundo ele, a construção era feita com solidez, brevidade e a maior economia, sob a direção do referido engenheiro que, por sua inteligência, honradez e incansável zelo, era digno de toda consideração e elogio (PARAHYBA DO NORTE, 1850, pág. 22).

Figura 01: Antigo Quartel de Polícia, 1875



Fonte: Acervo Humberto Nóbrega

Figura 02: Planta do primeiro pavimento do Quartel da Companhia Fixa da Paraíba



Fonte: Arquivo Histórico do Exército - AHEx

Além da incontestável preferência pela estética neoclássica nas fachadas do edifício, Francisco Pereira da Silva preocupou-se em definir sua organização espacial segundo as regras de simetria, axialidade e hierarquia dos ambientes. A primeira planta baixa traçada para a edificação era um quadrado regular composto por um amplo vestíbulo ladeado por duas escadas, uma em cada lado, em torno do qual dispunham-se os cômodos, remetendo ao rigor palladiano. O plano final (figura 02) trata-se da ampliação do primeiro desenho, solicitada pelo presidente da província (PARAHYBA DO NORTE, 1850, pág. 22). O engenheiro reproduziu o mesmo esquema da primeira planta, ao adicionar os ambientes em torno de um pátio aberto com as mesmas dimensões do vestíbulo. Assim, manteve-se a noção de unidade e simetria através de um traçado orientado pela racionalidade e pela clareza construtiva que, além de garantirem sua funcionalidade, refletiram sua filiação classicizante.

Os últimos registros da atuação de Francisco Pereira da Silva nas obras provinciais remetem ao ano de 1852. Tudo indica que tenha exercido a função de engenheiro da província até o final de 1853, quando o capitão Affonso de Almeida e Albuquerque foi nomeado para ocupar o cargo (PARAHYBA DO NORTE, 1854, pág. 07). Nesse mesmo ano, iniciava-se a construção do teatro público da capital, pelo sistema de empreitada. Foi contratado um mestre pedreiro bem conhecido na província, o italiano Antônio Polari, que visitara várias vezes Recife a fim de conhecer a arquitetura empregada por

⁴ Devido à escassez de mão de obra, era uma prática comum o alistamento de índios, presos, escravos fugidos e até mesmo flagelados da seca para serem operários nas obras públicas.

Vauthier no teatro Santa Isabel (MOURA FILHA, 2000, pág. 159). Não é por acaso que os presidentes, por vezes, referem-se ao mestre italiano como artista. Sua destreza e sua competência técnica garantiram inúmeros contratos no setor das obras públicas e seu prestígio na comunidade paraibana. A construção do teatro, contudo, foi paralisada em 1857, e retomada mais tarde, para atender a outra função.

Nesse ínterim, realizava-se a edificação da cadeia pública, que também seguiu o sistema de empreitada sob a direção de Polari (PARAHYBA DO NORTE, 1853, pág. 12). No entanto, o mestre de obras só se preocupou com a solidez do edifício, não dando importância para a duração prolongada das obras. Diante disso, o presidente Antônio Costa Pinto e Silva rescindiu o contrato e abriu nova concorrência. Por fim, escolheu o ilustre engenheiro português Francisco Soares da Silva Retumba para finalizar a obra (NÓBREGA, 1962, pág. 13-14). Certamente, este seguiu o partido concebido por Polari, mantendo linhas próprias da estética imperial (Figura 03).

Figura 03: Antiga Cadeia Pública, 1910



Fonte: Acervo Humberto Nóbrega

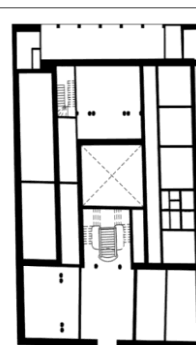
A administração mais marcante no que diz respeito às obras públicas é, sem dúvida a de Beaurepaire Rohan, considerado o presidente mais operoso que teve a província. Segundo Silva (2007, pág. 106), assim como os letrados brasileiros da época, o governante era influenciado, de um lado pelo cientificismo e ideais progressistas, do outro, pelo Romantismo rousseauiano, que evocava os sentimentos nativistas e nacionalistas. Essa concepção, que também era reflexo de sua formação e de sua experiência,⁵ manifestou-se através da preocupação com a infraestrutura da cidade e com os prédios institucionais, símbolos do Império Brasileiro. Supõe-se que a iniciativa mais representativa nesse sentido tenha sido a reforma do Palácio do Governo (Figura 04), que, segundo Nóbrega (1965, pág. 25), pode ser considerada a primeira grande intervenção pela qual passou imóvel.

⁵ Henrique de Beaurepaire Rohan era filho dos condes de Beaurepaire, que acompanharam a Família Real ao Brasil em 1807. Bacharel em ciencias physicas e mathematicas, chegou a assumir, como engenheiro, a direção das obras públicas na capital do Império. (BLAKE, 1895, vol. 3, pág. 213-216)

Figura 04: Palácio do Governo, 1910



Figura 05: Planta baixa do pavimento térreo do Palácio da Redenção



Fonte: Acervo Humberto Nóbrega

Fonte: Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado - SUPLAN, 2013 (Edição: Jessica Rabello)

O edifício funcionou como Convento dos Jesuítas até a expulsão dos religiosos pelo Marquês de Pombal no século XVIII, e, em 1771, passou a sediar o Governo. Na narrativa das obras executadas em 1858 por Beaurepaire Rohan, verifica-se que o prédio era disposto em forma de U e o andar térreo abrigava a repartição dos Correios. Para ligar entre si as duas alas do edifício, no intento de melhor acomodar suas funções, B. Rohan mandou construir mais um repartimento com um terraço ao nível do pavimento superior (PARAHYBA DO NORTE, 1859, pág. 09). Assim, o antigo claustro dos jesuítas converteu-se em pátio central e, em torno dele, foram dispostos os cômodos segundo a hierarquia funcional (Figura 05). No vestibulo, uma ampla escadaria em mármore, ladeada por um pórtico dórico, dá acesso ao *piano nobile*, onde situam-se os salões nobres do edifício, em analogia à tradição renascentista.

Tudo indica que foi essa a reforma responsável por substituir as feições coloniais pela sóbria composição neoclássica, caracterizada pela presença de aberturas em verga reta no térreo, e aberturas em balcão de ferro e bandeiras em arco pleno no pavimento superior, cujo coroamento era composto por platibanda contínua sobre cornija e frontão triangular contendo o brasão do Estado. O relatório de B. Rohan não oferece detalhes acerca de alterações nas fachadas, mas é preciso no que concerne à funcionalidade dos espaços e ao esmero com o interior, cuja tônica imperial perpetua-se até os dias atuais e relembra com louvor a passagem de D. Pedro II no palácio.

Anos mais tarde, algumas repartições públicas importantes precisavam ser realocadas devido à carência de acomodações adequadas para sediá-las. Diante da demanda, o presidente Francisco de Araújo Lima recomendou que fosse retomada a construção do teatro público, de forma a aproveitar sua estrutura para outra finalidade (PARAHYBA DO NORTE, 1863, pág. 33). Finalmente, em 1865, a construção foi entregue à administração do engenheiro civil Antônio Manoel de Mello Júnior, recém-chegado do Rio de Janeiro (PARAHYBA DO NORTE, 1865, pág. 20-21). Todavia, insatisfeito com o andamento das obras, o então presidente Felizardo Toscano de Brito, tentou arrematá-las no ano seguinte e resolveu, por fim, prosseguir com o sistema de administração, dessa vez, sob o comando do capitão Luiz Estanilão Rodrigues Chaves (PARAHYBA DO NORTE, 1866, pág. 32-33).

Considerada uma das mais importantes para a capital, pelas proporções e pela utilidade que tinha de prestar, a construção destinada ao Tesouro Provincial foi executada com solidez e elegância, apresentando, contudo, alguns defeitos por tratar-se da adaptação de uma estrutura originalmente atribuída ao teatro (PARAHYBA DO NORTE, 1868, pág. 15).

Concluído em 1868, no Campo do Conselheiro Diogo, o imóvel compreendia os elementos básicos da linguagem imperial (Figura 06), dentre os quais o frontão triangular sobre a cornija na fachada principal e as pilastras intercaladas entre as aberturas em arco pleno, cuja leitura foi completamente alterada por uma intervenção no século XX.

Figura 06: Tesouro do Estado, 1910



Fonte: Acervo Humberto Nóbrega

Logo após a inauguração do prédio do Tesouro, já se falava na construção de um novo teatro, cuja pedra fundamental seria lançada cinco anos mais tarde no mesmo logradouro. O Theatro Santa Cruz, como era chamado a princípio, teve sua construção iniciada por uma entidade particular – a Sociedade Dramática de Santa Cruz – e foi concluído pelo Governo em 1889 devido à falta de recursos por parte da referida entidade. Tendo assistido a solenidade de colocação da pedra fundamental, o presidente Francisco Teixeira de Sá enaltece o empreendimento, uma vez que “[...] tem por fim dotar esta cidade de um monumento de civilização e de gosto pelas bellas artes, auxiliando a sociedade com uma subvenção sob as condições que forem razoavelmente cabíveis” (PARAHYBA DO NORTE, 1873, pág. 20).

Não só pelos benefícios culturais que trouxe à comunidade paraibana, mas, especialmente, pelo o que representou de belo e imponente em termos arquitetônicos, o Teatro Santa Roza pode ser considerado um dos mais elegantes e úteis monumentos da capital (Figura 07). A fachada principal é guarnecida de corpo central com dois pavimentos arrematados por um frontão clássico. As pilastras remetem à ordem colossal renascentista, com capitéis jônicos, que apoiam o entablamento. Sua composição geral apresenta aberturas coroadas por bandeiras em arco pleno com cercaduras em alvenaria, três das quais providas de balcões de ferro.

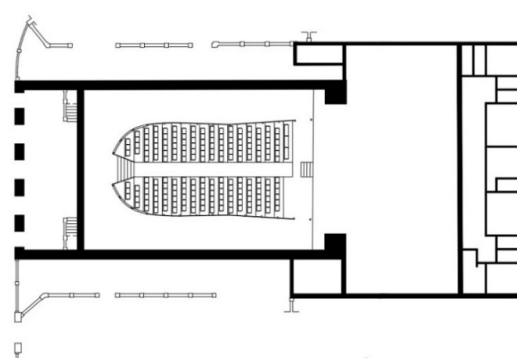
Quanto à configuração interna, a edificação apresenta um imponente vestíbulo de pé direito duplo, com acesso para a plateia e os camarotes superiores. Já a sala de espetáculo é totalmente feita em pinho de riga natural, desde as colunas de seção circular, até os balaústres, os parapeitos, as treliças divisórias, o forro e as luminárias. A planta segue a tipologia de palco à italiana e plateia em forma de ferradura, com dois níveis de camarotes (Figura 08). O modelo foi adotado em diversos teatros brasileiros e tem como referência mais famosa o Teatro Alla Scala, em Milão, considerado um estereótipo do teatro burguês e um marco arquitetural do neoclassicismo.

Figura 07: Teatro Santa Roza, 1910



Fonte: Acervo Humberto Nóbrega

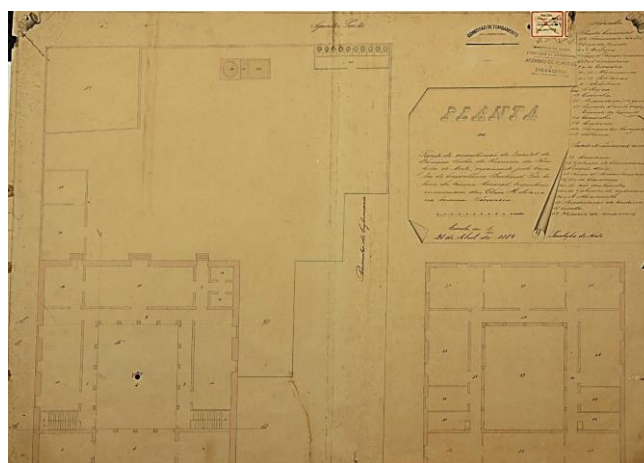
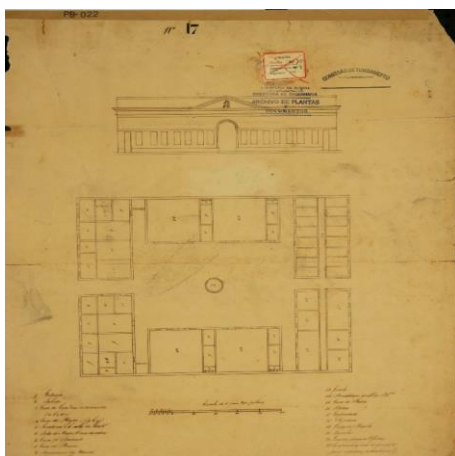
Figura 08: Planta baixa do Teatro Santa Roza



Fonte: SUPLAN, 2016 (Edição: Jessica Rabello)

Na segunda metade do século XIX, com o desenvolvimento das obras públicas, verifica-se a confluência de diversos profissionais encarregados dos trabalhos da província. Entretanto, nem todos os projetos dessa época são claramente discriminados nos relatórios oficiais, como é o caso da reforma do Quartel de Linha. Pôde-se encontrar, contudo, dois documentos referentes à repartição militar no Arquivo Histórico do Exército (AHEx). O primeiro trata-se do projeto de um quartel para a província da Parahyba, assinado pelo major Paulo José Pereira em 1858 (Figura 09). Apesar de, supostamente, não ter sido executado, o plano apresenta nítidos traços classicizantes, tanto no que diz respeito à planta baixa quanto à composição da fachada. O segundo documento é o projeto de reconstrução do Quartel de 1ª Linha, datado de 28 de abril de 1884,⁶ pelo capitão Tito Antônio da França Amaral (Figura 10). A planta reproduz os moldes comumente adotados no classicismo imperial, com a presença de pátio interno, vestíbulo e escadarias laterais. Além disso, o desenho apresenta a delimitação do perímetro da enfermaria militar (anexa ao quartel) e permite compreender como se deu a unificação dos dois prédios.

Figura 09: Projeto de um quartel para a província da Paraíba Figura 10: Planta do Projeto de reconstrução do Quartel de Primeira Linha da província da Paraíba do Norte



Fonte: Arquivo Histórico do Exército - AHEx

Assim, considerando a configuração atual, percebe-se que a antiga divisão entre o quartel e a enfermaria corresponde à parede mais espessa que demarca longitudinalmente a edificação (Figura 12). Tudo leva a crer que o 'vazio' da ala norte possuía as mesmas proporções do pátio ao sul, sendo ambos alinhados com os frontões da fachada principal.

⁶ A data corresponde às informações dadas por Jardim (1911, pág. 106), ao acrescentar, no ano de 1889, que o edifício se achava em reconstrução desde 1884.

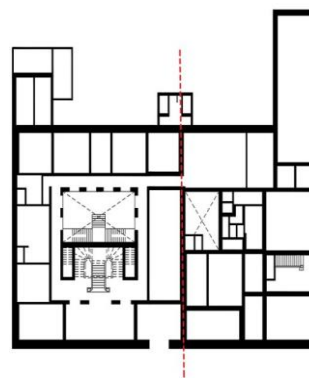
Nesse sentido, a preferência por adotar dois frontões ao invés de um, como costumava-se utilizar, revela o compromisso com a clareza construtiva. A volumetria expressa unidade, mas também sugere uma dupla espacialidade, derivada da união de duas edificações (Figura 11).

Figura 11: Antiga Assembléia Legislativa, 1910

Figura 12: Planta baixa do pavimento térreo da sede do 1º Batalhão da Polícia Militar



Fonte: Acervo Humberto Nóbrega



Fonte: SUPLAN, 2013 (Edição: Jessica Rabello)

É válido destacar que a produção dos engenheiros na província da Parahyba não se restringiu ao patrimônio material elencado. No ocaso do Império, o capitão de engenheiros Dr. João Claudino de Oliveira Cruz dedicou um olhar especial sobre a cidade,⁷ compondo dois trabalhos de cunho técnico e teórico, que foram publicados no jornal *Gazeta da Parahyba*, sugerindo a participação popular na discussão urbanística. O primeiro, intitulado *Ligeira analyse da construcção de predios*, foi divulgado em 1888 com intenção de contribuir para a melhor qualidade da arte de construir. O autor percorreu sobre a fundação dos edifícios, paredes, argamassas, esquadrias, madeiramento e telhado, recomendando as melhores formas de executar cada uma dessas partes. Afinal, segundo ele, o atraso e a ignorância aos princípios da ciência eram as principais causas dos desacertos (*GAZETA DA PARAHYBA*, 01 nov. 1888, pág. 03).

Em *Melhoramentos da Capital da Parahyba*, publicado em 1889, o engenheiro descreve características da cidade, enfatizando os predicados naturais da região em contraponto às deficiências na estrutura urbana, a partir do qual sugere medidas e soluções a serem implementadas. Para ele, uma única causa poderia impedir esses melhoramentos, a descrença por parte da população, daí a importância de informá-la através de um conteúdo acessível, apresentando-os como medidas civilizadoras desejáveis à sociedade (*GAZETA DA PARAHYBA*, 09 jan. 1889, pág. 03).

Dada a ênfase no tom progressista do engenheiro João Claudino, nota-se também certa repetição de reivindicações antigas, que remetem ao tempo do presidente Beaurepaire Rohan. Apesar disso, sua abordagem, argumentos e, principalmente, seu público-alvo – não mais médicos, engenheiros e administradores, mas a população – conferem ao trabalho um caráter inovador e a sua importância histórica, visto que registra o panorama da cidade em fins do século XIX.

⁷ João Claudino de Oliveira Cruz era bacharel em mathematica e sciencias physicas, tenente-coronel do Corpo de Engenheiros e exerceu o cargo de diretor das obras militares de Pernambuco. Escreveu também o Guia de construções, publicado em Recife no ano de 1894 (BLAKE, 1895, vol. 3, pág. 397)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendendo o entusiasmo pela estética neoclássica no Brasil Imperial, não se pode ignorar a monumentalidade que caracterizou a produção arquitetônica do Rio de Janeiro e arredores, reflexo da retórica grandiloquente da Corte que reverberou nas principais cidades do Império, em especial no Recife. Devido à proximidade com a capital pernambucana, a Parahyba igualmente incorporou a linguagem imperial aos prédios públicos mais importantes da cidade a fim de comprovar sua autonomia como capital através da construção de novos cenários urbanos.

No que concerne à arquitetura produzida nesse período, foi evidenciada a homogeneidade formal dos exemplares construídos ou reformados segundo os parâmetros da linguagem neoclássica, que reproduziam, de forma geral, o partido adotado na sede da Academia Militar. O repertório foi caracterizado pela presença dos elementos básicos da estética classicizante do Império: o uso de frontões triangulares, platibandas e cornijas no coroamento do edifício; e a recorrência de cunhais e pilastras definindo verticalmente o ritmo das aberturas – sempre dispostas simetricamente em arco pleno ou verga reta, traços típicos de um neoclassicismo marcado pela sobriedade e pelo pragmatismo da engenharia militar.

Ao testificar e registrar a presença da arquitetura neoclássica e a atuação dos profissionais que a conceberam na Parahyba, o estudo foi direcionado sob a perspectiva menos comum no campo da historiografia, que normalmente privilegia a matriz francesa da Academia Imperial de Belas-Artes e as grandes capitais do Império. Tal evidência sugere a necessidade de reivindicar, como o fez Sousa (1994), a importância dos engenheiros militares em estudos sobre o tema, bem como a pertinência de reconhecer a qualidade da arquitetura produzida na Parahyba do século XIX, que é mencionada, na maioria das vezes, por sua precariedade e singeleza. Considerando que este é um assunto pouco explorado pela academia a nível local, a pesquisa reitera a importância de reconhecer os valores históricos e artísticos do legado neoclássico na cidade da Parahyba, acenando para a importância da preservação desse patrimônio arquitetônico de inestimável valor, o qual ainda oferece potencial para novas incursões investigativas.

REFERÊNCIAS

BARATA, Mario. A Arquitetura Brasileira dos séculos XIX e XX. Separata de: *Aspectos da Formação e Evolução do Brasil*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1954.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. 3º Vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895.

JARDIM, Vicente Gomes. Monographia da cidade da Parahyba do Norte. **Revista do Instituto Historico e Geographico Parahybano**, João Pessoa, ano III, vol. 3, p. 83 - 111, 1911.

MENDES, Chico; VERÍSSIMO, Chico; BITTAR, William. **Arquitetura no Brasil de Dom João VI a Deodoro**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

MOURA FILHA, Maria Berthilde. **O cenário da vida urbana: a definição de um projeto estético para as cidades brasileiras na virada do século XIX / XX**. João Pessoa: Editora

Universitária, 2000.

NÓBREGA, Humberto. **De convento a palácio**. João Pessoa: Edição Correio das Artes, Editora A União, 1965.

_____. **História de uma cadeia transformada em palacio**. João Pessoa: Editora A União, 1962.

PARAHYBA DO NORTE. **Relatórios, Fallas e Exposições dos Presidentes da Província da Paraíba**. CRL Digital Delivery System (Collection: Brazilian Government Documents). Disponível em: <<http://ddsnext.crl.edu/titles/178#?c=4&m=0&s=0&cv=0>>. Acesso em 20/02/2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Ligia Maria Tavares. **Parahiba, uma cidade esquecida no Império do Brasil (1822-1859)**. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

SOUSA, Alberto. **Arquitetura neoclássica brasileira: um reexame**. São Paulo: Editora Pini, 1994.

_____. **O Ensino da Arquitetura no Brasil Imperial**. João Pessoa: Editora Universitária, 2001.

SIGNIFICÂNCIA E MEMÓRIA: INVESTIGAÇÃO DAS PAISAGENS URBANAS DO SÃO JOSÉ

SIGNIFICANCE AND MEMORY: INVESTIGATION OF THE URBAN LANDSCAPES OF SÃO JOSÉ

OLIVEIRA, ANA IRIS

Arquiteta Urbanista graduada no Centro Universitário UNIFBV/Wyden

LEAL, CAMILA

Arquiteta Urbanista (UFPB); Mestre em Desenvolvimento Urbano (UFPE)

RESUMO

Este artigo é fruto do estudo da significância aplicado nas paisagens urbanas do bairro São José (Recife), realizado durante o trabalho final de graduação em arquitetura e urbanismo. Traz como objetivo apresentar reflexões acerca de um inventário afetivo que traz atributos capazes de dar um novo significado ao espaço frente à urbe contemporânea dos centros nacionais em um cenário de deterioração, desvalorização, rotina acelerada e práticas sociais sazonais. Nele propõe-se a experimentação do espaço urbano do bairro através da prática da deriva situacionista entendida pelo caminhar como uma técnica de passagem rápida por ambientes. A partir dessa metodologia foram realizadas análises teóricas acerca dos temas abordados, jogos lúdicos, entrevistas e questionário. A realização desses procedimentos metodológicos se deu em três grupos focais classificados em moradores e comerciantes - quem vive o espaço - e o visitante - quem o visita -, além do olhar turístico abordando, assim, diferentes relações com este meio urbano, ampliando o campo de diálogo com o espaço. Com base nos atributos identificados foram expostos registros fotográficos, mapas, relatos, e símbolos de cenários percebidos pelos atores. Desse modo, evidencia-se a importância do caminhar ao proporcionar diferentes formas de ver a cidade capazes de induzir sua valorização e preservação.

PALAVRAS CHAVES: Significância; memória; paisagem urbana; deriva situacionista, São José.

ABSTRACT

This article is the result of a study of the significance applied to urban landscapes in the São José neighborhood (Recife), carried out during the final undergraduate work in architecture and urbanism. It aims to present reflections on an affective inventory that brings attributes capable of giving a new meaning to the space in front of the contemporary urban center of national centers in a scenario of deterioration, devaluation, accelerated routine and seasonal social practices. It proposes the experimentation of the urban space of the neighborhood through the practice of situationist drift understood by walking as a technique of rapid passage through environments. Based on this methodology, theoretical analyzes were carried out on the topics covered, recreational games, interviews and a questionnaire. These methodological procedures were carried out in three focus groups classified as residents and merchants - who live in the space - and the visitor - who visits them -, in addition to the tourist look, thus approaching different relationships with this urban environment, expanding the field of dialogue with space. Based on the identified attributes, photographic records, maps, reports, and symbols of scenarios perceived by the actors were exposed. In this way, the importance of walking is evidenced by providing different ways of seeing the city capable of inducing its valorization and preservation.

KEYWORDS: *significance; memory; urban landscape; situationist drift, São José.*

INTRODUÇÃO

Este artigo traz como tema a significação dos espaços e paisagem urbana do São José, em Recife (PE), em forma de inventário afetivo. Um dos bairros mais antigos e tradicionais da cidade, um patrimônio recifense que constitui parte do centro urbano e apresenta sua paisagem construída por vestígios de décadas, atualmente vítima da descaracterização.

Este bairro caracteriza-se por possuir uma dinâmica comercial acentuada detendo um potencial voltado à economia do setor terciário e assim promovendo uma vida urbana marcada por intenso fluxo de pessoas em horários comerciais. No entanto, durante o período noturno, a rua é marcada pelo esvaziamento e pela falta de vivacidade que enfatiza insegurança e, conseqüentemente, a imaginabilidade de hostilidade pelos observadores. Vargas e Castilho (2015, p. 5) apontam a trajetória dos crescimentos dos centros em escala nacional marcado por constantes *“processos de desconstrução, degradação e desvalorização intensos, fundamentalmente provocados pela abertura de novas frentes de expansão urbana e pelo desuso”*.

Isso é refletido em São José principalmente com a construção da Avenida Dantas Barreto na década de 1960, que colocou abaixo grande trecho do casario, modificando o traçado tradicional. Como reflexo, consolida-se uma cidade que não permite às novas gerações o conhecimento da memória urbana completa do bairro, que vem se diluindo (BARRETO, 2001, p. 8).

A carga patrimonial deste bairro, formado por igrejas, pátios, mercado público, sobrados e conjuntos históricos, torna ainda mais importante o registro da memória afetiva sejam elas positivas ou negativas, que se mantem diante tantos processos de transformações.

Com base nos estudos de Kevin Lynch (2011, p.54) *“a imagem de uma dada realidade física pode às vezes mudar de tipo conforme diferentes circunstâncias do modo de ver”*. Baseando-se na consciência do *“valor potencial de entornos harmoniosos, de um mundo que talvez só tenham relanceado de passagem”*, como turistas ou viajantes ocasionais. Ele ainda afirma que:

A cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados. Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores (LYNCH, 2011, p.1).

Assim surgiu a proposta de inventariar a paisagem de São José aspirando reunir atributos capazes de dar um novo significado ao espaço. Tendo isso em vista, o objetivo geral deste artigo é apresentar reflexões acerca deste inventário afetivo. Para isso, foi necessário realizar a revisão bibliográfica dos temas da Teoria de significância, forjada na Carta de Burra (1999) e nos estudos de Flaviana Lira (2017) e da memória urbana e afetiva por Henry Bergson (1999) e Mauricio Abreu (1998), além dos conceitos de inventário afetivo através de estudos do IPHAN e os conceitos de caminhar tendo como premissa os estudos de Francesco Careri (2013/2017) sobre deriva situacionista.

Foi proposta a experimentação do espaço urbano do bairro através da prática da deriva situacionista como técnica de passagem rápida por ambientes. No ponto de vista do autor o caminhar, *“mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados”* (CARERI, 2017, p. 51), é capaz de produzir

lugares. Por meio desta metodologia foram realizados reconhecimento físico, jogos lúdicos, entrevistas e questionário com três grupos focais classificados em moradores, comerciantes e visitantes, a partir de suas concepções fenomenológicas¹ da paisagem urbana.

O artigo é organizado em três partes. A primeira trás o capítulo introdutório com a apresentação da pesquisa, objetivos, justificativa e metodologia. A segunda trata dos conceitos abordados iniciando pela teoria da significância e memória seguida da definição de inventário afetivo e a construção do método. Por fim, é exposta a estrutura do inventário trazendo como modelo uma de suas paisagens, resultado das experimentações.

Desse modo, o inventário afetivo da paisagem urbana do bairro São José consolida-se como um instrumento que reúne características, assim como, permite o (re)conhecimento cultural para desenvolver ações de preservação e afins. Um inventário que incentiva experiências como esta busca incentivar a prática do caminhar não só em São José, mas na cidade em sua totalidade, influenciando diretamente na vida urbana.

DESENVOLVIMENTO

SIGNIFICÂNCIA CULTURAL E MEMÓRIA URBANA E AFETIVA

Segundo a carta de Burra²(1999) a significância está associada a valores – estéticos, históricos, científicos, sociais ou espirituais - formados a partir da relação entre os espaços e usuários. Assim, ao passo que é atribuído um significado inicia-se a construção de um valor, tendo variação para diferentes grupos ou usuários (LIRA, 2017). A significância não é algo estático. Zancheti *et al* (2008) *apud* Flaviana Lira (2017) entende que:

[...] a construção da significância, entendida como resultado “do julgamento e da validação social de significados passados e presentes de um objeto”, reflete esses processos de transformações dos lugares e dos edifícios no tempo, refletidos em sua matéria e em seus significados (p.5).

Do ponto de vista de Lira (2017, p.3), *“a noção de significância cultural, materializada por meio da declaração da significância, está relacionada ao conjunto de valores atribuídos coletivamente a um bem”*. Esses valores vão além de significados físicos, tendo o poder de guiar a gestão de conservação patrimonial, levando em conta a importância de questões de natureza não material a partir do modo como as pessoas se apropriam dos lugares por meio dos usos e dos significados atribuídos.

Enquanto isso, a memória é definida por Henri Bergson (1999, p. 69) como uma *“sobrevivência constantemente à nossa percepção do presente e poderão inclusive substituí-las”*, e por Maurício Abreu (1998, p. 10) como *“categoria biológica-psicológica que diz respeito à capacidade de armazenagem e conservação de informações”*. Na análise de Abreu (1998) a memória individual ou coletiva pode contribuir para:

Recuperação da memória das cidades. A partir dela, ou de seus registros,

¹ A fenomenologia “é o estudo das essências e todos os problemas”. [...] A fenomenologia permite que se enxergue mais do que está apresentado, procura ver dentro, de forma substancial a essência de cada coisa no mundo (PONTY, 2011, p. 01 *apud* BARROS, 2018, p.25).

² Guia para a conservação e gestão dos sítios de significância cultural (Austrália ICOMOS Incorporated. Disponível em: <<https://australia.icomos.org/>>. Acesso em: maio, 2019).

pode-se enveredar pelas lembranças das pessoas e atingir momentos urbanos que já passaram e formas espaciais que já desapareceram (p. 12).

Dessa forma, a memória urbana trata do estoque de memória da história da cidade cheia de vestígios físicos do passado expondo no presente uma relação identitária com o território. Enquanto a memória afetiva, não material, é sensorial e emocional em relação a algo. Ou seja, tanto a significância quanto a memória se sustentam nas relações afetivas.

Segundo os dicionários online da língua portuguesa, Aulete e Priberam³, o termo inventário se origina do latim *inventarium*. Em comum, associam sua descrição a i) relação de bens deixados por alguém que morreu; ii) lista, identificação e enumeração de coisas; e iii) descrição minuciosa.

Este meio de tornou comum para proteção de edificações de valor patrimonial. De acordo com o Dicionário do Patrimônio Cultural (2006) estão presentes no campo da preservação desde o século XVIII como modo de produzir um novo saber, por meio da coleta de informações, e se constituem até hoje como “instrumentos de identificação, valorização dos bens como patrimônio cultural” (MOTTA e REZENDE, 2016).

Para aprofundar estas reflexões, o IPHAN desenvolveu, em 2000, o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) como instrumento para guiar a identificação e documentação de bens materiais e imateriais através dos sentidos e significados atribuídos pelos diferentes grupos sociais. Aproximando-se assim da afetividade, explicada anteriormente.

Desta forma, essa pesquisa define como inventário afetivo a caracterização dos elos sensoriais e emocionais; a constituição de referências, valores e significações; a relação de afetividade entre a cidade e seus usuários. Sua definição está diretamente ligada ao contato de quem experimenta o bem a ser inventariado. A aproximação do objeto de estudo (paisagem urbana do São José) com as partes que compunham o espaço (grupos sociais) contribui para seu maior conhecimento e reconhecimento.

Tendo isso em vista, é feita uma investigação afetiva com o anseio de somar a importância de levantar o olhar para o que nos rodeia e entender sua significância e valorização.

INVENTÁRIO AFETIVO: A CONSTRUÇÃO DO MÉTODO

Essa metodologia foi construída a partir da referência do autor Francesco Careri, principalmente, entre outros, e que pode ser consultada detalhadamente na íntegra no trabalho de Pesquisa Final de Graduação⁴ que dá base à esse artigo.

No que tange a base teórica dos temas, a autora entendeu a importância da retomada da **deriva situacionista** em poder enxergar novas formas do espaço do centro urbano e histórico. A Internacional Situacionista (IS), caracterizada por um grupo de artista e ativistas com o intuito de transformar o modo de vida das pessoas e promover a investigação sobre a cidade, encontrou na deriva psicogeográfica “o meio com o qual despir a cidade e construir um meio lúdico de reapropriação do território” (CARERI, 2013, p.98). A partir disso a deriva investiga os efeitos psíquicos que o contexto urbano produz no indivíduo (careri, 2013). Debord (1958, IS nº 2) *apud* por Barros (2018, p. 34) classifica:

³ Consultado em 02 de maio de 2019.

⁴ O trabalho pode ser consultado em link > <https://drive.google.com/drive/folders/1fsVODqIxBKvYzA7tyK0aHI5Vi-U1P7q-Y?usp=sharing> <

A deriva se apresenta como uma técnica de passagem rápida por ambiências variadas. O conceito de deriva está indissoluvelmente ligado ao reconhecimento de um comportamento lúdico-construtivo, o que o torna absolutamente oposto às tradicionais noções de viagem e passeio (p. 34).

Em Walkscapes: o caminhar como prática estética, Francesco Careri (2013) eleva o caminhar a forma de arte e arquitetura. O livro é um pertinente convite ao leitor a experimentar o andar vadio pelas ruas, a sair da rota – a deriva – em busca de criar uma nova percepção. No ponto de vista do autor o caminhar, “mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados” (CARERI, 2017, p. 51), é capaz de produzir lugares. Ele ainda fala que antes do neolítico, era a única arquitetura simbólica capaz de modificar o ambiente.

Todas as definições e apropriações da deriva nos leva a associá-la como forma de habitar a cidade. Na perspectiva da urbe contemporânea, na rapidez dos deslocamentos, o caminhar e o parar – para Careri (2017) importante quanto o caminhar – é fundamental para promover condições de modo de vida permitindo a ressignificação da forma de ver a cidade. Destaca-se, então, a importância do pedestre na cidade.

Apartir dessa metodologia, entendeu-se, então, quem são os atores que atuam diretamente no bairro, quem vive o espaço – morador e comerciante – e quem o visita – visitante -, o olhar de cada um para as paisagens amplia o campo de diálogo com o espaço. Tido isso em mente, o método desenvolvido utilizou de forma lúdica **quatro investigações**, com o apoio do mapa do bairro, realizou-se o reconhecimento sistemático a pé com oito visitantes convidados. Eles foram desafiados a fugir do convencional, atravessar outros territórios e registrar os cenários percebidos através de fotografias, desenhos, textos, mapas mentais e/ou diagramas de modo a identificar como é estabelecida sua relação de significância com a paisagem. O critério de escolha dos visitantes partiu do tipo da relação de cada um com o bairro do São José, quem o visita com maior e menor frequência e quem nunca o visitou.

Essa experimentação funcionou como um **jogo**, que teve várias etapas, desde a definição dos pontos de saídas e os dias, as divisões dos grupos em categorias diferentes de forma a contribuir para análise de comportamentos e influências do grupo enriquecendo o resultado final até a definição de atos que conduzissem o trajeto a ser percorrido, esses atos foram atos simples como entrar em ruas que tivessem um determinado elemento ou seguir pessoas usando determinada cor.

Para completar as formas de coleta das relações afetivas foram aplicados **entrevista e questionário** “defina em um sentimento” com todos os grupos focais escolhidos. O questionário foi feito com base nos elementos morfológicos da paisagem urbana do São José. Os sentimentos foram filtrados em emoções primárias a partir da lista de emoções descritas por Shaver et. Al. (2001), onde são categorizadas em uma estrutura de árvore⁵.

Foi importante a autora definir o procedimento utilizado com o perfil dos atores com base em sua ligação com o bairro. Com a compreensão de que quem vive o espaço apresenta relações e olhares diferentes das pessoas que o visitam, delineou-se a realização dos jogos lúdicos para os visitantes enquanto os moradores e comerciantes participaram apenas da

⁵ Shaver, P., Schwartz, J., Kirson, D., & O'Connor, C. (2001). Emotional Knowledge: Further Exploration of a Prototype Approach. In G. Parrott (Eds.), *Emotions in Social Psychology: Essential Readings* (pp. 26-56). Philadelphia, PA: Psychology Press. Disponível em: <http://changingminds.org/explanations/emotions/basic%20emotions.htm>

entrevista e questionário (figura 01).

Figura 01: infográfico dos atores e métodos utilizados. 2019.



Fonte: Ana Iris Oliveira. Retirado da Pesquisa Final de Graduação, p.53.

Sendo assim, os procedimentos foram finalizados com um total de vinte e duas pessoas, sendo oito visitantes, sete moradores e sete comerciantes identificados por pseudônimos. Com a documentação colhida das etapas anteriores, foi feito a **identificação do perímetro de estudo** para então **identificar as paisagens** a serem inventariadas. As paisagens apresentadas foram mencionadas mais de cinco vezes passando pelos três perfis de atores. Elas são apresentadas a partir de seus **atributos**, identificados pelos pontos em comum discutidos pela maioria dos atores.

Ampliando o campo de diálogo com o espaço, a autora fez o cruzamento das paisagens inventariadas com os lugares destacados como significativo no meio comum turístico para nível de coerência entre as vertentes.

Dado esses métodos e práticas envolvidas na metodologia, percebe-se a importância de cada procedimento para direcionar a afetividade dos grupos de atores. O trabalho, de caráter qualitativo e subjetivo, é formado ao modo de apreensão e aproximação e não apenas uma técnica.

Atributos (in) visíveis: São José por outro ângulo

Após a identificação das afetividades dos diferentes grupos de atores com a paisagem do São José foi feito o cruzamento de relatos e informações através do olhar de distintos sujeitos ligados ou não a paisagem, seja manifestada em sua materialidade e/ou subjetividade. Desta forma, foi traçadas análises em torno das relações dos atores com as paisagens mais faladas do Bairro São José permitindo a exposição dos atributos afetivos associados a elas e apresentando assim, o inventário afetivo.

- Lugares: pelo olhar dos turistas e órgãos públicos

Atualmente, é comum encontrar destaques no destino de uma cidade através da realização de guias e roteiros direcionados aos turistas e publicidade no seu próprio espaço. Na pesquisa, essa atividade é muito associada à valorização estética e econômica ao usar da criação de atrativos para aumento do fluxo oferecendo ao mercado para ser consumido. Luchiari (2000) fala desse fenômeno turístico e aponta a mitificação da realidade desses destinos dando-lhes novos conteúdos como um apelo.

A autora selecionou alguns sites que mencionam os pontos atrativos em São José - Visit Recife, Olha Recife! e o Centro de Atendimento ao Turista (CATs) - e alguns sites turísticos. Eles apontam lugares para contemplar, visitar, fazer compras, comer, entre outras atividades. É evidenciado, ainda, que em torno desses pontos ocorre uma reprodução de modo isolado e efêmero, pois impulsiona a visitação e permanência em São José em período determinado do ano.

A comparação entre as duas vertentes, feita na pesquisa, traz diferenças específicas ainda que todos apontados pelos sites consultados estejam na lista dos atores envolvidos - citados pelo menos uma vez -, alguns deles mostraram ser de importância e grande representatividade na paisagem urbana. A autora aponta:

Os lugares, como um todo, apresentam muita ligação com os diferentes atores, cada um ao seu modo, a sua característica, mas todos guardam memórias. A significância e afetividade das pessoas com **as paisagens** no geral não são encontradas em registros estatísticos e quantitativos (OLIVEIRA, 2019, p.60).

Dessa forma, as visões desses lugares surgem no inventário sob outro ângulo uma vez que seu conjunto é referenciado em paisagens com atributos diferentes dos apresentados nos cartões postais, roteiros e guias turísticos.

- Paisagens: por outro ângulo

O espaço urbano, como um todo, apresenta reflexos diferentes para quem vive e para quem está de passagem no espaço.

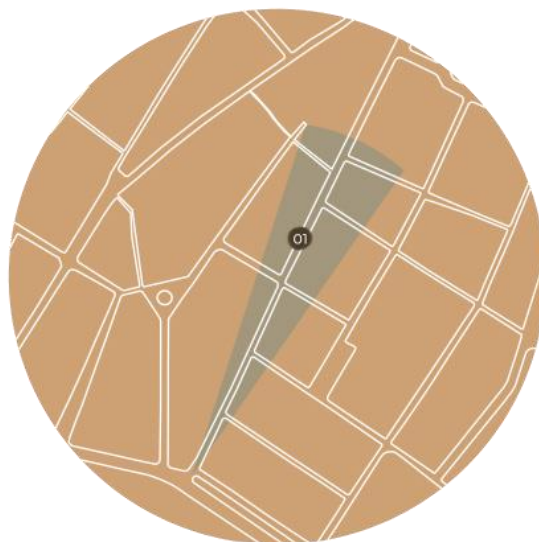
As informações coletadas sobre a relação do usuário e o espaço permitiram levantar questões sobre suas representações e significações. Sendo assim, as paisagens selecionadas foram expostas, analisadas e classificadas em atributos resumidos da seguinte maneira:

1. *Passado*: Destaca características que hoje estão apenas enraizadas nas memórias de quem vivenciou. São inscritos lugares que foram fechados, elementos da paisagem que foram substituídos, ruas que já não existem mais, entre outros. Trata-se da apreensão de memória e identidade.
2. *Experiências*: Reúnem experiências vividas. Geralmente são associados à lembranças de infância, histórias de família e participação em práticas culturais existentes. Trata-se da apreensão de memórias e significância.
3. *Lugares*: Registro de lugares que possuem sentido afetivo e de caráter de pertencimento para a pessoa. São mencionados mercado, feira, praça, café, igrejas, etc.
4. *Celebrações*: São registrados eventos, festividades e rituais considerados importantes e podem ser realizados em lugares específicos.
5. *Presente*: São reunidas as características de construções atuais de edifícios, pátios, ruas, e demais elementos da paisagem pelo olhar do usuário, São relacionados à resistência.

6. *Expectativas*: Criado para abordar qual é a expectativa do usuário para determinado lugar/cenário.

Em geral, os seis atributos agruparam informações e resultaram em dez paisagens de interesse comum dos diferentes atores. Entretanto, apresentaremos um modelo de aplicação em uma delas.

Figura 02: Mapa de localização da paisagem.



Fonte: OLIVEIRA (2019, p.53)

É apresentada, inicialmente a localização da paisagem em um mapa (figura 02) junto à sua apresentação, sendo assim, temos nesta paisagem:

Esta paisagem abrange a visão da Rua das Calçadas (01), ruela em linha reta com edifícios de uso comercial no térreo e de até quatro pavimentos. É característico e bastante citado o fluxo de pessoas e a instalação dos ambulantes nas calçadas e por toda rua. Esta paisagem foi citada por onze atores, sendo um morador, três comerciantes e sete visitantes (OLIVEIRA, 2019, p.62).

Em seguida, é exposta uma seleção de material de acordo com os atributos identificados na paisagem. Esta paisagem apresentou relatos em cinco atributos diferentes. No atributo *experiência* é destacada a relação comercial a mercê da variedade de produtos que podem encontrar nas lojas da Rua das calçadas levando os atores a visita-la. Já no atributo *presente*, as percepções se alinham com sentimentos negativos quanto às condições atuais tanto de descaracterização quanto a quantidade de pessoas numa combinação caótica de publicidades das lojas, casas, veículos e ambulantes. A autora traz algumas reflexões e citações de comerciantes e um morador. Como exemplo tem o relato de um comerciante, chamado na pesquisa por JRU:

Eu gosto daqui porque não tem construções tão altas e é muito ventilado, quando enche de prédio fica complicado. Os edifícios estão descaracterizados, mas quem vem com o olhar para cima consegue ainda ver características originais (JRU, 2019) (OLIVEIRA, 2019, p.63).

Já o atributo *lugares* aparece, principalmente, em registros fotográficos pelos visitantes,

são destaques os lugares para lanches. No atributo *passado* muitos dos visitantes mostraram seus sentimentos pelo piso histórico através de fotos, como exemplo temos abaixo o registro da GCA (figura 03).

Figura 03: registro do piso histórico na Rua das Calçadas por GCA, mulher, 26 anos. 2019.



Fonte: OLIVEIRA (2019, p.66)

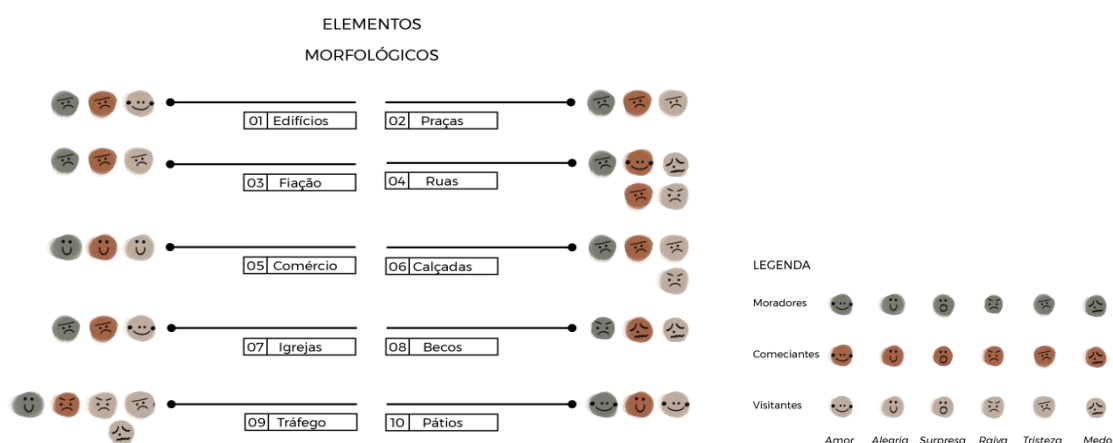
Já no atributo *celebrações*, a autora mostra a satisfação dos diferentes perfis de atores ao abordar esta rua como local de destino ao aproximar-se das festividades de Carnaval, São João e Natal. Por fim, a autora faz uma conclusão de reflexão sobre cada paisagem.

Nesta ela aborda:

A paisagem, de um extremo a outro, revela vários pontos de vista, mesmo se tratando de uma rua estreitamente comercial. Os comerciantes alarmam sobre a decadência do comércio, enquanto os visitantes enfatizam o crescimento das lojas e levantam o olhar para elementos antes despercebidos. Trata-se de uma paisagem referenciada com mais afeto negativo do que positivo devido suas condições atuais que implicam em um resultado de desvalorização, quer em relação ao tráfego, quer em relação aos próprios usuários. Ao mesmo tempo, não interfere em sua significância referencial para os consumidores por está em suas listas de destinos (OLIVEIRA, 2019, p.67).

Tendo finalizado a exposição das dez paisagens separadamente e a afetividade dos atores com cada uma, a autora faz uma correlação das divergências nas sensações causadas perante o isolado e o conjunto. Considera-se agora, o impacto causado pelos elementos morfológicos - edifícios, praças, fiação, ruas, comércio, calçadas, becos, pátios, igrejas e tráfego – presentes na paisagem do São José como um todo. Como resultado do questionário “defina em um sentimento”, a autora traz as emoções classificadas de forma ilustrada (figura 04).

Figura 04: ilustração das emoções classificadas aos elementos morfológicos no questionário.



Fonte: OLIVEIRA (2019, p.93.)

Em relação à paisagem modelo mostrada aqui, ela aparece no isolado com sobreposição das emoções negativas, enquanto na análise se conjunto mais da metade dos atores atribuíram sentimentos de alegria para o comércio. A autora aponta que “*diferente dos sentimentos atribuídos nas paisagens individuais, agora, relacionam estreitamente a característica de variedade do comércio e não as condições físicas no meio inserido*” (OLIVEIRA, 2019, p.94). Como coloca Gordon Cullen (2017, p.9) “num conjunto edificado ocorrem fenômenos que não se verificam nunca em relação a um edifício isolado”. Contudo, nota-se que as pessoas se comportam conforme as diferentes circunstâncias do modo de ver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se propôs a fazer reflexões acerca de um inventário afetivo realizado com base em experimentações do espaço urbano do bairro São José para dar um novo significado a sua paisagem urbana. Todo o processo delineado foi essencial para compreensão dos temas abordados até a análise estrutural do inventário afetivo.

Inicialmente, foi necessário apresentar os conceitos teóricos de significância e memória afetiva, os quais foram utilizados como instrumento de identificação dos valores atribuídos a São José. Em sequência tem a definição de inventário afetivo e análise da deriva abrangendo no desenvolvimento da metodologia de captação da afetividade, as entrevistas, questionário e jogos lúdicos. Eles tiveram grande importância para entender as relações afetivas e foram feitos em adequação aos atores envolvidos. Todos eles participaram das entrevistas e questionários e apenas os visitantes, que não vivem no espaço, participaram dos jogos lúdicos como um convite a olhar a paisagem do bairro sob outro ângulo. Sendo assim, a compreensão de todo este processo teórico e metodológico refletiu no processo prático das ações realizadas.

Assim, é finalmente apresentada a estrutura do inventário afetivo trazendo como modelo uma de suas paisagens. Os dados utilizados procederam da análise das relações dos usuários com a paisagem urbana do São José. As paisagens inventariadas foram expostas de modo a reunir os atributos significativos, na maioria das vezes, não identificados na rotina acelerada e nem em descrições históricas, os atributos (in)visíveis. O inventário

mostra o que as pessoas tem perdido ao deixar de vivenciar e andar os espaços, ou enxerga-lo de outra maneira, tenta incentiva a prática do caminhar não só em São José, mas na cidade, em sua totalidade.

Contudo, abriga as experiências e percepções individuais como parte do estudo de significância e memória. O conhecimento das perspectivas é capaz de criar e fortalecer laços, ampliar a forma de pensar, construir o sentimento de pertencimento e até orientar projetos de intervenções urbanas. Portanto, torna-se um ponto de partida para entender a conexão entre a paisagem e os usuários através do caminhar errante.

O inventário mostrou a importância deste patrimônio imaterial cheio de significados presentes na memória das pessoas. Aprendeu-se que as pessoas são as representações das nossas cidades e que as paisagens são diferentes pra quem vive, quem visita e quem trabalha. É bem verdade que precisamos de uma cidade com melhor qualidade de vida, isso é ampliado ao elevar o nível de pertencimento das pessoas. Se a atenção em qualquer projeto urbano for para os usuários, aumenta as chances de eficácia. A cidade e os usuários crescem juntos, a aproximação deles é capaz de transformar as emoções negativas perante a paisagem em cenários de prazer, pela sua riqueza e força.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU Mauricio. **Sobre a memória das cidades**. Revista Território, ano III nº 4, jan/jun. Rio de Janeiro, 1998.

ALVES, Lays K. Barros. **Cenários percebidos: Experimentando a significação em espaços públicos de Garanhuns**. Caruaru: UNIFAVIP|WYDEN, 2018. 85 f.: il.

AZEVEDO, Gabriela; PONTUAL, Virginia; ZANCHETI, Silvio. **Declaração da significância: um instrumento de salvaguarda do patrimônio arquitetônico**. XII Congresso Internacional de Reabilitação do Patrimônio Arquitetônico e Edificado, 21 a 24 de outubro de 2014. São Paulo.

BARRETO, Juliana. **Reabilitação Urbana do Pátio do Livramento**. Recife: UFPE, 2001. 108 p.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Tradução: Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1999.

CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Ed. G. Gili, 2017.

CARERI, Francesco. **Walkscape: o caminhar como prática estética**; prefácio de Paola Berenstein Jacques; tradução Frederico Bonaldo. I. ed. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Tradução: Isabel Correia e Carlos de Macedo. Ed. 70, LDA. Lisboa, 2017.

ICOMOS-Austrália. **The Burra Charter: the Australia ICOMOS Charter for Places of Significance**. Australia ICOMOS Incorporated, 1999. Disponível em: <<https://australia.icomos.org/>>

icomos.org/>. Acesso em: maio, 2019.

LIRA, Flaviana Barreto. **Da natureza complexa dos bens culturais: a indissociabilidade entre significância cultural, integridade e autenticidade**. Encontro Internacional ARQUIMEMÓRIA 5 sobre preservação do patrimônio edificado. Salvador, Bahia, de 27/11 a 01/12 de 2017.

Luchiari, M. T. (2000). **Turismo e meio ambiente na mitificação dos lugares**. Revista Turismo Em Análise, 11(1), 35-43. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v11i1p35-43>

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. – 3 ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

OLIVEIRA, Ana Iris. **Atributos (In)Visíveis: inventário afetivo da paisagem urbana no São José**. Recife: UniFBV/Wyden, 2019. 123 f. Disponível em: > <https://drive.google.com/drive/folders/1fsVODqIxBvYzA7tyK0aHI5IViU1P7q-Y?usp=sharing> <

MOTTA, Lia; REZENDE, Maria Beatriz. Inventário. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (termo-chave Inventário). ISBN 978-85-7334-299-4.

VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana. L. Howard. **Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados**. 3ª ed. São Paulo. 2015.

ANÁLISE DOS ASPECTOS ARQUITETÔNICOS DAS EDIFICAÇÕES DA AVENIDA VISCONDE DE PELOTAS

ANALYSIS OF THE ARCHITECTURAL ASPECTS OF THE BUILDINGS OF AVENIDA VISCONDE DE PELOTAS

DE MELO, MARIA EDUARDA COSTA TAVARES

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo UNIESP Centro Universitário (UNIESP)

CHAVES, ÍCARO FERNANDO DE OLIVEIRA

Graduando em Arquitetura e Urbanismo pelo UNIESP Centro Universitário (UNIESP)

FALCÃO, HADASSA FIGUEIRA

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo UNIESP Centro Universitário (UNIESP)

SILVA, ANNE CAMILA CESAR

Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

RESUMO

O crescimento urbano desordenado verificado nas últimas décadas afeta toda a paisagem e infraestrutura da cidade. Com isso, tal crescimento exacerbado afeta diretamente em edificações históricas, sendo alvo de destruição para a sociedade, que tem por objetivo transformar esses locais em edifícios novos e modernos. Em meio a esses aspectos, existe a necessidade de se pensar nas questões urbanas e ambientais. Assim, surge a busca por ferramentas e estratégias que possam prever e resolver esse problema inerente às sociedades urbanas contemporâneas. Entre estas ferramentas e estratégias, inclui-se o estudo e diagnóstico, com a finalidade de vislumbrar diretrizes para tomadas de decisões. Alicerçado nesse cenário, o objetivo geral deste artigo é analisar o estado geral e de conservação da Avenida Visconde de Pelotas. O método de pesquisa foi dividido em quatro etapas. Preliminarmente foi realizado um estudo da rua enquanto seu surgimento, a segunda envolveu o estudo bibliográfico acerca das legislações pertinentes a esta rua. Na terceira etapa foi realizado um estudo de caso e na etapa final foi cometido uma análise dos resultados proveniente as visitas in loco.

PALAVRAS CHAVES: crescimento; edificações históricas; conservação; análise.

ABSTRACT

The disorderly urban growth seen in recent decades affects the entire landscape and infrastructure of the city. Thus, such exacerbated growth directly affects historic buildings, being the target of destruction for society, which aims to transform these places into new and modern buildings. In the midst of these aspects, there is a need to think about urban and environmental issues. Thus comes the search for tools and strategies that can predict and solve this problem inherent in

contemporary urban societies. These tools and strategies include study and diagnosis in order to envision guidelines for decision making. Based on this scenario, the general objective of this paper is to analyze the general condition and conservation of Avenida Visconde de Pelotas. The research method was divided into four steps. Preliminary was a study of the street while its emergence, the second involved the bibliographical study about the pertinent legislation to this street. In the third stage a case study was performed and in the final stage an analysis of the results from the on-site visits was made.

KEYWORDS: *growth; historical buildings; conversation; analysis.*

INTRODUÇÃO

O crescimento urbano desordenado verificado nas últimas décadas afeta toda a paisagem e infraestrutura de uma cidade. Com o resultado do passar dos anos, um dos fatores mais vislumbrados na arquitetura é a descaracterização das edificações, ato acometido em decorrência do tempo, bem como das inúmeras atividades realizadas no interior e exterior das edificações. Com isso, a sociedade e principalmente os órgãos responsáveis buscam metodologias para resolver esse fenômeno. Assim, surge a busca por ferramentas e estratégias que possam prever e resolver esse problema inerente às sociedades urbanas contemporâneas.

Entre estas ferramentas e estratégias, inclui-se o estudo e diagnóstico com a finalidade de vislumbrar diretrizes para tomadas de decisões. Desta forma, o diagnóstico desse setor da cidade pode fornecer recursos para a estruturação e manutenção, como também, para o poder público avaliar o tema e tomar as providências fundamentadas.

Diante deste cenário, o presente artigo, denominado de Análise dos aspectos arquitetônico da Avenida Visconde de Pelotas, apresenta como tema central uma análise arquitetônica da situação atual das edificações. Para tanto, a pesquisa visa estudar e diagnosticar todas as edificações da Avenida que estão dentro do recorte de tombamento do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional- IPHAN.

DESENVOLVIMENTO

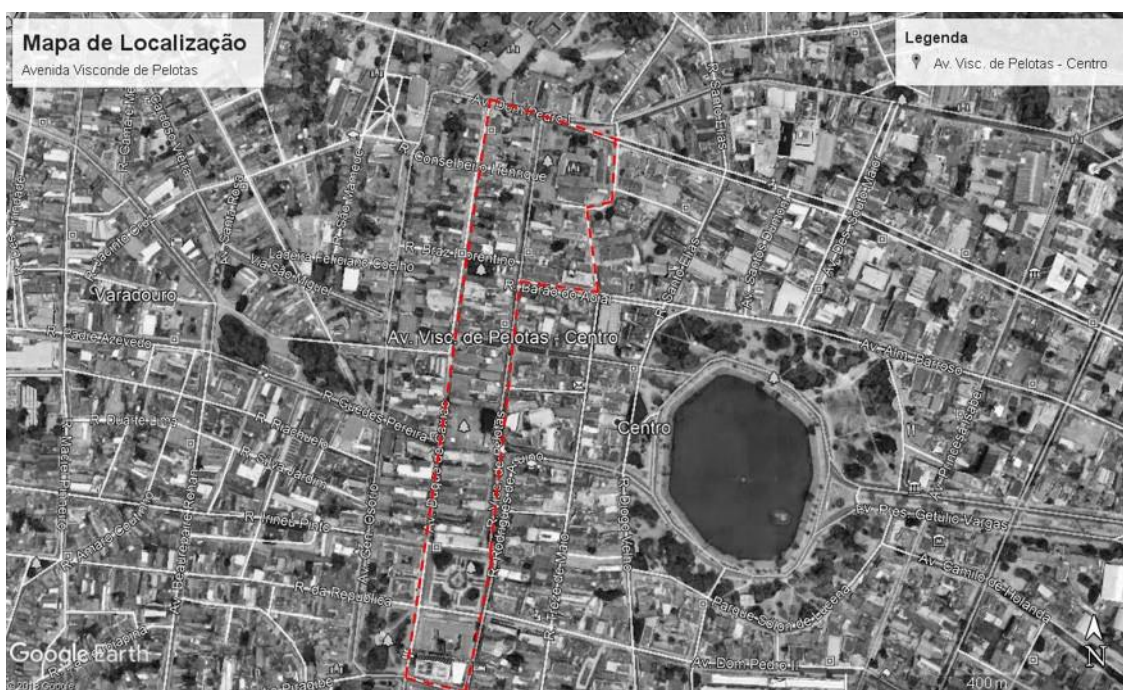
ÁREA OBJETO DE ESTUDO

A Área Objeto de Estudo, Avenida Visconde de Pelotas, está localizada na malha urbana, na Zona Oeste, no bairro do Centro, da cidade de João Pessoa – PB. Percorre um comprimento de aproximadamente 800 metros e, segundo o macrozoneamento da cidade, ela está localizada na Zona Adensável Prioritária - ZAP e, juntamente com o mapa

de uso e ocupação do solo, ela está inserida na Zona Comercial - ZC.

A área analisada começa a partir da Praça Dom Adauto, percorrendo toda a extensão da rua que está dentro do recorte do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, conforme ilustrado na figura 01, até se encerrar no Tribunal de Justiça da Paraíba. Abrangendo algumas edificações históricas, a Avenida Visconde de Pelotas conta com alguns pontos turísticos da cidade de João Pessoa, como a Academia Paraibana de Letras e a Igreja do Carmo.

Figura 01 - Mapa de Localização.



Fonte: GOOGLE EARTH modificado pelos autores (2019)

Inicialmente, objetiva-se fazer um apanhado geral sobre algumas características da rua, como a quantidade de edificações tombadas, os usos em todos os lotes, bem como o fluxo de pessoas e de carros. Na realidade, a principal finalidade é destrinchar algumas de suas principais características através do aprofundamento dos conhecimentos acerca da morfologia urbana e análise visual.

MORFOLOGIA URBANA

Segundo o Arquiteto e Urbanista Vicente Del Rio, morfologia urbana “Estuda o tecido urbano e seus elementos construídos que se formaram através de evoluções, transformações, inter-relações e processos sociais” (VICENTE Del Rio, 1990, pág.70).

Na presente composição, portanto, analisa-se elementos fragmentados da

morfologia urbana, afim de identificar, detalhadamente, as características físicas e sensoriais através de mapas temáticos.

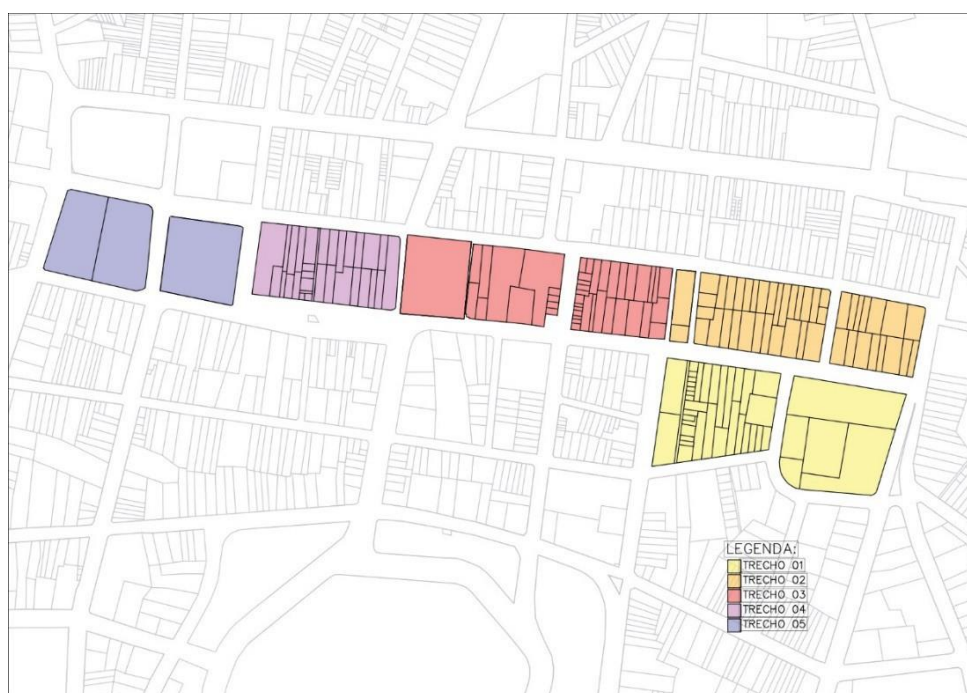
Em uma versão estendida do presente trabalho é apresentado todo o diagnóstico referente a Avenida Visconde de Pelotas, de modo a conter todos os mapas temáticos utilizados para esta análise.

ANÁLISE VISUAL

Segundo Vicente Del Rio, análise visual é uma metodologia inerente à área de arquitetura e urbanismo, que possui como pressuposto básico a ideia de que os elementos que constituem uma cidade exercem sobre as pessoas um impacto de ordem emocional. (VICENTE Del Rio, 1990, pág.86).

Ao analisarmos a Avenida Visconde de Pelotas, se fez necessário dividi-la em 5 (cinco) trechos, conforme a figura 02, para que houvesse uma análise visual mais eficiente, pois apesar suas características físicas serem aproximadas, a vivência que a sociedade tem sobre os espaços se diferem a partir dos seus comportamentos e costumes.

Figura 02 - Mapa de Trecho



Fonte: Autores (2019)

Diante da extensão da análise, é proposto uma versão estendida desta, onde será contemplado todo o processo de análise de forma detalhada nos 5 trechos propostos. No presente momento, é demonstrado, através de um único trecho a forma como foi feita o

estudo por toda a extensão da Avenida.

Trecho 01

Possuindo um dos maiores pontos de referência da Avenida Visconde de Pelotas, o trecho contempla além da praça Dom Adauto, a Igreja do Carmo.

Figura 03 - Colagem de fotos (Trecho 01)



Fonte: Autores (2019)

Além disso, como visto na morfologia urbana, o trecho 01 é altamente comercial, possuindo uma variedade de comércios, como loja de óculos, salão de beleza, loja especializada em materiais odontológicos, entre outros.

Figura 04 - Colagem de fotos (Trecho 01)



Fonte: Autores (2019)

Ao fazer uma análise individual de cada fachada (Tabela 01), juntamente com o redenho deste trecho, é notório que existe um descaso com as legislações pertinentes para essa área da cidade, como por exemplo, os lotes descaracterizados pelos adereços colocados nas fachadas comerciais, bem como na modernização das mesmas, fugindo da tipologia encontrada por toda a extensão da Avenida, conforme ilustrado na figura 04.

Tabela 01 - Análise das fachadas (Trecho 01)

Numeração	Descrição	Imagem
-----------	-----------	--------

01	Fachada retrata característica da arquitetura neoclássica com o uso da proporção e simetria, com colunas Jônica com formas regulares, geométricas e simétricas no frontão triangular, nas varandinhas e janelas.	
02	Igreja estilo Barroco com aplicação da curva em oposição a ideia estática dos prédios e efeitos cenográficos teatrais.	
03	Edificação Colonial com assimetrias repetidas fielmente e janelas com vãos grandes para a entrada de ventilação e iluminação.	
04	Fachada descaracterizada ao longo do tempo.	
05	Fachada descaracterizada ao longo do tempo.	
06	Fachada descaracterizada ao longo do tempo.	
07	Fachada Eclética, referenciada com balaustrada na platibanda, cornija logo abaixo e os caxilhos.	
08	Edificação Art Déco, com platibanda escalonada e pontuação na linha do telhado.	

09	Fachada Neoclássica, caracterizada pela rigidez da forma.	
10	Fachada descaracterizada ao longo do tempo.	
11	Fachada descaracterizada ao longo do tempo.	
12	Fachada descaracterizada ao longo do tempo.	

Fonte: Autores (2019)

Para uma maior compreensão nestas modificações e descaracterizações provenientes do tempo, foi realizado alguns redesenhos, das edificações seguindo a metodologia estabelecida pelos autores Clark e Pause, que fazem usos de desenhos para compreender um projeto arquitetônico.

Figura 05 - Redesenho (Trecho 01)



Fonte: Autores (2019)

Figura 06 - Redesenho (Trecho 01)



Fonte: Autores (2019)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, entende-se de maneira geral que algumas áreas e edificações do local precisam de intervenção, podendo variar em pequena e grande complexidade, o que inclui apenas mudança de fachada ou até mesmo uma grande reforma na edificação, por a mesma encontrar-se em total estado de descaracterização. Em suma, praticamente 100% das edificações da Avenida Visconde de Pelotas encontra-se em um grande estado de descaracterização.

Para tanto, é necessário, com o objetivo de retardar ainda mais a degradação dessas edificações, entrar em contato com o órgão responsável pela mesma. Além disso, faz-se pertinente um estudo mais aprofundado da situação atual das mesmas, pois é necessário entender a fundo como essas edificações se encontram, como a exemplo, realizar um estudo topográfico, a fim de entender a complexidade da degradação que cada edificação apresenta, para só assim, propor uma intervenção naquelas que mais apresentam urgência.

É necessário, também, uma aplicação mais rigorosa no que tange as normas que regem as áreas tombadas, de modo a sempre haver fiscalizações nessas áreas para tentar retardar uma total descaracterização do local. Entretanto, essa fiscalização deve ter início ainda, em casos específicos, nas propostas de intervenções, a fim de embargar propostas que possam gerar algum malefício para a edificação.

Por fim, durante a realização deste estudo buscou-se analisar e estudar todas as características elencadas pelo autor Vicente Del Rio em *Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento*. Outrossim, este aprofundamento serviu como ferramenta para alcançar o objetivo final deste estudo, viabilizando a análise dos aspectos arquitetônicos da Avenida Visconde de Pelotas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.

IPHAEP (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba). **Decreto nº 9.484, de 13 de maio de 1982**. João Pessoa - Paraíba, 1982. Disponível em: < <https://sogi8.sogi.com.br/Arquivo/Modulo113.MRID109/Registro8705/documento%201.pdf> >. Acesso em 29 de novembro de 2019.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA DA CASA CIVIL. **Decreto – Lei nº 25, 30 de novembro de**

1937. Rio de Janeiro, 1937. Disponível em: < http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_Lei_n_25_de_30_de_novembro_de_1937_pdf.pdf>. Acesso em 29 de novembro de 2019.

INSERÇÃO DA RUA VISCONDE DE INHAÚMA NA CIDADE BAIXA DE JOÃO PESSOA: ASPECTOS HISTÓRICOS, URBANÍSTICOS E ARQUITETÔNICOS

INSERTION OF THE VISCONDE DE INHAÚMA STREET IN THE HISTORIC TOWN: HISTORICAL, URBAN AND ARCHITECTURAL ASPECTS

PEREIRA, SUELLEN PAULINA

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, UNIESP Centro Universitário

LIMA, PAULO VINÍCIUS

Graduando em Arquitetura e Urbanismo, UNIESP Centro Universitário

GUIMARÃES, RAIANA

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, UNIESP Centro Universitário

RESUMO

Este trabalho determina-se a compreender a Rua Visconde de Inhaúma, suas memórias, transformações, usos e edificações. O Varadouro, onde está localizada, é uma das áreas mais antigas da cidade baixa e a leitura de sua paisagem auxilia na narrativa do processo de formação e evolução de João Pessoa.

PALAVRAS CHAVES: Cidade Baixa; Rua; Porto do Capim

ABSTRACT

This paper is determined to understand the Visconde of Inhaúma Street, its memories, transformations, uses and buildings. The Varadouro, where it is located, is one of the oldest areas of the historic city and the reading of its landscape helps in narrating the process of evolution of João Pessoa.

KEYWORDS: Down City; Street; Port of Capim

INTRODUÇÃO

De acordo com Santos (2014), o espaço é resultado da paisagem e da vida que nela habita, e o entendimento da paisagem é um processo seletivo de apreensão. Para compreender o espaço é preciso percebê-lo: sua imagem, usos, fluxos, aspectos históricos e sociais; e esse fundamento norteou o caminho de inventariação dos dados da Rua Visconde de Inhaúma no centro da cidade de João Pessoa.

O processo metodológico consistiu em uma leitura bibliográfica em busca do contexto histórico da Rua e de seu entorno. Houve consulta da legislação urbana para entendimento das atividades e usos legais. Por estar dentro do perímetro de tombamento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba – IPHAEP e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, também se buscou a legislação patrimonial e as normativas que regem as edificações e logradouros que estão dentro da poligonal.

A análise partiu de visitas *in loco*, observando a paisagem da Rua Visconde de Inhaúma, as características e o estado de conservação das fachadas, com atenção aos fluxos e atividades ali realizadas. Os dados coletados em campo resultaram na elaboração e na discussão de mapas temáticos. Os registros fotográficos das fachadas auxiliaram na concepção dos dois perfis laterais da Rua, a fim de registrar a paisagem. Foram usados os programas *AutoCAD 2019* para o redesenho dos perfis, *Adobe Illustrator CC 2017* para diagramações e edições dos mapas e *Adobe Photoshop CC 2018* para a colagem digital de cada perfil.

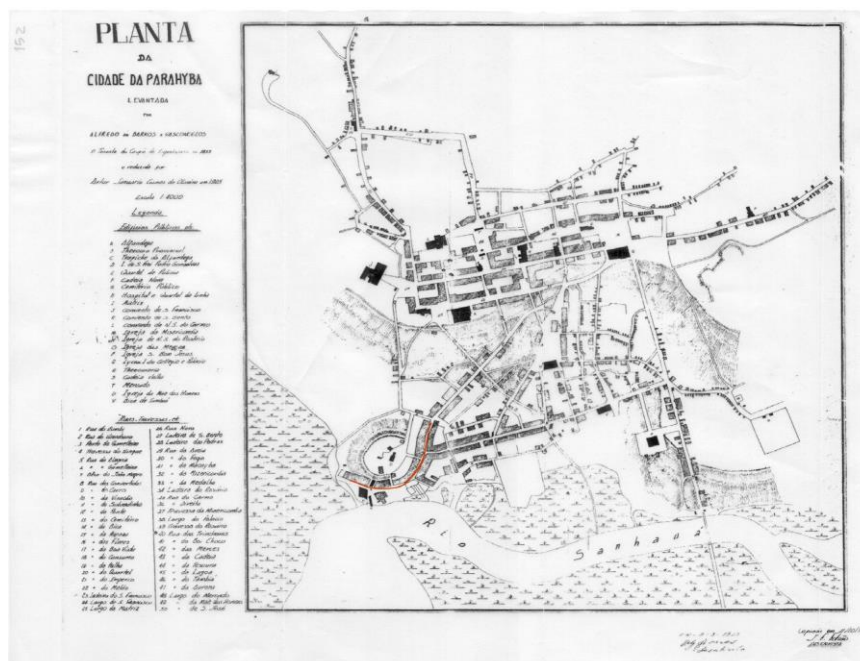
O trabalho é estruturado da seguinte maneira: primeiramente a Rua será contextualizada dentro da cidade baixa, numa breve narrativa sobre os fatos que culminaram o seu surgimento. Logo depois, segue-se para a apresentação dos aspectos legislativos que regem a área, com exposição dos mapas temáticos que foram elaborados a partir dos dados levantados na Rua. Subsequentemente, apresenta-se a Rua em sua dimensão arquitetônica, numa descrição que parte do redesenho de seus perfis. Por fim, são feitas as considerações finais, com base nos dados levantados.

OCUPAÇÃO E Esvaziamento da Cidade Baixa

A cidade de João Pessoa, primeiramente chamada Filipéia de Nossa Senhora das Neves, foi fundada no século XVI e no início haviam dois alvos de ocupação, conectados pela ladeira de São Francisco: a Cidade Baixa (onde se davam as atividades comerciais, facilitadas pela proximidade com o Porto, que na época funcionava ali as margens do Rio Sanhauá) e a Cidade Alta (onde ficavam as residências e as Ordens religiosas).

A “Rua do Varadouro” era de grande extensão e destacava-se na expressão urbana, pois ali havia um marcante comércio, a alfândega, além de algumas casas nobres de senhores de engenho no fim do século XIX. (ARAÚJO, 2006, p.83 *apud* RODRIGUES, 1961, p. 48-50).

Figura 01: Planta da cidade da Parahyba, levantada em 1855, com destaque da Rua Do Varadouro.



Fonte: Arquivos da Comissão Permanente do Centro Histórico - CPCH (editado por Suellen Paulina, 2019).

No que diz respeito à infraestrutura urbana da época, as ruas eram tortuosas e insalubres. A partir da valorização das ruas e do embelezamento dos espaços públicos, a fim de facilitar as relações sociais, ocorreram algumas reformas urbanas na região no fim do século XIX e a Rua do Varadouro foi fragmentada. A divisão deu origem às ruas João Suassuna e Visconde de Inhaúma. Essa urbanização deu-se graças as movimentações econômicas originárias da produção do algodão.

A partir da desativação das atividades no Porto do Capim e a transferência para o Porto de Cabedelo, junto com o processo de espraiamento da cidade, aquela região do Varadouro entrou em decadência e passou a ser ocupada por uma população que, em sua grande maioria, é de baixa renda. Sobre essas transformações da paisagem a partir das transformações sociais, escreve Milton Santos:

O espaço resulta do casamento da sociedade com a paisagem. O espaço contém o movimento. (...) A paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São as suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais. (...) Podem as formas, durante muito tempo, permanecer as mesmas, mas, como a sociedade está sempre em movimento, a mesma paisagem, a mesma configuração territorial oferece-nos, no transcurso histórico, espaços diferentes. (...) O espaço humano é a síntese, sempre provisória e sempre renovada, das contradições e da dialética social (SANTOS, 2013, p. 79-87).

Como consequência do esvaziamento e da desvalorização imobiliária, pescadores e ex trabalhadores do Porto se apropriaram de instalações desocupadas, bem como da área ribeirinha, e a partir dos anos 70 observou-se a saída dos empreendimentos da cidade baixa em direção à Cidade Alta e à região do Parque da Lagoa Solon de Lucena, como aponta SILVA (2016).

A RUA VISCONDE DE INHAÚMA

A Rua Visconde de Inhaúma possui cento e setenta e sete metros de extensão e ainda abriga alguns armazéns do século XVI. Sua paisagem é marcada, principalmente, pela arquitetura colonial, e as edificações que mais se destacam fazem parte do complexo da antiga Alfândega.

Localizada no Porto da Capital, conhecido como Varadouro, primeiro bairro da capital, essa rua foi a espinha dorsal da capital da Paraíba. Nela encontrava-se, Mercado do Porto, Casa Bancárias, Casa de Leilões, Companhias de Navegação, o primeiro Paço da capital, com sua balança, o Tesouro Provincial, a Alfândega, os Armazéns do Império e particulares, etc. Nela se desenvolveram os primeiros comércios da cidade. Chamava-se antigamente rua dos Ferreiros depois, já em meados da segunda metade do século 19, passou a ser denominada de Visconde de Inhaúma em honra ao famoso militar da Guerra da Paraguai. (RIBEIRO, texto da Comissão do Centro Histórico de João Pessoa)

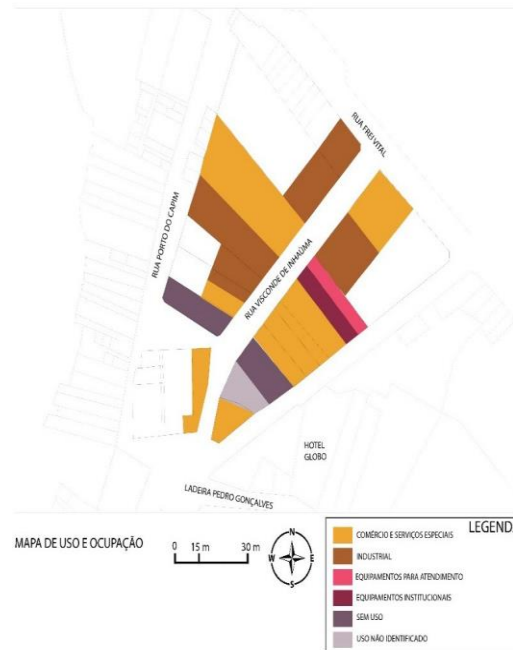
Figura 02: Mapa de pontos focais.



Fonte: Elaborado por Suellen Paulina, 2019.

De acordo com Cavalcante (2009, p. 99), há um uso inadequado das edificações por parte das atividades econômicas, além da inexistência de manutenções pelo poder público.

Figura 03: Mapa de Uso e Ocupação.



Fonte: Elaborado por Suellen Paulina, 2019.

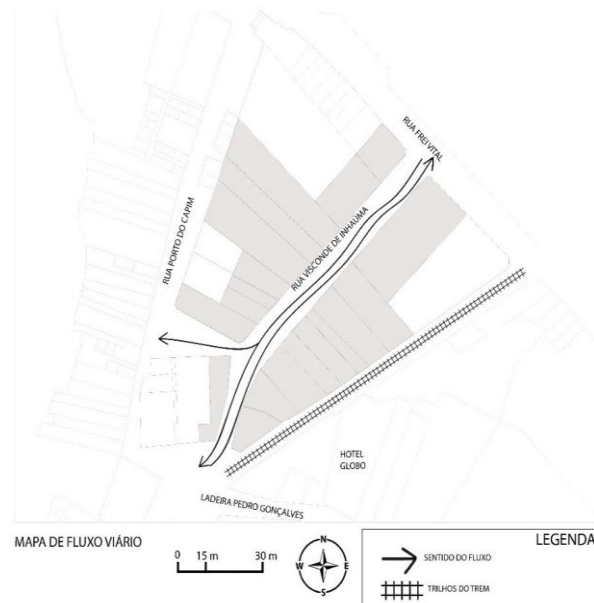
Figura 04: Mapa de Cheios e Vazios.



Fonte: Elaborado por Suellen Paulina, 2019.

A Rua possui poucos imóveis inutilizados, seu uso é predominantemente comercial e não há lotes vazios; tem via de mão dupla e fica próxima aos trilhos do trem, com passagem constante de caminhões, devido às atividades comerciais existentes no local.

Figura 05: Mapa de Fluxo Viário.



Fonte: Elaborado por Suellen Paulina, 2019.

No ano de 2009, havia planos para revitalização do prédio da Intendência da Alfândega, conhecido como “prédio amarelo” (pelos resquícios de cor amarela em sua fachada). A construção de um Centro Cultural Popular, fruto da parceria da Superintendência do IPHAN na Paraíba com a Gerência Nacional do Patrimônio da União - GRPU, nunca chegou a sair do papel, e a última reforma feita na edificação foi no século anterior, em decorrência de um incêndio. Esse e outros projetos faziam parte do “Programa de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa”, que tinha como meta a valorização da cidade baixa.

Atualmente, a edificação em questão, que é de Conservação Total¹, encontra-se inutilizada, sem coberta, com vãos abertos e danos na fachada que incluem pichações. Assim como o prédio da intendência da antiga alfândega, a rua apresenta outra edificação de conservação total: a edificação onde funcionava a superintendência da alfândega, onde houve o desabamento de parte de sua estrutura no início do ano de 2019.

¹ O IPHAEP, pelo Decreto Estadual 25.138/2004, tipifica os níveis de intervenção para as edificações. Uma edificação de Conservação Total - CT é aquela que preserva notavelmente suas características espaciais, volumétricas, tipológicas e decorativas originais.

Figura 06: Superintendência da alfândega. Acima: 1911-1920. Abaixo: 2019.



Fonte: Arquivos da Biblioteca Pública da Paraíba (1911-1920) e acervo fotográfico dos autores (2019).

Figura 07: Prédio da Intendência da Alfândega.



Fonte: Acervo fotográfico dos autores, 2019.

A maioria dos demais imóveis da Rua classificam-se como de Conservação Parcial, pois preservam entre 20% a 80% de suas características originais. Dois lotes apresentam edificações de Renovação Controlada em razão de estarem dentro de uma Área de Preservação Rigorosa – APR, mas não possuírem valor cultural. As edificações dos últimos dois lotes do lado direito se encontram descaracterizadas e também são de Renovação Controlada, mas ainda assim compõem a ambiência da rua.

Figura 08: Mapa de Classificação



Fonte: Elaborado por Suellen Paulina, 2019.

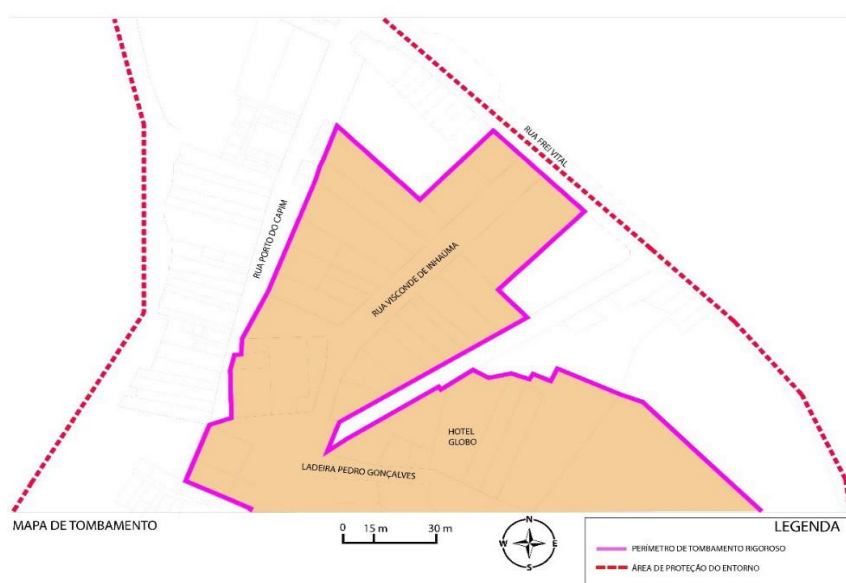
UM OLHAR SOBRE A LEGISLAÇÃO

De acordo com o atual zoneamento do município de João Pessoa, o Bairro do Varadouro, onde se encontra a Rua Visconde de Inhaúma, pertence a uma Zona Comercial de Terminais - ZCT, onde estão localizados três grandes equipamentos públicos: a CBTU - Companhia Brasileira de Trens Urbanos, a Integração do Varadouro e o Terminal Rodoviário da cidade. As edificações ficam restritas a 6 pavimentos para uso residencial e 2 pavimentos para comércio e serviço, em contraposição.

Por estar dentro da Poligonal de Tombamento do IPHAN e do IPHAEP, tratar-se de uma Área de Preservação Rigorosa, na qual a tipologia das edificações deve ser mantida para que seja preservada a ambiência. Uma edificação de 6 pavimentos, por exemplo, quebraria essa ambiência impactando visualmente na paisagem.

A Rua Visconde de Inhaúma apresenta edificações de no máximo 1 pavimento, sendo que a maioria são térreas, como pode ser observado no mapa de gabaritos.

Figura 09: Mapa de tombamento: A Rua Visconde de Inhaúma dentro do Perímetro de Tombamento Rigoroso do IPHAN



Fonte: Elaborado por Suellen Paulina, 2019, com base no perímetro de tombamento do IPHAN

Figura 10: Mapa de Gabaritos.



Fonte: Elaborado por Suellen Paulina, 2019.

Além da legislação de que rege o IPHAN no Brasil, não há nenhuma normativa específica que incida sobre o Centro Histórico de João Pessoa que tenha sido elaborada apenas pela Superintendência do IPHAN na Paraíba. Há um suporte e concordância com a Legislação Estadual.

A Rua Visconde de Inhaúma está entre as 25 ruas e 6 praças da poligonal de tombamento do IPHAN e qualquer intervenção na área de preservação do Centro Histórico só deve

acontecer após análise do projeto e autorização dos órgãos patrimoniais, como é apontado no Art. 25 do Decreto Estadual nº7.819/78, “O Instituto providenciará a realização de um acordo com o IPHAN, para coordenação e desenvolvimento de atividades de proteção, restauração e tombamentos do Estado”.

Mesmo com seu uso comercial desde sua origem, faz-se necessária a autorização do órgão patrimonial antes de intervenções. Tendo ciência da forte presença de madeiras na Rua Visconde de Inhaúma, atentou-se para o Art. 38 do mesmo decreto acima citado:

“Art. 38. A utilização de bem tombado, para fins comerciais ou turísticos, só poderá ser feita mediante consentimento expresso do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba, depois de análise e estudos do processo enviado pela parte interessada” (PARAÍBA (Estado), Decreto Estadual n. 7.819/78)

De acordo com o anexo do Decreto Estadual nº33.816/2013, no que diz respeito à publicidade, fica proibida a inserção de toldos, placas e letreiros que encubram elementos construtivos que façam parte da morfologia original da fachada e dos vãos, o que inclui vergas, bandeiras entre outros. As placas se restringem apenas ao pavimento térreo, podendo ser paralelas ou perpendiculares à fachada. Na Rua Visconde de Inhaúma observou-se as duas tipologias de placas que estão de acordo com a legislação.

ASPECTOS ARQUITETÔNICOS

Os estilos arquitetônicos variam entre Colonial, Neoclássico e Eclético, com presença moderada de adornos e pouco refinamento. Boa parte das edificações encontra-se descaracterizada devido a grandes aberturas nas fachadas, por conta das madeiras que ali se instalaram.

Podem ser observados aspectos em comuns nas tipologias das fachadas: aberturas com arco pleno e bandeiras em ferro, que era um elemento bastante comum na arquitetura colonial, especialmente no Nordeste, pois, como as edificações eram geminadas, contribuía para a ventilação e iluminação natural nos espaços internos.

Entre as edificações do lado direito da rua, destaca-se o prédio da antiga superintendência da alfândega, indicado como o número 3 na figura à diante. A edificação 8 trata-se de uma construção mais contemporânea e nota-se que a mesma respeitou o gabarito da rua.

Figura 11: Perfil lateral direito.



Fonte: Elaborado por Raiana Guimarães, 2019.

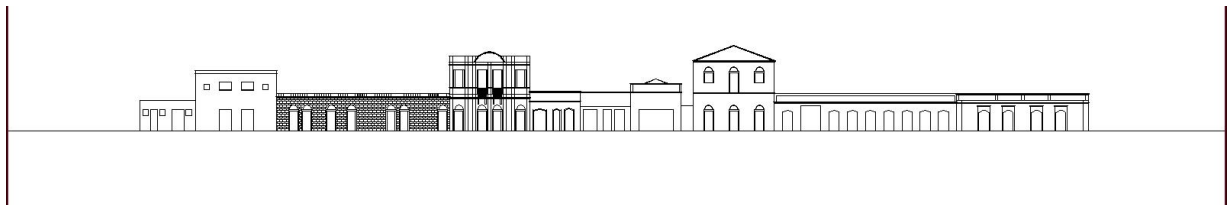
Natabela abaixo, encontra-se a classificação dos estilos arquitetônicos e as características predominantes, seguindo a numeração do perfil lateral da rua apresentado na Figura acima.

Tabela 01: Tabela de classificação das edificações

IMÓVEL	ESTILO ARQUITETÔNICO	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS
01	NEOCLÁSSICO	FRONTÃO NA FACHADA LATERAL, PLATIBANDA, PORTAS COM BANDEIRA EM FERRO.
02	COLONIAL DESCARACTERIZADO	DESPROVIDO DE ADORNOS, PLATIBANDA SIMPLES, JANELAS ALTAS COM GRADES EM FERRO.
03	NEOCLÁSSICO	SIMETRIA, FRONTÃO, BANDEIRAS EM FERRO
04	ECLÉTICO DESCARACTERIZADO	FRONTÃO EM CIMA DE PLATIBANDA, PLATIBANDA SIMPLES, PORTAS COM ARCOS ABATIDOS.
05	ECLÉTICO	PLATIBANDA, FRONTÃO CURVO COM PINÁCULO CENTRAL, ADORNOS ACIMA DAS ABERTURAS, VARANDA COM GRADIL EM FERRO
06	ECLÉTICO	PLATIBANDA COM BALAUSTRADA, BANDEIRA EM FERRO
07	ECLÉTICO	PLATIBANDA COM BALAUSTRADA, BANDEIRA EM FERRO
08	EDIFICAÇÃO MAIS RECENTE	FOI CONSTRUÍDO POSTERIORMENTE, COM PLATIBANDA SIMPLES

Fonte: Elaborado por Suellen Paulina, 2019

Figura 12: Redesenho do perfil lateral direito.



Fonte: Elaborado por Raiana Guimarães, 2019.

Já no lado esquerdo da rua, destaca-se o prédio da antiga Intendência da Alfândega, edificação número 8.

Figura 13: Perfil lateral esquerdo.



Fonte: Elaborado por Raiana Guimarães, 2019.

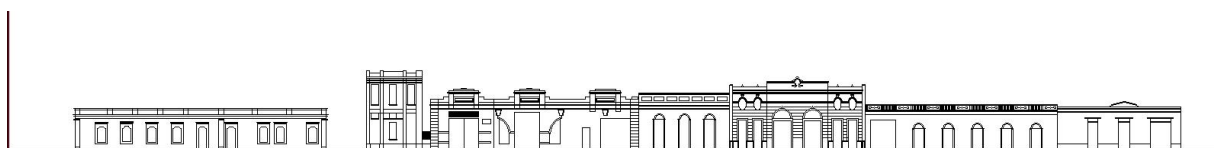
A seguir, a classificação dos estilos arquitetônicos e das características predominantes nos imóveis, novamente seguindo a numeração do perfil lateral da rua.

Tabela 02: Tabela de classificação

IMÓVEL	ESTILO ARQUITETÔNICO	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS
01	COLONIAL	PLATIBANDA E ARCOS ABATIDOS
02	ECLÉTICO	PLATIBANDA, ESQUINA CHANFRADA
03	ECLÉTICO DESCARACTERIZADO	PLATIBANDA ADORNADA
04	ECLÉTICO DESCARACTERIZADO	PLATIBANDA ADORNADA
05	ECLÉTICO DESCARACTERIZADO	PLATIBANDA ADORNADA
06	ECLÉTICO (COLONIAL COM ADIÇÕES POSTERIORES)	PLATIBANDA ADORNADA, BANDEIRA EM FERRO
07	ECLÉTICO	PLATIBANDA COM ADORNOS, BANDEIRA EM FERRO, MEZANINO
08	ECLÉTICO DESCARACTERIZADO (COLONIAL COM ADIÇÕES POSTERIORES)	PLATIBANDA COM BALAUSTRADA
09	FALSO HISTÓRICO ECLÉTICO MARCADO POR ART-DECÓ	PLATIBANDA MARCADA COM LINHAS RETAS E FOR- MAS TRIANGULARES, MARQUISES, ESQUINA CHANFRADA

Fonte: Elaborado por Suellen Paulina, 2019

Figura 14: Redesenho do perfil lateral esquerdo.



Fonte: Elaborado por Raiana Guimarães, 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para compreender o objeto de estudo é preciso percebê-lo: sua imagem, usos, fluxos, aspectos históricos e sociais. Atualmente, as principais atividades que atraem as pessoas para o Centro da cidade de João Pessoa são o comércio e serviços; e a área do Varadouro retém, sobretudo, atividades industriais como oficinas mecânicas e madeireiras. Diariamente, por volta das 17:30, o comércio começa a fechar e a cidade baixa se esvazia. Ainda assim, a proximidade entre a Rua Visconde de Inhaúma e o Porto do Capim faz com que o trecho seja lugar de passagem dos moradores da comunidade que ali existe, apesar de não haver um intenso fluxo de pedestres e presença de fixos na rua.

O potencial turístico, se desenvolvido junto à comunidade estabelecida no local, poderá fortalecer ainda mais as raízes históricas do lugar e abrir caminho para novas funcionalidades, além da essencial permanência de pessoas no local durante todo o dia.

O material levantado e apresentado ao longo este trabalho permite não só a leitura da Rua Visconde de Inhaúma, como também abre caminho para novas discussões sobre as suas competências e problemáticas. A apreensão das peculiaridades dos espaços deve ser considerada como prerrogativa para a consolidação dos mesmos em debates que envolvam intervenções direcionadas ao seu desenvolvimento e às diversas possibilidades de ocupação por parte da população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Vera Lúcia. **As transformações na paisagem do Porto do Capim: Leituras de uma paisagem urbana.** 2006. 168 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

BRASIL, **Constituição (1988).** Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988

CAVALCANTE, Roberta Paiva. **Intervenções de recuperação no Centro Histórico de João Pessoa: Bairro Varadouro.** 2009. 187 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana e Ambiental) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009

MAIA, Doralice Sátyro. **Uma cidade em (re) construção: A cidade da Parahyba no século XIX.** Revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales - Universidade de Barcelona. Vol X, n. 218 (38), 1 de agosto de 2006.

OLIVEIRA, Fábio Amorim de. **Disciplina, embelezamento e modernização: A Parahyba do Norte entre 1910 e 1930.** 2014. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2014.

PARAÍBA (Estado). Decreto Estadual n. 7.817 de 24 de outubro de 1978. Diário Oficial, Poder Executivo. João Pessoa, 26 de outubro de 1978.

_____. Decreto n. 25.138 de 28 de junho de 2004. Diário Oficial, Tombamento do Centro Histórico Inicial da Cidade de João Pessoa. João Pessoa, 20 de fevereiro de 2005.

_____. Decreto n. 33.816, de 05 de abril de 2013. Diário Oficial, Poder Executivo. João Pessoa, 06 de abril de 2013.

JOÃO PESSOA (Município). **Código de Urbanismo.** Secretaria de Planejamento, Prefeitura Municipal de João Pessoa, julho de 2001.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia / Milton Santos em colaboração com Denise Elias.** - 6. Ed. 2. reimp. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SILVA, Regina Celly Nogueira da. **A Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa: Uma estratégia para a reprodução do capital.** 2016. 312 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

TINEM, Nelci. CARVALHO, Juliano Loureiro Celino Moraes. MARTINS, Carla Gisele Macedo Santos. **Para além da dicotomia Cidade Alta/ Cidade Baixa: Um estudo historiográfico da forma urbana em João Pessoa (PB).** XI ENA - Encontro Nacional da ANPUR, Salvador, 2005.

A HISTÓRIA EDIFICADA DA RUA PEREGRINO DE CARVALHO, JOÃO PESSOA - PB

BUILD HISTORY OF PEREGRINO DE CARVALHO STREET, JOÃO PESSOA – PB

FREITAS, NATHALIA ALYNE FREIRE

Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo - Centro Universitário UNIESP

LIRA, PABLO FELINTO

Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo - Centro Universitário UNIESP

PEREIRA, SÔNIA MARIA VICENTE

Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário UNIESP

SANTOS, ROMÁRIO FIGUEIREDO DOS

Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo - Centro Universitário UNIESP

RESUMO

Este artigo propõe a análise das características que definem a Rua Peregrino de Carvalho, focando em seus marcos históricos e em suas mudanças arquitetônicas. Assim, a partir da compreensão dos documentos físicos analisados e da paisagem da rua, entenderemos quais são os critérios de valor atribuídos a ela e a sua importância no passado e no presente para a cidade de João Pessoa - PB.

PALAVRAS CHAVES: Patrimônio; Centro histórico; História; Rua.

ABSTRACT

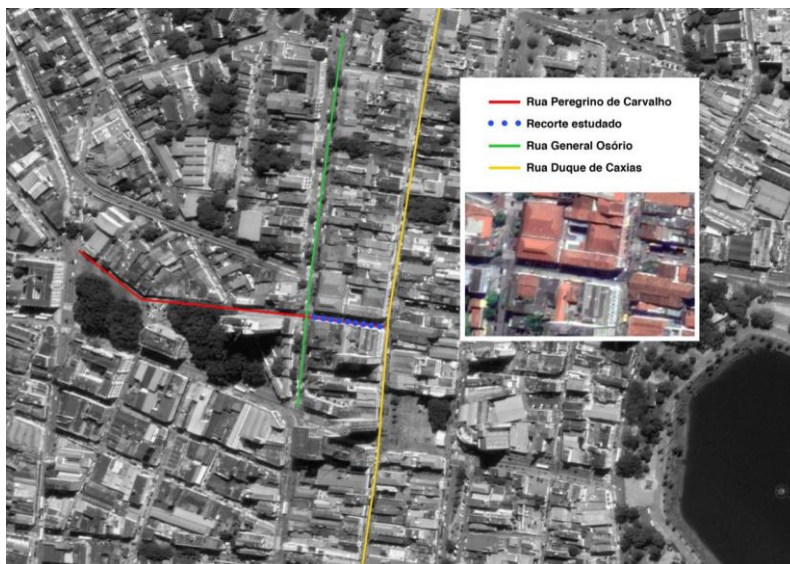
This article proposes an analysis of the characteristics that define Rua Peregrino de Carvalho, focusing on its historical landmarks and architectural changes. Thus, from the understanding of the analyzed physical documents and the street landscape, understand what are the values of value attributed to it and its importance in the past and present for the city of João Pessoa - PB

KEYWORDS: *Patrimony; Historic Center; Historic; Street.*

INTRODUÇÃO

A Rua Peregrino de Carvalho está localizada no Centro da Capital Paraibana João Pessoa, na antiga área denominada cidade alta. Sua extensão vai desde a Rua Duque de Caxias (Antiga Rua Direita) até o Theatro Santa Roza. O recorte estudado da rua é cortado perpendicularmente pelas ruas Duque de Caxias e General Osório (Antiga Rua Nova) ambas de grande importância histórica para a formação da cidade.

Figura 01: Localização da Rua Peregrino de Carvalho, 2019



Fonte: Google Earth (Editado pelos autores)

Estando dentro de delimitações de proteção patrimonial tanto em caráter estadual quanto em caráter nacional, a Rua Peregrino de Carvalho se compreende como um espaço que foi palco de importantes transformações através do tempo. Transformações estas que marcaram transições na compreensão da cidade e do modo como age o homem diante essas relações.

O começo de sua ocupação pode ter se dado no início da formação da cidade de João Pessoa, o que pode ser constatado através da idade da Igreja da Misericórdia, construída no século XVII, localizada no ponto de cruzamento entre a Rua Duque de Caxias com a Rua Peregrino de Carvalho.

Antes conhecida como Rua ou Beco da Misericórdia, por conta da Santa Casa da Misericórdia, o local também já foi chamado como Ladeira da Carioca e Ladeira da Pedra. Seu atual nome foi concebido no Séc. XX por iniciativa do Clube Benjamim Constant ao homenagear um dos cinco mártires da Revolução de 1817 originada em Pernambuco, visando à proclamação da República.

Por meio de seu patrimônio edificado, podemos identificar a linha do tempo que existe através da congregação de diferentes épocas e estilos arquitetônicos presentes. É possível perceber a transformação das fachadas que um dia pertenceram ao período colonial, mas que ao longo do tempo foram se modificando e se tornando em outros estilos arquitetônicos, como até mesmo o moderno.

As necessidades de uso e os aspectos arquitetônicos foram se modificando entre o passado e do presente, leia-se anos 2000, nos mostrando que ali houve transformação social e econômica.

Todas as direções que nos levam a essa rua nos fazem passar por documentos físicos da história, atestando desse modo, que a Peregrino de Carvalho se encontra em um trecho de altíssimo valor patrimonial para cidade pessoense.

LEGISLAÇÃO

Por localizar-se dentro de uma privilegiada área histórica e por ser importante no cenário estadual, a Rua Peregrino de Carvalho foi tombada por inteiro juntamente com o Centro Histórico de João Pessoa estando dentro do perímetro de proteção rigorosa (APR) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), através do decreto N° 25.138, de Julho de 2004, assinado pelo então governador Cássio Cunha Lima.

Já em caráter nacional, a Rua foi tombada, também, junto com o restante do Centro Histórico de João Pessoa em 2009, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), efetivado com o registro nos livros de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico. No entanto, somente o trecho que se encontra entre as Ruas Duque de Caxias e General Osório foi tombado e entendido como de valor para o cenário nacional.

Além de possuir os tombamentos através dos institutos, o local também está submetido a outras normativas, sendo elas necessárias para que haja um padrão harmônico em relação a rua e os prédios no que diz respeito aos gabaritos e fachadas. Essas normas são ditadas através dos códigos, que são elaborados através da administração municipal a fim de controlar e fiscalizar o espaço construído e seu entorno.

O código de posturas da prefeitura de João Pessoa no que tange as regulamentações do Centro Histórico, estabelece normas de como devem estar dispostos anúncios, letreiros, cartazes e aviso nos prédios. No entanto, assim como boa parte das demais áreas do centro, algumas edificações não cumprem o regimento. Possuindo placas abaixo da altura indicada, apresentando letreiros que cobrem toda a fachada e propagandas em locais indevidos. Somente os prédios que abrigam o Banco Bradesco (Figura 4) e a Paulus seguem plenamente o regimento do código de posturas, tendo placas em tamanho e alturas corretas.

Figura 02: Banco Bradesco, Localizado na Rua Peregrino de Carvalho, 2019

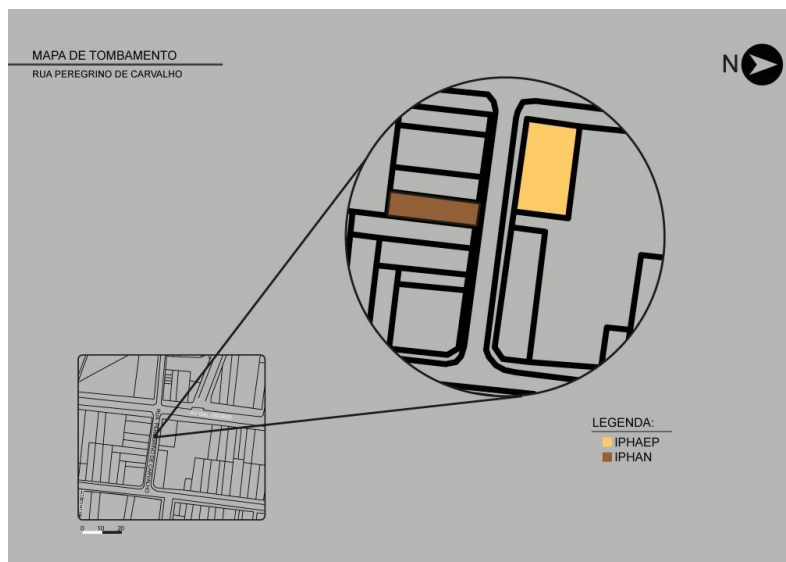


Fonte: Acervo fotográfico do grupo

TOMBAMENTOS INDIVIDUAIS

Além de ser tombada em sua totalidade, a Rua Peregrino de Carvalho possui duas edificações tombadas individualmente. Sendo elas o Sobrado de Peregrino de Carvalho N° 117, tombado pelo IPHAN, e o prédio N°253 da Biblioteca Pública do Estado da Paraíba tombada pelo IPHAEP.

Figura 03: Mapa de Tombamentos individuais, Trecho da Rua Peregrino de Carvalho, 2019



Fonte: Mapa desenvolvido pelos autores

SOBRADO DE JOSÉ PEREGRINO DE CARVALHO, N° 117

A revolução pernambucana de 1817 foi um dos mais importantes movimentos revolucionários do período colonial brasileiro. Eclodiu através da insatisfação da população da época em relação a diversos fatores ocorridos após a chegada da família real em 1808. Incluindo altos impostos, grande número de portugueses em cargos públicos, além da grave crise econômica que assolava a região atingindo principalmente a camada mais pobre.

Após a dominação do grupo revolucionário à Recife, buscaram formas de se alastrar em outras províncias do norte e nordeste, mas preocupado com o crescimento da revolução, Dom João VI organizou e enviou uma forte repressão militar à Pernambuco. Os embates duraram cerca de 75 dias, tendo os revolucionários como derrotados. Dentre eles, estava José Peregrino de Carvalho, um dos cinco mártires da revolução.

José Peregrino de Carvalho Xavier de Carvalho, jovem de 19 anos, comissionado no posto de tenente-coronel de patriotas da Paraíba, foi morto pelo sonho de querer arvorar o estandarte da liberdade, que o absolutismo converteu em crime de lesa-majestade. O seu sonho não era o mesmo de Tiradentes. A inconfidência mineira aspirava a uma pátria livre, sem cogitação de império ou de república, sem mesmo uma ideia mais nítida de nacionalidade, como a que brotava do nativismo. Foi, como se sabe um sonho de poetas, enquanto a república de 1817 sonhava com uma pátria brasileira, de conformidade com o modelo americano. Até o cárcere, os pregoeiros da liberdade dedilhavam a lira no sentido da democracia, que seria o ancoradouro da autonomia brasileira. Vitoriosa a revolução,

ninguém pensou em trucidar os portugueses, porque isso repugnava aos sentimentos patrióticos. (ALMEIDA, 1966)

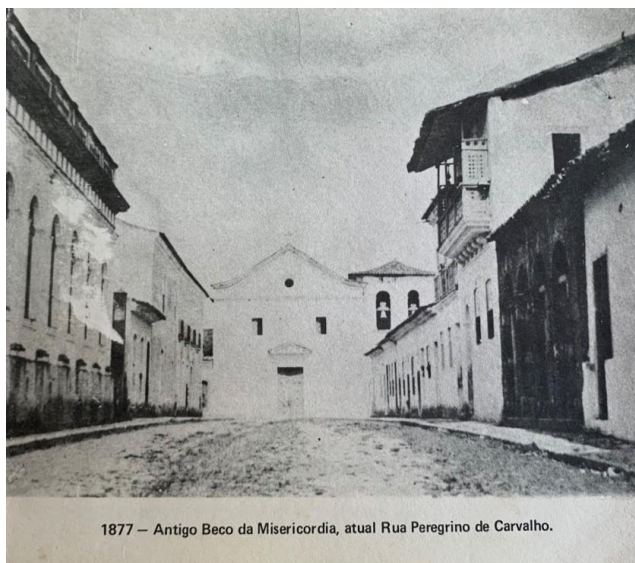
Na mesma casa onde nasceu, José Peregrino se entregou a coroa a pedido do pai. O mesmo foi acusado pelo crime de Lesa-majestade, levado para Recife e condenado a morte e enforcado em 21 de Agosto de 1817. Logo após, cortaram-lhe sua cabeça e mãos, sendo enviadas de volta a Paraíba. Após salgadas, ficaram expostas na Antiga Igreja do Bom Jesus, atual Igreja de Lourdes, Rua das Trincheiras. O restante de seu corpo foi amarrado ao rabo de um cavalo e arrastado até o cemitério da Igreja do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio, no Recife.

O Sobrado de Peregrino de Carvalho foi tombado através do IPHAN, inscrito sob o número 063 do Livro histórico, processo 061.T-38, em 20 de junho de 1938, com iniciativa voluntária da então proprietária Maria Lúcia Fernandes Barbosa, que residia na antiga Rua Direita (Atual Rua Duque de Caxias), N° 614.

Atualmente, a casa José Peregrino de Carvalho contém dois pavimentos, platibanda e varandas de ferro, o que pode ter sido acrescentado em anos seguintes. Pois em registro fotográfico de 1877 (Figura 04) , a casa não possuía esses elementos.

Figura 04: Antigo Beco da Misericórdia, atual Rua Peregrino de Carvalho, 1877

Figura 05: Sobrado de José Peregrino de Carvalho, 2019



1877 – Antigo Beco da Misericórdia, atual Rua Peregrino de Carvalho.



Fonte: Livro 2 Séculos da Cidade Passeio Retrospectivo 1870-1930, Walfredo Rodriguez

Fonte: Acervo fotográfico dos autores

PRÉDIO N° 253, BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DA PARAÍBA

O prédio da Biblioteca Pública do Estado da Paraíba (Figura 06) teve suas obras iniciadas em 26 de março de 1874, pelo Barão de Abiaí, sendo concluída somente em 1884. Após conclusão, foi instalada a primeira Escola Normal de Ensino Primário. Logo após, passou a ser ocupado pelo Supremo Tribunal da Justiça e em seguida, ocupada pela Biblioteca Pública em 1875.

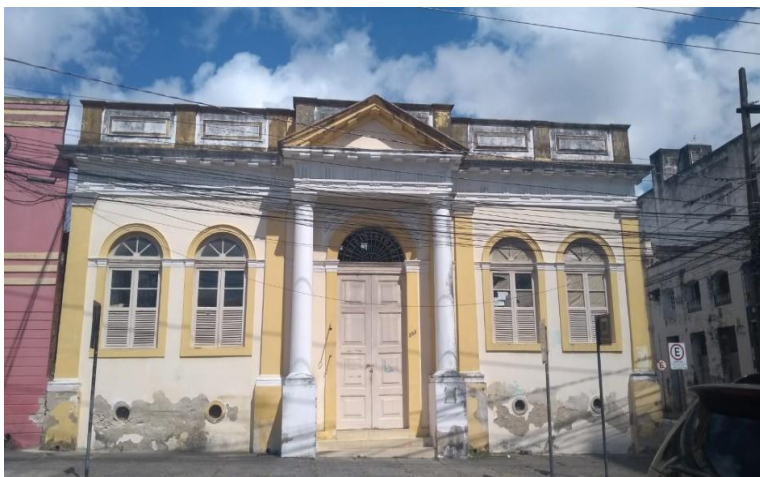
A edificação seguiu sendo ocupada pela Biblioteca até a década de 80, quando em 1982,

em meio a ditadura, o acervo da biblioteca foi levado para o Espaço Cultural da Paraíba. Isso fez com que o Centro de João Pessoa ficasse órfão de biblioteca. A partir daí, o prédio passou a ser sede do Jornal A União.

Em 1985 o prédio ficou desocupado e vazio, sendo reaberto somente em 1998 após restauração promovida pela Comissão Permanente de Desenvolvimento do Centro Histórico de João Pessoa, quando a biblioteca retornou ao casarão histórico, trazendo de volta a sua função social.

A edificação que tem sua fachada principal virada para a Rua General Osório e a fachada leste para Rua Peregrino de Carvalho, possui genuínas características neoclássicas do Século XIX, sendo tombada pelo IPHAEP através do decreto N° 8.626 de 26 de Agosto de 1980, publicado no jornal oficial em 05 de setembro do mesmo ano. Assinado pelo então governador Tarcísio Miranda Burity.

Figura 06: Prédio N°, Biblioteca Pública do Estado, 2019



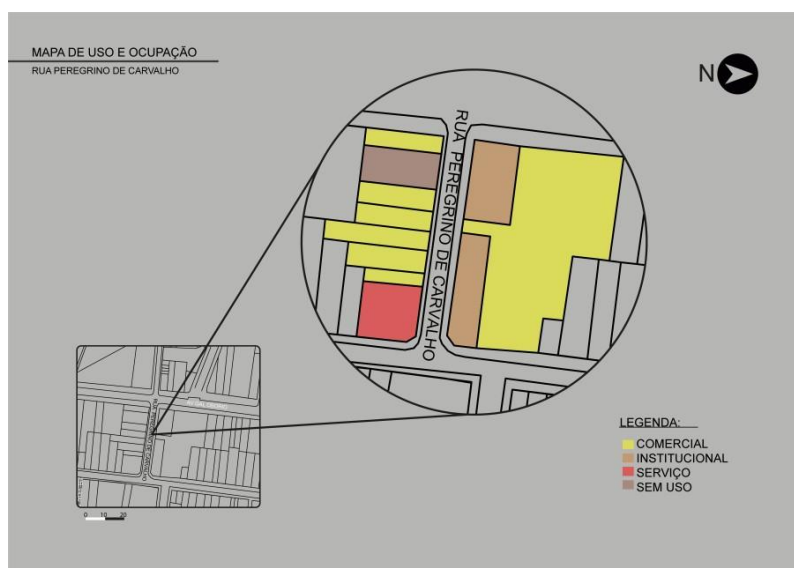
Fonte: Acervo fotográfico dos autores

MAPAS

USO E OCUPAÇÃO

Inicialmente, como de costume nos antigos centros urbanos, a Rua Peregrino de Carvalho possuía a maioria de suas edificações em teor residencial. Atualmente, além de possuir instituições e serviços, podemos perceber que o uso comercial está em predominância. Essa transição pode ter se dado com o crescimento da cidade em direção ao mar, em consonância com criação da Avenida Epitácio Pessoa, fazendo com que as pessoas se mudassem do Centro em direção a orla. Destarte, o comércio se apossou de quase todas as edificações centrais.

Figura 07: Mapa de Uso e ocupação, Trecho da Rua Peregrino de Carvalho, 2019

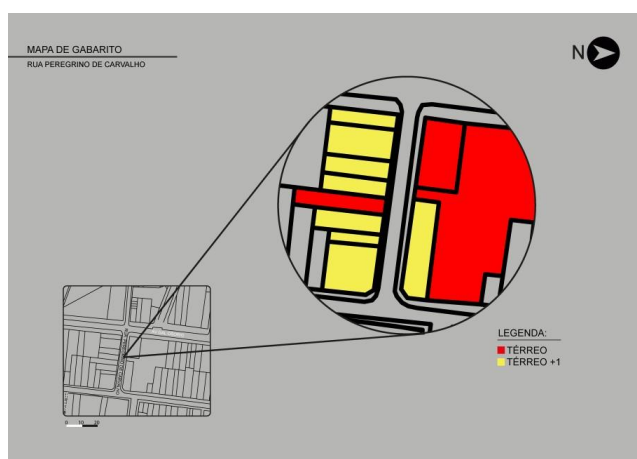


Fonte: Mapa desenvolvido pelos autores

GABARITO

Atualmente, a maioria das edificações da Rua Peregrino possui gabarito térreo + 1º Pavimento. Mas podemos observar em foto de 1877 (Figura 04) que as construções térreas estavam em maioria. Essa mudança ocorre principalmente por necessidade de seus usuários, além da modernização dos estilos arquitetônicos ao transpassar do tempo.

Figura 08: Mapa de Gabarito, Trecho da Rua Peregrino de Carvalho, 2019

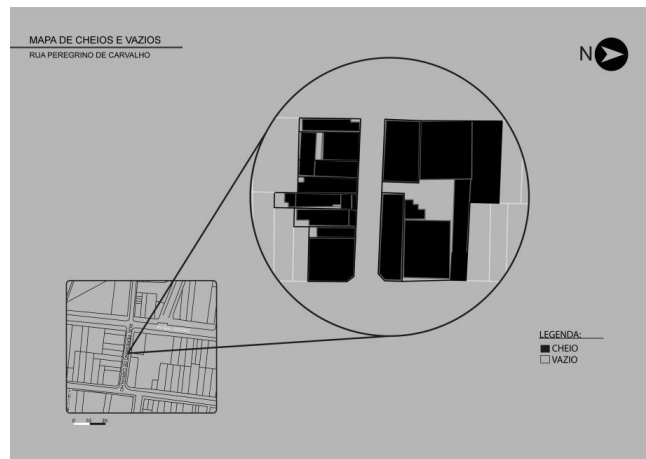


Fonte: Mapa desenvolvido pelos autores

CHEIOS E VAZIOS

No início das ocupações centrais, as edificações tomavam todo o lote. Sendo praticamente coladas umas as outras. Essa característica não sofreu muitas alterações, como podemos perceber no recorte da Rua Peregrino de Carvalho. Atualmente, o único espaço sem construção é a entrada lateral do Shopping Terceirão.

Figura 09: Mapa de Cheios e Vazios, Trecho da Rua Peregrino de Carvalho, 2019



Fonte: Mapa desenvolvido pelos autores

PONTOS FOCAIS

No recorte estudado podemos perceber dois destaques arquitetônicos. Ambos não estão na Rua Peregrino de Carvalho, mas visualmente fazem parte da paisagem contribuindo como ponto de referência para rua. Sendo eles nas imagens 01 e 02 do mapa, em direção leste, a Igreja da Misericórdia, localizada na Rua Duque de Caxias. E na imagem 03, direção Oeste, temos o Edifício de 18 andares.

Figura 10: Mapa de Pontos focais, Trecho da Rua Peregrino de Carvalho, 2019



Fonte: Mapa desenvolvido pelos autores

ANÁLISE ARQUITETÔNICA

As edificações da Rua Peregrino de Carvalho sofreram diversas modificações com o passar do tempo. Tanto em aumento de gabarito, quanto em modificações na fachada. Antes do tombamento e dos códigos, as modificações nas construções eram executadas de forma avulsa, sem qualquer norma ou regimento que os balizasse. Desse modo, muitas características históricas foram perdidas com o tempo, fazendo com que a rua possua

edificações descaracterizadas.

As alterações arquitetônicas e urbanas refletem as mudanças sociais e econômicas da sociedade. O que não foi diferente tanto na Rua Peregrino de Carvalho quanto no restante do Centro histórico, quando tínhamos, por exemplo, a maioria das edificações em gabarito térreo e outras características que remetem ao vernacular.

No espaço estudado podemos perceber a presença de imponentes edificações históricas, que possuem características marcantes de importantes períodos arquitetônicos e que ainda se mantêm apesar do passar do tempo. Dentre elas, destacam-se:

IGREJA DA MISERICÓRDIA

Figura 11: Igreja da Misericórdia, 2019



Fonte: Acervo fotográfico dos autores

A Igreja da Misericórdia, construída no início do Séc. XVII, não faz parte da Rua Peregrino de Carvalho, mas é um ponto visual marcante visto dela. A partir do tipo de pedra utilizado na construção, da forma arquitetônica simples e da época em que foi construída, podemos confirmar que a Igreja da Misericórdia possui características da Arquitetura Maneirista, datada do início do período Barroco.

ATUAL PRÉDIO DO BANCO BRADESCO

Figura 12: Atual prédio do Banco Bradesco na Rua Peregrino de Carvalho, 2019



Fonte: Acervo fotográfico dos autores

Atualmente abrigando o Banco Bradesco, a edificação já comportou o antigo CineRex. Local de suma importância para o cinema paraibano. As formas geométricas marcam a edificação, atestando características do Estilo Art. Decó. As características arquitetônicas foram mantidas até hoje, além de estar bem conservado.

ANTIGA SEDE DO ESPORTE CLUBE CABO BRANCO

Figura 13: Antigo Esporte Clube Cabo Branco, 2019

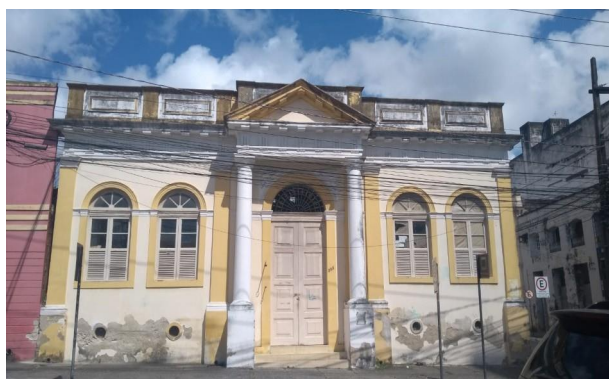


Fonte: Acervo fotográfico dos autores

O atual prédio foi inaugurado em 19 de janeiro 1926. Várias modificações foram executadas, mas somente na parte interior da edificação. Na parte exterior, podemos perceber itens de variados estilos arquitetônicos colocados na mesma época propositalmente. Atestando características Ecléticas. Possui boa conservação.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DA PARAÍBA

Figura 14: Biblioteca Pública do Estado da Paraíba, 2019



Fonte: Acervo fotográfico dos autores

A fachada frontal da Biblioteca está virada para Rua General Osório. Possuindo sua fachada sul à Rua General Osório. Através da platibanda, seus arcos, frontão e coluna, podemos confirmar que trata-se de uma genuína arquitetura Neoclássica. Está em boas condições de conservação.

SOBRADO DE JOSÉ PEREGRINO DE CARVALHO

Figura 15: Sobrado de Peregrino de Carvalho, 2019



Fonte: Acervo fotográfico dos autores

O Sobrado de José Peregrino sofreu alterações com o passar do tempo. Inicialmente, a edificação possuía traços coloniais, após a inserção da platibanda, podemos perceber que características neoclássicas estão presentes na construção do século XIX. Desse modo, atesta-se que seja uma construção colonial com vestígios do neoclassicismo. A edificação se encontra muito desgastada.

6 PERFIL FOTOGRÁFICO

Figura 16: Perfil Fotográfico da Rua Peregrino de Carvalho, 2019



Fonte: Perfil Fotográfico desenvolvido pelos autores

REDESENHO DAS FACHADAS

Figura 17: Redesenho de fachada da Rua Peregrino de Carvalho, 2019



Fonte: Redesenho desenvolvido pelos autores

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, pudemos entender que a Rua Peregrino de Carvalho foi palco de diversos acontecimentos históricos e de processos de transformações arquitetônicas, desde a construção da Igreja da Misericórdia, quanto a construção da primeira Biblioteca Pública do centro e o local onde morou um dos líderes revolucionários de 1817. Provando seu valor físico e até imaterial à história da cidade de João Pessoa-PB.

Infelizmente, muitos fatores negativos relacionados a preservação e a valorização do espaço estão presentes tanto na Rua Peregrino quanto em todo o centro histórico. É de suma importância que mantenhamos os estudos, análises, registros do meio urbano, sendo ele de valor histórico ou não, para que tenhamos um modo de guardar essas informações, visando a preservação de nossa memória urbana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, W. **Cidade de João Pessoa: A memória do tempo**. João Pessoa: Grafset, 1993

ALMEIDA, H. **História da Paraíba – Tomo 1**. Ceará: Imprensa Universitária, 1966.

RODRIGUES, W. **Roteiro Sentimental de uma Cidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1962.

ODILON, M; COUTINHO, N. **Logradouros da Grande João Pessoa: Personagens e Fatos**. João Pessoa: Sal da Terra, 2001.

MARTINS, E. **A Tipografia do Beco da Misericórdia: Apontamentos Históricos**. João Pessoa: A União, 1978.

LOPES, T. Biblioteca Pública Estadual da Paraíba, um retrato. **Article**, Fundacaoastrojildo, maio, 2016. Disponível em: <<http://www.fundacaoastrojildo.com.br/2015/article/biblioteca-publica-estadual-da-paraiba-um-retrato/>>.

IPHAN. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/872>>. Acesso em: 01 dez. 2019.

O URBANO EM VÍDEO

The Urban in Video

MORAIS, FERNANDO DE OLIVEIRA

Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário de Patos

BRITO, LIANA FERREIRA DE

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário de Patos

BERTO, VANESSA BORGES

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário de Patos

RESUMO

O presente trabalho apresenta os resultados do projeto de extensão intitulado: a produção audiovisual como instrumento de aproximação do espaço urbano que adveio do crescimento das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e da popularização dos recursos audiovisuais que podem contribuir no ensino do curso de arquitetura e urbanismo, visto na capacitação das Faculdades Integradas de Patos (FIP) com os estudantes do sertão paraibano. O projeto teve como objetivo trocar conhecimentos audiovisuais entre a instituição e os participantes, que resultou na produção de curtas-metragens acerca da cultura sertaneja como expressão autêntica e original da criatividade dos mesmos. Usando o espaço do sertão nordestino, os participantes conheceram a realidade dessa região em seus aspectos socioculturais, como, educação, cultura local, música, locais de referência para cidade entre outros, que resultou, após a capacitação técnica, na produção de conteúdo audiovisual, individual e coletivo, representativo de suas vivências, de modo que, contribuiu com a prática profissional dos estudantes de graduação, funcionários e usuários das FIP.

PALAVRAS CHAVES: Tecnologias de Informação e Comunicação; Produção audiovisual; Ensino; Cultura; Urbano.

ABSTRACT

The present work presents the results of the extension project entitled “audiovisual production as an instrument for the approximation of urban space”, which resulted from the growth of new Information and Communication Technologies (ICTs) and the popularization of audiovisual resources that can contribute to the teaching of course of architecture and urbanism, as seen in the training of the Faculdades Integradas de Patos (FIP) with students from the Paraíba’s backwoods. The project aimed to exchange audiovisual knowledge between the institution and participants, which resulted in the production of short films about backwoods culture as an authentic and original expression of their creativity. Using the space of the northeastern backwoods, participants learned about the reality of this region in its socio-cultural aspects, such as education, local culture, music, reference sites for city among others, which resulted, after technical training, in the production of individual audiovisual content and collective, representative of their experiences, so that, contributed to the professional practice of undergraduate students, employees and FIP users.

KEYWORDS: Information and Communication Technologies; Audiovisual production; Teaching; Culture; Urban.

INTRODUÇÃO

Uma característica relevante da vida moderna é o crescimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) que se instaurou em muitos setores da vida social e educacional, permitindo mais autonomia, mas também possibilitando a auto expressão e a construção da identidade (DIÓRIO; RÔÇAS, 2013, p. 55). Segundo Moreira (2003, p. 1216), os meios de comunicação exercem atualmente uma função pedagógica básica: a de socializar os indivíduos e de transmitir-lhes os códigos de funcionamento do mundo, sendo essa transmissão realizada desde muito cedo através do contato com tecnologias como celulares, smartphones, computadores e tantos outros aparelhos tecnológicos dos quais têm contribuído na produção de uma vida inteiramente diferenciada daquela de representantes das gerações anteriores (FILHO; LEMOS, 2008, p. 17), isto é, estamos inseridos na dita geração digital também conhecida como geração on-line, geração internet, geração conectada, geração z (de *zapping*) ou geração pontocom (DIÓRIO; RÔÇAS, 2013, p. 57), na qual o que não falta para os jovens alunos é informação, pois essa geração já nasceu imersa na tecnologia” (MURANO, 2011, p. 28).

Deste modo, diante do cenário da popularização e da revolução das TICs na contemporaneidade, enfaticamente no campo da educação aplicada na percepção e no ensino da arquitetura e do urbanismo, este artigo demonstra os resultados obtidos do projeto de extensão, a produção audiovisual como instrumento de aproximação do espaço urbano, que fez uso da ferramenta tecnológica por meio do registro e da produção audiovisual dos espaços urbanos do sertão. O objetivo é a troca de conhecimento entre a instituição das Faculdades Integradas de Patos (FIP) e os participantes do projeto, estudantes de todos os cursos, funcionários e usuários das FIP, proporcionando assim, a integração entre o conhecimento técnico da produção audiovisual e a prática in loco espacial, bem como a percepção do espaço urbano sertanejo aos olhos dos participantes, expondo através de vídeos documentais e curtas-metragens experimentais, a vivência e as expressões sociais e culturais dessa população.

O contexto que gerou a proposta do projeto de extensão foi originado a partir da constatação do uso das TICs na educação, enfaticamente em disciplinas do curso de arquitetura e urbanismo em diferentes Instituições de Ensino Superior no Brasil, refletindo assim, uma resposta às demandas de novas ferramentas pedagógicas de ensino-aprendizagem, onde o estudante passa a ser o epicentro do processo audiovisual: produzindo o roteiro, filmando, editando e finalizando o vídeo. Outra questão é a presença do smartphone, das novas tecnologias, das redes sociais e das novas mídias, sendo necessário que os profissionais de arquitetura e urbanismo transitem por estas novas plataformas de apresentação de seus trabalhos. Assim as TICs no formato audiovisual possibilitam a transmissão de conteúdo interativo, o registro, o estímulo ao projeto participativo, as novas formas de

avaliações e a divulgação dos trabalhos na internet, a partir da premissa que o vídeo, por ser de fácil registro e captação do meio urbano e da arquitetura, pela sua popularidade através das mídias como TV e cinema, torna sua produção e difusão mais acessível ao público (SOUZA; ROCHA, 2006, p. 1). Desta forma, o projeto proporcionou a capacitação, seja pelo primeiro contato ou pelo aperfeiçoamento, com a produção audiovisual e com a vivência nos espaços localizados no sertão, realizando o registro da cultura e o desenvolvimento da capacidade de iniciativa, autonomia, criatividade e destreza dos participantes ao produzirem conteúdo em contato com o urbano, colaborando assim, na prática profissional dos mesmos.

DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento do projeto foi realizado nas Faculdades Integradas de Patos (FIP), localizada no município de Patos (PB), oferecido a todos os cursos e funcionários da própria instituição. A metodologia teve caráter teórico-prático em cinco momentos, sendo teórica (1, 2 e 3), e prática (4 e 5):

- 1) Planejamento das reuniões e preparação de conteúdo para a extensão (introdução da extensão e socialização dos participantes; o uso eficiente do vídeo como recurso de aprendizagem; da relação filmar para ver com o urbano; dos vídeos correlatos)
- 2) Edição de vídeo - Preparação (Conceitos básicos inerentes à produção de vídeo, da interface de edição de vídeo universal [Adobe Première, Sony Vegas, Movie Maker, programas de edição de vídeo para smartphones]; do programa de edição de vídeo utilizado na extensão [Corel VideoStudio Pro X7]; da instalação do programa, da apresentação de recursos, da captação e conversão de diferentes formatos de vídeos: Definido Género: Drama/Terror/Ficção científica/Comédia/Noir-Suspense/Documentário/Videoclipes / Jornalismo cidadão / Vídeo jornalismo / Filmes de esportes (radicais) / Experimental / Stop Motion)
- 3) Aproximação com o urbano - Preparação (Concebendo a ideia; Escrevendo roteiros (storyboards); Criando o projeto do filme; elaboração de uma estratégia de apreensão [registro videográfico] e narração visando obter um conjunto de impressões, notas, reflexões, apontamentos e comentários sobre o tema de estudo; A lei dos filmes e comitê de ética, postura e cuidados ambientais)
- 4) Aproximação com o urbano - in loco (Gerenciamento de locais de filmagem; Questões de segurança no espaço público; Controle de imagem, iluminação, gravação de som; Preparação de entrevistas; conduzindo entrevistas; considerando o Roteiro faça pelo menos 3 registros videográficos in loco, de 30 segundos cada um.)

5) Edição de vídeo, finalização e divulgação - produção audiovisual (da edição de vídeo orientada, legenda, sincronia, efeitos especiais, finalização do vídeo) e finalização-divulgação (exibição das produções audiovisuais individuais, criação de canal no YouTube e feedback da extensão, enfaticamente do experimento da vivência e do registro com o urbano);

Em um mundo tecnológico, integrar as TICs ao ensino possibilita potencializar essas ferramentas para explorar os conteúdos de forma mais ampla, atraente, participativa e interativa, além de auxiliar na transmissão, na ampliação, na contextualização de conhecimentos de modo multidisciplinar e na aproximação com a realidade dos estudantes, promovendo uma inclusão tecnológica. Segundo Sartori (2010), o manejo das TICs:

permite uma nova visão sobre o existente, o já realizado, para a partir de então impulsionar a capacidade criativa da pessoa, onde ela passa a acrescentar ao conhecimento existente, e formar novas visões de mundo, que lhe permitam promover um novo criar, desenvolver de ideias, retornando estas a ficarem disponíveis para que outros possam repetir o ciclo. Renovando e colocando em movimento este processo, o qual pode ser chamado de aprendizagem colaborativa (SARTORI, 2010, p 19).

Para Castells (1996), a forma da nova geração é sistêmica e interconectada, com o conceito de sociedade em rede baseada nas tecnologias da informação, processamento e comunicação, desta maneira, as técnicas se utilizam de mídias para realizar a comunicação com as pessoas de modo que ocorra a compreensão da informação. Com a evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação, uma das vertentes da comunicação é disposta através do audiovisual: a mídia imagem pode ser associada à mídia sonora, o que permite muitas conquistas no campo da aprendizagem. Os aparelhos e programas que permitem a captura, o tratamento e a edição de imagens, bem como associar a uma outra mídia, para então transformá-la em novo conteúdo com um formato que permita ser assistido e divulgado em diversos meios de comunicação. Dentre as tecnologias digitais de captação e tratamento de imagens e sons pode-se citar: a) captura eletrônica ou digitalização de imagens (scanner); b) fotografia digital; c) o vídeo digital; d) cinema digital (da captação à exibição); e) som digital; f) a TV digital e o rádio digital (SARTORI, 2010, p 17).

O uso de ferramentas audiovisuais permite que o autor da obra (no caso do projeto de extensão, os participantes) crie vídeos que foquem um determinado assunto sob o seu próprio ponto de vista, promovendo a autoexpressão, a criatividade e a realização de um filme educativo ou de ensino. Pfromm Netto (2001) apresenta os benefícios dos filmes educativos para o ensino: a) as pessoas aprendem por meio dos filmes; b) quanto mais adequado o uso, mais efetiva a aprendizagem; c) filmes educativos estimulam outras atividades de aprendizagem; d) facilitam o pensamento crítico e a solução de problemas;

e) filmes apropriados são equivalentes a professores médios.

Desta forma, uma vez aplicadas às TICs no contexto do ensino, é possível proporcionar um aprendizado diferenciado aos estudantes, onde eles deixam de ser receptores e passam a ser os autores do seu processo de construção do conhecimento, se tornando usuários criativos e críticos dessas ferramentas. O discente passa de mero receptor, que só observa e nem sempre compreende, para um sujeito mais ativo e participativo, sendo capaz de se apropriar desses conhecimentos e de fazer uma leitura crítica da mídia e do mundo no qual está inserido (CHASSOT, 2006), pois há o desenvolvimento de uma maior autonomia no contato com estas mídias favorece o surgimento de outras competências (BELLONI, 2001, p. 7).

As metodologias voltadas às técnicas de edição de vídeo foram extraídas das obras de Artis (2011) e Evans (2011), enquanto a base teórica que fundamentou a metodologia do presente estudo partiu de diversos autores que revelam a relação entre cinema (ou a produção de filmes, documentários, produções audiovisuais) e cidade (FERRO, 1992; HARVEY, 1992; MARDEGAN, 2009; NAME, 2003; OLIVIERI, 2011; SANTOS, 2012), podendo ser aplicados no ensino e crítica da arquitetura e urbanismo, sendo atualmente uma resposta às demandas de novas ferramentas pedagógicas de ensino-aprendizagem.

Segundo Harvey, o cinema surgiu no contexto do primeiro grande impulso do modernismo cultural, considerando que dentre todas as formas artísticas, o cinema tem talvez a capacidade mais robusta de tratar, de maneira instrutiva de temas entrelaçados do espaço e do tempo (HARVEY, 1992, p. 277). O autor ainda destaca o poder das qualidades miméticas do cinema para mostrar, como um espelho, muito dos aspectos essenciais da condição da pós-modernidade, como as condições conflituosas e confusas da crise da representação e compressão de espaço e tempo (HARVEY, 1992). Mardegan acrescenta que o cinema se tornou uma das melhores maneiras de representar a vida metropolitana, assim como o imaginário cinematográfico demonstrou uma potência inesperada na remodelação desta mesma vida por meio de novos hábitos e comportamentos (HARVEY, 2009, p. 25).

Iniciado no século XIX, o cinema surgiu em meio aos primeiros experimentos de imagens em movimento como registro documentário do cotidiano no espaço urbano, possibilitando que os espectadores compreendessem melhor a vida na cidade. Com o passar dos anos, novas formas de gêneros cinematográficos surgiram, assim como novas formas de representação da cidade, permitindo visualizar tanto as suas contradições como, ao mesmo tempo, disfarçá-las através da exposição das novas condições de vida. Como uma arte de reprodução e de massa, o cinema atua como ferramenta de difusão de conceitos, mas também motivador de questões de crítica à vida moderna. Olivieri

destaca que

O trabalho principal do cinema ao filmar uma cidade e, particularmente, do documentário seria colocar em dúvida, em suspensão, sua face objetiva, visível, límpida e luminosa, tornando-a opaca e nebulosa, e, reversamente, revirar as evidências do sensível (1997:163), tornando clara e visível sua face subjetiva, invisível, opaca e obscura (OLIVIERI, 2011, p. 35).

Seja na forma documentária ou ficcional, o cinema sempre estabelece uma ligação com o mundo em que vivemos, onde sua narrativa, adquirindo diversas conotações, afeta a experiência do espectador nesse mundo. A maneira como os espaços são usados e lugares são retratados nos filmes lhes dá significados que podem contribuir para a difusão de um conjunto de valores ligados a estruturas de dominação cultural, política e econômica. É preciso, portanto, tratar os discursos e representações sobre a cidade como construções simbólicas que estão plenas de valores sociais e produzem efeitos bastante concretos na forma da cidade e na vida de seus habitantes (NAME, 2003, p. 3).

Considera-se, portanto, que as cidades fictícias ou reais são uma representação, na qual a paisagem é um elemento intrínseco à narrativa cinematográfica e à representação das cidades. É a partir dela que, através de símbolos, o meio urbano é decodificado e reconhecido pelo espectador. Olivieri também ressalta que além do reconhecimento e interpretação da leitura imagética das cidades, o cinema também permite

salvar a cidade filmada, ao constituí-la como memória: ele salva pelo olhar aquilo que está sob os nossos olhos e que não vemos ou não vemos mais, ele retém pelo olhar o que está em vias de desaparecer sob os nossos olhos ou que nunca esteve. Salvar, aqui, teria o sentido de fazer existir em filme. A cidade salva pelo filme pode muito bem estar até mesmo perdida no mundo, mas volta a ser experienciada, a acontecer a cada uma das projeções do filme (OLIVIERI, 2011, p. 35).

Neste contexto, a inter-relação entre cinema e cidade abriu um novo campo de estudo, permitindo uma nova forma de percepção e interpretação da paisagem espacial, capaz de envolver o aspecto emocional do observador ao contexto em que se realiza uma vivência do espaço em seus aspectos do visível (explícito) quanto do não-visível (implícito) (FERRO, 1992), tornando-se um agente social, cultural, educador, informativo, crítico e documental da cidade, contra as práticas e discursos hegemônicos, funcionalistas e opressores. Enquanto a teoria de aproximação e investigação do urbano foram representadas pelo conceito do filmar para ver, desenvolvida por Costa (2010; 2015), que se trata de uma:

[...] tática de apreensão, que chamamos de Filmar para ver (COSTA, 2010), pode ser particularmente útil para entendermos o desafio de estabelecer uma articulação possível entre: (1) uma postura de alteridade, que torne possível mostrar o mundo a partir de nós mesmos e dos outros, dentro de uma lógica em que a visão de uns não existe sem a visão dos outros;

- (2) uma prática de etnografia, que facilite o instrumental de aproximação, observação e registro numa situação de imersão caracterizada pela consciência do olhar participativo sobre diferentes discursos e práticas; e
- (3) um processo de constituição da imagem necessariamente indissociável da ideia de alteridade e da prática da etnografia (COSTA, 2015, p. 58-59).

A experiência do filmar para ver traduz-se como uma forma muito benéfica e criativa já adotada na disciplina de Análise do Espaço Urbano do curso de arquitetura e urbanismo na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na qual os estudantes vêm produzindo documentários urbanos acerca de suas próprias experiências e narrativas, mas também possibilita atuar como instrumento facilitador levantamento de dados e de apresentação do projeto participativo, isto é, o registro, o diagnóstico e a formação do programa de necessidades de um local, estando de acordo com os anseios dos seus usuários, enquanto os estudantes desenvolveram uma maior sensibilidade para considerar essa etapa como essencial e preliminar para o estabelecimento das diretrizes projetuais adequadas aos seus usuários, assim como pelo estímulo do uso da criatividade e expressão, além pelo aprendizado técnico em edição de vídeo para a apresentação e divulgação de trabalhos.

A delimitação do projeto ficou a cargo da quantidade de computadores disponíveis na sala de aula de informática do Bloco G das FIP, visto que foi proposto que cada participante tivesse a sua própria ilha de edição individual. Os participantes entraram em contato com o software de edição de vídeo Corel VideoStudio Pro X7 17.1.0.22, acompanhados de um breve tutorial sobre sua interface e demonstração das funções e efeitos o programa era capaz de executar durante a edição de vídeo (figura 1). Após o contato inicial com o programa prosseguiu-se com a capacitação sobre os procedimentos iniciais para a criação de vídeo, ideia inicial, projeto pré-elaborado, brainstorming para ditar a direção a ser tomada e cenas a serem gravadas para a posterior edição.

Figura 1: Aulas de técnicas de produção de vídeo



Fonte: Acervo do Projeto de extensão a produção audiovisual como instrumento de aproximação do espaço urbano (2018).

Em seguida, foi proposto para os participantes desenvolvessem uma produção que retratasse o urbano sertanejo nordestino do Brasil, deixando de livre escolha as técnicas utilizadas e o gênero de vídeo. Para a produção dos curtas, foram utilizados meios acessíveis de captura, edição e reprodução de imagem, utilizando aparelhos dos próprios participantes, sem nenhum grau de especificidade, de modo a demonstrar que seu próprio smartphone poderia ser utilizado. Desta forma, os participantes foram a campo, munidos de uma câmera filmadora ou smartphone para captarem e filmarem as cenas que estavam planejadas sendo de total competência entre filmagem, direção, atuação e roteiro dos próprios participantes não fugindo da temática principal. Após o processo de captação, os vídeos foram editados e finalizados individualmente.

Durante o Projeto de extensão foram realizadas ações de capacitação, difusão de informação, tecnologia e cultura, sendo oferecidos acompanhamentos e orientações, de modo que as atividades culminaram em sessões de cinema, nas quais os participantes produziram vídeos que revelassem as características do espaço do urbano do sertão. Após a conclusão de todos os processos do Projeto, houve a apresentação dos resultados, sendo composto por 4 vídeos individuais e 1 vídeo de produção coletiva: o primeiro retratou sobre os problemas dos entulhos que são depositados nas ruas da cidade Patos, assim como apresentou uma possível solução para este problema (figura 2), o segundo exibiu os pontos culturais, as urbanidades e os artistas da cidade de São José do Egito no alto sertão do Pajeú (figura 3), o terceiro vídeo mostrou os principais pontos urbanos da cidade de Catolé do Rocha no alto sertão da Paraíba (figura 4), o quarto vídeo exibiu um mini documentário acerca das viagens rotina dos estudantes das FIP que moram outras cidades (figura 5), e, no último vídeo, distinguiu-se pela produção coletiva nos espaços coletivos das FIP e na estação ferroviária da cidade de Patos, sendo caracterizado por uma releitura da abertura da telenovela, *Malhação Sonhos*, do ano de 2014 com a música, *Agora só falta você*, interpretada pela cantora Pitty (figura 7), onde todos os participantes colaboraram com o roteiro, atuação, captação, edição e finalização.

Figura 02: Captura da imagem do vídeo dos entulhos das ruas da cidade de Patos (PB)



Fonte: Acervo do Projeto de extensão a produção audiovisual como instrumento de aproximação do espaço urbano (2018).

Figura 03: Captura de imagem do vídeo dos pontos culturais da cidade de São José do Egito (PB)



Fonte: Acervo do Projeto de extensão a produção audiovisual como instrumento de aproximação do espaço urbano (2018).

Figura 04: Captura de imagem do vídeo dos pontos urbanos da cidade de Catolé do Rocha (PB)



Fonte: Acervo do Projeto de extensão a produção audiovisual como instrumento de aproximação do espaço urbano (2018).

Figura 05: Captura da imagem do vídeo da chegada dos alunos na cidade de Patos (PB)



Fonte: Acervo do Projeto de extensão a produção audiovisual como instrumento de aproximação do espaço urbano (2018).

Figura 06: Captura de imagem do vídeo coletivo (PB)



Fonte: Acervo do Projeto de extensão a produção audiovisual como instrumento de aproximação do espaço urbano (2018).

Os resultados apontam que em relação a técnica de edição de vídeo, os participantes adquiriram conhecimentos específicos: corte e montagem de cenas, inserção de vídeo, áudio, legenda, efeitos de transição e efeitos especiais, manipulação da linha do tempo, sobreposição de vídeo, conversão de formatos de vídeo. Enquanto na parte de captação de vídeo foi orientado o posicionamento do equipamento de captação de vídeo e áudio, trabalhar com as inferências do som e iluminação natural e artificial, segurança, roteiro e planejamento de filmagens no espaço urbano e o estímulo de vivência no meio do urbano. Com isto os participantes podem se expressar e comunicar com o espaço no qual vivem e utilizar os seus conhecimentos no meio acadêmico, profissional e pessoal. Os

resultados apresentados por cada participante demonstraram-se satisfatórios, nos quais todos abordaram a proposta oferecida em diferentes temáticas, mas sempre mostrando a realidade sertaneja e utilizando as técnicas de filmagem e produção de vídeo fazendo o uso do software de Corel VideoStudio Pro X7 17.1.0.22. As produções foram exibidas no Laboratório de Informática, Bloco G das FIP, seguido de feedbacks em conjunto com todos os participantes e extensionistas, buscando observar quais participantes compreenderam não só as funções de edição e processos de filmagem, mas também a importância da aproximação da cinematografia para mostrar os espaços urbanos do sertão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na atual realidade a tecnológica com a inserção de TICs está cada vez mais avançada, emergindo reflexões e discussões aprofundadas sobre o espaço das salas de aula e a metodologia de ensino, neste artigo, a investigação sobre as tecnologias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem da produção da arquitetura e do urbanismo. Os resultados nesse projeto afirmam a importância da utilização do recurso audiovisual para demonstrar realidade do espaço urbano local, revelando aspectos socioculturais, como, educação, cultura local, música, locais de referência para cidade entre outros, que resultou, após a capacitação técnica, na produção de conteúdo audiovisual, individual e coletivo, representativo das vivências dos estudantes, isto é, eles podem manifestar o ponto de vista, o seu olhar, sob determinado aspecto no espaço urbano, mas também, possibilitar que a população tenha voz e aponte os seus anseios por meio de entrevistas, realizando documentários e curtas-metragens urbanos.

O projeto empregou o uso de novas abordagens pedagógicas para facilitar o ensino da arquitetura e do urbanismo. A inserção tecnológica tem trazido grandes discussões e novas experimentações no modo de ensinar, como o processo do ensino da percepção e análise do espaço urbano que já aponta, por exemplo, pela apresentação de resultados em vídeo, como a captação e o registro do projeto participativo (MORAIS, FIGUEIREDO, 2018).

Quanto ao espaço de aula, observou-se que adaptações estão sendo feitas nas salas de aula para receber os aparatos tecnológicos: computadores, internet, projetores, novos programas com tecnologia de áudio e som, isto é, compõem a ilha de edição, situação semelhante encontrada também nos arranjos espaciais, ou de adaptações nas áreas de representação gráfica e de projeto para o funcionamento dos cursos de arquitetura e urbanismo.

Por fim, quase todos os participantes tiveram o seu primeiro contato com produção audiovisual, para os alunos do curso foi um bom aproveitamento, já que para algumas

disciplinas são exigidos trabalhos que necessitam de produção audiovisual do urbano. Já para os demais (não alunos do curso de arquitetura e urbanismo) foi uma forma de adquirir novos conhecimentos e, desse modo, atingindo o objetivo proposto da troca de conhecimento entre a instituição e os participantes do projeto integrando o conhecimento técnico com produção e práticas in loco culminando na concepção e apresentação dos vídeos pelos alunos os quais mostravam as percepções e interações deles com o espaço urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIS, Anthony Q. **Silêncio: filmando!:** um guia para documentários com qualquer orçamento, qualquer câmera e qualquer hora. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação.** Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2001.

BRAZ, Zoleni Lamim. **Novas mídias no ensino de arquitetura e urbanismo:** relação entre tecnologias, espaço e pedagogia. 2016. 131f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2016.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** 6ª ed. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHASSOT, Attico. **Alfabetização científica:** questões e desafios para a educação. 4 ed. Ijuí: Ed. Unijui. 2006.

COSTA, Xico. Imagem e experiência de apreensão da cidade. In: JACQUES, Paola Berenstein e Fabiana Dultra Britto. **Experiências metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea.** Salvador: Edufba, 2015, pg 52-83.

_____. **Visões Urbanas:** filmar para ver. Salvador: Visões Urbanas, 2010. Disponível em: <<https://visoesurbanas.wordpress.com/about/>>. Acesso em: 2020-03-31.

DIÓRIO, Ana Paula Inacio; RÔÇAS, Giselle. As mídias como ferramenta pedagógica para o Ensino de Ciências: uma experiência na formação de professores de nível médio. In: **Revista Práxis**, Rio de Janeiro, v.10, n. 5, p. 55-73, dez. 2013.

EVANS, Russell. **Curtas Extraordinários!** - Como Filmar e Compartilhar Seus Curtas Na Internet. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

FERRO, Marc. **Cinema e História.** São Paulo, Paz e Terra, 1992.

FREIRE FILHO, J.; LEMOS, J. F. de. Imperativos de conduta juvenil no século XXI: a Geração Digital na mídia impressa brasileira. In: **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, v. 5. n. 13. p. 11-25, jul. 2008.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Ed. Loyola, 1992.

MARDEGAN, Monica Silvia Gosso. **A apropriação crítica da arquitetura e urbanismo através da linguagem cinematográfica**: Playtime, 1967, de Jacques Tati. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MORAIS, Fernando de Oliveira; FIGUEIREDO, Camila Furtado. Projeto praça: o projeto participativo em vídeo. In: **Anais do 4º Simpósio de Arquitetura e Urbanismo das FIP**. Patos, FIP, 2018.

MOREIRA, Alberto da Silva. Cultura midiática e educação infantil. In: **Educ. Soc.**, Campinas, v. 24, n. 85, p. 1203-1235, dez. 2003.

MURANO, Edgard. O texto na era digital. In: **Revista Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora. Segmento, pp. 28-33, ano 5, nº 64, fev. 2011.

NAME, Leonardo. O espaço urbano entre a lente e a retina: imersão nos escritos sobre cinema e cidade. In: **Anais no X Encontro Nacional da ANPUR**. ST 7.5, Temas emergentes. Belo Horizonte, ANPUR, 2003 (cd-rom).

OLIVIERI, Silvana. **Quando o cinema vira urbanismo**: o documentário como ferramenta de abordagem da cidade. Salvador, EDUFBA, PPGAU, 2011.

PFROMM Netto, Samuel. **Telas que ensinam**: mídia e aprendizagem. Do cinema ao computador. 2.ed. Campinas: Editora Alínea, 2001.

SANTOS, Paula Constante Silva. **Arquitetura e cinema em processo**: Um estudo comparativo entre o criar e produzir arquitetônico e cinematográfico. 2012. Dissertação (Mestrado em Design e Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SARTORI, João Delcio. **O uso pedagógico das mídias no processo de ensino e aprendizagem: uma possibilidade de novos cenários educativos**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em mídias na educação) - Programa de Pós-Graduação de Formação Continuada em Mídias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Joinville, SC,

2010.

SOUZA, Tatyane Bandeira; ROCHA, Angela Maria. **Vídeo na Arquitetura**. Iniciação Científica FAUUSP. Florianópolis, SC. 2006.

COLIVING E COWORKING: ECONOMIA COLABORATIVA E SUSTENTABILIDADE EM NOVAS FORMAS DE HABITAR

COLIVING AND COWORKING: COLLABORATIVE ECONOMY AND SUSTAINABILITY IN NEW WAYS OF HOUSING

BENTO, LARISSA GABRIELLE BRASILEIRO

Designer de Interiores e estudante de Arquitetura e Urbanismo, Instituto de Educação Superior da Paraíba

RODRIGUES, NATHALIA CORREIA

Jornalista e estudante de Arquitetura e Urbanismo, Instituto de Educação Superior da Paraíba

RESUMO

O presente trabalho pretende traçar um breve panorama sobre o surgimento e expansão do mercado de coworkings e colivings, além de fomentar a discussão sobre a importância destes espaços para estimular a sustentabilidade, a colaboração e o convívio para a transformação da nossa realidade social. A metodologia utilizada será qualitativa, feita através da pesquisa bibliográfica relacionada às tipologias em estudo. Dessa forma, faz-se relevante por tentar contribuir com as pesquisas sobre os colivings e coworkings, que despontam como tendência mundial da era do compartilhamento, ultrapassando o conceito redutivo de troca de informações, relacionando-se também com o partilhar dos espaços. Sendo, portanto, um importante nicho de mercado a ser explorado.

Palavras-chave: Coworking; Coliving; Sustentabilidade; Compartilhamento; Economia Colaborativa.

OBJETIVO

O artigo tem como objetivo compreender como tem se modificado a forma de morar e viver nas cidades contemporâneas e que as tipologias apresentadas no presente artigo acontecem de forma crescente e podem estimular a sustentabilidade, a colaboração e o convívio para a transformação da nossa realidade social.

METODOLOGIA

O embasamento teórico foi feito de forma qualitativa através de pesquisa bibliográfica, no qual foram analisados dados e informações de revistas acadêmicas, Tcc e dissertações para maior entendimento das características e crescimento do Coworking e do Coliving.

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os tempos tornam-se fonte dos temas a serem pesquisados (SEVERINO, 1996).

NOVAS FORMAS DE HABITAR

A maneira como vivemos em sociedade vem mudando, cada vez mais rápido, para adaptar-se às necessidades que surgem constantemente. Assim, impactados pela tecnologia, a urbanização e a eminente escassez de recursos naturais, o morar e o trabalhar vem reconfigurando-se para atender a um estilo de vida que estimula a sustentabilidade, o convívio e a colaboração entre os seus usuários.

A ONU prevê que cidades abriguem 70% da população mundial até 2050, o que faz com que haja um estudo ainda mais detalhado sobre a forma de habitar das pessoas, cujo vem se tornando cada vez mais inovadora: compartilhar os espaços de área de lazer, cozinha, sala e até mesmo escritório é uma nova tendência urbana que está ganhando rapidamente popularidade em diferentes partes do mundo. (Onu News, 2019).¹

Somado a isso, a expansão das redes de comunicação tem tornado obsoletas as jornadas de trabalho, com carga horária e ambientes fixos, passando a aderir ao modelo remoto, que pode ser feito em qualquer lugar do mundo. Segundo o site Strategyanalytics², a previsão é de que até 2022, 1,87 bilhão de pessoas trabalhem sem escritório fixo no mundo. Esse número representa 42,5% da força de trabalho mundial.

¹ Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/02/1660701>

² Disponível em: <https://www.strategyanalytics.com/strategy-analytics/news/strategy-analytics-press-releases/strategy-analytics-press-release/2016>

Segundo Quaresma e Gonçalves (2013), os coworkings são escritórios onde diversos profissionais de diferentes empresas ou autônomos coexistem, mas que além dos custos, partilham formas de estar e valores, contribuindo para a construção do *networking*. Segundo dados do site Coworking Brasil, existem mais de 1200 espaços cadastrados pelo país, conforme figura 1. No mundo todo, eles estimam que já existam mais de 4.000 espaços em funcionamento, conforme figura 2. Em João Pessoa-PB, são 18 espaços de coworking, conforme figura 3.

Figura 01 - Coworkings cadastrados no site Coworking Brasil



Fonte: Site Coworking Brasil

Figura 02 - Coworkings identificados Projeto Global Coworking Map



Fonte: Site Projeto Global Coworking Map

[illegible]

Para Barcellos e Botura (2018, p. 14), eles são espaços organizacionais que se formaram ao longo da crise da última década, para atender a demanda de profissionais autônomos e independentes que buscavam sair do isolamento e trabalhar em ambientes com outras pessoas, que oferecessem salas de reuniões e que fomentasse a colaboração e a interação.

Partindo da mesma ideia, os colivings consistem em unidades habitacionais onde áreas como lavanderia, cozinha, sala de estar e jantar são comuns a todos os moradores do prédio, enquanto que a área privada fica reduzida ao quarto. Segundo Grozdanic (2016), “as noções tradicionais de espaço “privado” e “público” estão corroendo sob a influência de uma economia compartilhada e do avanço tecnológico”.

Figura 04 - The Collective Old Oak, primeiro grande Coliving do mundo



Fonte: Wikihaus

Segundo McCamant e Durrett (1994, *apud* Coelho 2010), ele é uma adaptação do co-housing, um movimento dinamarquês da década de 1970, conduzido por pessoas que ansiavam por uma vizinhança com um maior senso de comunidade, inexistente nos subúrbios e nos blocos de apartamentos da época.

Sua estrutura assemelha-se também com as repúblicas estudantis, porém contam com espaços planejados arquitetonicamente, para oferecer conforto e funcionalidade aos seus usuários. As pesquisas apontam que o público típico do Coliving e Coworking é a Geração Y, também chamada geração do milênio, que se refere aos nascidos após o início da década de 1980 e até ao final da década de 1990.

Essa geração desenvolveu-se numa época de grandes avanços tecnológicos e prosperidade econômica e em ambiente altamente urbanizado, imediatamente após a instauração do domínio da virtualidade como sistema de interação social e midiática, e em parte, no nível das relações de trabalho. (JORDÃO, 2016)

Ainda segundo Jordão (2016), essa geração constitui um público exigente e ávido por inovações e, geralmente, preocupados com o meio ambiente e as causas sociais. Assim, eles representam um novo perfil social que defende o consumo e a produção sustentável, uma das grandes preocupações mundiais, conforme a Agenda para o Desenvolvimento Sustentável, da Organização das Nações Unidas (ONU). Conforme o documento, até 2030, os países deverão “aumentar a urbanização inclusiva e sustentável, e as capacidades para o planejamento e gestão de assentamentos humanos participativos, integrados e sustentáveis”³.

3

Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/ods11/>

Diante disso, compartilhar os espaços de convivência, que constituem a maior parte das unidades habitacionais normalmente, como sala e cozinha, reduz o espaço ocupado por habitante no solo e, conseqüentemente, reduz também os custos e recursos utilizados para a sua construção. Assim, apresentam-se ainda como uma estratégia para facilitar também o acesso à moradia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo, foi possível traçar um breve panorama sobre o surgimento, a expansão do mercado e o perfil dos usuários de coworkings e colivings. A análise destes espaços buscou compreender como eles podem estimular a sustentabilidade, a colaboração e o convívio para a transformação da nossa realidade social.

Com base em tudo que foi exposto, os coworkings e colivings através do estímulo à economia compartilhada, do senso de comunidade e da utilização de recursos de forma consciente, podem contribuir com a reinvenção das cidades e a gestão consciente dos recursos naturais.

REFERÊNCIAS

BRASIL, IPEA. **Objetivos de Desenvolvimento do Milênio**. Relatório Nacional de Acompanhamento. Brasília: IPEA; 2010. Disponível em: <www.pnud.org.br/Docs/3_RelatorioNacionalAcompanhamentoODM.pdf> Acesso em: 24 fev. 2020.

BARCELLOS, E.; BOTURA, G. **Coworking: ambiente compartilhado, inovação e ferramenta colaborativa**. 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Galdenoro_Botura_Junior/publication/316669545_Coworking_ambiente_compartilhado_inovacao_e_ferramenta_colaborativa/links/5d162e7d458515c11cff9995/Coworking-ambiente-compartilhado-inovacao-e-ferramenta-colaborativa.pdf> Acesso em 06 mar. 2020.

COWORKING BRASIL ORG. **O que é Coworking?**. Coworking Brasil Org. Disponível em: <<https://coworkingbrasil.org/como-funciona-coworking/>>. Acesso em 06 mar. 2020.

COELHO, R. **Architectural Development of Urban Social Capital: Cohousing in downtown Toronto**. Dissertação de mestrado em arquitetura. Ryerson University, Toronto, Canadá, paper 845, 2010.

GROZDANIC, L. **How Coworking and Coliving are Redefining Space as a Service**. 2016. Disponível em: <<https://www.archdaily.com/785550/how-coworking-and-coliving-are>>

redefining-space-as-a-service>. Acesso em 06 mar. 2020.

JORDÃO, M. **A mudança de comportamento das gerações X,Y,Z e Alfa e suas implicações.** 2016. Disponível em: <<http://www.gradadm.ifsc.usp.br/dados/20162/SLC06311/geracoes%20xyz.pd>> Acesso em 23 fev. 2020.

KARKLE, G. **Habitações Colaborativas Projeto de Atualização Residencial para a Geração Y.**2018. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/12150/1/CT_DEAAU_2018_2_09.pdf> Acesso em 23 fev. 2020.

ONU NEWS. **ONU prevê que cidades abriguem 70% da população mundial até 2050.** 19 de fev. 2019. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2019/02/1660701>>. Acesso em 06 mar 2020.

QUARESMA, G; GONÇALVES, C. **Out of the Office.** E-Book. Porto: Ed. Vida Económica, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 20. Ed. São Paulo: Cortez, 1996.

STRATEGY ANALYTICS. Strategy Analytics Forecasts \$230 Billion Mobile Commerce Market by 2006. Disponível em: <<https://www.strategyanalytics.com/strategy-analytics/news/strategy-analytics-press-releases/strategy-analytics-press-release/2016/11/09>> Acesso em: 01 mar. 2020

INVENTÁRIO TEMÁTICO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO LIGADO A VINDA DO IMPERADOR DOM PEDRO II, SITUADO NO CENTRO DA CIDADE DE MAMANGUAPE-PB

THEMED INVENTORY OF BUILDING HERITAGE CONNECTED TO COMING FROM EMPEROR DOM PEDRO II, LOCATED IN THE CENTER OF THE CITY OF MAMANGUAPE-PB

CABRAL, JÚLIO CEZAR MARTIR

Arquiteto e Urbanista pelo Centro Universitário UNIESP

RESUMO

Observa-se no Centro da Cidade de Mamanguape- PB, ações contínuas que ocasionam a descaracterização patrimonial, sobretudo, da memória urbana e dos imóveis que tiveram a influência direta da visita do Imperador Dom Pedro II, estes de grande relevância histórica. Com base nisso, o trabalho em questão busca visualizar o contexto atual do acervo do patrimônio arquitetônico da cidade de Mamanguape, destacando o grande número de imóveis expressivos para a história sendo degradados gradualmente. Diante disso, com a pesquisa vê-se a necessidade da construção de ações que garantam a salvaguarda desses bens, com a construção de um Inventário. A partir dele será compreendido a situação atual em que os imóveis se encontram, a que estilos eles pertencem, além de mostrar o valor que o bem possui, entre outras características. Para tanto, foram estabelecidas as seguintes etapas e procedimentos metodológicos: Revisão bibliográfica; Levantamento de dados; Mapeamento e triagem; Construção do Inventário; e Análise crítica. Foram feitas a sistematização dos dados colhidos nas fichas catalográficas e a criação de mapas temáticos para o entendimento dos dados. Foram apontados, dentro do recorte espacial da pesquisa, 14 imóveis que tiveram influência da vinda do Monarca. A partir desse cenário, pode-se observar o processo constante de descaracterização dos imóveis históricos, efeito das práticas do mercado imobiliário, escassa atenção para com as obras patrimoniais, além do desinteresse de órgãos preservacionistas e do próprio poder público para a salvaguarda desses bens, sendo necessário, através de ações com o cunho preservacionista, proteger o patrimônio arquitetônico na cidade, contribuindo para a manutenção da memória urbana de Mamanguape.

PALAVRAS-CHAVE: Inventário urbano; Memória urbana; Patrimônio arquitetônico.

ABSTRACT

It is observed in the Center of the City of Mamanguape-PB, continuous actions that cause the

patrimonial de-characterization, above all, of the urban memory and of the buildings that had the direct influence of the visit of Emperor Dom Pedro II, these of great historical relevance. Based on this, the work in question seeks to visualize the current context of the collection of architectural heritage in the city of Mamanguape, highlighting the large number of buildings expressive for history being gradually degraded. Therefore, with the research, it is seen the need to build actions that guarantee the safeguarding of these assets, with the construction of an Inventory. From it will be understood the current situation in which the properties are, what styles they belong to, in addition to showing the value that the property has, among other characteristics. For this, the following steps and methodological procedures were established: Literature review; Data survey; Mapping and sorting; Inventory construction; and Critical analysis. Systematization of the data collected in the catalogs and the creation of thematic maps for understanding the data were carried out. Within the spatial scope of the research, 14 properties that were influenced by the arrival of the Monarch were identified. From this scenario, it is possible to observe the constant process of mischaracterization of historic properties, the effect of real estate market practices, little attention to heritage works, in addition to the lack of interest in preservation agencies and the government itself to safeguard these assets, it is necessary, through actions with a preservationist nature, to protect the architectural heritage in the city, contributing to the maintenance of Mamanguape's urban memory.

KEY WORDS: *Urban Inventory; Urban Memory; Architectural Patrimony.*

INTRODUÇÃO

De acordo com Afonso (2005), o patrimônio cultural é de suma importância para a manutenção da identidade de determinada região. Consonante a isto, Pelegrine (2007) cita a noção de patrimônio enquanto manifestação acentuada do que se refere ao legado vivo, passado no decorrer da história, de geração a geração, afirmando que o patrimônio é feito historicamente e é a garantia de manter o significado de pertencimento de um indivíduo a uma determinada cultura. Nesse sentido, é atestada uma identidade cultural que baseia um suporte precioso para a formação do cidadão.

Contextualizando a prática preservacionista, é necessário o entendimento acerca da história do urbanismo e da arquitetura no âmbito patrimonial em relação a globalização e sobretudo a industrialização. Nesse sentido, Funari e Pelegrino (2009) explicam que os atos de preservação patrimonial na América Latina são relativamente novas e tiveram força quando se percebeu o crescimento urbano moderno, vindo das carências vindas com o alavancamento industrial e pelo crescimento populacional nos centros urbanos, e com isso o surgimento das construções urbanas e levando a arruinação nas áreas históricas.

Este cenário também pode ser observado na cidade de Mamanguape- Paraíba, uma vez que a chegada de polos atratores, tais como a Universidade Federal e grandes empresas nacionais no município de Rio Tinto- cidade vizinha- ampliou o público/população da cidade, alavancando, assim, a procura por imóveis. Aluguéis, terrenos e casas passaram

por uma supervalorização de, pelo menos, 50% em cima de seus valores. Conforme cita Serafim (2011), a ascensão dos preços ocorreu principalmente quando da chegada do Campus da Universidade Federal da Paraíba.

De acordo com Costa (1986), os avanços de Mamanguape eram tantos que em 1859, o município ganhou a visita do Imperador D. Pedro II juntamente com sua comitiva. A casa onde ele se instalou, que hoje é a sede da Prefeitura Municipal (Paço Municipal), foi nomeada “Casa do Imperador”, do mesmo modo, como a rua em que a mesma está implantada, é chamada “Rua do Imperador”. Dado pela a ilustre visita, Mamanguape foi considerada capital da Paraíba por 24 horas, tempo de presença do Monarca, na cidade. E conforme Andrade e Vasconcelos (2005), o Imperador visitou ainda alguns outros lugares durante sua visita ao município, agregando valor histórico às edificações. Porém, ainda nota-se que a população do município ainda desconhece ou tem muito pouco conhecimento sobre a história local, sendo agravado pela falta de incentivo dos gestores em mudar essa realidade inerente a seu desenvolvimento histórico. Percebe-se que o município vem sofrendo com a perda da memória urbana, ora refletida pela falta de preservação do seu patrimônio material arquitetônico.

Diante deste cenário, levando em consideração a significativa quantidade de material de relevância para a memória urbana de Mamanguape, que teve uma gradativa destruição, ocasionando o desaparecimento de grandes edificações emblemáticas, com a pesquisa será possível a compreensão sobre a devida importância das salvaguardas dos prédios, uma vez que, possibilitaria à população um melhor uso e segurança nos edifícios remanescentes que possuem uso, além de garantir preservação da identidade cultural local e da história brasileira. Busca-se então, catalogar através do Inventário, de maneira que seja contextualizada a situação atual das edificações que tiveram influência da visita do Imperador Dom Pedro II, seja ela diretamente, no caso do prédio onde o Monarca se instalou, além dos prédios onde ele visitou: as Igrejas São Pedro e São Paulo, Igreja do Rosário e a Cadeia pública; seja indiretamente, sendo exemplificado pelas residências que conformam o plano marginal da rua onde se localiza a Casa do Imperador - Edifícios esses que contam a história não só do município em questão, mas do Brasil também.

A partir disso, através desse estudo, tem-se a intenção de contribuir para estudos futuros sobre a história e a memória urbana da cidade, como também contribuir junto as pessoas ligadas à órgãos competentes ao Patrimônio, lançando um olhar mais vasto e considerável no que diz respeito ao valor das manutenções dos imóveis para a preservação dos bens edificados da cidade de Mamanguape – PB. E desse modo, espera-se que o trabalho sirva como subsidio, capaz de estimular o reconhecimento de toda herança patrimonial, de várias épocas do município, fornecendo assim, incentivo para o resguardo do legado arquitetônico significativo, promovendo o combate à perda de memória urbana e

identidade coletiva, garantindo o conhecimento e conscientização sobre o patrimônio material imóvel.

CONSTRUÇÃO DO INVENTÁRIO

Após a triagem dos edifícios que foram selecionados, foi necessária a construção da ficha catalográfica, documento responsável por gerar o inventário em questão. Essa ficha será desenvolvida com base nos critérios relativos ao exame técnico estabelecido nas fichas catalográficas recomendadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), tendo como base a ficha do Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG) junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e atrelado a ela ainda se usou como base a ficha de inventário desenvolvida por Lucena (2018).

Os critérios que compõem esta ficha auxiliarão na análise arquitetônica dos edifícios objetos de estudo, e terão como objetivo contemplar os seguintes itens:

(1) entorno imediato, com vistas a observar as edificações circunvizinhas, relação com elementos da morfologia urbana, como ocupação no lote e na quadra, relação com o passeio e a rua, entre outros;

(2) caracterização externa, considerando as fachadas e detalhes representativos como: coberta, telhamento, esquadrias, coroamento, testada, gabarito, entre outros;

(3) planta baixa, de modo que se possa entender a espacialização, setorização e dimensão do imóvel;

(4) Materiais, identificando e especificando tanto o ambiente externo como interno das edificações. Além disso, se fará pertinente também, nesta fase, descrição histórica dos imóveis, coletando os fatos e aspectos que realçam o seu valor enquanto valor patrimonial histórico imaterial.

(5) Estado de conservação, que diagnosticará a integridade do imóvel inventariado, o estado de conservação. Com essa análise será identificado se o bem deve ser intervindo, uma vez que o prédio estiver degradado, é necessárias ações que busquem a preservação ou conservação do imóvel.

Foram elaborados, posteriormente, mapas temáticos para a construção do entendimento da situação do objeto de estudo: Estilos Arquitetônicos, Estado de Uso, Natureza de Uso atual, Valores Atribuídos, Estado de Conservação, Preservação de Entorno.

Portanto, foram selecionados e catalogados um total de 14 prédios a serem inventariados, sendo 11 localizados (marcados em vermelho) na Rua do Imperador, 10 deles com caráter residencial e somente 1 administrativo. Os outros 3 prédios estão distribuídos em: a Cadeia Pública (marcado na cor salmão), localizado na Rua Cel. Batista Carneiro; a Igreja São Pedro e São Paulo (marcado na cor amarelo) localizado na Praça Padre João; e a Igreja do Rosário (marcado na cor laranja) localizado na intercessão entre a Travessia do Rosário e a Rua Duque de Caxias, como se observa na FIGURA 02. Todos os edifícios citados estão dentro na delimitação de preservação imposta pelo IPHAEP.

Figura 01: Ilustração dos imóveis a serem inventariados.



Fonte: elaborado pelo autor, 2019

Figura 02: Localização dos prédios a serem inventariados dentro das poligonais de preservação do IPHAEP



Fonte: elaborado pelo autor, 2019

Foi identificado, diante do levantamento proposto, a situação atual de conservação em que os bens imóveis catalogados se encontram. A partir disso, se verá a necessidade de tombamento aos edifícios que se encontram em situação de má conservação e

manutenção - resultando em uma significativa perda de memória.

DISCUSSÃO TEÓRICA E CONCEITUAL ACERCA DO PATRIMÔNIO

Segundo o artigo 216 da Constituição de 1988, ficou estabelecido como patrimônio cultural brasileiro, bens de caráter material e imaterial, adotados particularmente ou em conjugado, que possuem relevância a continuidade da identidade de uma determinada região, à memória dos diversos classes formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - As formas de expressão;

II - Os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

O IPHAN, por sua vez, trata patrimônio material e imaterial como:

Os bens tombados de natureza material podem ser imóveis como os cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial. (IPHAN, 2014).

CARTAS PATRIMONIAIS: ORIGEM E DISCUSSÕES NO CONTEXTO PATRIMONIAL

Primordialmente, sobretudo, nas primeiras décadas do século XX, o italiano Gustavo Giovannoni (1873-1947) enfatizou o papel da análise e da pesquisa, procurando a compreensão dos monumentos antigos. Sua compreensão foi sintetizada na Carta de

Restauro de 1932 e a Carta de Atenas de 1931, explica Jokilehto (2002).

Caldas e Santos (2013) explicam que no século XX, em meio a Segunda Guerra Mundial, marcou-se pelas discussões das questões de preservação, onde bombardeamentos devastaram vários monumentos históricos do na Europa.

A partir destas discussões, nasceram instituições internacionais como: a o ICOM (Conselho Internacional de Museus), o ICCROM (Centro Internacional para o Estudo da Preservação e Restauração de Bens Culturais); e o ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios), entre outras instituições que proporcionaram encontros entre os países, onde os debates resultaram nas chamadas Cartas Patrimoniais.

As Cartas precursoras no contexto patrimonial que procuram a salvaguarda, ao urbanismo contemporâneo, sobretudo dos sítios históricos, foram as Cartas de Atenas de 1931 e 1933. Cury (2000) explica que o documento pioneiro pertencia ao Escritório Internacional dos Museus Sociedade das Nações e traz à tona o debate sobre as preocupações da época, acerca de técnicas, legislação e dos fundamentos sobre conservação dos bens históricos e artísticos. Nessa continuidade, o documento manifesta necessário que organizações atuem relacionadas à restauro, preservação dos patrimônios, como de leis que proteja ações, garantindo o direito coletivo (IPHAN – Carta de Atenas, 1931).

Já na Carta de Atenas de 1933 tratou de abordagens relativas as cidades modernas, no período de ascensão urbana. Originado do Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), encontro contou como conteúdo principal a cidade de forma funcional, tendo a presença de arquitetos e urbanistas, dentre eles, Le Corbusier. Cury (2000) ainda explica que foi discutido o “Urbanismo Racionalista”, pautando, a infraestrutura, o zoneamento, a verticalização dos imóveis, tal qual a industrialização e padronização das edificações, traçando novos percursos para o urbanismo (IPHAN – Carta de Atenas II, 1933).

Outro relevante documento destacado por Cury (2013) é a Carta de Veneza (1964), o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), no II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos, produziu a Carta de Veneza, tendo como ponto central a escassez de uma proposta internacional para a conservação e restauração dos bens culturais num ato multidisciplinar.

INSTRUMENTOS DE PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL

INVENTÁRIO

Choay (2006) fala que um dos primeiros atos de Inventário foi feito pela Coroa francesa, em 2 de outubro de 1789, com finalidade de colocar os bens do clero “à disposição da nação” - Decreto de 13 de outubro de 1790.

A mesma autora ainda fala que o método de inventariar algum bem, é utilizada desde os pós Segunda Guerra Mundial, onde em meio aos destroços, teve-se a necessidade de catalogar os edifícios ainda em pé, ou parte dele, e de verificar onde tivesse mais prioridade de área se erguer.

No Brasil, em 1937, surgia o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN) que surgia para a proteção das cidades antigas e monumentos ameaçados pelas reformas urbanas e a especulação imobiliária. As ferramentas de preservação são utilizadas no Brasil, desde essa época, como explana (Ghirardello et al., 2008).

A CONSTITUIÇÃO FEDERAL, no artigo 216 prevê que: O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento, desapropriação e de outras formas de acautelamento e preservação (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988, Art. 216, p. 1).

Diel (2015) fala que o inventário patrimonial de bens imóveis procura constatar e apontar as características e singularidades referentes a um conjunto de edifícios, onde para executá-lo, é essencial um levantamento de dados técnicos e da historiografia, dados esses indispensáveis para compreensão de como se originaram os edifícios e as modificadas ao passar do tempo.

Consonantes a isto Moraes (2013) explana que para efetuar atos de proteção patrimonial, sendo essencial o estudo para o entendimento preliminar dos bens a serem preservados, e para que esse exercício posto em prática, o inventário se apresenta como instrumento essencial.

TOMBAMENTO

Outro instrumento relevante referente a preservação patrimonial é o Tombamento. Segundo (Ghirardello et al., 2008), tombamento é uma série de procedimentos como registros fotográficos e documentais, desenvolvidos pelo Estado ou órgão desse caráter de preservação, visando a salvaguarda dos bens culturais, arquitetônico, histórico ambiental e afetivo, além de inibir a demolição e/ou descaracterização. Esta denominação se origina em Portugal, da Torre do Tombo, onde eram armazenados documentos que tratava de preservação.

De acordo com o mesmo autor, o ato de tombar é um exercício legal, que a partir de um inventário, levantamento que tem como finalidade a proteção e manutenção do não só imóvel em unidades, mas também conjunto deles, encontrados em uma mesma área como núcleos urbanos, paisagens, sítios históricos e arqueológicos, por exemplo. Os critérios de tombamento devem ser extremamente técnicos, compreendendo seu estado de conservação, possibilidade de restauração, raridade, representatividade.

ANÁLISES E RESULTADOS

Com base nas informações coletadas a partir dos dados colhidos na ficha, construiu-se o inventário dos 14 imóveis selecionados como objeto de estudo com as seguintes informações: (Código da edificação; a denominação/nomenclatura dada ao Imóvel inventariado; os Valores que foram dados que serviram com critério na escolha dos prédios; o logradouro de Mamanguape em que o edifício se localiza e por fim, se a edificação recebeu a visita de forma direta do Imperador Dom Pedro II.)

Figura 03: Ilustração dos imóveis a serem inventariados.



Fonte: elaborado pelo autor, 2019

Os dados colhidos no levantamento mostram aspectos a serem considerados do contexto preservacionista do centro Mamanguape, contribuindo para análise das características arquitetônicas, históricas e culturais dos imóveis inventariados, demonstrando vários fatores que explicam a pós vinda do Imperador a cidade e como os imóveis, por eles influenciados se encontram hoje dia. Desta forma, algumas variáveis foram destacadas e analisadas, tais como: (a) estilo arquitetônico; (b) valores que foram atribuídos aos prédios na escolha para o inventário; (c) estado de conservação dos prédios; (d) se o prédio está ocioso, uso atual do prédio; e (e) até mesmo se o entorno da edificação foi alterado ou não em relação a sua originalidade.

- a) A partir da linguagem visual encontrada nas fachadas, como a morfologia e

ocupação no lote, identificou-se os seguintes estilos arquitetônicos: dois edifícios são do estilo Barroco (Igreja São Pedro São Paulo e a Igreja do Rosário); nove imóveis com características distintas, considerados como híbridos, dos quais oito apresentam fachadas com traços neoclássicos e morfologia colonial (Residência B, C, D, E, H, I e J além da Casa do Imperador) e apenas um imóvel com fachada neoclássica e adaptações art déco (residência A); três imóveis Neoclássicos (Cadeia Pública, Residências F e G);

Figura 04: Igreja São Pedro e São Paulo



Fonte: elaborado pelo autor, 2019

b) A maioria dos edifícios inventariados possuem uso, apenas um está em desuso (Residência E) localizado na Rua do Imperador;

Figura 05: Mapa de Estado do Uso



Fonte: elaborado pelo autor, 2019

c) Dos 14 prédios inventariados, 10 são de natureza particular e quatro de natureza pública. Em relação ao uso, 10 apresentam caráter residencial, dois são administrativos (casa do imperador e a cadeia pública), e o restante, ou seja, dois imóveis apresentam uso religioso;

Figura 06: Mapa da natureza de uso atual de cada imóvel



Fonte: elaborado pelo autor, 2019

d) Notou-se que três prédios foram classificados como detentores dos valores Histórico/Arquitetônico, por conterem relevância histórica devido a visita do Imperador nestes imóveis, além de contar com uma linguagem arquitetônica expressiva e rica de detalhes. Apenas a Casa do Imperador deteve o Valor Histórico/Morfológico, por ter sediado a presença do Imperador, além de fazer parte do conjunto paisagístico da Rua. Aos demais imóveis foram atribuídos apenas o Valor Morfológico, por apresentarem lote, ocupação de lote e logradouros característicos da época em que o Imperador visitou a cidade;

Figura 07: Mapa dos Valores atribuídos aos imóveis



Fonte: elaborado pelo autor, 2019

e) Nesta análise foi possível identificar o real estado de conservação dos imóveis, em relação a que estado de degradação o prédio se encontra. Assim, segundo o mapa abaixo (figura 128), apenas um imóvel se encontra em bom estado de conservação; 11 encontram-se em estado intermediário; e dois em estado muito

degradado. Além da análise de conservação, inserida na ficha catalográfica, foi também pontuado tais condições da seguinte forma - considera-se uma escala, onde 0 (zero), indica que o imóvel está em boa condição de preservação e 10 significa que o prédio está muito degradado;

Figura 08: Mapa de Estado de Conservação



Fonte: elaborado pelo autor, 2019

f) Notou-se que os imóveis da Rua do Imperador formam o conjunto da paisagem, e encontra-se em boa forma em relação a original. Já aos demais prédios (Igreja São Pedro e São Paulo, Igreja do Rosário e a Cadeia Pública) já não possui o entorno (conjunto paisagístico) original, isso evidencia ainda mais a necessidade de salvaguarda;

Figura 09: Mapa de Preservação de Entorno



Fonte: elaborado pelo autor, 2019

CONCLUSÕES

No desenvolver da pesquisa foi possível caracterizar o conjunto patrimonial atual no recorte espacial estudado, proporcionando a visão e análise dos limites teórico e técnico, procurando verificar e expandir a compreensão significativa nos bens a serem inventariados, acender assim a relevância devida dos tais prédios, fomentando a memória urbana de Mamanguape e conseqüentemente sua identidade, desse modo, portanto, apresenta-se como um dos atos essenciais para a salvaguarda patrimonial local.

Durante o desenvolver do trabalho, houve uma dificuldade na obtenção de algumas documentações para as informações mais detalhadas como Plantas Baixa. Foi solicitado dados pertinentes ao objeto de estudo na prefeitura e na Paróquia da Cidade, foi obtido o Boletim de Cadastro Imobiliário (BCI) de apenas três imóveis, os que não eram residenciais (ANEXOS H, I E J), a Planta Baixa da “Casa do Imperador”, o decreto de tombamento e da delimitação de tombamento junto a prefeitura. Não se obteve resposta da Paróquia.

Nesse cenário, percebe-se a pertinência da realização do inventário em questão, enaltecendo sua relevância como instrumento que foca na disposição comunitária a informação e guardados edifícios significantes no campo das tradições sociais, mostrando-se como mecanismo de crescimento da afluência entre a população mamanguapense e sua própria história, na esperança no crescimento do ensino patrimonial, pondo também, análises futuras e a elaboração de estratégias governamentais para a salvaguarda, considerando que é uma área vasta sendo acometidas por alterações ao passar do tempo, necessitando ser avaliado, visto que a exaltação e preservação patrimonial e cultural das cidades é um modo de assegurar a valorização da história do lugar.

REFERENCIAS

AFONSO, José da Conceição. Urbanismo e arquitetura para o século XXI. Arquitectos, São Paulo, Ano 5, n. 060.09, **Vitruvius**, maio 2005. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/05.060/466>> Acesso em: 05 abril 2019

ANDRADE, Isabel de Souza Leão e VASCONCELOS, Severina Maria Oliveira de. **Mamanguape 150 anos: uma cidade histórica 1855-2005**. João Pessoa: Unigraf, 2005.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

COSTA, Adailton Coelho. **Mamanguape a Fênix paraibana**. Campina Grande: Grafset LTDA, 1986

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. 2. ed. Rio

de Janeiro: Zahar, 2009.

GHIRARDELLO, Nilson. SPISSO, Beatriz. (coord.) FARIA, Gerson Geraldo Mendes. (et al.) **Patrimônio Histórico: como e por que preservar**. Grupo de Trabalho Patrimônio Histórico e Arquitetônico. 3º ed. Bauru, São Paulo. 2008.

I CONGRESSO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO EUROPEU, 1975, AMSTERDÃ. **Manifesto de Amsterdã**. Brasília, IPHAN, 2000. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manifesto%20Amsterda%CC%83%201975.pdf>> Acesso em: 12 abril 2019.

PORTAL IPHAN. **Patrimônio material e imaterial**. 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>> Acesso em: 10 maio 2019

LUCENA, Pedro Gomes de. **O inventário do patrimônio arquitetônico de área central na cidade de Patos, Paraíba**. 2018. 179 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdades Integradas de Patos, Patos, 2018.

eixo temático - semana acadêmica
de arquitetura e urbanismo uniesp

sustentabilidade

ANTEPROJETO DE UM PARQUE CULTURAL PAISAGÍSTICO EM GOIANA-PE

DRAFT OF A LANDSCAPE CULTURAL PARK IN GOIANA-PE

COSTA, HEBERT DE AZEVEDO

Arquiteto e Urbanista pelo Centro Universitário de João Pessoa

NÓBREGA, FLÁVIA DANTAS

Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de João Pessoa. Mestra em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU-UFPB

RESUMO

A requalificação urbana é uma estratégia comumente utilizada para revitalizar áreas públicas em estado de degradação. Em complemento a tal estratégia, os parques urbanos servem como solução para recuperar áreas degradadas e promover a inclusão social e sensibilização ambiental da população circunvizinha. Para aplicar a estratégia de revitalização urbana foi realizado uma pesquisa de campo para caracterizar a área de estudo e revisão bibliográfica para reproduzir o cenário artístico cultural da região, a fim de exaltar os aspectos culturais da comunidade. Dessa forma, foi escolhida a comunidade da Impueira, localizada na cidade de Goiana-Pernambuco, devido a sua importância histórico cultural e o elevado grau de degradação ambiental. Onde foram identificados as potencialidades e fraquezas locais, com o intuito de implantar o anteprojeto de parque paisagístico na comunidade exaltando a história goianense, proporcionando a instalação de um espaço público que una a herança cultural, integração social e revitalização urbana e ambiental.

PALAVRAS CHAVES: Requalificação Urbano, Parque, Paisagismo, Cultura, Goiana.

ABSTRACT

Urban requalification is a strategy commonly used to revitalize degraded public areas. In addition to this strategy, urban parks serve as a solution for restoring degraded areas and promoting social inclusion and environmental awareness of the surrounding population. To apply the urban revitalization strategy, a field research was conducted to characterize the area of study and bibliographic revision to reproduce the cultural art scene of the region, in order to enhance the cultural aspects of the community. Thus, the community of Impueira was chosen, located in the city of Goiana-Pernambuco, due to its historical cultural importance and the high degree of environmental degradation. Where the local potentialities and weaknesses were identified, in order to implement the preliminary landscape park project in the community extolling the history of Goiás, providing the installation of a public space that unites cultural heritage, social integration and urban and environmental revitalization.

KEYWORDS: Urban requalification, Park, Landscaping, Culture, Goiana.

INTRODUÇÃO

A intensificação do processo urbano no Brasil, iniciado no século XX está estritamente ligado às atividades industriais, que contribuíram para o aumento populacional nas cidades gerando inúmeros problemas ambientais, devido à falta de planejamento e gestão. Nessa linha de raciocínio, Bezerra e Chaves (2015) afirmam que os órgãos governamentais não fiscalizam os espaços públicos, o que resulta em ocupações descontroladas de áreas ambientais, evidenciando a falta de fiscalização e o distanciamento entre a sociedade e o conceito de preservação ambiental.

Silva e Werle (2007) mencionam que a criação de espaços públicos, possui a função de minimizar os problemas sociais que surgiram com o processo industrial. Contudo, as cidades contemporâneas apresentam carências de espaços públicos para o uso coletivo, como praças e parques, que possuem compromissos tanto ecológicos quanto sociais, conforme leitura de Yokumera (2017).

O presente projeto analisará o município de Goiana, detentor de grande diversidade cultural, recentemente incluso na região metropolitana do Recife, situado numa região de interesse econômico, representado pelos empreendimentos produzidos nos polos farmacoquímico e automobilístico (PERNAMBUCO, 2010).

Deste modo, o presente trabalho, contemplará um anteprojeto de parque linear na comunidade da Impueira, localizada às margens do canal Goiana, no km 07 da BR-101, que foi considerada por Jordão Filho (1977), uma região portuária próspera e detentora das mais diversas manifestações culturais.

Atualmente, essa região está situada no entorno da área do conjunto urbanístico e paisagístico, ainda em processo de tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Pernambuco (IPHAN - PE), além de ser classificado como Zona especial de Preservação Histórica e Cultural (ZEPP) e Zona Especiais de Preservação Ambiental (ZEPA) (IPHAN, 2010).

Apesar de apresentar uma riqueza histórico-cultural, uma visita à comunidade da Impueira pôde revelar uma série de problemas de utilização do espaço público, sendo um local que apresenta elevado grau de degradação ambiental, com enchentes periódicas, infraestrutura precária ou ausente (Figura 1), além da segregação socioespacial.

Figura 01: Lançamento de esgoto sanitário no canal goiana.



Fonte: Autoria Própria, 2019.

Ao observar as margens do canal goiana, incluído na classificação de Área de Preservação Permanente (APP), percebemos problemas ambientais associados ao lançamento de poluentes agrícolas e lixo na bacia hidrográfica da localidade.

Nesse sentido, Moura et al. (2006) definem requalificação urbana como uma intervenção realizada em infraestruturas ou equipamentos como forma de valorizar o espaço público, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida da população. Nesta mesma concepção Martins e Araújo (2014) sugerem a criação de um parque linear paisagístico como intervenção de utilização do espaço público, afirmando que a adoção dessa medida trará benefícios para sociedade e promoverá a interação entre a população e a natureza.

Diante disso, o presente trabalho teve como objetivo geral propor um anteprojeto de Parque linear paisagístico, integrando as relações culturais e naturais na comunidade da Impueira na cidade de Goiana-PE.

Associando a objetivos específicos, como: utilizar técnicas de ecogênese e do paisagismo para recuperar da vegetação, ampliar a oferta de espaços úteis para manifestações culturais e de lazer na cidade e integrar as margens do canal ao parque.

METODOLOGIA

O presente trabalho, terá como metodologia adotada (Figura 2), os seguintes processos de análise, para a produção do antiprojeto final. A primeira etapa metodológica consistiu de uma análise bibliográfica da temática abordada. Para tanto, a busca de informações foram realizadas a partir de livros, artigos e legislação oriundos da biblioteca pública da cidade de Goiana-PE, do IPHAN e da Prefeitura Municipal de Goiana, respectivamente.

A segunda etapa foi composta pela delimitação da área de estudo e coleta de informações gerais e identificação das problemáticas socioambientais da região. Com isso, foram realizadas visitas in loco, entrevistas com moradores locais e levantamento fotográfico,

baseados no método de Vicente Del Rio (1990), com o intuito de gerar mapas temáticos para o entendimento socioambiental da área de estudo. Reconhecendo as potencialidades e as problemáticas da área a ser trabalhada.

Figura 2. Etapas da metodologia do trabalho.



Fonte: Autoria Própria, 2019.

A terceira etapa foi realizada a partir da construção das diretrizes bases a serem utilizadas para requalificar a área de estudo. Partindo, para elaboração do programa de necessidades, gerando o anteprojeto do parque urbano, como intervenção mitigadora dos problemas observados na comunidade da Impueira.

DESENVOLVIMENTO

CONTEXTUALIZAÇÃO - ESCOLHA DO LOCAL

Área definida para este estudo, está localizada na porção Norte da cidade, as margens do Canal Goiana. A poligonal de estudo, consiste no espaço primitivo de formação da cidade, que atualmente encontra-se em estado de precariedade e total esquecimento. Área Objeto de Estudo- AOE compreende as comunidades do Curtume, Baldo do Rio e a Impueira, foco do presente trabalho. Contudo, algumas especificidades acabam chamando atenção para a região.

Figura 3. Localização da poligonal de estudo, com destaque para lote escolhido.



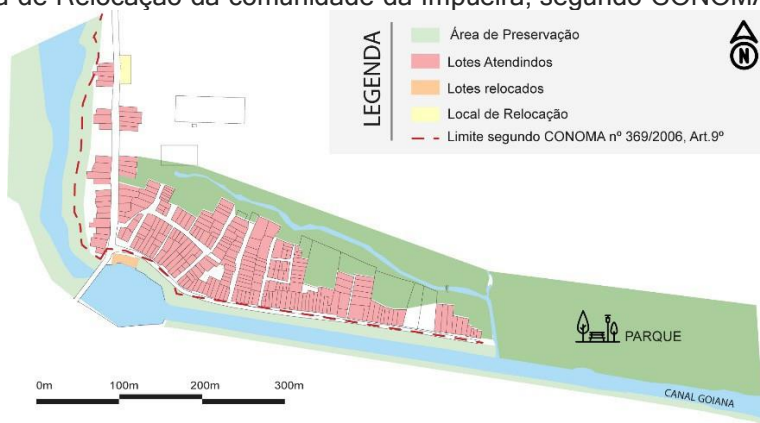
Fonte: Google eart, adaptado, 2019. Disponível em: <https://earth.google.com/web/@-7.55723651,-34.99509611,9.08369737a,1470.76933377d,35y,7.29610884h,0t,0r>.

Atualmente enfrenta sérios problemas sócios espaciais e ambientais, transparecendo pela falta de infraestrutura referente a esgotamento sanitário, previsto pela PMG futura instalações, enchentes periódicas e o preconceito enfrentado pela região. Porém, a concepção deste projeto, adota diretriz voltadas para valorizar a paisagem juntamente com a comunidade ribeirinha local, considerando as preexistências territoriais, em suas potencialidades e limitações.

Utilizando da resolução de CONOMA nº 369/2006, Art.9º, que diz,

A intervenção ou supressão de vegetação em APP para a regularização fundiária sustentável de área urbana poderá ser autorizada pelo órgão ambiental competente, observado o disposto na Seção I desta Resolução, além dos seguintes requisitos e condições: devendo ser respeitada faixas; I - ocupações de baixa renda predominantemente residenciais; II - ocupações localizadas em área urbana declarada como Zona Especial de Interesse Social-ZEIS no Plano Diretor ou outra legislação municipal; III - ocupação inserida em área urbana que atenda aos seguintes critérios: a) possuir no mínimo três dos seguintes itens de infraestrutura urbana implantada: malha viária, captação de águas pluviais, esgotamento sanitário, coleta de resíduos sólidos, rede de abastecimento de água, rede de distribuição de energia; (BRASIL,2012) (Figura 4).

Figura 4. Diagrama de Relocação da comunidade da Impueira, segundo CONOMA nº 369/2006, Art.9º.



Fonte: Autoria Própria,2019.

Diante disso, optou-se pela permanência de grande parte das moradias da comunidade. Tendo como objetivo principal, a reintegração do espaço a cidade, através de um parque linear. Estimulando a vitalidade e o resgate da potencialidade ambiental, reintroduzindo a vegetação originária de manguezal ao espaço.

LEGISLAÇÃO

Segundo o PDDUG o lote delimitado para inserção projetual, estar situado na Macrozona Urbana do Distrito Sede- MZ1, localizados em ZEPA e ZEPP. Onde leva-se em consideração a potencialidade ambiental dos patrimônios ambientais, culturais e naturais. Garantindo o compartilhamento ambiental, através da recuperação das áreas verdes degradadas, oriundas de grande valor paisagístico e cultural, conservando o equilíbrio ambiental do meio ambiente. Promovendo a aplicação de instrumentos de gestão ambiental com o objetivo de resguardar o ecossistema, conforme Art. 15 (Goiana,2004).

Com relação ao IPHAN, foi utilizado a proposta de tombamento do Conjunto urbanístico da Cidade, que localiza o lote em um região envoltória do núcleo primitivo, estabelecendo relações visuais e simbólicas com o entorno. Assegurando a preservação paisagística com baixa densidade construtiva, minimizando os impactos negativos de novas edificações no espaço urbano. Mantendo as principais perspectivas e eixos visuais dos monumentos.

DIAGNÓSTICO DA ÁREA

MARCOS VISUAIS, USO E OCUPAÇÃO.

A partir de visitas e levantamentos gerados, pelo uso e ocupação (Figura 5), a região mostra-se predominantemente residencial, através de 87%, do total das edificações. Com relação aos demais usos, existe a presença de 6% do uso misto, que corresponde a associação de pequenos comércios e moradias, temos 5% referente a comércios, já ao uso Institucional, que agrega a escolas e os mais diferentes tipos de igrejas e manifestações religiosas, representa 2% e os espaços vazios, totaliza 2% do total edificado.

Já os principais marcos visuais, temos a FITEG, o guindaste do antigo porto, as ruínas do casarão do Imperador onde viveu Nunes Machado, a Praça Rio Branco, que sediava grandes encontros da cidade desde do século XVIII. Também evidencia-se ponte Sergio Loreto, construída como elo de ligação durante o grande desenvolvimento econômico da cidade, desmoronada em 2011, sendo reconstruída no mesmo ano, a estação elevatória de Água da comunidade e a Escola Municipal Manoel Borba de 1958.

Figura 5. Mapa de uso e ocupação e marcos visuais.



Fonte: Autoria Própria, 2019.

GABARITO E ANALISE COMPORTAMENTAL.

A poligonal apresenta um padrão tipológico de 80% térrea com variação de altura de três a quatro metros. Área ainda dispõe de 18% referente as tipologias térreas + 1 Pavimento, 1,9% agregadas as tipologias térreas + 2 pavimentos, e por fim contamos com 0,1% de tipologia, referente a térreo + 3 pavimentos, conforme Figura 6.

Já em relação a análise comportamental, foi identificado a utilização das duas margens

do canal, durante todos os dias no turno matutino e vespertino. Onde foi observado, o convívio social da população, as atividades fluviais, principalmente da pesca de subsistência, mesas de jogos e currais pontuais na poligonal, além da horta comunitária e espaço destinado a jogos e área para vaquejada, cuja realização ocorre no último domingo de cada mês.

Figura 06. Mapa de gabarito e análise comportamental.

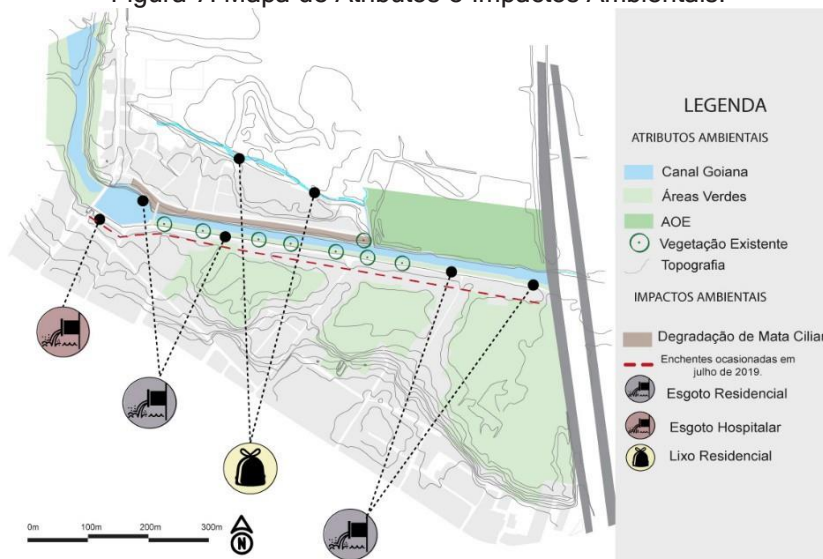


Fonte: Autoria Própria, 2019.

ATRIBUTOS E IMPACTOS AMBIENTAIS.

A área é composta por campos de vegetação rasteira e árvores de pequeno e médio porte. A topografia é acidentada com grande declividade no lado sul do canal. Na gleba escolhida é parcialmente plana, com declividade acentuada as margens sul do Canal.

Figura 7. Mapa de Atributos e Impactos Ambientais.



Fonte: Autoria Própria, 2019.

Os impactos ambientais identificados, foram três focos de esgotos que desaguam no

canal, sendo dois residenciais e um hospitalar. Além da degradação ambiental das margens do canal e o grande acumulo de lixo. Também foi, mapeada a área da enchente que ocorreu no final de julho de 2019, desabrigando grande parte dos moradores Da Comunidade do Baldo do Rio.

MATRIZ SWOT

Para a análise da AOE, foram utilizados pesquisa de campo, visitas técnicas, e a metodologia Strengths, Weaknesses, Opportunities, e Threats - (SWOT), conforme Duarte (2007), a fim de identificar as forças, oportunidades, fraquezas e ameaças da poligonal, criando uma base para as soluções projetais (Tabela 1).

Tabela 1. Matriz SWOT, da Área Objeto de Estudo.

FORÇAS	OPORTUNIDADES	FRAQUEZAS	AMEAÇAS
Recursos hídricos	Transporte Fluvial e Desenvolvimento turístico	Falta de infraestrutura e saneamento básico.	Poluição desenfreada.
Valor Histórico e Paisagístico	Manutenção e restauro do patrimônio histórico	Abandono do patrimônio histórico.	Descaracterização do patrimônio histórico
Áreas Verdes e de Preservação	Reflorestar	Enchentes Periódicas.	Degradação Ambiental
Parques Linear	Locais de Recreação convívio social e arborização.	Falta de Espaços públicos na AOE.	Falta de Segurança e iluminação pública

Fonte: Autoria Própria, 2019.

Diante disso, foram observados as FORÇAS através de seus recursos hídricos e áreas verdes de conservação ambiental. Já diante das FRAQUEZAS, foi notado a degradação ambiental da mata ciliar agregado a grande presença de ações antrópicas e questões relacionada com falta de infraestrutura em alguns pontos da poligonal.

Com relações as OPORTUNIDADES, foram levados em consideração a localidade, com potencial para parque linear e transporte aquático já existente, como formar de preservar e conservar o meio ambiente. Já as AMEAÇAS, estão relacionadas com problemas de enchentes e falta de segurança pública.

DIRETRIZES PROJETUAIS

A partir dessa contextualização, foi elaborado diretrizes bases que nortearam a proposta de intervenção inicial deste trabalho, como: recuperação das condições ambientais do canal de Goiana, recompondo sua flora natural através da inserção de manguezais, restinga e mata atlântica, fortalecer as manifestações culturais desenvolvida na localidade, por meios de espaços anfiteatro e a criação de atrativos urbanos como praça de eventos, *playground*, quadras de esportes, áreas de relaxamento e contemplação.

O PROJETO

O parque proposta neste trabalho tem o intuito de reforçar o resgatando esse valor histórico perdido através da inserção as margens do canal goiana. Apropriando-se da topografia

plana do lote para a definir e inserir os equipamentos, buscando a mesclar de setores, associados a diversidade de uso, defendida por Jane Jacobs (2009), como forma de gerar a diversidade e a vitalidade urbana a toda extensão territorial do parque.

Figura 08: Implantação Geral do Parque.



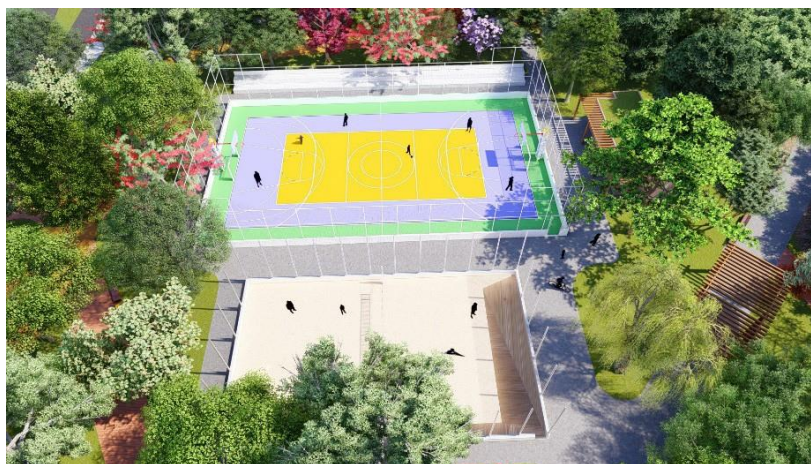
Fonte: Autoria Própria, 2019.

A partir disso foi locado equipamentos culturais, com o intuito de divulgar e potencializar os artistas locais, abrangendo um centro comunitário, composto por duas salas multifuncionais, sendo utilizada para encontros da comunidade e para ensaios de grupos culturais, uma praça de eventos utilizada para apresentação cultural, o anfiteatro aplicado a execução de espetáculos e cinema ao ar livre no período noturno e o espaço atividade efêmeras.

O parque possui 68.597,25 m² de extensão, sendo 11.924,75 m², referente às margens do canal. A proposta aproveitar as ruas existentes para criação das conexões ao parque, através de pontes de pedestre. O anteprojeto utiliza das áreas de preservação e contemplação, onde foram inseridos redários, área para piqueniques, mirantes para o rio e espaços aromáticos, para brincar com os sentidos dos usuários. Idealizando uma maior comunicação com a natureza.

Na parte esportiva e de lazer, foi levado em consideração a orientação solar para implantação de equipamentos. O *playground* foi implementado próximo a academia, quadras e área de jogos, gerando um maior controle dos responsáveis. O *cooper* e o ciclofaixa, possui proximidade com a maioria dos equipamentos, além de possuir um circuito interno ao parque, proporcionando um maior interação social.

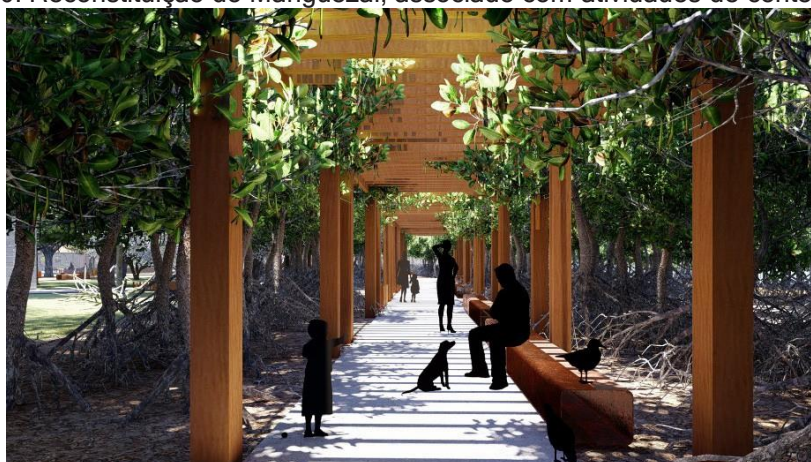
Figura 09: Espaço de Esportes.



Fonte: Autoria Própria, 2019.

A propostas paisagística levou a consideração a recuperação das condições ambientais originais do canal de Goiana, recompondo assim, sua flora natural através da inserção de manguezais branco e vermelho, restinga e vegetação originaria da mata atlântica, conforme a resolução CONAMA 12.651/2012, conforme figura 10. Associado ao conceito de Chacel (2001), sobre ecogênese que deve ser entendida como uma ação antrópica e integrante da paisagem cultural utilizada como forma de recuperar os componentes naturais do ecossistema natural.

Figura 10. Reconstituição do Manguezal, associado com atividades de contemplação.



Fonte: Autoria Própria, 2019.

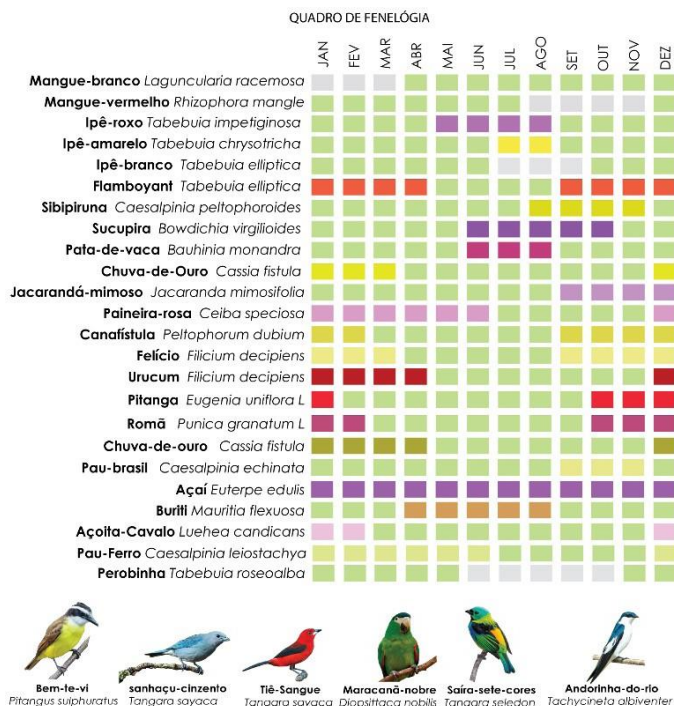
Vale ressaltar, os aspectos utilizados como parâmetro de escolha das espécies, como a adaptabilidade com a região, clima e solo, optando por plantas nativas característica de Mata Atlântica, Restinga e Manguezal, vinculando com as espécies existentes na localidade. A utilização da ecogênese permite reconstruir e reestruturar a vegetação da área, a fim de restabelecer a cobertura vegetal ajustada a fisiologia regional do paisagismo, segundo Chacel (2001).

Associado a escolha da vegetação foi utilizado as cores das folhas, flores, frutos e sementes, mostrando o comportamento ambiental das espécies. A partir disso, foi confeccionado um quadro fenológico que utiliza das colorações reais das flores e frutos, das plantas

associado com os meses de floração e frutificação ao longo dos anos, mostrando as cores predominantes que o parque terá, em toda sua extensão (Tabela 2) .

Diante disso, foi levado em consideração as possíveis espécies de aves atraídas para o espaço urbano, adiante ao quadro de arborização. Já que os pássaros são considerados excelentes indicadores da qualidade ambiental, detectando as mudanças de saúde e das condições ambientais das cidades (Tabela 2).

Tabela 02: Quadro de Fenologia.

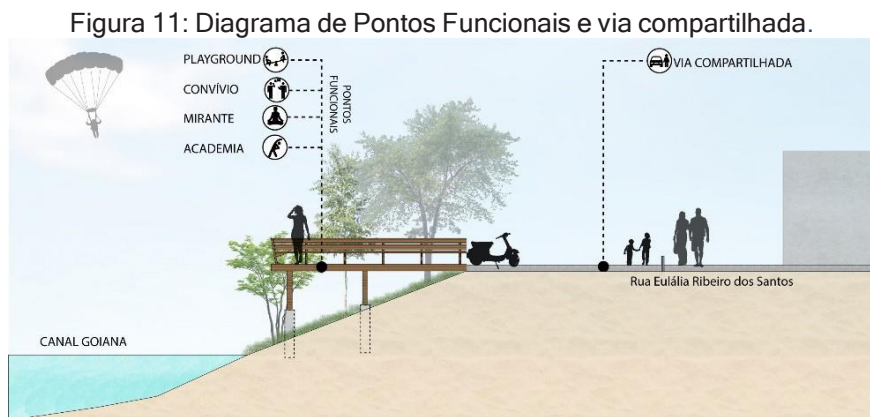


Fonte: Autoria Própria,2019.

REINTEGRAR

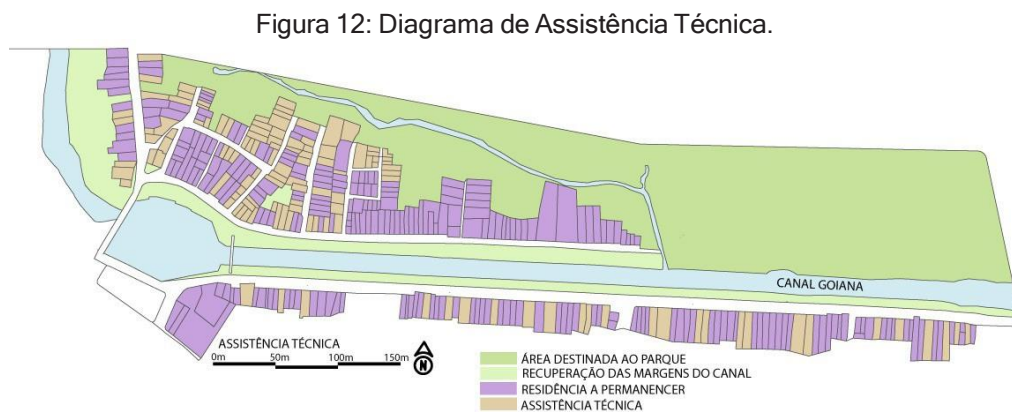
O Parque prever a integração das margens do canal, que se encontra em estado de degradação, associando os usos existentes com espaços que proporcionem aos moradores lazer, recreação, conscientização e preservação do local devido à grande proporção de pedestres na região. Diante disso, o anteprojeto apropria-se da configuração das ruas da Impueira e Eulália Ribeiro dos Santos, para a implementação de vias compartilhadas, devido ao uso predominantemente de pedestre na região.

Com relação, aos pontos funcionais (Figura 11), optou-se pelo uso de decks de madeiras elevados, permitindo a reestruturação vegetal e a inserção no terreno irregular das margens. Criando atrativos dos mais diversos usos, como academia convívio, playground e mirante. De modo a minimizar os impactos ambientais foram utilizados materiais permeáveis, reforçando a proposta de conservação e preservação ambiental do projeto.



Fonte: Autoria Própria, 2019.

Também, foi visto a necessidade da implementação da lei Federal 11.888, que garante assistência gratuita para projetos e construção de habitação social, garantindo moradias mais dignas (Figura 12), evitando a degradação sócio ambiental e ocupação em áreas de risco (Brasil, 2008).



Fonte: Autoria Própria, 2019.

Tomando partido do Parque Capibaribe, foi previsto a participação popular, a fim de solidificar ainda mais o pertencimento da população com a localidade.

Isso através do centro comunitário (Figura 13), que tem a função de atrair a população através de eventos, oficinas, atendimentos básicos como creche e reforço escolar, implementando atividades que desenvolvam a coletividade e a troca de experiências entre comunidades, por meio de oficinas de artes urbana e de plantios de vegetação.

Figura13: Centro comunitário e praça de eventos.



Fonte: Autoria Própria,2019.

O centro comunitário com administração e os moradores, seriam responsáveis pela criação de uma Agenda Cultural local, que focaria na organização de eventos que utilizariam tanto da praça de eventos, feira de artesanato, bosque das esculturas e do anfiteatro. Dessa forma seria possível a criação de atrações culturais e gastronômicas, como cinemas de rua, feiras de produtos naturais e divulgação da produção artística goianense na comunidade.

CONCLUSÃO

A proposta, toma partido da reestruturação ambiental, incentivando a vitalidade urbana através de espaços mais convidativos e agradáveis, atrelado o conceito citado por Tim Waterman (2011) onde o projeto urbano deve ser realizado atendendo o coletivo, visando todas as faixas etárias e desejos.

O projeto visa a reintegração da comunidade local, ao espaço urbano da cidade. Respalado em estratégias que respeitem o local e valorizem a cultura, a paisagem urbana e a memória histórica, por intermédio de equipamentos e implementação de espaços culturais, que unifiquem local e moradores.

Finalmente a pesquisa contribuiu para aprimoramento dos conhecimentos referentes a qualidade socioambiental local, sendo resolvido em escala de bairro, podendo ampliar-se para a escala de cidade. Concluindo-se assim, a importância que a arquitetura e urbanismo, desenvolvem no auxílio e manutenção da cidade fortalecendo as trocas sociais entre os cidadãos e os espaços públicos.

REFERÊNCIAS

BEZERRA. A.M.M. e CHAVES. C.R.C. **Revitalização Urbana: Entendendo o Processo de Requalificação da Pesquisa**. (2014). Disponível em: <<http://www.undb.edu.br/ceds/revistadoceds>> Acessado em 03 de março de 2019.

BRASIL. Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012. **Institui o novo código florestal brasileiro**. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/1032082/lei-12651-12> Acesso:

07/03/19.

BRASIL. Lei nº 11.888, de 24 de Dezembro de 2008, **Assegura as famílias de baixa renda Assistência técnica Pública e Gratuita para projeto e a construção de habitação de interesse social e altera a Lei nº 11.124, de 16 de junho de 2005**. Brasília, 24 de Dezembro de 2008. Disponível em: < <https://legis.senado.leg.br/norma/583513>>. Acessado em 03 de novembro de 2019.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente (MMA). **Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA)**. Resolução CONAMA 12.651/2012.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Recuperação de Áreas Degradadas**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/florestas/programa-nacional-de-florestas/item/8705-recupera%C3%A7%C3%A3o-de-%C3%A1reas-degradadas>>. Acesso em: 27 de maio de 2019.

CHACEL, Fernando Magalhães. Paisagismo e ecogênese. Rio de Janeiro: Fraiba, 2001. P.; cm. ISBN 85989 - 14 – 9. 1. Arquitetura paisagística - Brasil. I. Título.

DEL RIO, Vicente. (1990) **Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento**. Pini. São Paulo, 1990.

DUARTE, Fábio. **Planejamento urbano**. Curitiba: IBPEX, 2007.

GOIANA. Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Goiana. Goiana, 2004.

IPHAN - **Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1641/>> Acessado em 17 de março de 2019.

IPHAN (RECIFE,PERNAMBUCO). Ministério da Cultura. **Baldo do Rio de Goiana, Conhecendo o Nosso Patrimônio**. Recife: IPHAN, 2012.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

JORDÃO FILHO, A. **Povoamento, hegemonia e declínio de Goiana**. Recife: SEDUC, 1977.

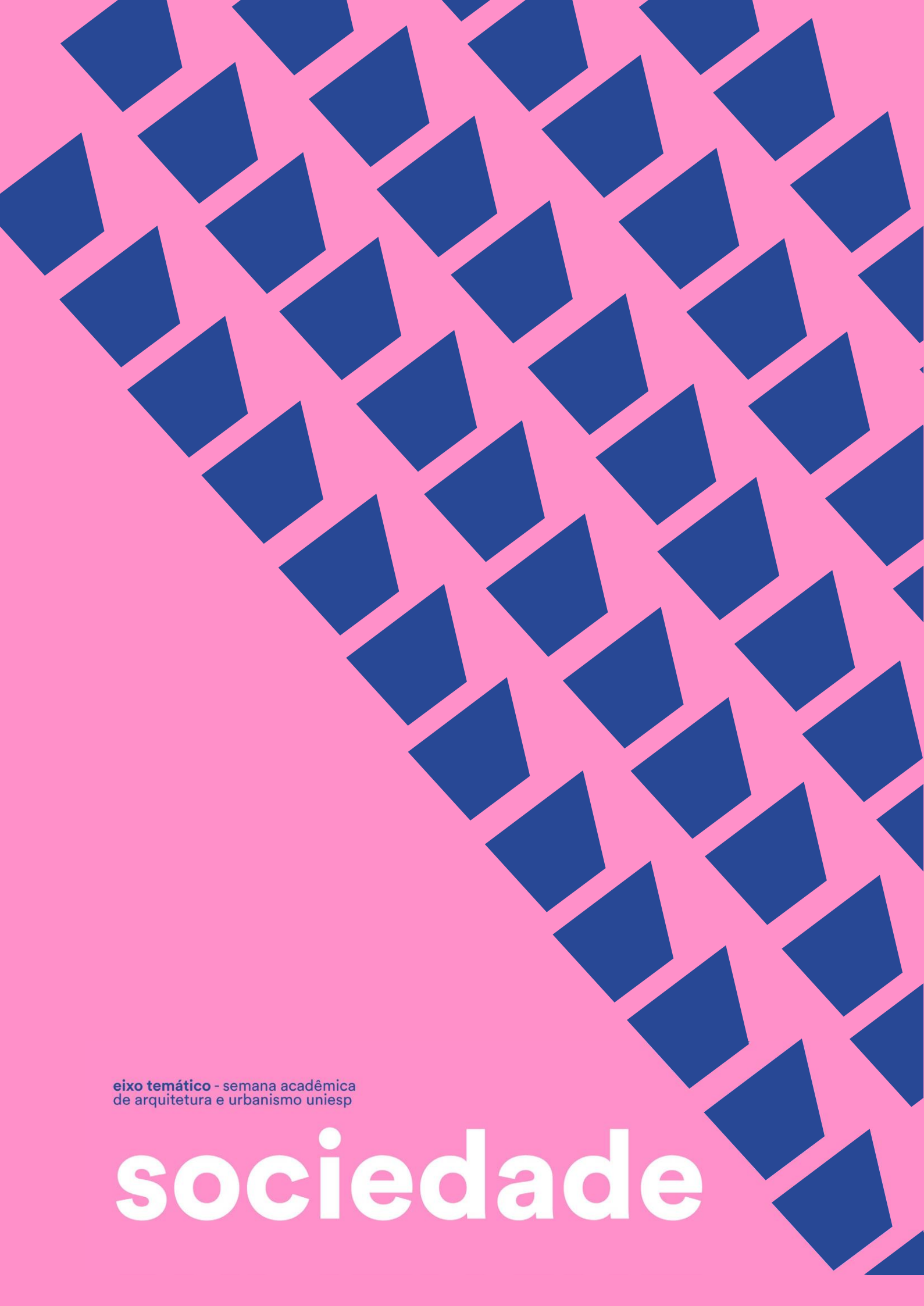
MARTINS, Raphael Tavares Pacheco; ARAÚJO, Ronaldo de Sousa. **Benefícios dos Parques Urbanos**. PERSPECTIVAS ONLINE, CAMPOS DO GOYTACAZES, 2014.

MOURA, Dulce; et.al. **A revitalização urbana: contributos para a definição de um conceito operativo**. In: Cidades, Comunidades e Territórios, n.º 12/13, 2006, pp. 13- 32 15.

PERNAMBUCO. Agencia Estadual de Pesquisas e Planejamento de Pernambuco – CONDEPE/FIDEM. **Norte Metropolitano e Goiana: oportunidades e desafios para o desenvolvimento regional sustentável**. Recife, 2010.

SILVA, Geovany Jessé Alexandre da; WERLE, Hugo José Scheuer. **Planejamento Urbano e Ambiental nas municipalidades: da cidade à sustentabilidade, da lei a realidade**. Paisagens em Debate, Sao Paulo, 5 dez. 2007.

WATERMAN, Tim. **Fundamentos do Paisagismo**. Porto Alegre, Editora Bookman, 2010.



eixo temático - semana acadêmica
de arquitetura e urbanismo uniesp

sociedade

ESTUDO DE COR PARA SALAS DE RECUPERAÇÃO PÓS-ANESTÉSICA

Study of color to post-anesthetic recovery room

LUSTOSA, LUCAS NASCIMENTO

Tecnólogo em design de interiores; bacharelado em arquitetura e urbanismo (UNIESP)

QUEIROGA, SILVANA CHAVES C. DE

Doutora em engenharia civil; professora titular de design de interiores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB)

RESUMO

Os ambientes hospitalares trazem à maioria dos pacientes aflição e desconforto. Nos últimos anos os estudos de humanização em ambientes hospitalares têm sido crescentes, porém boa parte destes tratam da humanização através da assistência de enfermagem. Enquanto os ambientes hospitalares, como espaços físicos, tornaram-se cada vez mais técnicos deixando de lado a preocupação com a agradabilidade do espaço. Esta visão excessivamente tecnicista é ainda mais perceptível quando se trata de ambientes internos ao Centro Cirúrgico (CC). Sendo a Sala de Recuperação Pós-Anestésica (SRPA) inserida no CC, entende-se a necessidade de um estudo de cor para diminuição da percepção fria do espaço. Assim, será apresentada uma paleta de cores baseada em estudos e harmonias ideais para este espaço. Com o desenvolvimento do trabalho foi possível concluir que se pode elaborar projetos de interiores hospitalares mais humanizados por meio da cor enquanto elementos do design de interiores.

PALAVRAS CHAVE: design de interiores; ambiente hospitalar; Sala de Recuperação Pós-Anestésica; humanização hospitalar.

ABSTRACT

Hospital environments bring to the majority of patients distress and discomfort. In recent years humanization studies in hospital settings have been increasing, but many of them deal with humanization through nursing care. While hospital environments, such as physical spaces, have become increasingly technical leaving aside the concern with the pleasantness of space. This excessively technical view is even more noticeable when it comes to the internal environments of the Surgical Center (SC). Since the Post-Anesthetic Recovery Room (PARC) is inserted in the SC, it is understood the need for a color study to decrease the cold perception of space. So, a color palette will be presented based on studies and harmonies ideal for this space. With the development of this paper it was possible to conclude that it is possible to elaborate projects of more humanized hospital interiors through color as elements of interior design.

KEYWORDS: interior design; hospital room; post-anesthetic recovery room; hospital humanization.

INTRODUÇÃO

O contexto da pesquisa envolve o ambiente hospitalar. A palavra hospital vem do latim hospitalis que pode ser traduzida ao português como ser hospitaleiro ou aquele que hospeda. Tem-se registros de atividades médicas desde 1500 a.C. entre os egípcios, porém não há descobertas que comprovem em quais locais eram exercidas estas atividades. Já mil anos à frente, por volta de 500 a.C registros expõem o uso de mercados como espaços utilizados para o desenvolvimento da prática médica.

Assim como os hospitais, as cirurgias são práticas muito antigas, adotadas desde a pré-história, com métodos rudimentares que apresentavam incisões. Na civilização egípcia foi possível notar um crescente avanço nas técnicas que levaram ao surgimento de procedimentos utilizados até os dias atuais, contudo a maior dificuldade enfrentada era executar os procedimentos de forma indolor ao paciente. Com o desenvolvimento da ciência o desejo dos profissionais da área de saúde era promover esse bem-estar durante os procedimentos cirúrgicos.

Apartir do surgimento da anestesia e o posterior desenvolvimento da medicina constatou-se a necessidade de criação de uma Sala de Recuperação Pós-Anestésica (SRPA) para o monitoramento do paciente até que este retornasse à consciência e estivesse apto a sair para uma acomodação. Assim, com o passar dos anos, a SRPA, foi ganhando cada vez mais espaço, inserindo-se dentro do Centro Cirúrgico (CC), o mais próximo das salas de cirurgia, facilitando, assim, a transferência do paciente de uma sala para outra. Buscando um atendimento que dedicasse uma maior atenção à recuperação do paciente no pós-anestésico-cirúrgico imediato, a SRPA é onde, muitas vezes, o paciente recupera sua consciência e a percepção de tempo-espaço.

Em um determinado momento da história começou-se a buscar a humanização dos espaços hospitalares, na tentativa de desconstruir a imagem medonha que fora construída até então. Um hospital é procurado, em sua maioria, por pessoas que se encontram com saúde fragilizada. A ausência de cores e o histórico de processos dolorosos contribuem para a construção de uma imagem negativa do espaço, tornando a estadia do paciente ainda mais incômoda. Com base no que foi explanado cabe o seguinte questionamento: como humanizar uma Sala de Recuperação Pós-Anestésica utilizando-se de um dos elementos do design de interiores como a cor?

HUMANIZAÇÃO DA SALA DE RECUPERAÇÃO PÓS-ANESTÉSICA

A SRPA é um “[...] ambiente destinado à prestação de cuidados pós-anestésicos e ou pós-operatórios imediatos a pacientes egressos das salas de cirurgia.” (ANVISA, 2002.

p. 139). Para a sala de recuperação vão pacientes que passaram por algum procedimento cirúrgico e que para tanto foram submetidos a alguma substância anestésica. Os pacientes encaminhados para a SRPA são pacientes que receberam anestésias do tipo: raquidiana, peridural, geral e de sedação, que possuem diferentes tempos de recuperação. Segundo o Ministério da Saúde a SRPA é um ambiente hospitalar semi-restrito e deve-se fazer uso das paramentações obrigatórias para poder adentrar, além de ter seu acesso e fluxo rigorosamente controlado.

Segundo ANVISA (2002) a SRPA, como qualquer outro ambiente de saúde, deve respeitar cores claras que facilitem a identificação de algum resíduo que venha por ventura se acumular, além de não possuir reentrâncias, materiais que facilitem a limpeza.

É na SRPA que o paciente começa a se recuperar do processo anestésico e recobrar sua consciência. Contudo, ele ainda sente muita dor, possui dificuldade no ato respiratório e está em processo de recuperação da percepção de tempo e espaço. Portanto, nesse ambiente é importante que o paciente encontre um espaço que lhe transmita calma, segurança e alívio de suas aflições. Para tanto se faz necessário não só um atendimento humanizado como também um ambiente físico que propicie essas características (ALEXANDRE, 2008).

Com o passar dos anos e dado o avanço da medicina e enfermagem a arquitetura hospitalar passou por diversas mudanças, sobretudo em sua organização espacial. Tais mudanças vêm surgindo mais recentemente também com o objetivo de tornar os ambientes hospitalares mais humanizados. Segundo Horevicz e Cunto (2007, p. 17):

A arquitetura hospitalar tem passado por um processo de transformação nos últimos anos em função da preocupação com o bem-estar dos pacientes. Isso provocou mudanças nas instalações e nos tratamentos de saúde. Essa nova visão abrange o conceito de Humanização dos Ambientes Hospitalares, aproximando o ambiente físico dos valores humanos, tratando o homem como foco principal do projeto. Segundo Mezzomo (2003), “a humanização é entendida como valor, na medida em que resgata o respeito à vida humana. Abrange circunstâncias sociais, éticas, educacionais e psíquicas presentes em todo relacionamento humano...”.

A história dos hospitais nos mostra que os ambientes hospitalares carregavam consigo uma forte imagem de dor e sofrimento. Segundo Ravazzi et al. (2009) esses processos históricos possuem consequências até os dias atuais. O paciente, mesmo que inconscientemente, pode estabelecer uma relação mental interligando a ida à instituição hospitalar com um consequente óbito. Conforme (RAVAZZI et al., 2009):

No século XVIII, os doentes eram acolhidos nos hospitais com o único objetivo de excluir o indivíduo da sociedade, com o intuito de não disseminar a doença, ou para esperar a morte, procurando para este fim instituições como as Irmandades Santas Casas de Misericórdia que eram dirigidas por religiosos inspirados na parábola do Bom Samaritano.

Esse modelo de retirada dos enfermos da sociedade criou uma imagem aonde as pessoas iriam para aguardar a morte, ou que foram deixadas para morrer. Pois pessoas que muitas vezes não estavam tão doentes eram colocadas juntas com outras que se encontravam com doenças mais graves e em estado mais avançado, o que agravava seu caso e muitas vezes levava à morte. Essas heranças históricas do ambiente hospitalar, dos anestésicos e dos procedimentos cirúrgicos vistos anteriormente, trazem repercussões até os dias atuais. Gerando assim sentimentos e sensações de ansiedade, medo e insegurança em alguns pacientes. Assim, é comum que um indivíduo evite ir a um hospital mesmo em estado de enfermidade, buscando a instituição apenas quando o caso é agravado (ALEXANDRE, 2008).

Destarte, o espaço físico hospitalar deve transmitir ao paciente uma sensação diferente da imagem já construída histórica, cultural e socialmente. Para alcançar tais objetivos é necessário respeitar a individualidade do paciente, entender sua fragilidade momentânea e dignificá-lo em todos os procedimentos que porventura virão a ser realizados dentro da instituição. Destaca-se a importância de prezar por sua privacidade e autonomia, dando-lhe a sensação de independência nos espaços. Porém todas essas características da humanização hospitalar através do ambiente construído devem estar diretamente associadas à prestação de um atendimento também humanizado. Portanto, atualmente tenta-se desconstruir a imagem negativa do ambiente hospitalar através de espaços que promovam uma melhor sensação de bem-estar não só físico, mas também psíquico do paciente. Deste modo contribui para tornar a experiência do paciente no estabelecimento muito menos traumática (ALEXANDRE, 2008).

HUMANIZAÇÃO DO AMBIENTE HOSPITALAR

Dentre os fatores envolvidos no processo de humanização dos ambientes hospitalares segundo Ulrich et al. (1991) destacam-se: controle do ambiente, suporte social possibilitado pelo ambiente e distrações positivas do ambiente. No suporte social Ulrich et al. (1991) apresenta que os pacientes que têm tal apoio revelam níveis de estresse abaixo dos que não têm esse tipo de suporte.

A arquitetura hospitalar, assim como outras, sempre passou por mudanças que acompanharam o desenvolvimento da medicina para, assim, poder adequar melhor a edificação ao uso. Possibilitando a inserção de equipamentos e tratamentos que iam sendo desenvolvidos, e modificados, ao decorrer do tempo. Atualmente, com tais alterações busca-se estabelecer uma melhor relação do ambiente físico com os valores humanos, sendo o homem o principal sujeito do projeto (CUNTO; HOREVICZ, 2007).

A importância do ambiente físico na recuperação de paciente já vem há muito sendo

discutida e reconhecida como relevante no processo de recuperação do paciente. É importante compreender o desgaste que o paciente vem sofrendo desde antes de sua entrada no hospital que se reflete, também, na família e amigos. É sabido que o espaço físico não irá eliminar a angústia vivenciada por estes, porém é capaz de contribuir para melhoria do bem-estar tanto dos pacientes quanto dos funcionários utilizando de elementos do design de interiores para criar um ambiente que atenda aos requisitos técnicos sem deixar de lado os elementos que tornam o espaço mais humano (CAVALCANTI; AZEVEDO; DUARTE, 2007).

A COR PARA A SALA DE RECUPERAÇÃO PÓS-ANESTÉSICA

A COR

A cor em si não existe, não é palpável, pois trata-se de um estímulo nervoso. Para que haja cor é necessário que tenha luz e olho. Os estímulos nervosos provocados pela cor em nossa percepção visual se dividem em duas classificações: cor-luz e cor-pigmento. A primeira sendo exclusiva da luz propriamente sendo imaterial inclusive seu meio, ou seja, não está aplicada a um objeto. Já a segunda, cores-pigmento, é aplicada a um material físico que com a luz reflete ao olho seu estímulo possibilitando a visualização desta (PEDROSA, 2009).

As cores podem ser percebidas de diferentes formas, pois na sua percepção entram elementos psicológicos que modificam o que se visualiza. A cor possui três elementos que podem-se destacar: matiz, luminosidade e saturação (PEDROSA, 2009).

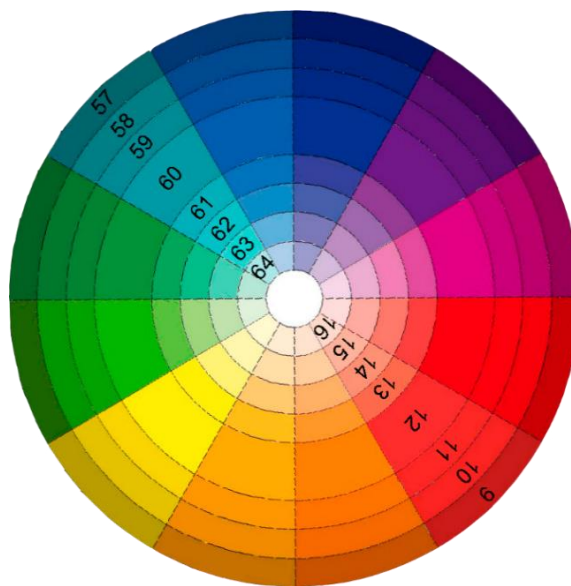
As cores são classificadas em primárias, que no caso das cores-pigmento são o vermelho, o amarelo e o azul, sendo assim, a junção destas em diferentes proporções irá gerar todas as outras cores. Ainda em suas classificações, temos cores secundárias que são formadas pela adição de duas cores primárias e as cores terciárias que são formadas por uma secundária e uma primária que deu origem à anterior (PEDROSA, 2009).

Entende-se que as cores podem ser divididas em: quentes e frias. As cores quentes são as que têm sua origem no vermelho e amarelo, já as cores frias são as que derivarem do azul e do verde. Assim, tem-se que as cores complementares, ou seja, as que complementam outra determinada cor é a que não fez parte da criação desta, como o azul tem como cor complementar o laranja, já que este é formado pelas duas outras cores primárias (vermelho e amarelo) (PEDROSA, 2009).

O disco cromático é formado por doze cores, organizadas em ordem progressiva. O disco é composto por cores primárias, secundárias e terciárias, subtraída com preto e adicionada

com branco (PEDROSA, 2009; SUTTON; WHELAN, 2004), conforme ilustra a Figura 1.

Figura 01 - Disco cromático



Fonte: adaptado de SUTTON; WHELAN (2004).

São definidas harmonias cromáticas em: análogas e complementares. É possível compor harmonias que podem contribuir para a composição de um ambiente. Com base em um tipo de harmonia específica pode-se provocar sensações diferentes no usuário (PEDROSA, 2009; HELLER, 2013; LACY, 2007).

PERCEPÇÃO DAS CORES

Segundo Heller (2013) os seres humanos conhecem mais sentimentos do que cores. Entre as cores preferidas encontra-se o azul que a autora coloca como sendo a cor predileta de 46% dos homens e 44% das mulheres. Ainda segundo Heller (2013, p.23):

O significado mais importante do azul está no simbolismo das cores, nos sentimentos que vinculamos ao azul. O azul é a cor de todas as características boas que se afirmam no decorrer do tempo, de todos os sentimentos bons que não estão sob o domínio da paixão pura e simples, e sim da compreensão mútua.

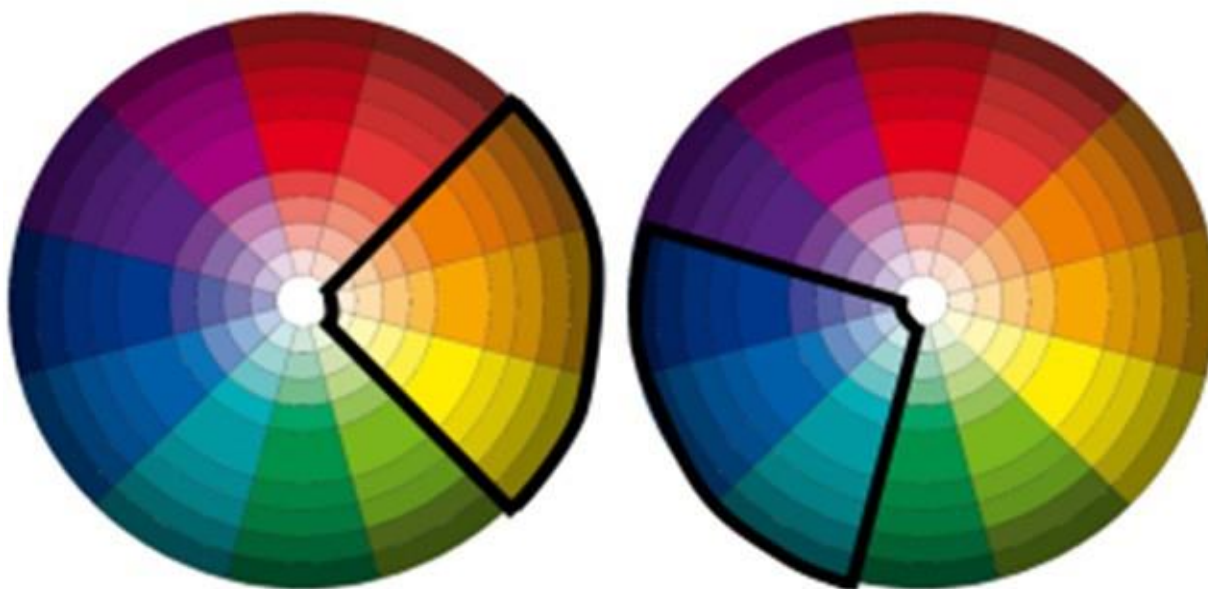
Assim, entende-se que os sentimentos que cercam uma cor são dos mais variados. Entendendo que o azul é a cor mais bem quista e está associada à diversos sentimentos positivos é possível utilizar desses fatores no momento de pensar as cores que serão aplicadas ao projeto.

A harmonia análoga é composta por três tons próximos. Esta harmonia não possui um contraste alto e podem reforçar, ainda mais, sensações como frio (variando do azul ao violeta) e quente (variando do vermelho ao amarelo). Na Figura 2 estão destacadas duas

harmonias análogas, cores vizinhas no disco cromático.

Na Figura 2 à esquerda percebe-se que a harmonia adotada abrange o laranja, amarelo-alaranjado e amarelo, formando assim uma harmonia complementar de tons quentes. Ainda na Figura 2 à direita, destacada em preto, a harmonia cromática análoga com tons frios, azul-violetado, azul e azul-esverdeado.

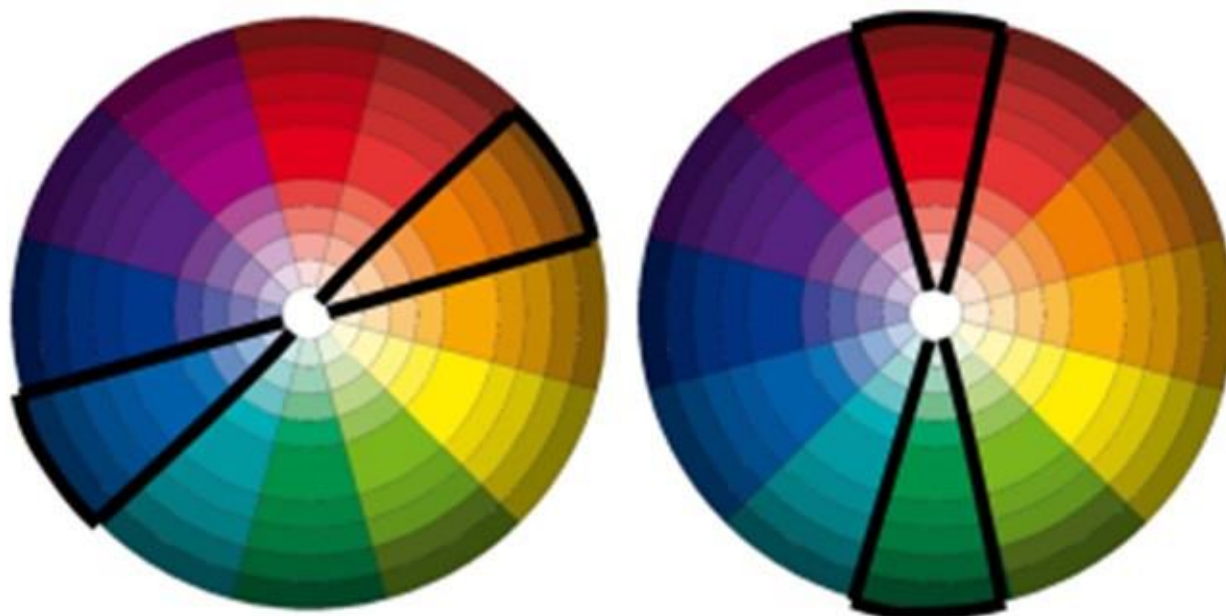
Figura 02 - Discos cromáticos com duas harmonias do tipo análoga



Fonte: Adaptado de PEDROSA (2009).

Já na Figura 3, destacada de preto está a harmonia complementar. Esta harmonia possui um contraste maior e, em geral, é mais estimulante e dinâmica. Contudo, a interpretação da cor varia de usuário e independe da harmonia adotada. Por exemplo, pode-se adotar uma harmonia análoga dispondo de um azul que em conjunto com o verde transmite a sensação de refrescância. Assim como pode-se definir uma harmonia complementar tendo o azul que tem como complementar a cor laranja que provoca a dualidade do azul trazendo à tona sentimentos como calma e tranquilidade enquanto a cor laranja promove sensações estimulantes e de vitalidade (HELLER, 2013).

Figura 03 - Discos cromáticos com dois exemplos de harmonia do tipo complementar, destacas em preto.



Fonte: Adaptado de PEDROSA (2009).

Na Figura 3 à esquerda o azul, cor primária, contrasta com o laranja, cor secundária, formando a harmonia complementar, onde uma cor complementa a outra em sua composição cromática. Ainda na Figura 3 à direita a cor vermelha, cor primária, contrasta com a cor verde, cor secundária.

Assim, entende-se que as cores podem ser usadas para provocar diferentes sensações trazendo à tona ao observador sentimentos dos mais variados. Utilizando-se de diferentes ferramentas e distintas harmonias é possível adicionar ao espaço uma atmosfera mais adequada ao conceito definido, sendo a cor uma grande aliada no processo de composição. Esta interpretação subjetiva da cor pode e deve ser utilizada em composições para projeto de design de interiores, sobretudo em ambientes que carecem de uma atenção mais humana, como os ambientes hospitalares.

USO DA COR EM AMBIENTES HOSPITALARES

Segundo Lacy (2007) os ambientes hospitalares carregam muita tensão por serem procurados, em geral, quando se existe um problema de saúde, sendo assim, a autora concluiu que devem ser utilizadas cores que provoquem alívio ao paciente. Em seu estudo, propõe diferentes cores para diferentes ambientes com tratamentos específicos. Desse modo, a autora chega a conclusão das cores que proporcionarão a sensação mais adequada para auxiliar no tratamento do paciente.

Ainda conforme Lacy (2007. p. 66):

Normalmente, a sala de cirurgia é pintada de verde para equilibrar o vermelho do sangue; o cirurgião também usa avental verde. A energia do verde funciona como calmante em todas as pessoas presentes, mas quando elas têm de permanecer por muito tempo na sala, o verde tende a exaurir-lhes as energias. O turquesa, que contém tanto o verde como o azul, ajuda a acalmar e relaxar, e não exaure. O avental do cirurgião também pode ser dessa cor. O turquesa libera as tensões e os stress, e é uma cor com grande poder terapêutico. A sala adjacente também pode ser dessa cor, complementada com pêssego ou rosa apessegado. O efeito sobre o paciente é instantâneo, pois mesmo estando semi-anestesiado ele continua recebendo as energias do ambiente.

Nos estudos de cor de Lacy (2007), é exposto que as cores ideais para ambientes hospitalares, sobretudo para as salas adjacentes à de cirurgia é o turquesa tendo como complementar o pêssego ou rosa apessegado, como visto anteriormente. Tal composição cromática tem efeito instantâneo, mesmo o paciente estando semi-anestesiado. Portanto, entende-se que as cores ideais para se aplicar em uma SRPA é o azul turquesa com o rosa apessegado, compondo uma harmonia de cores complementares, que estimulará ainda mais a um despertar suave.

Figura 04 - Paletas de cores indicadas como efeito de vitalidade



Fonte: Adaptado de SUTTON; WHELAN, 2004.

Ainda foi encontrada uma forte associação das cores indicadas por Lacy como sendo relacionadas à vitalidade. A cor vermelho alaranjado, referência 12 na Figura 1, está associada à vitalidade, na mesma figura a cor aparece em estudo com sua cor complementar, azul esverdeado ou turquesa, em várias luminosidades (SUTTON; WHELAN, 2004).

Conforme diz:

A vitalidade e entusiasmo são melhor representadas pela cor vermelha e todas as suas variações tênues. As combinações cromáticas se articulam em torno desta cor provocando um sentimento de vigor e de calor. Estas combinações são muitas

vezes utilizadas em comerciais, evocando um estilo de vida enérgico e positivo. A combinação de vermelho-alaranjado e a sua complementar, turquesa, produz um resultado dinâmico, muito eficaz quando usadas na moda, na publicidade e na embalagem (SUTTON; WHELAN, 2004, tradução nossa).

Assim, entende-se que a cor é capaz de contribuir para a qualidade de uma SRPA e sobretudo para o bem-estar emocional do paciente, podendo auxiliar, inclusive, na promoção de um despertar suave com sua harmonia contrastante. Utilizando-se dos estudos de Lacy (2007) associado com a percepção subjetiva do observador exposta por Sutton e Whelan (2004) fica nítido que a associação do azul turquesa com o rosa apessegado é uma excelente harmonia em se tratando de uma Sala de Recuperação Pós-Anestésica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a revisão realizada foi possível constatar que é possível utilizar-se da cor, enquanto elemento do design de interiores, para promover uma humanização do ambiente de uma Sala de Recuperação Pós-Anestésica. Tornando a experiência dos usuários menos traumática, diminuindo sua ansiedade e promovendo um maior bem-estar emocional, tanto para o paciente quanto para os funcionários da área da saúde, também usuários do espaço. Assim, mesmo com toda a carga da herança histórica repleta de medos e imagens cruéis, considera-se possível utilizar-se de uma aplicação de cor para a diminuição, ou distração, para com estes efeitos negativos do espaço.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Iria Lúcia da Silva. **Humanização do atendimento de enfermagem na sala de recuperação pós-anestésica**. 2008. 38 p. Monografia (Especialização em Condutas de Enfermagem no Paciente Crítico) – Centro Educacional São Camilo, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2008.

ANVISA. RDC 50:2002: **Regulamento Técnico para planejamento, programação, elaboração e avaliação de projetos físicos de estabelecimentos assistenciais de saúde**. Brasília: ANVISA, 2002.

CAVALCANTI, P. AZEVEDO, G. DUARTE, C. **Humanização, imagem e caráter dos espaços de saúde**. Cadernos do PROARQ (UFRJ), v. 11, p. 7-10, 2007.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Tradução Maria Lúcia Lopes da Silva. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013. 311 p.

HOREVICZ, E. CUNTO, I. **A humanização em interiores de ambientes hospitalares**. [S.l.]: 2007.

LACY, Marie Louise. (1996). **O poder das cores: no equilíbrio dos ambientes**. Tradução Carmen Fischer. 4 ed. São Paulo: Editora Pensamento, 2007. 144 p.

PEDROSA, Israel. **Da cor à cor inexistente**. 10. ed. Rio de Janeiro: SENAC, 2009. 254 p.

RAVAZZI, B. DIAS, D. OLIVEIRA, M. BARAILHAS, M. **Humanização Hospitalar: conhecendo seu processo de implantação e as atuais perspectivas**. Lins, 2009.

SUTTON, T. WHELAN, B. **The Complete Color Harmony: Expert Color Information for Professional Color Results**. [S.l.]: Rockport Publishers, 2004. 216 p.

ULRICH, R.S.; SIMONS, R.F.; LOSITO, B.D.; FIORITO, E.; MILES, M.A.; ZELSON, M. **Stress recovery during exposure to natural and urban environments**. Journal of Environmental Psychology, 1991, v. 11, p. 201-230.

A LEITURA URBANA NA ANÁLISE DOS USOS E APROPRIAÇÕES DOS ESPAÇOS PÚBLICOS: ESTUDO SOBRE A PRAÇA GETÚLIO VARGAS, PATOS-PB

URBAN READING IN ANALYSIS OF USES AND APPROPRIATIONS OF URBAN PUBLIC PLACES: STUDY ON GETÚLIO VARGAS SQUARE, PATOS-PB

SANTOS, URIEL LUCAS DOS.

Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela UNIFIP

CRUZ, PATRÍCIA COSTA E SILVA.

Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Docente na UNIFIP

RESUMO

O espaço público reúne propriedades que lhe conferem a possibilidade de apresentar-se como um universo de atividades e expressões de comportamento que são capazes de discriminar o funcionamento de uma sociedade em suas nuances e dinâmicas. O contexto urbano contemporâneo influenciado pela sobreposição do espaço privado em detrimento do espaço público motivou esta pesquisa na proposição de entender a função do espaço público nas relações sociais na cidade de Patos-PB. Para isso, a pesquisa teve como objetivo central compreender as formas de produção e apropriação da praça Getúlio Vargas, partindo de dois eixos de análise, compreendendo a dimensão/organização espacial, por meio de uma interpretação quantitativa; e a dimensão social de comportamento dos usuários através de uma abordagem etnográfica. O método de leitura urbana aplicado permitiu perceber padrões de comportamento induzidos pelo arranjo espacial e contextual do objeto de estudo, assim visualizando a deficiência que os demais bairros têm em oferecer espaços multi utilitários. As informações obtidas ajudam a compreender melhor o funcionamento da cidade, fornecendo subsídios para novas pesquisas, além de colaborar na criação de diretrizes para o desenvolvimento do espaço urbano local.

PALAVRAS CHAVES: Espaços Públicos; Escala humana; Uso e Apropriação.

ABSTRACT

The urban public space brings properties which confer the possibility of present as a universe of activities and behaviors that are able to discriminate the functioning and dynamics of a society. The neglect of public spaces in the contemporary urban context motivated this research in the proposal to understand the role of public space in social relations in the city of Patos-PB. To this end, this article aimed at interpreting the forms of use and appropriation in the Getúlio Vargas square, applying two lines of analysis: understanding, quantitatively and qualitatively, the spatial organization; and the social aspects of users' behavior by means of ethnographic approach. The applied urban reading method allowed to perceive behavior patterns induced by spatial and contextual arrangement of the object of study, thus visualizing the deficiency that other neighborhoods have in offering multi-utility spaces. The information obtained helps to better understand how the city works, providing subsidies for new research, besides collaborating in the creation of guidelines for the development of the local urban space.

KEYWORDS: Urban Public Spaces; Human scale; Use and Appropriation.

INTRODUÇÃO

“Avida entre edifícios”, como explica Gehl (2015), se dá pelo universo de diferentes atividades exercidas pelas pessoas quando usam o espaço comum da cidade em sua necessidade constante de movimentar e permanecer. Essa dinamicidade do espaço urbano constrói um leque de comportamentos e expressões que são reflexo das atividades corriqueiras do cotidiano, sejam essas necessárias ou optativas, como classifica o mesmo autor. O espaço público, palco dessas manifestações, é onde se concretiza as construções de identidades, troca de experiências, fazendo desse meio um local democrático de expressão. Nesse contexto, as praças enquadram-se como pólo central de atração mútua entre os usuários do espaço urbano, acompanhando a ambiência sazonal que esse espaço tem a oferecer ao longo do ano.

Apartir do século XX, esses espaços tiveram de enfrentar a ascensão dos ideais modernistas que modificaram os papéis de atuação no meio urbano. As cidades antes protagonizadas por pessoas, adaptam-se ao comportamento consumista ligado, diretamente, à mudança do principal modal de transporte e também a uma permeabilidade mais densa entre o público e o privado. É nesse contexto que as praças e os demais espaços públicos vão sendo negligenciados, perdendo gradualmente sua função nas cidades e sua possibilidade em oferecer uma experiência mais pessoal, como explica Jacobs (2011). São esses agravantes que fazem as praças, por exemplo, tornarem-se espaços desvitalizados. Percebidas de forma acrítica, acabam desligando-se das suas particularidades relacionadas ao contexto social e também a funcionalidade coerente com o seu entorno (JACOBS, 2011)

A reflexão e as pautas levantadas fomentaram a questão que motivou a presente pesquisa, tentando entender parcialmente o comportamento socio-urbano no contexto das cidades brasileiras de pequeno e médio porte. Tomando como objeto de estudo a praça Getúlio Vargas, na cidade de Patos, a metodologia de leitura urbana aplicada na pesquisa possibilitou desenvolver interpretações de como os cidadãos visualizam a função desse espaço. A praça objeto de estudo teve sua construção na década de 1940, no período administrativo do prefeito Pedro da Veiga Torres, e até o presente momento acompanha as festividades locais, sendo um dos principais polos atrativos de socialização. Assim, essa investigação almeja construir um registro de como os cidadãos e a gestão pública vigente encaram a função vital do espaço público na construção das relações de urbanidade nesse pólo central da microrregião do sertão paraibano.

OBJETIVOS

A investigação em que consistiu pesquisa baseou-se no objetivo de compreender as formas de produção e apropriação da praça Getúlio Vargas por meio de uma metodologia de leitura urbana sistematizada em dois eixos de análise: a dimensão/organização do espaço objeto de estudo, e o aspecto comportamental dos usuários do espaço. Para isso foi necessário:

Definir os padrões de produção do próprio objeto de estudo, assim como o seu entorno;

Observar os modos de apropriação, definindo quem faz o uso desse espaço e como se dá esse fenômeno;

Elaborar uma síntese de como essa praça se enquadra na realidade dos espaços

públicos na contemporaneidade.

Através desses objetivos, o emprego do método para essa “radiografia” do espaço estudado ajudou a levantar dados de como os cidadãos da cidade patoense, usando-os com exemplo em cidades brasileiras de mesmo padrão, apropriam-se do espaço público.

REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL

As definições para espaço público têm sua complexidade coerente com os novos aspectos que a sociabilidade assume ao longo do tempo. As relações humanas são resultantes de uma rede de interações entre os próprios indivíduos enquanto esses interagem e são conduzidos pelo meio no qual estão inseridos. Corroborando essas características, Deslandes; Netto; Gomes (2002) caracterizam os espaços públicos como esse suporte físico das dinâmicas sociais, formando um conjunto indissociável de dispositivos técnicos, uso e vivência afetiva. Atrelado a essa definição, Young (1986 *apud* FERNANDES, 2012) apresenta o caráter de universalidade do espaço público, em que este é acessível a todos para o desenvolvimento de suas atividades, estando sozinhos ou em grupos, de modo cordial e respeitando a diversidade.

As dinâmicas de interação entre os indivíduos no espaço urbano podem ser evidentemente percebidas imersas em um ambiente de pluralidade de atividades. É nesse cenário que se destaca o papel salutar das praças no funcionamento das cidades. Como apresenta Saldanha (1993), a constante mutação social conferiu às praças diferentes feições ao longo do tempo, não só mais a praça de mercado, mas como um espaço central e vital, simbolizando a presença do povo e da atividade política por parte dos cidadãos. É nessa vertente que Macedo&Robba (2003) aborda a pluralidade de interações que são fomentadas pelo arranjo espacial, tratando-se da importância da praça para a vida urbana e suas relações. A alteração da configuração espacial urbana na contemporaneidade, abrindo destaque para a construção de limites cada vez mais impermeáveis entre o público e o privado, e interações mais objetivas devido aos dispositivos digitais de comunicação; ressignificou o espaço público. A ausência de contato e das coexistências entre os indivíduos criaram a condição de invisibilização do outro. O caráter de pluralidade particular do espaço urbano vai se perdendo à medida que se desmonta a possibilidade de interação entre os diferentes, impactando nas formas de apropriação do espaço público (NETTO, 2014).

A apresentação desse cenário por meio desses conceitos oferece um aparato que permite interpretar a teia em que consiste as relações sociais, abrangendo diversas esferas e eixos da sociedade, mostrando-se de forma interdependente na sua responsabilidade do uso e da apropriação dos espaços públicos das cidades brasileiras.

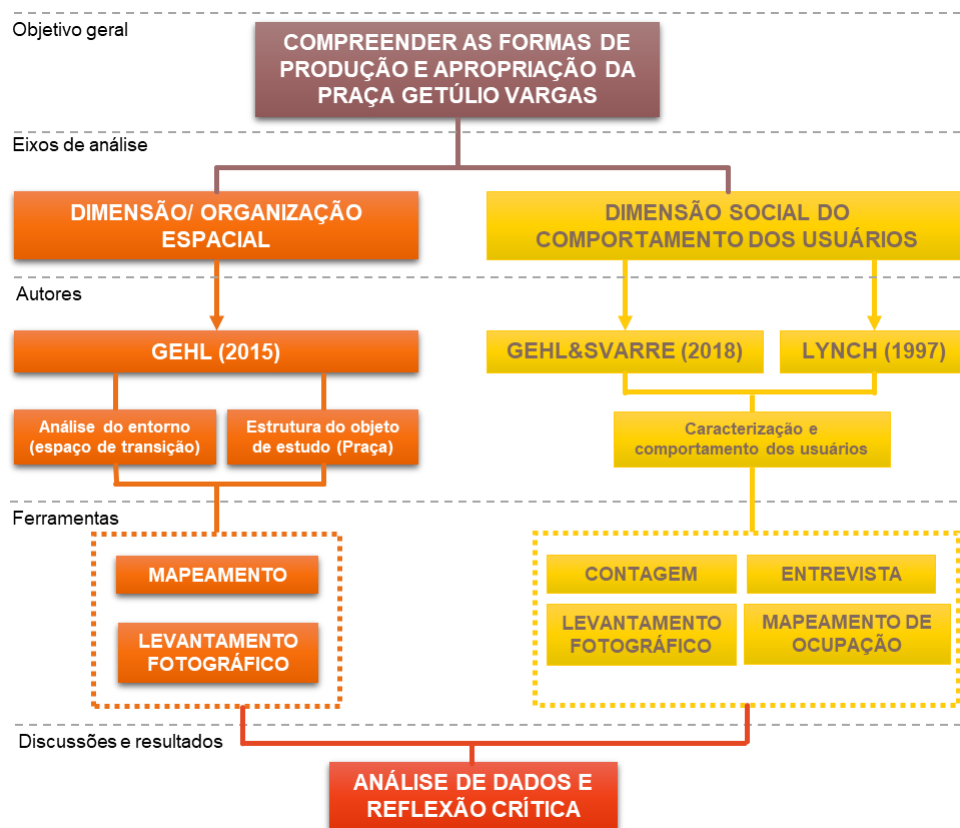
METODOLOGIA

A abordagem metodológica empregada na investigação do objeto de estudo partiu de uma análise pós-ocupacional por meio do método etnográfico, baseando-se nos conceitos apresentados por Gehl (2015), Lynch (1997) e Gehl&Svarre (2018). A sobreposição dos conceitos explicitados por esses autores permite que haja uma interpretação sobre o objeto de estudo que permeie a compreensão tanto da estrutura física/concreta, quanto da dinâmica comportamental sensíveis à percepção subjetiva do investigador. Desse modo, a metodologia de leitura empregada foi segmentada em dois eixos.

O primeiro eixo, que compreendeu na leitura da dimensão/ organização espacial, baseou-se nos conceitos apresentados por Gehl (2015) para visualizar o entorno imediato do objeto de estudo. Esse segmento partiu da premissa de como a dimensão e percepção humana acerca dos espaços estão relacionadas à dinâmica comportamental dos usuários. Por esse motivo, a primeira parte da análise consistiu em uma leitura de como se apresenta o entorno imediato do objeto de estudo e como isso reflete no comportamento dos que fazem uso da praça Getúlio Vargas.

Após a leitura do entorno, se fez necessário uma observação dos usuários, respondendo perguntas como: “Quantos?”, “Quem?”, “Onde?”, “O quê?”, “Quanto tempo?” (GEHL; SVARRE, 2018). Desse modo, o segundo eixo, por sua vez, consistiu na interpretação da dinâmica comportamental dos seus usuários, segundo as ideias de Lynch (1997) e Gehl & Svarre (2018). A imaginabilidade, que Lynch (1997) apresenta como possibilidade de o espaço evocar uma imagem forte no observador, confirma com a criação de uma identificação dos cidadãos com o espaço que é apropriado por estes, o que justifica o emprego do exercício etnográfico nesse segundo segmento da metodologia (Ver Figura 01).

Figura 01: Esquema metodológico adotado para a presente pesquisa.



Fonte: Acervo dos autores (2019).

A extração de dados se deu a partir de levantamento *in loco* durante três dias: em uma Sexta-feira, Sábado e Segunda-feira; três vezes ao dia, precisamente às 09h00, 15h00 e 19h00. Nesses levantamentos, foi aplicado uma entrevista semiestruturada em caráter exploratório com uma amostra de 34 usuários. E para complementar a investigação, utilizou-se dos mecanismos de contagem e mapeamento de traçado e permanência (recurso aplicado por 10 minutos nos horários observados), com a finalidade de sintetizar

essas informações de forma gráfica. Após tais procedimentos, os dados e informações registrados foram analisados conforme a base teórica tomada como referência.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apresenta-se a seguir os resultados obtidos após a aplicação da metodologia proposta, discorrendo sobre a relação Espaço x Individuo configurada no ambiente objeto de estudo.

ANÁLISE DA DIMENSÃO E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA PRAÇA GETÚLIO VARGAS

A praça Getúlio Vargas está localizada no Bairro do Centro da cidade de Patos-PB, tangenciando no Oeste com a BR-110, Av. Epitácio Pessoa; no Sudeste com a R. José Gomes Alves, e no Norte com a R. João Soares (Figura 02).

Figura 02: Localização da Praça Getúlio Vargas (em colorido), Patos-PB.



Fonte: Acervo dos autores (2019).

O ambiente apresenta sua organização de forma radial, de modo a ter como elemento central o Centro de Comercialização do Artesanato Patoense, possuindo seus caminhos e mobiliários dispostos de forma circundante a esse volume edificado na praça (Figura 03).

Figura 03: Centro de Comercialização do Artesanato Patoense, na Praça Getúlio Vargas.



Fonte: Acervo dos autores (2019).

O primeiro contato com espaço levantou em questão dois fatores atrativos para o uso do espaço: a alta densidade arbórea para o conforto climático, tendo em vista a zona bioclimática em que a cidade de Patos está inserida, quente e seca (KÖPPEN, 1996); e a predominância da atividade comercial e de prestação de serviços em edificações de baixo gabarito, compreendendo 16 dos 33 lotes que tem contato com o espaço estudado. Aliado a isso, o uso misto do solo se mostra bastante evidente ao longo da área, ocupando 8 de todos os lotes observados no entorno, apresentando edificações com o pavimento térreo destinados a atividade comercial e demais pavimentos superiores voltados para a moradia. As demais tipologias, como as de função habitacional e institucional, ocupam 5 e 4 lotes, respectivamente, como é possível visualizar no estudo de machas presente na Figura 04, abaixo.

Figura 04: Mapeamento do uso do solo do entorno.



Fonte: Acervo dos autores (2019).

Tendo em vista essa configuração espacial, a dinâmica econômica da cidade proporciona uma melhor experimentação da cidade nas vias circundantes da praça, diversificando esse espaço de transição e transmitindo uma sensação de conforto, organização e segurança, à medida que respeitam a escala humana (GEHL, 2015). As imagens a seguir mostram as vistas a partir da praça ilustrando o contato com esse espaço de transição do entorno.

Figura 05: Vista para as fachadas da porção Sudeste do entorno.



Fonte: Acervo dos autores (2019).

Figura 06: Vista para as fachadas da porção Norte do entorno.



Fonte: Acervo dos autores (2019).

Figura 07: Vista para as fachadas da porção Oeste do entorno.



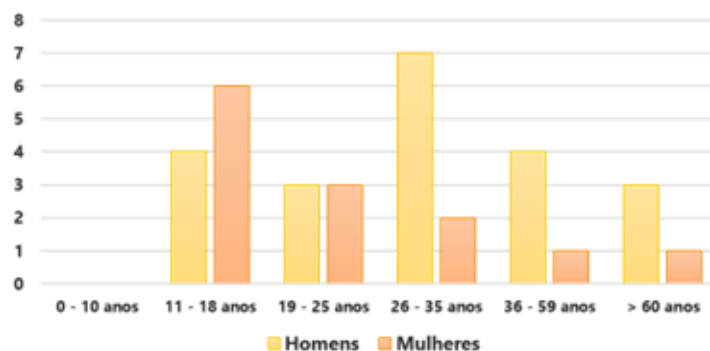
Fonte: Acervo dos autores (2019).

ANÁLISE DO PERFIL DOS USUÁRIOS

o perfil dos usuários levantados permitiu perceber a relevância da praça em uma escala que vai além da área que compreende o bairro do Centro. A partir dos dados extraídos foi possível inferir interpretações que transcendem a compreensão exclusiva acerca do local objeto de estudo, abrangendo para o entendimento da função do espaço público na cidade de Patos de um modo geral.

Dos dados iniciais, constatou-se a necessidade em que a população patoense, em especial o público jovem-adulto, possui em encontrar um espaço que possibilite as interações sociais, a construção das relações urbanas propriamente dita. Em números, dos representantes entrevistados, 13 eram do gênero feminino e 21 do gênero masculino. Esse público é caracterizado com a predominância da faixa etária entre 11 a 18 anos, para as representantes deste primeiro grupo; e entre 26 a 35 anos, para este último, como consta o Gráfico 01.

Gráfico 01: Gênero e idade dos representantes entrevistados.

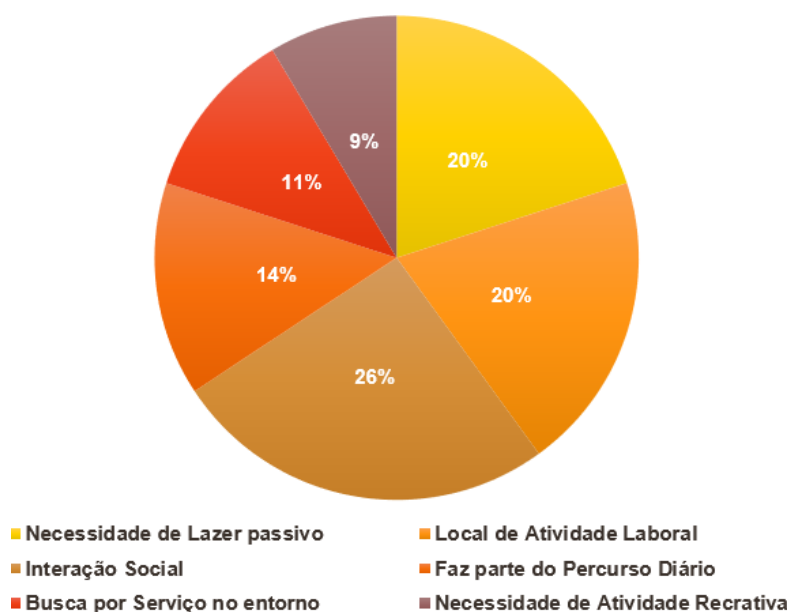


Fonte: Acervo dos autores (2019).

A percepção dessa necessidade por parte da população pode ser justificada pelo fato de aproximadamente 44% da amostra analisada possuir 2º grau completo. Em concordância com essa interpretação, 82% dos entrevistados estavam em grupo durante a entrevista e além disso, significativamente, 88% dos participantes da pesquisa não eram residentes do mesmo bairro onde se localiza a Praça Getúlio Vargas.

Quando questionados sobre o motivo pelo qual os leva a frequentar o espaço, 26% dos participantes responderam que a frequência de visitação ao local se dava pela necessidade de ter contato e interagir com outras pessoas. Outras respostas que levaram a diagnosticar de forma mais consistente a pluralidade de funções na praça foram o percentual de vezes em que a necessidade de lazer passivo e também a afirmação que o local é o espaço de trabalho foram citados. Ambas as repostas tiveram uma representatividade de 20%, como mostra o Gráfico 02 a seguir.

Gráfico 02: Representação dos principais motivos que atraem o uso da Praça Getúlio Vargas.



Fonte: Acervo dos autores (2019)

Esse nicho específico de usuários destaca a possibilidade de a praça ser palco de diversas atividades, principalmente de viés cultural, ao longo do ano (Figura 08). Tal condicionante é um impulsionador de serviços informais, por parte da própria população, que ocorrem no espaço. A interação entre os usuários e as funções que esses mesmos buscam no ambiente revelam a deficiência que os demais bairros da cidade de Patos possuem em oferecer um espaço adequado que sirva como um pólo multi utilitário coerente com a dinâmica urbana contemporânea.

Figura 08: Construção da Vila São João para as festividades do mês de Junho.



Fonte: Acervo dos autores (2019).

Durante os levantamentos, foi possível perceber a manutenção de um mesmo padrão de comportamento nos três dias observados. Constatou-se claramente uma atenção dos usuários quanto ao período noturno, como é possível ver na Figura 09. A atividade mais intensa nesse momento do dia pode ser justificada por diversos fatores, entre esses pode-se apontar o tempo ocioso após turno de trabalho nos dias úteis. Além disso, o fator climático torna-se uma condicionante convidativa para o uso do espaço, o que reflete na baixa movimentação no período vespertino.

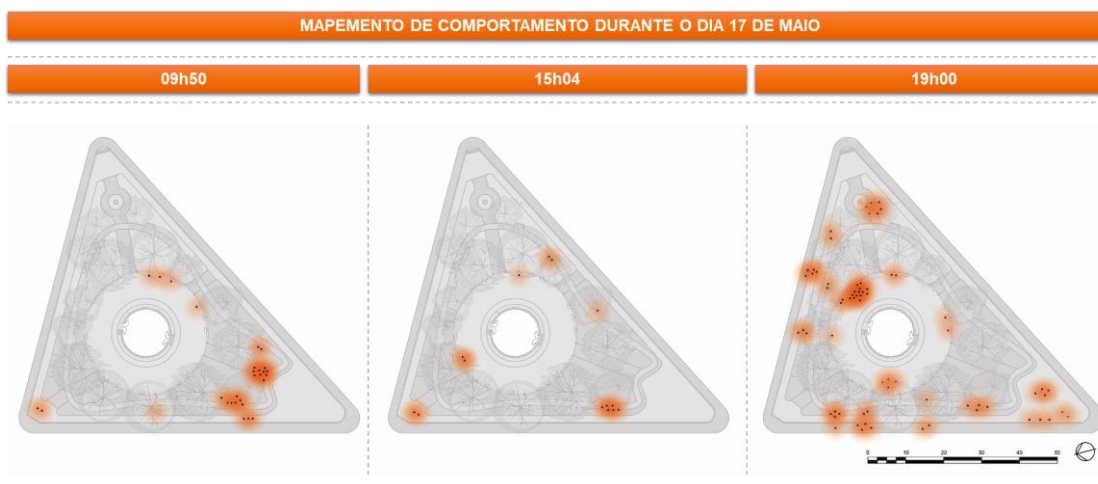
Figura 09: População durante o período noturno na Praça Getúlio Vargas.



Fonte: Acervo dos autores (2019).

Diante dos registros obtidos, fica clara a compreensão quanto ao comportamento desses usuários. É significativa a concentração de pessoas de modo mais homogêneo ao longo da praça nesse período, como é possível visualizar no mapeamento de comportamento realizado em uma sexta-feira (Figura 10).

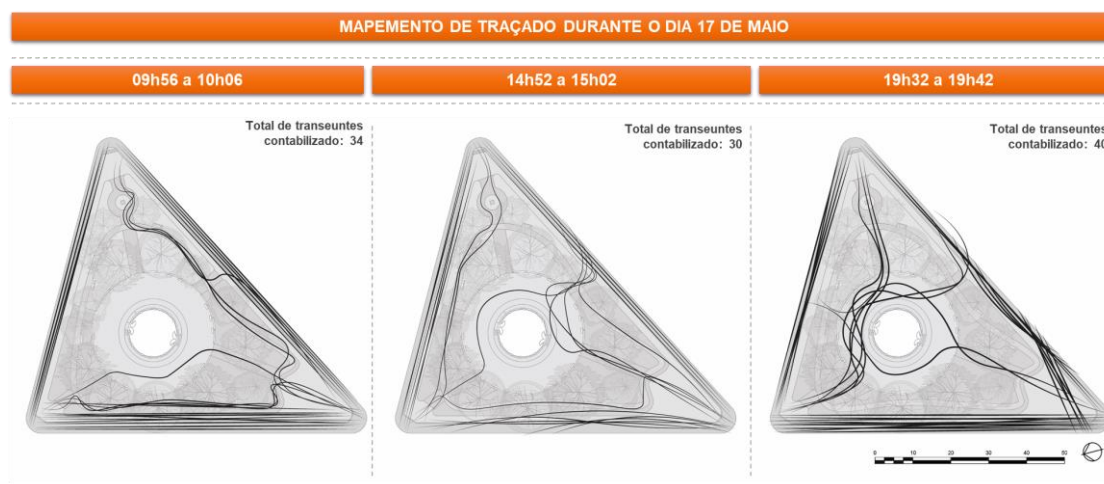
Figura 10: Mapeamento de comportamento referente à sexta-feira, 17 de maio.



Fonte: Acervo dos autores (2019).

A maior aglomeração de usuários na porção Oeste, na Av. Epitácio Pessoa, também está relacionada com o fato de esta rota ser a de maior fluxo, comparando os três momentos em que se deu o levantamento. A movimentação nessa rota justificada pelo trajeto necessário de ida e retorno das atividades obrigatórias, sejam essas de trabalho, estudo, etc., reforçam e tornam essa zona propícia à instalação de serviços, que por sua vez, estimulam a permanência dos usuários nessa área do ambiente

Figura 12: Mapeamento de traçado referente à sexta-feira, 17 de maio.



Fonte: Acervo dos autores (2019).

A necessidade de interação, constantemente citada entre os usuários da Praça Getúlio Vargas, faz com que o ambiente seja um cenário para esses encontros e relações sociais entre os cidadãos de Patos, não só como um ambiente presente na composição do trajeto diário, mas proporcionando uma atmosfera que acompanha a busca por entretenimento ao longo do ano todo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi constatado, os dados obtidos ajudam a compreender melhor

o funcionamento da cidade, assim como atestar a eficácia do espaço estudado, representando a real necessidade da presença de espaços de interação social consolidados nas cidades contemporâneas. A percepção da função e da apropriação do espaço público conduz a um nível de concepção projetual mais coerente com as necessidades humanas, tanto em escala arquitetônica, quanto nas linhas do desenho urbano. É nessa perspectiva que esta pesquisa se consolidou e teve suas motivações para a obtenção de resultados: o constante diálogo entre o comportamento do indivíduo e o espaço, permitindo a construção mútua por parte de ambos. A validade da pesquisa também se mostra clara em seu papel de fornecer subsídios para novos questionamentos e interpretações, além de ajudar na criação de diretrizes para o desenvolvimento do espaço urbano local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FERNANDES, A. C. T. D. **Metodologias de Avaliação da Qualidade dos Espaços Públicos**. Orientador: Paulo Manuel Neto da Costa Pinho. 2012. 191 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Engenharia Civil) - Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2012. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/68407/1/000154929.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2019.

GEHL, J. **Cidades para Pessoas**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GEHL, Jan; SVARRE, Birgitte. **A Vida na Cidade: Como Estudar**. São Paulo: Perspectiva, 2018.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução Carlos S. Mendes Rosa. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

KÖPPEN, W. **Climatologia. Com un studio de los climas de la tierra**. Fundo de Cultura Econômica: Buenos Aires, Fundo de Cultura Econômica, 1948, 31p. Trad. CORREIA, A.C.B. **Sistemas Geográficos dos Climas**. Recife: UFPE, 1996, 13p.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACEDO, S. S.; ROBBA, F. **Praças Brasileiras**. São Paulo: EDUSP, 2003.

NETTO, V. M. **Cidade e Sociedade: as tramas da prática e seus espaços**. Porto Alegre: Editora Sulina. 2014.

SALDANHA, N. **O jardim e a praça: o privado e o público na vida social e histórica**. São Paulo: EDUSP, 1993.

VIVER E MORAR NAS PEQUENAS CIDADES DA PARAÍBA: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS SÓCIOESPACIAIS NO BAIRRO MARIA DE LOURDES LEITE, BORBOREMA-PB

*LIVING AND LIVING IN THE SMALL CITIES OF PARAÍBA: AN ANALYSIS
OF SOCIO-SPATIAL PRACTICES IN BAIRRO MARIA DE LOURDES LEITE,
BORBOREMA-PB*

MARANHÃO, HELEILTON MARTINS S DA C

Arquiteto e urbanista, ATAU+E UFPB, heleilton_arquiteto@gmail.com

VILELA, ALANA MALUF

Arquiteta e Urbanista, Especialista em gestão de cidades e planejamento urbano

RESUMO

O presente trabalho investiga as interações socioespaciais que acontecem na dinâmica urbana das pequenas cidades em especial na cidade de Borborema, Paraíba que possui segundo o IBGE (2010) uma população de 5.111 habitantes. O bairro em estudo está localizado na zona leste do município que surgiu com a implantação de quarenta unidades habitacionais pelo Programa Minha Casa Minha Vida -2 (PMCMV-2) no ano de 2013. O principal objetivo desse estudo foi compreender, identificar práticas, costumes e as formas de apropriações do espaço urbano, onde são implantados os conjuntos habitacionais financiados pelo governo federal, dando apoio às futuras intervenções baseada no comportamento do indivíduo no espaço. Para desenvolvimento desse estudo, observou-se o comportamento da população entre o período de julho de 2016 a setembro de 2017. A construção do mapa e análises das práticas revelou-se como um importante instrumento para compreensão da área, onde foi possível investigar e identificar os costumes e as relações de vizinhança que permeiam o bairro. Notou-se que algumas das apropriações existentes pela população são características das áreas periféricas onde estão implantados os conjuntos habitacionais, áreas ausentes de infraestrutura, recreação urbana e atributos ainda rurais, e que com isso a população busca criar áreas de convívio social, apropriando do espaço com seus mobiliários domésticos e os elementos naturais. Espera-se portando que essa análise venha trazer subsidio para diferentes áreas de pesquisa e futuras intervenções, não apenas a cunho urbanístico, mas, também social e de políticas públicas.

PALAVRAS-CHAVES: Pequenas cidades; práticas socioespaciais; Conjunto Habitacional; Bairro

INTRODUÇÃO

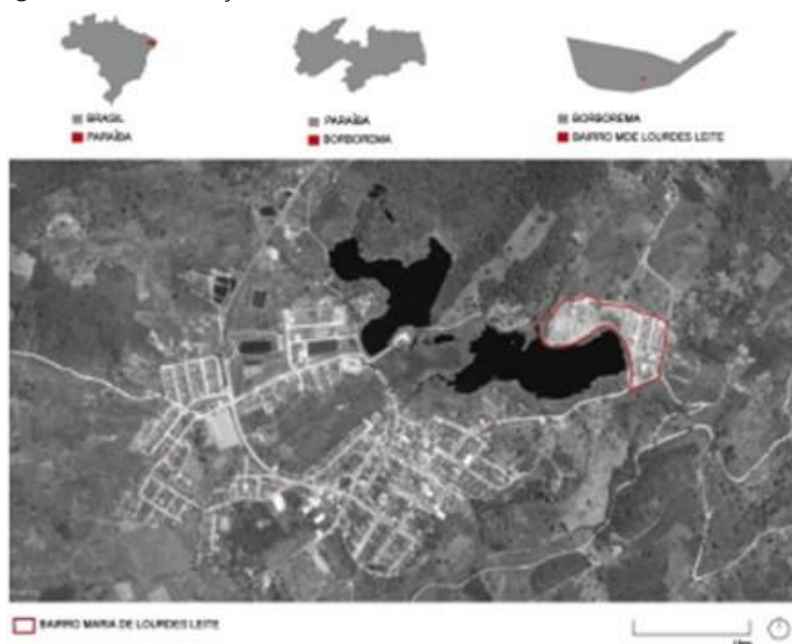
Investigar sobre as práticas socioespaciais no meio urbano ou rural exige apropriar-se de entendimentos sobre sociedade, sociabilidade e interação social. Segundo Cerqueira:

A sociabilidade é uma interação que não resulta de necessidade ou interesses específicos, mas que preserva a satisfação do estar socializado que acompanha o processo de interação. “(...) o impulso de sociabilidade, (...) se desvencilha das realidades da vida social e do mero processo de sociação como valor e como felicidade, e constitui assim o que chamamos de sociabilidade em sentido rigoroso” (CERQUEIRA *apud* SIMMEL, 2013, p.60)

O presente trabalho investiga as interações socioespaciais que acontecem na dinâmica urbana das pequenas cidades brasileiras em especial na cidade de Borborema, Paraíba. A mesma possui segundo o IBGE (2010) uma população de 5111 habitantes, sendo 73% residente da zona urbana e 27% restante da zona rural; logo é considerada uma cidade de pequeno porte segundo IPEA (Instituto De Pesquisa Econômica Aplicada), por possuir uma população inferior a 50000 habitantes.

O bairro em estudo está localizado na zona leste do município, ocupando uma área de 6 hectares. Este surgiu com a implantação de quarenta unidades habitacionais pelo Programa Minha Casa Minha Vida -2 (PMCMV-2) no ano de 2013, em uma zona rural conhecida como Sítio Boa Vista, às margens de uma represa conhecida popularmente como açude Borborema. É denominado por alguns de seus moradores e visitantes como “Paraisópolis”, pois faz uma analogia a um bairro periférico de São Paulo, apresentado na teledramaturgia Brasileira no seu ano de fundação.

Imagem 01: Localização do Bairro Maria de Lourdes Leite, Borborema-PB



Fonte: Google Earth do ano de 2016, editado por Heleilton Martins

Souza (2008) apresenta que uma das características especiais nas pequenas cidades diz respeito ao olhar que se tem no próprio espaço urbano sobre as áreas periféricas, pois sempre estão relacionadas ao local onde vivem famílias de baixa renda. Os centros destas pequenas cidades ainda concentram as atividades de comércio e de serviços. As áreas periféricas, destinam-se ao uso residencial, com conjuntos habitacionais de menor poder aquisitivo. O principal objetivo desse estudo foi compreender, identificar práticas, costumes e as formas de apropriações do espaço urbano, onde são implantados os conjuntos habitacionais financiados pelo Governo Federal dando apoio às futuras intervenções baseada no comportamento do indivíduo no espaço. Tais conjuntos habitacionais ajudam a alimentar a descontinuidade do espaço urbano distante do centro e carentes de serviços, (Moreira Júnior, 2010) impulsionando a expansão desenfreada de forma subdividida, tanto em âmbito social quanto físico-espacial.

Portanto, para desenvolvimento desse estudo observou-se o comportamento da população no bairro onde foi implantado o conjunto habitacional, entre o período de julho de 2016 a setembro de 2017, sendo realizadas pesquisas frequentes durante esse período em diversos turnos e horários, passando-se semanas na vida do lugar, convivendo com hábitos e práticas locais. Uma das estratégias utilizadas foi estar em diversos dias e meses para que a presença do pesquisador não constrangesse os moradores locais e suas práticas de apropriação do espaço. Feito isso, para melhor sintetizar os dados foi elaborado um mapa temático onde foram localizadas as práticas existentes no bairro e os horários que tais atividades aconteciam, resultando no total de dezessete práticas que acontecem diariamente.

DESENVOLVIMENTO

VIVER E MORAR NO BAIRRO: ANÁLISE DAS PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS

Nas análises do presente estudo foi imprescindível levar em consideração a classe social dos moradores. Os tipos de interações e necessidades sociais dos mesmos se entrelaçam com o tipo de espaço em que vivem e como a vida se desenvolve na mesma. Perante o assunto, Cerqueira afirma que:

Sobre as relações de vizinhança, é interessante observar ainda que as pessoas participam dos acontecimentos da vida pessoas umas das outras de forma bem mais intensa do que ocorre nas classes sociais mais favorecidas. (...) A vida privada fica comprometida pela promiscuidade ocasionada pelas casas, muito pequenas para o número de ocupantes e para a ocupação tão densa (CERQUEIRA *apud* NUNES, 2013, p. 69)

Para construção desse mapa, observou-se o comportamento da população na área de estudo entre o período de julho de 2016 a agosto de 2017. A partir desse mapa foi possível

conhecer a vida dos moradores locais e seus costumes, como apresenta abaixo:

Mapa 01: Práticas socioespaciais do Bairro Maria de Lourdes Leite, Borborema - PB



Fonte: Heleilton Martins, 2017

PRÁTICA 01: A RUA COMO PRAÇA E SALA DE ESTAR (15H ÀS 20:30H)

Com a ausência de áreas de convívio no bairro, os moradores e visitantes se reúnem na rua apropriando-se dos espaços com seus mobiliários domésticos, afim de socializar com a vizinhança e observar o movimento do local. É habitual o uso da rua como extensão da sala de estar das moradias, as populações locais trazem seus mobiliários, ouvem o som da TV que permanecem no interior das moradias, essa atividade não se estende das 20:30h, devido a insegurança pela própria iluminação pública e os moradores afirmam que se tem o costume de dormir cedo.

PRÁTICA 02: “CAMPO” DE FUTEBOL (15:30 ÀS 17:30H)

Com a inexistência de equipamentos de lazer e esporte, utilizam-se dos espaços ociosos

para sua recreação, durante o dia o uso é frequente pela prática do futebol pelas crianças do bairro.

Imagem 02: Campo de futebol improvisado por moradores



Fonte: Heleilton Martins, 2017

PRÁTICA 03: O AÇUDE COMO UMA PISCINA DO BAIRRO (09H ÀS 11:30H E 13:00H ÀS 16:30H)

Embora o açude receba parte do esgotamento sanitário do município, essa prática não impede os banhistas no açude, em especial as crianças a utilizarem-no. É uma atividade em que os moradores interagem entre si, mas também de maior risco, tanto ambiental como de saúde.

Imagem 03: Famílias e crianças desfrutando do açude



Fonte: Heleilton Martins, 2017

PRÁTICA 04: A CALÇADA COMO UM ESPAÇO DE FÉ (15:30H AS 16:30H)

Com a inexistência de um espaço religioso na área, a rua é palco mensalmente de atividades religiosas. Essa prática é feita em sua maioria por mulheres e crianças.

Imagem 04: Famílias reunidas para práticas religiosas



Fonte: Heleilton Martins, 2017

PRÁTICA 05: ESCRITORES DO ESPAÇO URBANO

O espaço se mostra como um palco de manifestações a ser escrito pelos moradores muito embora cause desconforto em alguns por remeterem a violência e a “Paraisópolis” nome chamado por alguns moradores que associa a área a uma favela da cidade de São Paulo - SP. No bairro, os postes, moradias em construções, muros não escapam das inscrições da população.

Imagem 05: Poste pixado “Paraisópolis”



Fonte: Heleilton Martins, 2017

PRÁTICA 06: VARAL COLETIVO (07:00H AS 17:00H)

O espaço urbano como extensão de suas casas, roupas são estendidas em diversos locais do bairro sejam elas em cercas ou muros, sendo feita diariamente em diversos pontos do bairro. Tal apropriação do espaço urbano além de trazer cores ao local mostrar o respeito coletivo de um morador para o outro.

Imagem 06: Varal compartilhado em cerca de arame



Fonte: Heleilton Martins, 2017

PRÁTICA 07: TRADIÇÃO E CULTURA NO BAIRRO (17:30H ÀS 00:00H)

Durante o mês de junho os moradores festejam os santos juninos, realizando fogueiras em frentes de suas residências. Embora tenha um impacto ambiental negativo, demonstra a tradição e costumes presente no cotidiano dos moradores, também solidificando a relação de vizinhança entre os moradores com conversas, refeições e danças em volta das fogueiras.

PRÁTICA 08: CONTEMPLAÇÃO DO AÇUDE (16:30H ÀS 17:00H)

Essa é uma das práticas onde os moradores mais interagem entre si, estimula sua socialização e contemplam o açude pelas atividades de pesca e banho, geralmente nos finais de tarde.

Imagem 07: Moradores nas margens do açude



Fonte: Heleilton Martins, 2017

PRÁTICA 09: O BAIRRO EM FESTA (17:00 ÀS 17:00H)

Anualmente nos meses de outubro é realizado a festa do dia das crianças por grupos religiosos da igreja católica. Esta atividade traz animação urbana ao local e oferta atividades de lazer e entretenimento entre as crianças do bairro.

Imagem 08: Atividades sendo realizadas com crianças do bairro em evento comemorativo



Fonte: Heleilton Martins, 2017

PRÁTICA 10: PROCISSÃO, UMA MANIFESTAÇÃO DE CONEXÃO COM A CIDADE (16:00H)

Na semana Santa em especial no domingo é realizada a Procissão de Ramos, onde a mesma sai do bairro e vai até o centro onde está a igreja matriz. Essa prática além de demonstrar a relação afetiva da população com a religião, possibilita a conexão do bairro com o restante da cidade.

Imagem 09: Procissão em andamento no bairro



Fonte: Heleilton Martins, 2017

PRÁTICA 11: CRIAÇÃO DE ANIMAIS (DURANTE TODO O DIA)

Essa prática é muito presente em toda área do bairro em especial às margens do açude Borborema. Por ser uma área ocupada recentemente, as características de zona rural ainda são muito presentes, estimulando e possibilitando a criação de animais.

PRÁTICA 12: A OFERTA DE ÁGUA E ANIMAÇÃO URBANA (05:00 ÀS 18:30H)

O bairro dispõe de água para consumo de forma gratuita às margens do açude, funcionando como um chafariz público. Devido ao fácil acesso estimula visitantes a irem ao local, e enquanto os visitantes e moradores enche seus recipientes, é enaltecida a interação das pessoas entre si.

PRÁTICA 13: A PESCA UMA RECREAÇÃO URBANA (14:00H ÀS 17:00H)

Atividade realizada nos finais de tarde pelos moradores como uma forma de divertimento e relação afetiva com o açude.

Imagem 10: Crianças pescando na beira do açude



Fonte: Heleilton Martins, 2017

PRÁTICA 14: O ANIMAL AMIGO DA MOBILIDADE URBANA E RURAL (04:30H ÀS 17:00H)

Por estar localizado em área que dá acesso a zona rural do município, o bairro recebe diariamente nos turnos da manhã e tarde o transporte de frutas, em especial a banana que é o principal produto da economia do município. Este transporte da zona rural para zona urbana é feito através de burros e a atividade é comum na via vicinal do bairro.

Imagem 11: Burros fazendo transporte de carga



Fonte: Heleilton Martins, 2017

PRÁTICA 15: A CALÇADA COMO UM JARDIM

Apropriação das calçadas pelos moradores para cultivo de plantas ornamentais trazendo o sentimento de pertencimento, proteção e domínio do lugar, através do apoderamento

das calçadas.

Imagem 12: Calçada de residência com vegetação ornamental



Fonte: Heleilton Martins, 2017

PRÁTICA 16: AS MARGENS DO LIXO (07:00H ÀS 17:00H)

Atividade diariamente realizada pelos moradores da zona oeste do bairro, pois os mesmos depositam seus lixos domésticos as margens do açude, chegando algumas vezes a queimar. Justificam fazer essa prática pelo fato da coleta de lixo não chegar até suas residências

PRÁTICA 17: UM ALERTA DA POPULAÇÃO PARA VULNERABILIDADE SOCIAL (14:00H ÀS 18:30H)

Os moradores apontaram a unidade escolar em construção como uma área de vulnerabilidade social, local onde acontece despache de droga na área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do mapa e análise das práticas existentes revelou-se como um importante instrumento para compreensão da área, onde foi possível investigar e identificar os costumes e as relações de vizinhança que permeiam o bairro. Notou-se que algumas das apropriações existentes pela população é característico das áreas periféricas onde estão localizados os conjuntos habitacionais implantados pelo programa do governo

por serem áreas carentes de infraestrutura, recreação urbana e atributos ainda rurais. Portanto a população busca criar áreas de convívio social, apropriando-se do espaço com seus mobiliários domésticos, assim como os elementos naturais existente como o açude Borborema, sendo uma das práticas onde os moradores mais interagem entre si, pois utilizam-no para lazer urbano, banho, pescas e contemplação afim de socializar. Portanto, espera-se que essa análise venha trazer subsidio para diferentes áreas de pesquisa e futuras intervenções, não apenas a cunho urbanístico, mas, também social e de políticas públicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERQUEIRA, Yasminie Midlej Silv'a Farias. **Espaços públicos e sociabilidade urbana: apropriação e significados dos espaços públicos na cidade contemporânea.** / Yasminie Midlej Silva Farias Cerqueira. - Natal, RN, 2013. 121f.

GATTI, Simone. **Manual dos espaços públicos: Diagnóstico e metodologia de projeto.** São Paulo: ABCP, 2013.

IBGE, Instituto de Desenvolvimento de Geografia e Estatística. **Censo demográfico, 2010.** Disponível em: <www.censo.ibge.gov.br>. Acesso em: 17 de julho de 2017.

MARANHÃO, Heleilton Martins S da C. **Proposta de urbanização do bairro Maria de Lourdes Leite: Borborema-PB.** Monografia (Graduação em arquitetura e urbanismo), Centro Universitário de João Pessoa, João Pessoa, 2017.

MOREIRA JUNIOR, O. **Produção do espaço urbano, reprodução social da moradia e desigualdades socioespaciais em cidades pequenas paulistas: os casos de Capão Bonito e Buri.** In: XVI Encontro Nacional de Geógrafos. Porto Alegre, Anais XVI ENG, 2010.

MOREIRA JUNIOR, Orlando. **Segregação urbana em cidades pequenas: algumas considerações a partir das escalas intra e interurbana.** Raega - O Espaço Geográfico em Análise, [S.l.], v. 20, dez. 2010. ISSN 2177-2738. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/raega/article/view/20617/13764>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

SOUZA, Naiara. **Produção e expansão de uma pequena cidade.** Monografia (Graduação em geografia) – Departamento de geografia, Universidade Estadual do Sudoeste Bahia, Vitória da conquista, 2008.

INTERVENÇÃO URBANA: O DESIGN A SERVIÇO DO ATIVISMO

URBAN INTERVENTION: DESIGN AT THE SERVICE OF ACTIVISM

FERNANDA ÂNGELO, DINIZ

Designer de Interiores, UNIESP

RESUMO

O presente estudo busca identificar e delimitar a dimensão do que se entende por Intervenções Urbanas e Design Ativista no que diz respeito ao desenvolvimento de projetos de cunho político social nas relações contemporâneas do espaço urbano. Através de fundamentos teórico-metodológicos da Psicologia Ambiental, denotar a visão do design como atividade ideológica que marca uma posição política face aos paradigmas atuais, abordando a noção de política e estética, assim como as responsabilidades inerentes à relação do design com a sociedade, entendendo como essas responsabilidades são postas em prática e de que forma são postas em prática.

PALAVRAS CHAVE: Psicologia Ambiental; Design Ativista; Intervenções Urbanas; Política.

ABSTRACT

This study intends to identify and delimit the dimension of what is meant by Urban Interventions and Design Activism when it comes to the development of projects of a social political nature in contemporary urban space dynamics. Through theoretical and methodological foundations of Environmental Psychology, denote the vision of design as an ideological activity that marks a political position in the face of current paradigms, addressing the notion of politics and aesthetics, as well as the responsibilities inherent in the relationship of design with society, understanding how these responsibilities are put into practice and how they are put into practice.

KEYWORDS: *Environmental Psychology; Design Activism; Urban Interventions; Politics.*

INTRODUÇÃO

O Design e todas suas ramificações, têm sido ferramenta chave no que diz respeito ao uso de Intervenções Urbanas como crítica social e política? O presente trabalho nasce do levantamento desta questão em particular, assim como das preocupações e dificuldades sentidas pelo meio que se utiliza. O seu foco de estudo é a dimensão política das Intervenções Urbanas e do Design, onde a política é vista, não como um campo separado dos mesmos, mas como parte integrante da sua atividade, seja de artista, de designer, de arquiteto e urbanista ou simplesmente de cidadão. Historicamente falando, há diversas formas de se intervir com arte na paisagem, o lugar é pensado como suporte e o agente da ação artística pressupõem o pensar em toda sua complexidade. As Intervenções Urbanas são uma forma de manifestação que vêm envolver com a natureza efêmera de uma rede de conceitos, que germinam em campos de proporções diversas e abrangentes no ambiente da cultura artística ativista. Sendo assim, vale ressaltar que as Intervenções Urbanas e o Design como ferramentas na promoção da potencialidade política, têm relação direta com a sociedade e na sua capacidade de influenciar a opinião pública, já que qualquer mensagem produzida por seus meios irá ser “comunicada” publicamente.

PSICOLOGIA AMBIENTAL: DESDOBRAMENTOS TEÓRICO - METODOLÓGICOS

Quais aspectos influenciam diretamente no que diz respeito a intervenção urbana como instrumento do design para promover o ativismo? Para isso, é necessário analisar alguns pontos da Psicologia Ambiental a fim de compreender os fundamentos teórico-metodológicos que respondem tal questionamento.

A Psicologia Ambiental é um campo interdisciplinar voltado para o estudo das relações bidirecionais pessoa – ambiente.¹ De acordo com Gunther (2004):

Passa a existir como uma área que, retirando o foco da pessoa, passa a buscar a compreensão holística das ações humanas, visto que essas ocorrem como um processo de interação mútua entre a pessoa na sua totalidade e o seu entorno, considerando que o ambiente inclui não só aspectos físicos, mas também aspectos sociais.²

Ou seja, é a partir da interação social, por menor que ela seja, que as crenças, opiniões e valores modificam-se e constroem-se de forma quase que simbiótica.

Historicamente falando, uma das grandes influências da disciplina veio da Geografia, que segundo Bonnes e Secchiaroli (1995), já nos anos 40 identificava-se a preocupação pela noção de *terra incognitae*, o “fascinante mundo que jaz nos corações e mentes das pessoas”.³ Notadamente, a união da Geografia com a Psicologia resulta na formação do espaço humano, de forma que a correlação dinâmica entre pessoa e ambiente torna-se objeto de estudo que culminará na Psicologia Ambiental propriamente dita, levando em conta a equação DIMENSÃO ESPACIAL E TEMPORAL + PERCEPÇÃO AMBIENTAL.

No plano da ambiência, deve-se ter em mente que cada local possui a sua, sendo a mesma construída cotidianamente, tendo como base diversos fatores, sejam eles visíveis ou não, que definem sua identidade e por consequência influenciam o comportamento dos

² GUNTHER, H., Pinheiro, J., Q. & Guzzo, S. L. (Orgs.). *Psicologia Ambiental: Entendendo as Relações do Homem com seu Ambiente*. Campinas, S.P.: Alínea, 2004.

indivíduos que por ali residem ou circulam. Segundo Thibaud (2004), ela é “composta por aspectos físicos, culturais, sociais, de uso e de temporalidade, entre outros, muitos dos quais operam de modo inconsciente”.⁴ Um dos conceitos fundamentais para compreender a ambiência é a percepção, entendida como “conjunto das sensações, experiências, memória e sentimentos ligado ao contexto sócio-físico, cultural e temporal experienciado pela pessoa com relação a um lugar”.⁵ Aqui leva-se em conta características pessoais, objetivos do indivíduo em determinada situação, motivação e experiências prévias que possam influenciar o mesmo, ampliando a sua capacidade de percepção, seja de objetos ou situações, criando uma forma de expectativa, consciente ou inconsciente, exercendo papel fundamental nos processos de apropriação e de identificação de espaços e ambientes.

Kurt Lewin focava de modo direto no bidirecionamento e na continuidade, defendendo que o “comportamento (C) é função da interação entre pessoa (P) e ambiente (A)”.⁶ Kurt (1965) resumiu sua ideia a uma equação onde $C = f(P \times A)$, indicando que a questão das relações entre pessoa e ambiente possuem característica bidirecional e contínua, onde a pessoa tanto influencia o ambiente, como o ambiente é influenciado pela pessoa.

A Psicologia Ambiental tem como suporte para seus desdobramentos os indicadores do comportamento humano. De acordo com trecho extraído do texto “Espaço Emocional e Indicadores de Sustentabilidade”, um indicador é:

(...) um fato, ou manifestação de um fenômeno, expresso geralmente em número, e que orienta a explicação desse dado fenômeno. Sua função é orientar a compreensão, o planejamento, a manutenção, transformação, ou extinção do fenômeno. Hronec (1994) denomina de “sinais vitais” os indicadores de desempenho de uma organização.⁷

Os indicadores são de extrema importância para abordagem científica da Psicologia Ambiental. Sem eles, não seria possível a coleta e análise de informações necessárias para responder tantos questionamentos numa área sujeita a tanta subjetividade em relação a interpretação de elementos com perspectiva emocional. Os indicadores são decisivos na apuração de dados.

Por fim, é necessário aprofundar-se no que diz respeito à identidade no sentido de “saber se conhecer”. Por definição, temos identidade como uma “série de características próprias de uma pessoa ou coisa por meio das quais podemos distingui-las”.⁸ De acordo com a Sociologia, toda e qualquer identidade é construída. Esse processo de construção, origem, finalidade e peculiaridades é o ponto em questão, como indica Castells (1999):

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso.

4 THIBAUD, J.P. *O ambiente sensorial das cidades: para uma abordagem de ambiências urbanas*. In E.T. Tassa-ra; E.P. Rabinovich; M.C. Guedes (Orgs.). Psicologia e ambiente. SP: EDUC.347-361, 2004.

5 TUAN, Yi-F. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. SP: DIFEL, 1980.

6 LEWIN, Kurt. *Teoria de Campo em Ciência Social*. São Paulo: Pioneira, 1965.

7 PAULISTA, GERALDA; VARVAKIS, GREGÓRIO e MONTIBELLER-FILHO, GILBERTO. *Espaço emocional e indicadores de sustentabilidade*. Ambient. soc. [online]. 2008, vol.11, n.1, p.185-200. ISSN 1414-753X. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-753X2008000100013>>. Acesso em: 29 jul. 2019.

8 MICHAELIS. Dicionário Escolar Língua Portuguesa. Melhoramentos. Edição: 3ª, 2015.

Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espaço.⁹

Na percepção de Castells, os padrões de identidade e a cultura exercem papel para influenciar diversas personalidades, padrões de conduta e ainda características próprias tanto individuais quanto coletivas. A percepção da identidade é forjada entre indivíduo e a sociedade, conscientemente ou inconscientemente, num processo que inclui o desenvolvimento de identidade própria e a identificação reconhecida por outros. O conjunto dessas atitudes e manifestações assumem importante papel na caracterização da identidade como forma de auto expressão e conteúdo.

DESIGN ATIVISTA

O termo “Design Ativista” está intrinsecamente ligado ao ativismo e aos assuntos urgentes da sociedade atual, ganhando popularidade ao longo da última década. Diante da necessidade e de várias tentativas de rotular e definir as fronteiras de uma prática que começa a compor para além do lado comercial, ao longo do tempo e entre discursos, surgiu o termo associado à disciplina. A concepção do novo termo tem como finalidade “tornar a atividade mais visível e sujeita a discussão e debate”.¹⁰ De modo que se faz necessário demonstrar o valor simbólico do mesmo, precedendo a linguagem e a razão discursiva de ser, enfatizando as relações entre a necessidade de formação do termo com seu uso devido. Segundo o texto introdutório do congresso “Design Activism and Social Change”:

O design ativista emergiu recentemente como um termo denotador de práticas criativas que evocam atividades políticas, sociais e ambientais. Naturalmente, ele se afasta das correntes comerciais e que se dedicam a abordagens massificadas. Em vez disso, abraça o marginal, o não-lucrativo e as teorias, articulações e ações de design politicamente engajadas. Sem dúvida, o design ativista é uma resposta às conjunturas contemporâneas particulares de mudanças geopolíticas, condições sociais, práticas econômicas e desafios ambientais.¹¹

Para compreender o Design Ativista, é necessário avaliar o que se entende por ativismo. De acordo com Alastair Fuad-Luke (2009), o ativismo é a prática capaz de “catalisar, encorajar ou provocar mudanças, a fim de suscitar transformações sociais, culturais e/ou políticas”,¹² “podendo também envolver transformações individuais nos ativistas, esta atividade procura, essencialmente, transformações do sistema e do seu público-alvo ou grupos sociais”.¹³ De acordo com Rafael Vilela, fundador do “Mídia Ninja” no Brasil, “o design é uma ferramenta de dissolução de um problema”,¹⁴ logo notamos que os ativistas envolvem-se em movimentos sociais, políticos ou ambientais, onde propõem mudanças, desempenhando o papel social de causar reflexão sobre o paradigma atual,

9 CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p.23.

10 DUNNE, A., & RABY, F. *Critical Design FAQ*. 2007. Disponível em: <<http://www.dunneandraby.co.uk/content/bydandr/13/0>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

11 DESIGN History Society Annual Conference, *Design Activism and Social Change*. Universitat de Barcelona and Associació de Disseny Industrial del Foment de les Arts i del Disseny, Barcelona, Spain, 8-10 September, 2011. Disponível em: <<http://www.historiadeldisseny.org/congres/>>. Tradução própria, Acesso: 30 jul. 2019.

12 FUAD-LUKE, A. *Design Activism: Beautiful Strangeness for a Sustainable World*. London: Earthscan. 2009.

13 GRALHA, Sofia Andreia Cunha. *A Dimensão Política do Design de Comunicação: uma exploração prática*. Universidade de Lisboa. 2017. p. 86.

14 ANTICAST 119: *Visual+URGENTE: Design Ativismo*. Entrevistadores: Almir Mirabeau e Bianca Martins. Entrevistada: Rafael Vilela [S. l.] Visualmente, 02 mai. 2019. Podcast. Disponível em: <<https://soundcloud.com/visualmente/vm-119-visualurgente-design-ativismo>> Acesso em: 01 ago. 2019.

dando preferência à contemplação de narrativas excluídas.

Segundo Tarrow (2011), os movimentos sociais são “desafios coletivos, com base em propósitos comuns esolidariedadessociais, em interação sustentada com elites, opositores e autoridades”.¹⁵ Para Ann Thorpe (2008), o ativismo é o rosto público dos movimentos sociais, isto é, inclui uma exibição pública de uma reivindicação de mudança,¹⁶ e é isso que o design vêm fazendo, dando respostas estéticas rápidas aos ocorridos políticos e sociais dos últimos tempos.

O design comunica-se com diversas disciplinas, como a filosofia, a ciência, a educação, a antropologia, a sociologia, a economia, os estudos culturais, etc., tornando-se sobretudo adequado para lidar com as demandas atuais. Uma das formas de design ativista é o “design gráfico, firmemente enraizado no campo do design de comunicação, tem sido associado ao discurso social e político e à propaganda”.¹⁷

No Brasil, grupos de designers vêm se reunindo nos últimos anos para produzir material programando as reivindicações contemporâneas. Um grupo que já se configurava informalmente desde 2011 organizou-se sob o nome “Design Ativista”, puxado pelas plataformas de comunicação “IdeaFixa” e “Mídia Ninja”. Um trabalho sobre produção, circulação e controle de informação que dá voz diante de uma macro estrutura convertida em meios de comunicação. O “Design Ativista” especializou-se em inserir mensagens críticas no sistema (Figura 01), tendo como objetivo dar visibilidade a questões de grande importância social com ênfase na crise dos repertórios políticos, estéticos e éticos (Figura 02), bem como crise de sentido, valor e verdade, trazendo-as à tona.

Figura 01 – “Lutar por direitos humanos. Lutar por humanos. Lutar.”



Fonte: Instagram @designativista

Figura 02 - “Por que a luta pelo Direito à Cidade só é genuína se antirracista?”



Fonte: Instagram @designativista

O design ativista é a representação de uma ideia. Aqui ele desempenha o papel de promover a mudança social, de aumentar a consciencialização sobre valores e crenças e de em questionar moderações da produção de massa e do consumismo da sociedade.

Um ponto pertinente ao presente trabalho, é relacionar o Design Ativista com a democracia, intimamente ligada com a noção de participação. Aqui, a perspectiva política leva em consideração o processo do design, a ações e atividades para exercer uma influência ou mudança social dentro dos processos democráticos. De acordo com Tad Hirsch¹⁸, o Design Ativista é uma abordagem que busca destacar a participação de uma variedade de agentes, tanto na produção como na construção de projetos colaborativos. O que os diferencia dos demais, é que é oferecido a cada um desses agentes um grau relativo de poder, um espaço no qual os participantes debatem questões de interesse mútuo, criando espaços para debate e discussão.

Por fim, pode-se destacar a questão da interpretação hermenêutica do conteúdo desenvolvido por estes agentes. O sistema interpretativo acaba por definir o próprio entendimento do que seja texto ou símbolos, para além do que usualmente entendemos como sendo textos ou símbolos propriamente ditos. Exemplos desses outros textos e símbolos: os sonhos, as linguagens corporais, o vestuário, os costumes sociais, a arquitetura, as paisagens – cada um desses exemplos pode ser transformado em texto ou símbolo interpretado, sempre supondo a interpretação de um significado que estaria por trás de um manifesto primeiro, por trás de um conjunto de símbolos, sendo ponto de chegada de uma história anterior e o ponto de partida de uma história a ser contada, logo, o design está aberto a um leque de interpretações, o público alvo irá filtrar as informações para que através do seu repertório pessoal possa perceber a mensagem de acordo com a realidade que está inserido.

Encontramo-nos em momentos de hesitação “sobre o futuro do nosso planeta, o que irá, provavelmente, alterar radicalmente as formas pelas quais produzimos, comercializamos e nos relacionamos uns com os outros”.¹⁹ Neste contexto, o design tem

¹⁹ ROBERTS, R. Section 1: *Making good/a brief history*. Em L. Roberts, *Good: An Introduction to Ethics in Graphic Design*. Switzerland: AVA Publishing S.A. 2006. p. 27.

o poder, as competências e a responsabilidade para operar mudanças sociais positivas.

INTERVENÇÕES URBANAS: *URBAN DESIGN ACTIVISM*

“Intervenção Urbana” é o termo utilizado para designar movimentos artísticos relacionados às intervenções visuais realizadas em espaços públicos de forma efêmera, particulariza lugares e recria paisagens, reinventa o urbano, dialoga com o espaço. Existem Intervenções Urbanas de vários portes, indo desde pequenas inserções através de adesivos (stickers) até grandes instalações artísticas.

Não é de hoje que o design anda de mãos dadas com causas sociais e políticas. “Em termos históricos, isto começou ainda no século 19”, afirma o historiador carioca Rafael Cardoso. “O movimento Arts and Crafts (ou Artes e Ofícios), que teve início na Grã-Bretanha e depois se espalhou pela França, Alemanha e muitos outros lugares da Europa, tinha por foco a reforma da sociedade.” “O que de fato desencadeou esse processo foi a constatação de que o sistema de produção industrial/capitalista tende a gerar uma situação muito aguda de desigualdade e desequilíbrio sociais, além de depredação do meio-ambiente”, completa.²⁰

A linguagem da Intervenção Urbana precipita-se num espaço ampliado de reflexão para o pensamento contemporâneo gerando uma ambiência. Pode-se designar não apenas o que está em volta de determinado grupo ou indivíduo, por exemplo, mas pode-se ressaltar o centro (objeto de reflexão), valorizando a perspectiva destes em relação ao que está em volta que contextualiza e condiciona sua existência. Aqui pode-se afirmar que graças a ambiência gerada pelo objeto de reflexão, as relações dos indivíduos com os elementos físicos tornam-se suporte para as relações interpessoais de pessoas - pessoas, compreendendo os padrões de interação dos seres humanos.

De acordo com o texto de Ana Paula Orlandi sobre “*A forma a serviço do ativismo*”:

Há hoje no Brasil uma série designers, artistas e arquitetos, a maioria reunidos em coletivos, que estão colocando em prática a relação entre arte, design e ativismo. “É estimulante reconhecer essa conectividade entre arte, design e política como construtora de conhecimento e das formas de organização da vida”, (...) “Assim, a arte abandona o campo domesticado da decoração e da representatividade e assume um papel ativo de construção da realidade. Em direção semelhante se encontra o desafio do designer, que apesar de tradicionalmente trabalhar com a solução de problemas e funções pré-estabelecidas, passa a ser proponente de novas demandas a serem resolvidas”, conclui.²¹

É mister salientar que as diversas formas de Intervenções Urbanas devem ser consideradas patrimônios que representam a memória do lugar, ainda que o mesmo tenha como característica sua efemeridade. Nos dizeres de Luchiari (2001), valor simbólico:

Nos permite identificar um sujeito oculto da paisagem, ou seja, o modo de produção que impregna as práticas sociais e faz surgir ou organizam territórios valorizados ou repugnantes.

20 ORLANDI, Ana Paula. *A forma a serviço do ativismo*. 2014. Disponível em: <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/mag/20787164.html>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

21 ORLANDI, Ana Paula. *A forma a serviço do ativismo*. 2014. Disponível em: <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/mag/20787164.html>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

Ou seja, mesmo que as Intervenções Urbanas transformem a paisagem de forma marginalizada por não conterem o aspecto estético do “belo”, estas continuam trazendo consigo um forte podersimbólico por se tratarem de paisagens socialmente representadas, cheias de significados e experiências sociais através da percepção ambiental.

Urban design activism ou Design Ativista Urbano²² compreende a introdução de objetos materiais e artefatos no campo urbano da percepção. Na sua intervenção direta no espaço urbano, convida ao envolvimento ativo, à interação ou simplesmente oferece novas formas de habitar o espaço urbano, ressignificar e despertar o olhar contemplativo, provocando uma fissura no fluxo da cidade. Aqui, a arte transborda do âmbito especializado, dos seus meios, de suas mídias, da pintura, do desenho, os seus materiais, para o âmbito da vida entendida num sentido bastante amplo.

O Design Ativista Urbano pode ser visto através de duas dimensões: a política e a estética. A dimensão política é abordada por Carlo DiSalvo (2010) como *political design*, distinguindo o design para a política e o design político (*design for politics* e *political design*). De acordo com DiSalvo:

O design para a política é apresentado como o propósito do design em apoiar e melhorar os procedimentos e mecanismos de governo, enquanto que o design político é entendido como o processo de design activism utilizado para criar espaços de debate.²³

Já a dimensão estética afeta a experiência social ao reorientar o espaço perceptivo, interrompendo assim as formas socioculturais que pertencem e habitam o mundo quotidiano, levando em conta o dissenso estético, caracterizado por uma perturbação não violenta, de traço pessoal.²⁴

Thomas Markussen propõe um diagrama (Figura 03) para a prática e estudo do Design Ativista Urbano. Neste diagrama encontram-se os efeitos que o Design Ativista Urbano é capaz de provocar no público. Fazem parte do diagrama categorias de ações urbanas: *walking, dwelling, playing* e *gardening & re-cycling* (percorrer, habitar, jogar, jardinagem e reciclagem).²⁵

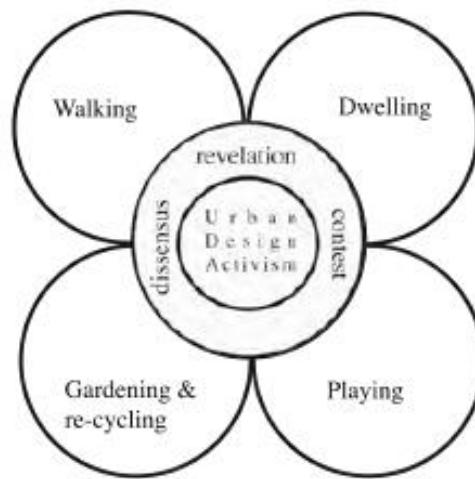
Figura 03 - Framework para o *design activism urbano*, criado por Thomas Markussen.

22 Tradução nossa.

23 DISALVO, C. *Design, Democracy and Agonistic Pluralism. Proceedings of the Design Research Society Conference* (pp. 366-371). Georgia Institute of Technology. 2010. Disponível em: <<http://blog.ub.ac.id/irfan11/files/2013/02/Design-Democracy-and-Agonistic-Pluralism-oleh-Carl-Disalvo.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

24 GRALHA, Sofia Andreia Cunha. *A Dimensão Política do Design de Comunicação: uma exploração prática*. Universidade de Lisboa. 2017. p. 96.

25 GRALHA, Sofia Andreia Cunha. *op cit.* p. 97.



Fonte: A Dimensão Política do Design de Comunicação: uma exploração prática.

Em termos práticos, no Brasil temos diversos artistas e coletivos que colaboram com a cena das Intervenções Urbanas. Temos como exemplo o “Poro Intervenções Urbanas e Ações Efêmeras” que busca apontar sutilezas criando imagens poéticas (ver Figuras 04 e 05), trazendo à tona aspectos das cidades que se tornam invisíveis pela vida acelerada nos grandes centros urbanos e estabelece discussões sobre problemas da mesma (concreto/vegetação, falta de cor, crescimento não sustentável, especulação imobiliária etc.) reivindicando o urbano como espaço para a arte.

Figura 04 - Aquários suspensos: Intervenção em luminárias de praças públicas, na qual globos de luz são “transformados” em aquários através da aplicação de imagens de peixes. Bairro da Glória - Rio de Janeiro



Fonte: <http://poro.redezero.org/intervencao/aquarios-suspensos/>

Figura 05 - Faixas de anti-sinalização: Série de faixas instaladas na região do bairro de Santa Tereza e arredores. Belo Horizonte – Minas Gerais



Fonte: <http://poro.redezero.org/intervencao/faixas-de-anti-sinalizacao/>

O trabalho de Eduardo Srur é bastante reconhecido no Brasil. Srur é conhecido como o maior especialista em Intervenções Urbanas no Brasil. Seu trabalho se utiliza do espaço urbano para apontar o dedo em questões ambientais e cotidianas das metrópoles, como evidencia-se na Figura 06. Além disso, é proprietário da ATTACK, a única empresa brasileira especializada em Intervenções Urbanas para publicidade.

Figura 06 - Labirinto. Parque Villa-Lobos e Ibirapuera - São Paulo.



Fonte: Manual de Intervenção Urbana de Eduardo Srur (E-Book. 2012, p. 70 – 71)

Ducha é um artista plástico nascido no Rio de Janeiro e que ganhou o Prêmio Interferências Urbanas em 2000 com a obra “Cristo Vermelho”. No dia 26 de maio de 2000, o artista infiltrou-se num evento ocorrido no Cristo Redentor e juntamente com cinco convidados, instalou, sem autorização institucional, gelatinas vermelhas nos 18 refletores que iluminavam o monumento, como mostra a imagem abaixo (Figura 07). A iluminação vermelha teve a duração de 45 minutos, sendo logo após desmontada pelas autoridades. Ducha disse que seu objetivo era de celebrar o conceito de liberdade e mostrar que a

escultura, símbolo da cidade, é pública.

Figura 07 - Cristo Vermelho. Rio de Janeiro.



Fonte: <http://intervencoestemporarias.com.br/intervencao/cristo-vermelho/>

Há umavastagamadeartistas,designers,arquitetos,entre outros,produzindo intervenções no Brasil. O *modus operandi* varia, mas a maioria foca na arte de cunho político, onde o meio urbano torna-se elemento da obra. Além dos exemplos aqui mostrados, temos a “GIA - Grupo de Interferência Ambiental”, o “EIA - Experiência Imersiva Ambiental”, Rubens Mano, Ronald Duarte e nordestinos como Dyógenes Chaves (PB), José Paulo (PE), Christina Machado (PE), Waléria Américo (CE), entre tantos outros.

Eventos realizados no Brasil colocam em evidência o potencial inovador desse trabalho e como este pode discutir temas importantes da atualidade. Artistas, críticos e curadores descrevem a cidade como um espaço coletivo, rico, que precisa ser continuamente reinventado, de modo a atender às demandas do tempo presente. Quando se discute intervenção urbana, esta é considerada uma produção artística que gera reflexões atuais sobre as cidades e como as pessoas vivem nelas, sempre visando gerar uma ambiência de liberdade através da reflexão, do re-arranjo da realidade.

CONCLUSÃO

O estudo das Intervenções Urbanas exige que os pesquisadores nesse campo se utilizem das diversas áreas de conhecimento que permeiam os fundamentos teórico-metodológicos inerentes a questão. Para responder a pergunta feita no ponto inicial (Quais aspectos influenciam diretamente no que diz respeito a intervenção urbana como instrumento do design para promover o ativismo?) fez-se necessária a análise de pontos diversos, como a interação social que permite a formação de opiniões e valores que modificam e se constroem constantemente.

A ambiência é outro ponto que está ligado diretamente às Intervenções Urbanas. Através da percepção, podemos compreender a ambiência gerada pelo objeto de reflexão, utilizando-se dos sentidos e da mente, e que por consequência acaba por definir sua

identidade e influenciam o comportamento dos indivíduos que por ali residem ou circulam.

O Design Ativista funciona como base de apoio para a gênese das Intervenções Urbanas, produzindo material programando as reivindicações contemporâneas representando ideias, desempenhando o papel de promover a mudança social, de aumentar a consciencialização sobre valores e crenças e de em questionar moderações da produção de massa e do consumismo da sociedade, o que fundamentalmente é a essência dos autores das Intervenções Urbanas. A linguagem utilizada nas Intervenções Urbanas precipita-se num espaço ampliado de reflexão para o pensamento contemporâneo, a introdução de objetos materiais e artefatos criando novas formas de habitar o espaço urbano, ressignificar e despertar o olhar contemplativo.

As Intervenções Urbanas transmitem uma mensagem real através da representação de uma ficção, arranjo de signos e símbolos que estão em conexão direta com a conscientização através da reflexão face ao progresso e mudança social, através das suas capacidades sociais e políticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTICAST 119: Visual+URGENTE: Design Ativismo. Entrevistadores: Almir Mirabeau e Bianca Martins. Entrevistado: Rafael Vilela [S. l.] visualmente, 02 mai. 2019.

BONNES, M., & SECCHIAROLI, G. **Environmental Psychology, a psycho-social introduction.** London: Sage, 1995.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DESIGN History Society Annual Conference, Design Activism and Social Change. Universitat de Barcelona and Associació de Disseny Industrial del Foment de les Arts i del Disseny. Barcelona, Spain, 8-10 September, 2011.

DISALVO, C. **Design, Democracy and Agonistic Pluralism. Proceedings of the Design Research Society Conference** (pp. 366-371). Georgia Institute of Technology. 2010.

DUNNE, A., & RABY, F. **Critical Design FAQ.** 2007.

ELALI, Gleice Azambuja. **Relações de Comportamento Humano e Ambiente: uma reflexão com base na psicologia ambiental.** In: Anais do Colóquio Ambiências Compartilhadas. Rio de Janeiro: ProArq - UFRJ, 2009.

FUAD-LUKE, A. **Design Activism: Beautiful Strangeness for a Sustainable World.** London: Earthscan. 2009.

GRALHA, Sofia Andreia Cunha. **A Dimensão Política do Design de Comunicação: uma exploração prática.** Universidade de Lisboa. 2017.

GUNTHER, H., Pinheiro, J., Q. & Guzzo, S. L. (Orgs.). **Psicologia Ambiental: Entendendo as Relações do Homem com seu Ambiente.** Campinas, S.P.: Alínea, 2004.

HIRSCH, T. **Contestational Design: Innovation for Political Activism.** (Thesis, Massachusetts Institute of Technology, Dept. of Architecture. Program in Media Arts and Sciences, Cambridge, Massachusetts, EUA). 2008.

LEWIN, K. **Teoria de Campo em Ciência Social.** São Paulo: Pioneira, 1965.

MICHAELIS. **Dicionário Escolar Língua Portuguesa.** Melhoramentos. Edição: 3ª, 2015.

ORLANDI, Ana Paula. **A forma a serviço do ativismo.** 2014.

PAULISTA, Geralda; VARVAKIS, Gregório e MONTIBELLER-FILHO, Gilberto. **Espaço emocional e indicadores de sustentabilidade.** Ambient. soc. [online]. Vol.11, n.1, p.185-200. ISSN 1414-753X, 2008.

ROBERTS, R. **Section 1: Making good/a brief history.** Em L. Roberts, **Good: An Introduction to Ethics in Graphic Design.** Switzerland: AVA Publishing S.A. 2006.

TARROW, S. **Power in Movement: Social Movements and Contentious Politics** (3rd ed.). Cambridge: Cambridge University Press. 2011.

THIBAUD, J.P. **O ambiente sensorial das cidades: para uma abordagem de ambiências urbanas.** In E.T. Tassara; E.P. Rabinovich; M.C. Guedes (Orgs.). **Psicologia e ambiente.** SP: EDUC.347-361, 2004.

THORPE, A. **Design as Activism: A conceptual tool.** Em C. Cipolla, & P. P. Peruccio (Ed.), **Changing the change proceedings.** Turin, Itália: Allemandi. 2008.

TUAN, Yi-F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** SP: DIFEL, 1980.

ARQUITETURA E DESIGN DE INTERIORES NA INCLUSÃO SOCIAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: PROPOSTA DE CRIAÇÃO DA CASA DE ARTE E CULTURA – CASA MAJU

ARCHITECTURE AND INTERIOR DESIGN IN THE SOCIAL INCLUSION OF CHILDREN AND ADOLESCENTS: PROPOSAL TO CREATE THE HOUSE OF ART AND CULTURE – CASA MAJU

RODRIGUES, ANA LUZIA PITA

UNESP, UNIFACISA ARQUITETA E URBANISTA. MESTRE EM ARQUITETURA E URBANISMO

MARTINS, DENYSE LUCKWU

DESIGNER DE INTERIORES PELO UNESP

RESUMO

A violência que acontece, atualmente, nas grandes cidades, evidencia a necessidade de investimentos em espaços urbanos que favoreçam a inclusão social, principalmente, de grupos vulneráveis como crianças e adolescentes. Portanto, idealizou-se projetar a Casa de Arte e Cultura - Casa Maju - para crianças e adolescentes carentes visando retirá-los das ruas nos horários em que ficam expostos à violência urbana, além de contribuir, através da arte e da cultura, com sua formação como cidadãos. O público alvo são todas as crianças e adolescentes, moradoras da comunidade Tito Silva, localizada no bairro Miramar, em João Pessoa, Paraíba. Com estilo moderno, a Casa utilizou como referência, o artista Pieter Cornelis Mondrian. Para a realização do projeto da Casa, respeitou-se procedimentos metodológicos como: pesquisas bibliográficas, visita in loco à projetos que tratam da mesma temática, bem como à comunidade Tito Silva, levantamento de dados, planejamento e estudo de layout. Acredita-se que um projeto de interiores pode contribuir com o desenvolvimento da sociedade, através da inclusão social.

PALAVRAS CHAVES: Arquitetura/Urbanismo; Design de Interiores; Criança/Adolescente; Arte e Cultura; Inclusão social.

ABSTRACT

The violence that currently occurs in large cities shows the need for investments in urban spaces that favor social inclusion, especially for vulnerable groups such as children and adolescents. Therefore, the idea was to design the Casa de Arte e Cultura - Casa Maju - for underprivileged children and adolescents, aiming to remove them from the streets at the times they are exposed to urban violence, in addition to contributing, through art and culture, with their training as citizens. The target audience is all children and adolescents, residents of the Tito Silva community, located in the Miramar neighborhood, in João Pessoa, Paraíba. With a modern style, the House used the artist Pieter Cornelis Mondrian as a reference. In order to carry out the Casa project, methodological procedures were respected, such as: bibliographic research, on-site visits to projects dealing with the same theme, as well as to the Tito Silva community, data collection, planning and layout study. It is believed that an interior project can contribute to the development of society, through social inclusion.

KEYWORDS: Architecture/Urbanism; Interior Design; Child/Adolescent; Art and Culture; Social inclusion

INTRODUÇÃO

A sociedade atual, em países em desenvolvimento, enfrenta graves problemas e crises como violência urbana, pobreza, desigualdade social, desvalorização da cultura. As pessoas vivem nas cidades em condições de vida precárias, com dificuldade de acesso aos equipamentos públicos, educação e cultura e o não direito à cidade. A sociedade contemporânea desenvolve-se, predominantemente, em espaços urbanos onde são favorecidos e disseminados os conhecimentos e a cultura (CATÃO, 2015). Entretanto, diante das desigualdades socioeconômicas que ocorrem nas cidades, “a poluição urbana, a pobreza, a insegurança e a falta de liberdade são comuns nos espaços urbanos em muitos lugares do mundo. As sociedades que enfrentam tais problemas precisam urgentemente de novas e radicais abordagens” (MEDEIROS et al, 2018).

Arquitetos/Urbanistas e Designers de interiores são agentes de transformação com consciência social, portanto, podem colaborar com uma sociedade mais justa e igualitária. Diante disso, um projeto de interiores representa uma excelente oportunidade para inclusão social de indivíduos que residem em comunidades carentes, além de influenciá-los a adotarem comportamentos socialmente responsáveis, através do convívio em grupo.

Nesse prisma, o presente artigo visa demonstrar a importância da criação de espaços que contribuam para o desenvolvimento humano e a inclusão social, especificamente, de crianças e adolescentes. Para tanto, propôs-se projetar a Casa de Arte e Cultura para Crianças e Adolescentes que residem na comunidade Tito Silva, localizada no bairro Miramar, em João Pessoa, Paraíba. O público alvo são todas as crianças e adolescentes, moradoras da comunidade.

A idealização do projeto deu-se a partir da constatação da dificuldade de acesso à arte e à cultura, por parte das pessoas com baixos recursos financeiros. “Devemos pensar na arte como um objeto cultural, de conhecimento, de informação constante...” (SOUZA, 2019). Dentre essas pessoas, pensou-se nas crianças e adolescentes visando contribuir para a formação pessoal e intelectual dos mesmos, mediante o ensino da arte, e retirá-los das ruas nos horários em que não se encontram na escola regular, nos quais ficam expostos à violência urbana. Atualmente, no Brasil, os dados da violência contra adolescentes e adultos jovens são alarmantes.

Os dados da violência urbana ressaltam a importância da realização de projetos, visando à inclusão social de grupos mais vulneráveis na sociedade, portanto, a Casa MaJu foi pensada a fim de levar arte e cultura às crianças que residem em comunidades carentes e que não têm acesso, facilmente, à cultura e ao aprendizado das artes.

A ideia central da Casa MaJu é aproximar as crianças e adolescentes à arte e cultura, num ambiente aconchegante, descontraído, jovial e moderno, para que os mesmos despertem o prazer pelo aprendizado das linguagens da arte, e sintam-se cada vez mais motivados para frequentar o espaço, contribuindo assim, com sua formação pessoal, educacional e como cidadãos.

Com estilo moderno, a casa utiliza-se de elementos e objetos visuais afins às artes e ao público que a frequentará. Como referência usa-se o artista Pieter Cornelis Mondrian (1872-1944), em sua obra “Composição em vermelho, preto, azul e amarelo” de 1928. O artista escolhido foi um dos nomes do Modernismo que influenciou a arte do século XX,

e ainda motiva a arte e o design até nos dias atuais. O mesmo utilizou-se de elementos básicos como linha e cores primárias, que possibilitam inúmeras combinações entre si para colorir e compor o ambiente, além de transmitirem as sensações de descontração e jovialidade, pretendidas pelo projeto de interiores da Casa MaJu.

Para a realização do projeto da Casa Maju, respeitou-se alguns procedimentos metodológicos como: pesquisas bibliográficas, visita *in loco* à *projetos que tratam da mesma temática estudada, bem como à comunidade Tito Silva, levantamento de dados, planejamento e estudo de layout.*

DESENVOLVIMENTO

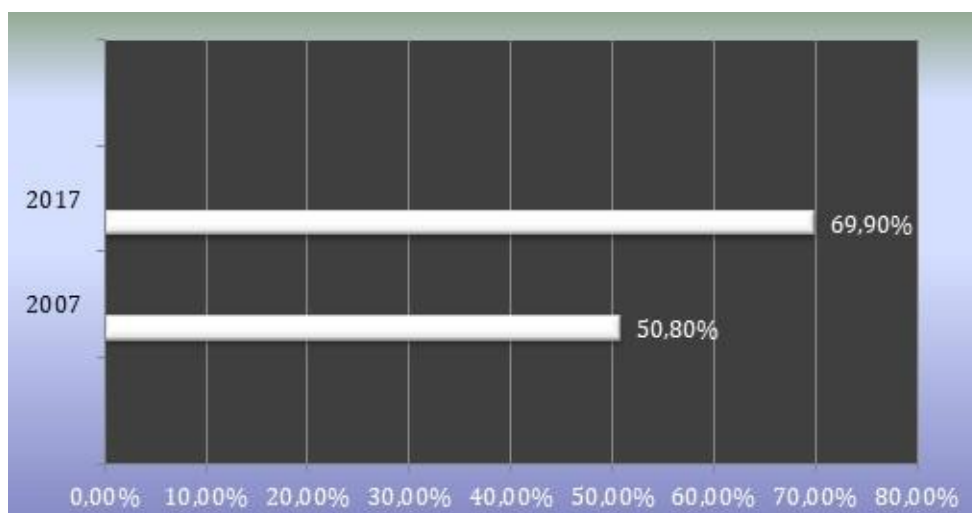
A arte faz parte da vida de todo ser humano e está presente em todos os momentos. É através da arte que as pessoas expressam seus sentimentos seja nas cores, nos gestos e movimentos corporais, nos sons, entre outros. Por meio de uma linguagem o indivíduo passa a dar significado a essas expressões, assim, a organização e a representação desses sentimentos dão-se através das linguagens artísticas. (SOUZA, 2019)

As linguagens artísticas dividem-se em artes visuais, teatro, música e dança. As artes visuais são aquelas que lidam com a visão como meio principal de apreciação, dentre essas se encontram pintura, desenho, fotografia, cinema, escultura, arquitetura e decoração, moda, web design. O teatro é uma arte em que os atores interpretam uma história cujo objetivo é despertar sentimentos nos expectadores. A música dentre as linguagens artísticas é considerada uma arte de apreciação, de espetáculo, enquanto que a dança é uma das mais antigas expressões artísticas junto com o teatro e a música. (HADID, 2009)

A Casa de Arte e Cultura visa, além de proporcionar o aprendizado das linguagens da arte, retirar essas crianças e jovens das ruas nos horários em que não estão na escola regular, ou seja, nos horários em que os mesmos ficam ociosos pelas ruas da comunidade, expostos a todo tipo de violência e bandidagem.

No Brasil, atualmente, os dados da violência são alarmantes, principalmente, contra adolescentes e adultos jovens. Segundo dados do IPEA (2019), em 2017, 35.783 jovens foram assassinados no Brasil. Esse número representa uma taxa de 69,9 homicídios para cada 100 mil jovens no país, taxa recorde nos últimos dez anos.

Gráfico 1 - Distribuição percentual da taxa de homicídios de jovens no Brasil/2019.



Fonte: autoria própria, 2019

Conforme dados do IPEA (2019), entre 2016 e 2017, o Brasil experimentou um aumento de 6,7% na taxa de homicídios de jovens. Na última década, essa taxa passou de 50,8 por grupo de 100 mil jovens em 2007, para 69,9 por 100 mil em 2017, aumento de 37,5% (Gráfico 1).

Ainda de acordo com o IPEA (2019),

Tal problema ganha contornos ainda mais dramáticos quando levamos em conta que a violência letal acomete principalmente a população jovem; 59,1% do total de óbitos de homens entre 15 a 19 anos de idade são ocasionados por homicídio [...]. A morte prematura de jovens por homicídio é um fenômeno que tem crescido no Brasil desde a década de 1980.

Vale destacar, que a violência acomete mais os bairros da periferia das cidades e as regiões mais pobres do país como Norte e Nordeste.

O IPEA ressalta ainda que, com o advento do envelhecimento da população brasileira e aumento da expectativa de vida, a alta taxa de mortalidade violenta da população jovem, traz fortes consequências sobre o desenvolvimento econômico e social do país.

Inúmeros trabalhos científicos internacionais, como os do Prêmio Nobel James Heckman mostram que é muito mais barato investir na primeira infância e juventude para evitar que a criança de hoje se torne o criminoso de amanhã, do que aportar recursos nas infrutíferas e dispendiosas ações de repressão bélica ao crime na ponta e encarceramento. (IPEA, 2019)

A comunidade Tito Silva (Figura 1), escolhida para a implantação da Casa de Arte e Cultura (Casa MaJu), está inserida no bairro de Miramar, considerado de médio a alto padrão na cidade de João Pessoa – PB.

A comunidade conta com infraestrutura de escolas Estaduais e Municipais, Unidade de Saúde da Família, pequeno comércio local e avenidas que levam da praia ao centro da cidade.

A casa MaJu foi planejada e ambientada, de forma que possa ser implantada em diferentes comunidades, seguindo como modelo, a matriz implantada na comunidade Tito Silva.

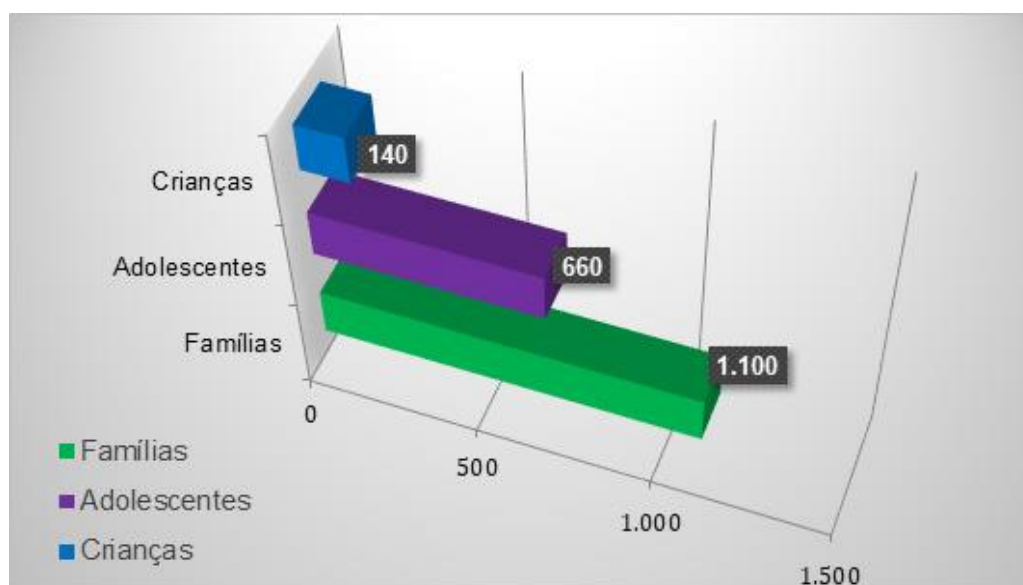
Figura 1 - Delimitação da comunidade em estudo



Fonte: Google Maps

Segundo dados da Unidade de Saúde da Família (USF) que atende à toda a comunidade, atualmente, há uma média de 2.500 pessoas residindo na localidade, perfazendo um total de 1.100 famílias. Dentre as famílias cadastradas nessa USF, 800 pessoas pertencem à faixa etária até os dezoito (18) anos de idade, ou seja, 660 pessoas são adolescentes e 140 são crianças (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Número de pessoas que residem na comunidade Tito Silva. João Pessoa-PB/2019.



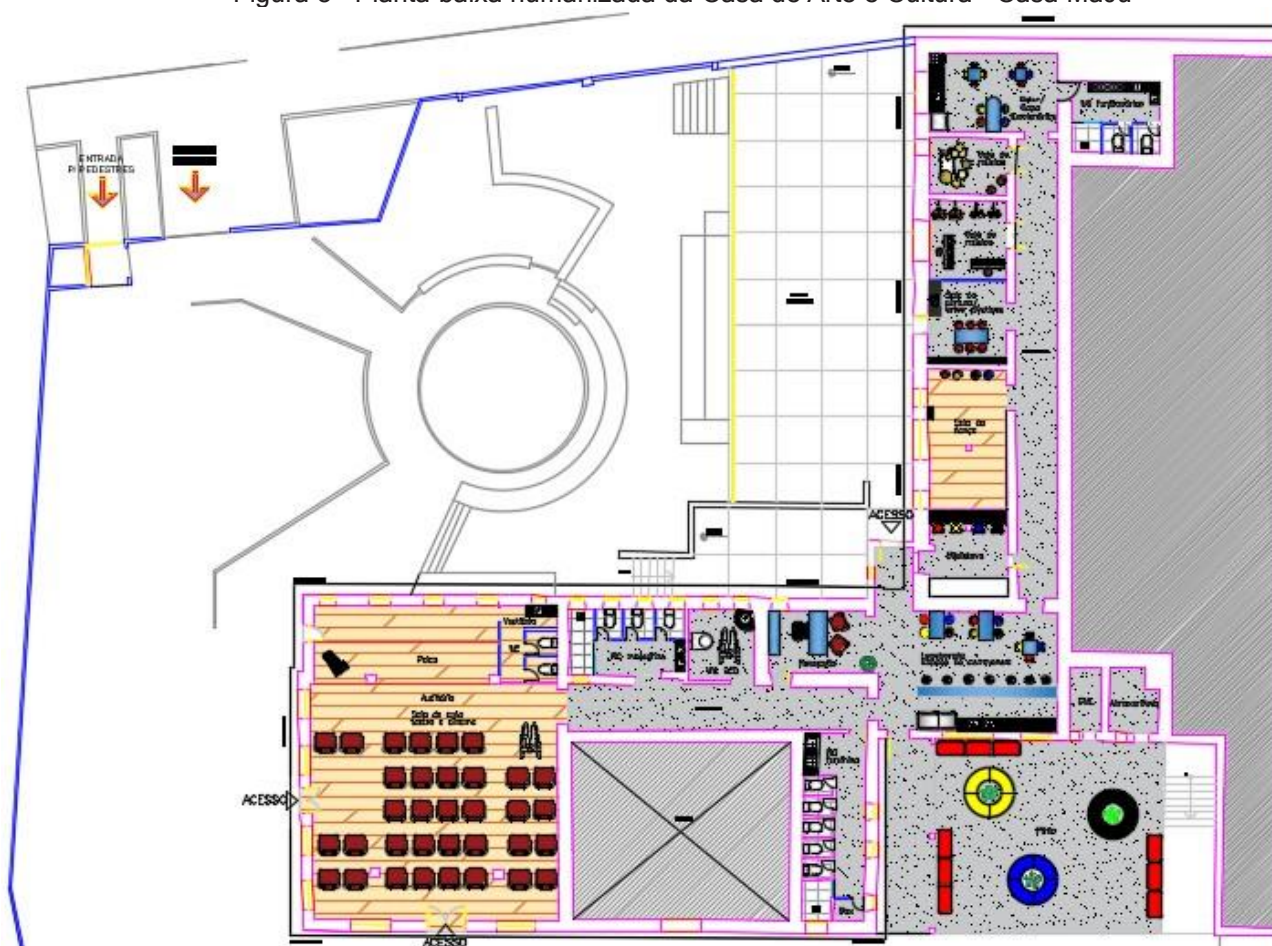
Fonte: autoria própria, 2019

O projeto de interiores da Casa MaJu conta com salas para aulas das linguagens da arte, a saber: música, com aulas de variados instrumentos musicais; dança; teatro e cinema; pintura e artes plásticas, além de um espaço para leitura com mini biblioteca, com exemplares de clássicos da literatura brasileira. Tem também um espaço de convivência para esses jovens e um auditório, para apresentações de espetáculos produzidos pelos próprios alunos, com auxílio dos professores (Figuras 2 e 3).

[illegible]

235

Figura 3 - Planta baixa humanizada da Casa de Arte e Cultura - Casa MaJu



Fonte: autoria própria, 2019

Por que a denominação 'casa' e não 'centro cultural'? A escolha da terminologia foi sugestiva de acolhimento e aconchego. A idéia de 'casa' e não 'centro cultural' foi pensada para que as crianças e os adolescentes se sintam acolhidos e à vontade para frequentar a Casa MaJu, como se estivessem em suas residências.

As crianças e os adolescentes poderão frequentar o espaço sempre que quiserem e em diversos horários, desde que, em horário diferente da escola regular. Os mesmos disporão de diversas aulas que serão oferecidas e poderão frequentar quantas aulas quiserem, além de poderem usufruir do espaço para leitura com mini biblioteca.

Foram respeitados os princípios de design universal para que todas as crianças e adolescentes da comunidade tenham acesso aos ambientes da casa. Foi priorizado o conforto térmico e acústico para que os sons das salas não perpassem para os ambientes subjacentes, como também, o conforto lumínico, com o máximo de aproveitamento possível da iluminação natural. A Casa MaJu considera os princípios de sustentabilidade para despertar nas crianças e adolescentes o respeito ao meio ambiente.

Aprender arte é uma experiência que a criança e o adolescente levarão para toda a vida. Não existe uma idade exata ideal para o início das aulas. Os primeiros anos de vida de uma pessoa são cruciais para o desenvolvimento físico, mental e cognitivo do indivíduo. Assim, o contato de uma criança com as linguagens artísticas, desde os primeiros anos de vida, pode contribuir muito no seu desenvolvimento cerebral/cognitivo, afetivo e para

a sua formação como cidadão, além de influenciar positivamente na sua percepção do universo em que vive.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apresentados evidenciam a necessidade de investimentos na população de crianças e jovens, e criação de políticas públicas visando à diminuição das mortes violentas entre os jovens mais vulneráveis socioeconomicamente, facilitando o acesso à educação e cultura, garantindo assim, melhores condições de desenvolvimento infanto-juvenil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da violência 2019. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2019.**

BRASIL. ECA - Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

CATÃO, M do Ó. **A exclusão social e as favelas na cidade do Rio de Janeiro.** Revista de Direito da Cidade, vol.07, nº 03. 2015. ISSN 2317-7721. DOI: 10.12957.

HADID, J. **Quais são as linguagens artísticas? Disponível em:** <http://judyartes.blogspot.com/2009/08/quais-sao-as-linguagens-artisticas.html>. (2009). Acesso em: agosto/2019.

MEDEIROS, P. R. S. de; REBOLLAR, P. B. M.; BORGES, M. M. F. da C.; CARMO, V. B. **Design inclusivo: prática profissional e cidadania. São Paulo. Rev Intramuros on line, n. 1, jan. 2018. ISSN: 2594-9853. Disponível em:** <https://revistaintramuros.com.br/>

SOUZA, A. M. B. N. **As linguagens da arte. Disponível em:** <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/marketing/as-linguagens-da-arte>. Acesso em: agosto/2019.

ENTRELINHAS URBANAS: SOCIABILIDADE, APROPRIAÇÕES E SUAS SIGNIFICÂNCIAS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE CARUARU-PE

URBAN LINES: SOCIABILITY, PROPERTIES AND THEIR SIGNIFICANCES IN THE PUBLIC SPACES OF CARUARU-PE

SILVA, ARETHA BESERRA DA.

Arquiteta e Urbanista, graduada pelo UNIFAVIP / Wyden, aretha_beserra@hotmail.com

RESUMO

O ser humano para imergir no ser social necessita de trocas. E a cidade, por sua vez, relaciona-se mais intimamente com o indivíduo quando é utilizada como cenário de convívios. A partir do século XX, com o processo de urbanização, os usos e as morfologias sociais vieram se modificando, construindo novas conotações afetivas e empobrecimento da experiência cidadina. Perante esse contexto, essa pesquisa busca compreender como os usos dos espaços públicos e a sociabilidade urbana se relacionam, analisando dois bairros de Caruaru-PE. Investigando como o conhecer o outro e utilizar a urbe como local para tal pode levar a uma percepção crítica urbana.

PALAVRAS CHAVES: Sociabilidade urbana; Apreensões; Ocupações espontâneas.

ABSTRACT

The human being to immerse himself in the social being needs exchanges. And the city, in turn, is more closely related to the individual when used as a setting for socializing. From the twentieth century, with the urbanization process, social uses and morphologies have been modified, building new affective connotations and impoverishing the city experience. Given this context, this research seeks to understand how the uses of public spaces and urban sociability are related, analyzing two neighborhoods of Caruaru-PE. Investigating how to get to know each other and use the city as a place for this can lead to a critical urban perception.

KEYWORDS: Urban sociability; Seizures; Spontaneous occupations.

INTRODUÇÃO

A cidade é composta por uma complexidade de ocupações e expressões que se entreligam e incitam vitalidade aos espaços públicos. Os quais são os primordiais palcos dessas interações e alicerces para trocas subjetivas entre pessoa e esfera urbana. Os diálogos inserem-se na maneira em que a população modifica a cidade - através dos fenômenos sociais - e, por conseguinte, os lugares transmitem algo para as pessoas, ocasionando memórias urbanas. Como afirma Tuan:

Relativamente poucas obras tentam compreender o que as pessoas sentem sobre espaço e lugar, considerar as diferentes maneiras de experienciar (sensório-motora, tátil, visual, conceitual) e interpretar espaço e lugar como imagens de sentimentos complexos - muitas vezes ambivalentes. (TUAN, 1983, p.7).

As relações sociais afirmam as diversidades das pessoas e então se democratiza os espaços urbanos, tornando-os revérberos da pluralidade da sociedade. A crise dos espaços públicos se distribui por diversas tipologias, mas é na recusa da rua e sua significância que mora o descontentamento quando se discute e rememora as ocupações de outrora. Como afirma Frehse (2002, p. 147) “a calçada não se restringiria ao espaço físico (à área adjacente a estradas, vielas e ruas; [...]) Ela seria também - e, sobretudo - as relações sociais que nela se dão;”. Além de que, quando determinadas causas impedem a democratização da cidade, as ruas e seus imediatos se colocam como suporte para expressão dos excluídos, que se apropriam do local em reflexo da segregação socioespacial.

Isto posto, o presente trabalho busca compreender a relação das ocupações dos espaços públicos de Caruaru-PE com a sociabilidade urbana, tendo a rua como veículo condutor. Evidenciando o olhar do outro e investigando a formação imagética do lugar. Para isso são analisadas áreas de dois bairros de perfis díspares (Indianópolis e Riachão), permitindo comparativos sobre diversos modos de interações com o próximo e com o meio em que se inserem. Essa pesquisa é fruto do trabalho de conclusão de curso da autora, e se faz necessária para compreensão de 2 vieses: a união relacional como poder de emancipação e força motora para transformação do espaço urbano, e o investigar do pensar legítimo das pessoas sobre o lugar em que vivem. Objetivando um planejamento urbano que permite o direito a cidade unindo pessoas, e dá o poder de construir espaços públicos para quem essencialmente os compõem.

EMBASAMENTO TEÓRICO METODOLÓGICO

Em resposta a muitas conceituações da cidade - inclusive que balizam projetos e intervenções urbanas – em que se atem ao limite rigidamente geográfico, científico e de territorialidade, é significativa a discussão de que espaço público compreende, sobretudo, as trocas e espontaneidades de apropriações. Sem a pretensão de que uma abordagem exclua a outra, o entendimento da esfera urbana por uma perspectiva sociológica permite chamar atenção para as facetas e peculiaridades reais da cidade. Essa vertente de conceituação busca identificar os elementos que marcam a heterogeneidade do modo de vida das comunidades, discutindo o urbanismo enquanto ciência social (SIMMEL; PARK, 1967).

Vive-se em uma urbe polarizada e Bauman (2009) discute que a cidade passa a ser segregada por dois mundos opostos. Nos quais os grupos de maior ascensão socioeconômica não são “inteiramente” do local onde vivem. Visto que estão sempre

à procura de ambientes que lhes assegurem, da melhor maneira, suas necessidades, segurança e conforto, e de alcançar seus próprios interesses, fruto do individualismo contemporâneo. Do outro lado dos polos há uma realidade contrária, em que os grupos de classe social baixa estão, segundo Bauman (2009, p.28), “condenados a permanecer no lugar”. Isso culmina no sentimento de pertencimento e identidade local, em que a luta pelos seus interesses é presente, atuando como agentes modificadores diretos da cidade.

Se opondo ao distanciamento humano advindo da contemporaneidade ressaí a sociabilidade urbana, teorizada por Simmel (apud FRÚGOLI, 2007) através da perspectiva de que a estruturação da sociedade não se restringe aos indivíduos, mas a interação dos mesmos. Dentre os conceitos de sociabilidade, Cerqueira (2013) coloca que sendo esta

o âmbito de interação onde um indivíduo delimita sua ação por meio do outro, seu caráter democrático fica aí evidenciado. Simmel utiliza o princípio do direito estabelecido por Kant para uma analogia à estrutura democrática da sociabilidade: no direito o limite da liberdade de um é a coexistência com a liberdade do outro; na sociabilidade a interação é igualmente delimitada pelo respeito (CERQUEIRA, 2013, p. 61).

Simmel conceitua o distanciamento social como comportamento blasé, no qual o indivíduo desenvolve um caráter indiferente e apático advindo dos modos de vida modernos aqui tratados. Adversamente a tal comportamento existe o conceito do cidadão, classificado pelo autor como a figura que “ocupa espaços urbanos, desloca-se por seus diversos territórios e estabelece relações de proximidade e distância com outros cidadãos, em contextos específicos e situados. Ele não se reduz à figura do transeunte” (SIMMEL, apud FRÚGOLI, 2007, p.7). Esse perfil de indivíduo toma a cidade como casa, se identifica e se sente intrinsecamente daquele local.

Essas personalidades criam laços, contatos e intimidade no cotidiano, o que propicia uma rede de amparo à população. “Os olhos na cidade” conceituado por Jacobs em 1973 é levantado novamente por Santos (1985) mostrando que o encadeamento dessas relações é a conexão direta com o território ao qual pertencem, identificando-se como “proprietários naturais” do urbano. Atuam em conjunto, em razão do bem comum. Trata-se de uma defesa de todos por um espaço de todos.

É assim então que a rua representa seu papel de casa, e então se faz necessária a discussão acerca da delimitação de público/privado. Santos (1985) discorre sobre até onde vai o espaço privado e quando começa o espaço público. E defende uma abordagem relativizada, importante para uma análise afetiva sobre a cidade, na qual o entendimento de espaço público/privado somente de maneira territorial pode ser limitador. Entende-se então que a rua pode ser extensão da casa, assim como a casa pode receber a rua, e a sociabilidade urbana se faz precedente da apropriação desses espaços.

E para legitimar essa análise foram aplicados procedimentos metodológicos que buscam uma abordagem fenomenológica, partindo de duas perspectivas:

A primeira imerge na percepção do outro, absorvendo a experiência espacial e formação imagética do ambiente. Através da produção de mapas mentais, enquanto expressão material, em paralelo as observações das expressões imateriais, como relatos, memórias coletivas, comportamentos e todas as exteriorizações que transcendem a escala gráfica ao passo que ajudam a explorá-la.

Os mapas mentais, como uma cartografia fenomenológica, contribuíram a perceber como acontecem as escolhas geográficas do indivíduo, os significados que um percurso pode ter e o modo que a experiência espacial é internalizada. Para analisar as diversas linguagens expressas foi utilizada a metodologia de Salette Kozel, geógrafa que sistematiza e auxilia a interpretação dos desenhos. Impulsionando o pesquisador para suas descobertas na leitura dos mapas (LIMA; KOZEL, 2009).

Na segunda, caminhando em paralelo, está a percepção do pesquisador. Para o desenvolvimento desse processo, o observador colocou-se no papel de uma figura que pretende está à mercê da cidade, à medida que examina suas configurações. Para tal, foi usado como ponto de partida o conceito do *flâneur*, que permite que os estímulos locais sejam recebidos e apreendidos com um olhar sensível. O *flâneur* produz um vagar errante, mas atento, explorando aos impulsos perceptivos produzidos pela cidade (BASTOS, 2007). Teve sua gênese com Charles Baudelaire, poeta francês, que retrata essa figura nos seus textos como um observador atento dos espaços. No século XIX, a Europa vinha atravessando um processo de modernização das cidades, e diante dessa ressignificação foi percebido um tipo de “explorador urbano” nas ruas parisienses, expresso na literatura por Baudelaire como uma figura que não é só um “vadio” errante, mas um experimentador desses espaços em transformação, alguém que caminha e analisa.

Por fim, todas as experimentações foram desenvolvidas em um formato de diário de bordo. Os bairros (Riachão e Indianópolis) foram visitados em todos os dias da semana em diferentes horários, a fim de analisar diferentes usos do território. Tendo perímetros para cada bairro enquanto recorte do objeto e contribuição para diagnóstico da área, entretanto não criando roteiros para o caminhar, buscando ser levado pelas explorações.

A compreensão das maneiras que sociabilidade e ocupações da rua se relacionam em diferentes perfis e morfologias arquitetônicas, foi um anseio para o despertar da pesquisa. Então foram selecionados dois bairros díspares socioeconomicamente e em suas morfologias. O bairro Indianópolis, este que possui um perfil econômico mais elevado e, por conseguinte, arquiteturas mais próximas aos padrões construtivos da contemporaneidade (muros altos, condomínios fechados, etc.); e o bairro Riachão, com um nível de renda mais baixo, e um espaço construído mais voltado para rua, relações de vizinhança, associação de bairro, e usos da cidade que vêm se esvaindo com a modernidade. Outra característica determinante para escolha desses bairros, e que situa sua segregação, é a atuação do rio Ipojuca como elemento separador das duas áreas, demonstrando como o rio pode ocasionar realidades distintas nas áreas que o margeiam. Lynch (1960) exemplifica o rio quando concebe “limites”, os definindo como elementos caracterizados pela linearidade e que atuam como quebras na continuidade, ocasionando em duas regiões.

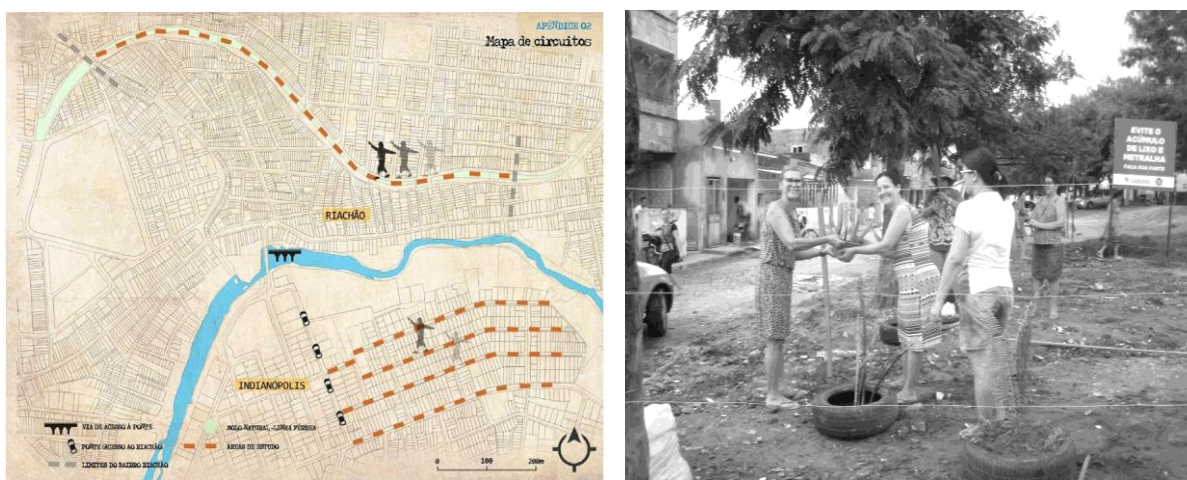
Delimitou-se recortes em cada bairro. Foi feita uma primeira andança no Riachão a fim de determinar a região de análise. Ao percorrer o bairro experimentando-o, o percurso deparado foi escolhido a partir de duas motivações. Primeiro por seguir às margens da linha férrea, sendo tal elemento palco de diferentes comportamentos e apropriações. Depois pelo forte potencial da área ao Urbanismo Tático¹, identificado a partir da intervenção que estava sendo iniciada pela comunidade: diversos moradores estavam limpando o espaço em desuso da linha férrea, que se encontrava repleto de entulhos de lixo, e ressignificando o local com a confecção de jardineiras de pneus feitas pelos mesmos (figura 01). Uma apropriação como ato político culminada pela revolta, e que foi concretizada através do

¹ “São ações de curta duração, baixo custo e microescala, realizadas com o objetivo de melhorar uma pequena parte da cidade, qualificando, assim, o ambiente urbano.” A BATATA PRECISA DE VOCÊ (2015, p.15).

que essa pesquisa permeia: as relações sociais como força motora para construir cidades.

Já o perímetro do Indianópolis situa-se no lado oposto, a fim de comparar - colocando os ideais de Simmel (apud FRÚGOLI, 2007) na prática - realidades próximas fisicamente, entretanto, socialmente distantes. Além disso, os usos também foram uma incitação. O bairro possui uma via de uso predominantemente comercial, a rua Alferes Jorge, com grande movimentação diante de diversos pontos comerciais voltados a alimentação que atraem pessoas de outras localidades. Visto isso, foi motivada a investigação de como acontece a vitalidade e ocupações nas ruas paralelas a tal, de usos predominantemente residenciais (assim como no Riachão). Os percursos correspondem a aproximadamente 1 km, buscando uma equivalência comparativa.

Figuras 01 e 02: Intervenção feita pelos moradores e mapa de recorte da área, respectivamente.



Fonte: Disponibilizado por moradora e Unibase Caruaru - modificado pela autora, respectivamente.

DESENVOLVIMENTO

Originalmente o Diário de um *Flâneur* descreve todas as visitas trazendo o leitor para deambular junto ao pesquisador. Todavia, para o presente artigo foram elencados tópicos de reflexões sobre a cidade, que foram alcançadas a partir de diálogos e descobertas dessa experiência em campo. Buscando apresentar o que foi apreendido de forma sintética, mas garantindo expressar a experiência das *flâneries* e o entendimento de como cada bairro se comporta.

RIACHÃO

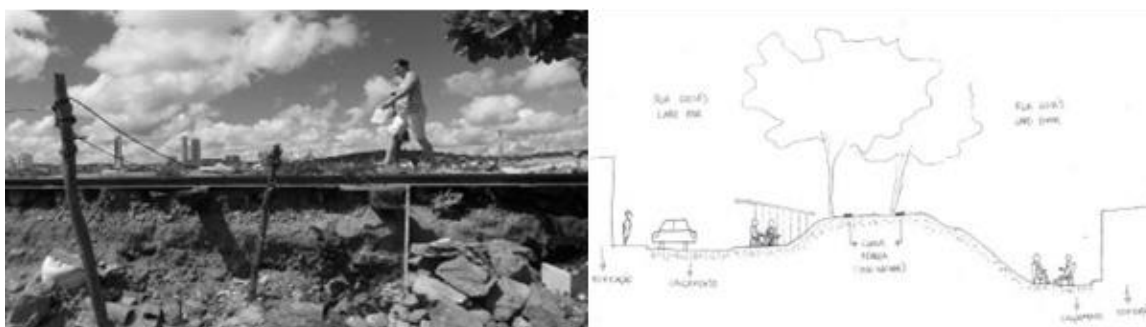
- Segregação socioespacial e o desconhecido

As visitas começaram pelo domingo. Notou-se um grande fluxo de pessoas e automóveis, uma mistura de sonoridades urbanas. O circuito corresponde a Rua Goiás, contendo lado par e lado ímpar, que são divididos pela ferrovia. Seguindo caminho, em dado momento o cenário começa a se transformar. O lado ímpar da Rua Goiás cessa o calçamento. E a linha férrea, antes palco de flores, agora recebe caçambas de lixo e resíduos pelo chão. A linha férrea chega a um nível que gera um paredão para rua de baixo. Então o elemento divisor aponta sua dualidade de impactos. Ora aproxima, ora segrega (figura 03). E essa precária infraestrutura reverbera diretamente nas dinâmicas e comportamentos daquele local. Isso é logo sentido no contato com duas crianças, em que uma delas relata não

gostar muito de onde mora por não poder sair de casa, seus pais os impedem por medo de assaltos. Eles moram em uma rua secundária do lado par da Rua Goiás, que possui calçamento e está no nível de cima.

No lado ímpar (rua de baixo) são encontradas mais duas crianças, elas sentem-se à vontade para falar do local. Dizem que têm muitos amigos, falam sobre suas brincadeiras preferidas na rua e logo uma dispara “gosto muito de subir nas árvores”. Reiterando sua conexão com a paisagem. Torna-se clara a diferença de impressões entre as crianças do nível de cima e o nível de baixo. Levando a observação de que a perda da visão do outro, através da conformação do trecho que se converte em obstáculo, o torna um ser estranho e assim como afirma Santos (1985, p. 89), “consequentemente a desconfiança é o princípio que rege as operações de troca.”.

Figura 03: Desnível linha férrea.



Fonte: Acervo da autora.

Essa região é um receio em comum entre moradores, o que gera uma reflexão das motivações desse sentimento. A precariedade vai desde a ausência de saneamento básico à insatisfatória infraestrutura das edificações e, portanto, habita pessoas com um perfil de renda mais baixo. O percurso acaba sendo polarizado em duas esferas e a ausência dos serviços básicos naquele trecho se comporta como uma barreira imagética. O que leva a um ciclo no qual o medo de atravessar o limite entre as esferas faz do outro um desconhecido e o ser desconhecido gera a desconfiança. Como discute D'incao (1992) as pessoas associam, com facilidade, pobreza ao violento e a criminalidade.

- Os dissensos no espaço público

Em um dos deambulos avista-se uma barraca de lanches na esquina, que se destaca por a todo momento ser palco de interações. Ao se aproximar está Eraldo, que se apresenta como dono da barraca e morador. Tem 38 anos e desde que nasceu aquela região é sua casa. Eraldo logo exprime seu comportamento de cidadão, teorizado por Simmel. Não está ali de passagem e é comprometido a ajudar com a evolução de onde mora. Entre suas ideias, conta sobre as contribuições já executadas. Foi um dos principais responsáveis pelo início do plantio na linha férrea e expandiu isso também para sua barraca, diz que “aqui tenho pé de Ipê, Pata de Vaca e Pau Brasil!”, esse último sendo sua principal afeição. Ao lado da barraca é possível encontrar diversos tipos de plantas, incluindo medicinais. Que, segundo ele, assiste à população cedendo as espécies sempre que há necessidade. Não só favorece a vizinhança com suas plantas medicinais como também, a partir do início da intervenção, desencadeou a fabricação de jardineiras por outras partes da linha, fomentando o cuidado com o urbano e incitando o sentimento de pertencimento. O lixo novamente é uma reivindicação. Dessa vez acompanhada dos relatos de pessoas que

destroem algumas árvores e jardineiras. A intervenção é efeito da indignação de alguns moradores com esses comportamentos. É a rua se mostrando uma esfera de discordâncias.

Figura 04: Eraldo e seu jardim.



Fonte: Acervo da autora.

Jacques (2009) discute e soma a esse contexto quando reconhece que “enquanto a construção de consensos, que busca esconder os conflitos, é uma forma de despolitização, o desentendimento, a explicitação de dissensos, seria uma forma ativa de resistência, de ação política “. A vitalidade do Riachão constata o quanto o uso do urbano como lugar de dissensos contribui de forma “contra-hegemônica” a uma sociedade armada nos consensos, espetacularização e perda da sensibilidade.

- Dicotomia público x privado

As pessoas são vistas com frequência nas portas de casa. Em uma delas encontra-se Maria, que tem 52 anos, é dona de casa e há 20 anos que mora no Riachão. Aponta para sua casa de muro baixo e uma pequena varanda. Tem o jardim como seu lugar mais marcante na rua e onde passa mais tempo nos horários livres. Sua única contestação é expressa ao falar de Junior, que morava na casa vizinha e colocou seu carro na linha férrea abrigado em uma estrutura de madeira e lona que o mesmo executou (figura 05). Junior fez da linha férrea sua garagem, e não só. Maria também relata que ele quer adicionar um comércio ao lado da estrutura. E para as mudanças que ela deseja na rua diz: “só queria que ele tirasse essa “maritaca” daqui!”. Assim é expressa a relativização dos limites do público e privado defendido por Santos (1985), que discute sobre o contexto ser determinante para essas delimitações. A casa pode ser rua e a rua pode ser casa.

Figuras 05 e 06: A “maritaca” e o uso da porta de casa, respectivamente.



Fonte: Acervo da autora.

O lugar de morada pode admitir um uso coletivo e a urbe privatizada, nesse caso, por Junior. E essa apropriação direciona um conflito com Maria, que descreve um episódio de dissentimento: “Ele disse hoje de manhã que arrancaria as plantas para expandir um comércio que não existe. E caso a prefeitura quisesse impedir, iria processar. Aí eu disse arranque que eu planto mais dez!”. A espontaneidade de ocupações rege as dinâmicas da cidade. É a liberdade de acesso à rua que expressa as conexões das pessoas com o lugar a que pertencem. E a consciência de defesa e zelo de Maria com o espaço corrobora a ideia de que quanto maior a inserção da população nas problemáticas e discussões da cidade maior o sentimento de que aquele lugar é seu, seja pela perspectiva física, seja por expressão de afeto.

Ao decorrer do caminho são encontrados diversos tipos de mobiliários na linha férrea: cadeiras, sofás, bancos feitos com pedras e troncos (figura 07). É utilizando esses lugares de estar que se encontra Nelson, de 30 anos. Fala que “tudo que você pensar tem nessa comunidade”, demonstrando a dinamicidade da teia de relações. Quando questionado se já pensou em se mudar diz que não, como em quase todas as conversas tidas até aqui, justificando que em outros bairros “não tem essa energia positiva”, e aponta para as casas dos vizinhos mais antigos, “Bernadete, Rosimar, Dona Maria, Hilda, conheço todo mundo aqui!”. A impressão sentida nesses diálogos é o quanto a população abraça e defende sua rua. Que o avanço do que já foi apropriado e criado por eles, é uma conquista apontada com muito entusiasmo. A coexistência de usos, falas, laços e atividades apontam o poder de incorporação das diversidades que o espaço urbano pode exercer. Em que as relações de afeto têm sempre a rua como plano de fundo.

Uma das características evidenciadas durante a pesquisa é como as pessoas sempre criam uma alternativa de trabalho. E a ajuda uns dos outros em gerar emprego é fundamental. Um dos sobrinhos de Nelson é funcionário de uma barraca de lanches que fica na linha férrea, conta que outro amigo trabalha na feira que acontece aos domingos e que “aqui ninguém fica parado”. Além de serem encontrados diversas casas que estendem para a rua o seu comércio/serviço (figura 7). As relações interpessoais não só incitam a população na participação do planejamento urbano como contribuem com arranjos de trabalho que asseguram uma renda aos moradores preenchendo a insuficiência de geração de empregos nos centros comerciais.

Figura 07: O jardim: ora como terraço, ora como comércio, respectivamente.



Fonte: Acervo da autora.

- Ocupações espontâneas e mobiliários

Figura 08: Quando a rua vira casa.



Fonte: Acervo da autora.

INDIANÓPOLIS

- O medo entre os muros

Grande parte das casas do Indianópolis possuem muro alto, e é algo que as pessoas dizem fazerem sentir-se mais seguras. Como fala uma das moradoras: “se fosse muro baixo, Ave Maria! Tinha que ter um leão aqui!”, diz assustada. Castel (2003), apud Bauman (2009), explica que há um grande esforço por um nível de total proteção inalcançável e essa busca, antagonicamente, ocasiona na sensação de insegurança sempre como companhia.

Encontra-se um casal caminhando, são Olívia e Luiz, de 72 anos ambos, moradores há 40 anos. Olívia fala com intensidade sobre o medo da região, apesar de nunca ter tido

experiência de assalto. O deserto da rua é usado como justificativa para o temor. Luiz conta que “ela tem pavor se alguém bate palma na porta de casa à noite”. Sobre terem tido alguma vontade de se mudar, Olívia conta que deseja ir para um apartamento, enquanto Luiz logo discorda: “queria me mudar para um bairro assim como o Salgado², onde é possível encontrar seus vizinhos na rua”. “Num apartamento você não vê ninguém, não conhece ninguém, sai de casa, dá para o corredor e só vê outras portas”, completa. Luiz mostra como as interações humanas estão diretamente ligadas a visualização da rua. Está fechado ao externo impede perceber as interferências que a rua provoca e ao terem contato com a urbe, a atmosfera de “segurança” se esvai, a ausência do paredão que delimita o fora e o dentro deixam-nos expostos. E o que é a rua senão está exposto? O que diverge é se a exposição é ao estranho, que não se vê e não se sente, ou àquilo que já se tem como casa. Quando a segunda opção acontece, por que ter medo da sua própria casa?

Figura 09: O olhar de dentro.



Fonte: Acervo da autora.

Alguns moradores têm um maior senso crítico em meio a tanto distanciamento da urbe, como Ana Lucia, ela tem perspectivas interessantes sobre as configurações locais, vê no comércio uma das principais potencialidades: “o desenvolvimento comercial movimentava a rua, numa rua toda residencial todo mundo fecha as portas”. Já na configuração da sua casa diz preferir ter o muro baixo para ter conexão com o externo “a gente vem aqui vê o movimento, não gosto de muro alto, vai viver dentro de um presídio?”.

- Direito à cidade

O próximo encontro é com Neuza, de 58 anos, sorridente e gentil, é moradora antiga do bairro e afetuosa com a vizinhança. Também fala sobre o medo no bairro, opinião recorrente e o entende como consequência da falta de vitalidade do lugar: “aqui o bairro é muito *paradão*”.

Fala sobre às vezes vê pessoas as quais causam desconfiança/insegurança. Não se entende ao certo o que essas pessoas apresentam para causar essa suspeita, mas fica mais claro qual o perfil dessa população quando, mesmo apresentando um pouco de receio para o que vai dizer, ela faz uma afirmação: “a periferia perto incomoda sim!”. Inúmeras reflexões estalam a mente: Quem é a periferia? Qual o filtro usado para entender quem é da vizinhança e quem é “da periferia”? E se a periferia está por perto, aquele espaço também não lhe é de direito? Talvez até aqui não houvesse uma frase que falasse tanto

sobre a necessidade de democratização dos espaços públicos e direito à cidade. Projetar mais equipamentos urbanos não é suficiente, a complexidade da cidade vai muito além, os espaços públicos só serão espaços democratizados quando os planejamentos abraçarem a multiplicidade da utilização urbana, garantindo a coexistência de pessoas de diversas condições sociais.

A exclusão da rua como local de interação social provoca a distância de percepção entre si dos diferentes grupos ou classes sociais, ocasionando, entre outras coisas, o pânico advindo de em grande parte da ignorância sobre os outros. Associa-se com facilidade pobreza com violência, com marginalidade (D'INCAO, 1992, p.97).

- Na sociedade dos descartes: o individualismo contemporâneo

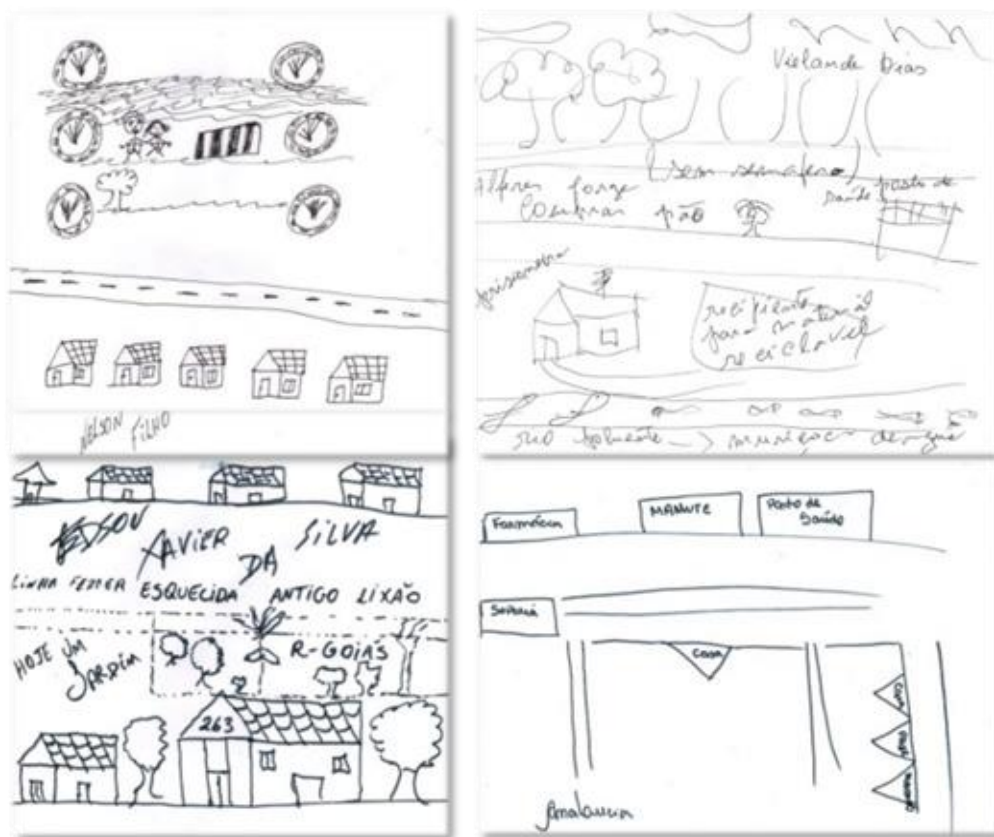
A caminhada vai seguindo até encontrar Vielande de 60 anos, está em um banco de concreto, um dos poucos mobiliários do lugar. Fala que a rua deveria ter mais vigilância e rememora: “eram os muros tudo baixo, um conversava com o outro, *aí* a gente se comunicava com os vizinhos. Hoje em dia parece que você *tá* sendo descartado”. Descarte. É assim que Vielande sente as configurações atuais e é uma perspectiva diferente das que foram vistas até aqui. Vivem-se tempos de não só uma supervalorização dos interesses pessoais como juntamente a apatia aos que lhe cercam. Lembra-se de Simmel e o papel do Blasé, dessa vez entendendo melhor as consequências desse comportamento ao imaginário urbano, que ao fechar-se com seus próprios ideais gera um entorno de seres descartados.

Outra vontade é a existência de um condomínio popular, reclama que os condomínios são sempre muito caros e nem todo mundo consegue ter acesso a esse tipo de equipamento. E em meio a tantos pensamentos e exteriorizações, fala sobre o muro alto que assina sua fachada, o examina pensativa, e diz: “sou prisioneira dentro da minha própria casa”. Enquanto esse momento acontecia, observava da fachada em frente uma senhora com o olhar fixo. É a dona Maria do Carmo, de 85 anos. A conversa é rápida, pois precisa ver as panelas no fogo, mas suficiente para perceber a contraposição aos pensamentos de Vielande, que inicia sugestiva:

- *Tava* falando a ela que aqui deveria ter umas árvores *nera*?!
- Não gosto de pé de árvore na calçada não, suja muito a calçada.
- Mas *pra* fazer uma sombra!

- Mapas mentais

Figuras 10 e 11: Mapas mentais do Riachão à esquerda e Indianópolis à direita.



Fonte: Acervo da autora.

As pessoas desenharam/escreveram como enxergam a rua que elas moram. No Riachão sentiu-se uma maior facilidade para aceitação da elaboração dos desenhos. O jardim executado por eles e a ligação com a paisagem foi algo bastante representado. No Indianópolis os desenhos foram mais pragmáticos, com menos detalhes sobre modos de uso da rua, exceto o de Vielande que teve um olhar autocrítico para as configurações que a cercam e expressou isso no seu mapa. A metodologia Kozel contribuiu para entender de forma mais sistemática essas expressões gráficas, porém buscando uma leitura sensível daquilo retratado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram então refletidas as respostas ou ainda os mais questionamentos gerados. O Riachão é um organismo vivo. Investigá-lo fez perceber que os estudos de casos pré-projetuais não deveriam acontecer apenas nas grandes metrópoles e nos complexos projetos. A significância do urbano está no simples rotineiro. Uma simplicidade que tanto fala, transforma, ocupa e protege. Seus moradores são exemplos de união comunitária e de como as pessoas têm o poder de serem modificadores do espaço. E isso reflete diretamente na vitalidade do bairro, fazer da rua casa é uma rotina. O Indianópolis tem um perfil social diferente, o medo da rua e do outro é presente e as vias são desérticas na maioria dos momentos. Mostra a influência da arquitetura na ocupação urbana, com casas fortalezas que desconectam morador e cidade. Ainda assim há alguns locais de

contraponto a esse emblema, que com micro resistências ao uso da rua como passagem confere uma atmosfera diferente das ruas em paralelo.

O que se apreende é a necessidade imediata de planejadores buscarem as miudezas do morar antes de intervir, não se deve transformar cidades sem ouvir, perceber e se fazer parte de quem as compõem. É notório também os consequentes cenários urbanos que as relações interpessoais podem gerar, produzir cidades voltadas para estimular interações é um caminho para ir de encontro as espetacularizações e esvaziamento da urbe. Mas como fazer isso a curto prazo? A partir desse questionamento foi desenvolvida um guia denominado “Dicas para Sociabilidade Urbana” (figura 12), com um compilado do que foi possível absorver em campo. Uma das respostas que a experiência de flunar na cidade propiciou foi a relevância das pessoas nesse processo. Conceitos como “urbanismo tático” e “diy, movimento maker”, que intercalam intimamente população e planejamento urbano devem ser vistos e aplicados com veemência para que o construir seja um ato democrático.

Figura 12: Dicas para Sociabilidade Urbana.





Fonte: Produzido pela autora.

Após a conclusão do trabalho de graduação, uma das moradores do Riachão convidou a pesquisadora para participar de uma expansão do jardim, que iria acontecer em parceria com a prefeitura municipal. Então o jardim recebeu novas mudas de plantas que foram colocadas durante uma manhã junto com técnicos cedidos pela prefeitura. A todo tempo os moradores estavam por perto, plantando, atentos e diversas vezes orientando os técnicos para que tudo fosse executado como gostariam. O cuidado pela sua morada foi reafirmado, mas além disso demonstrou-se o poder de planejamento urbano que a união comunitária tem. Despertaram a movimentação do poder público para não só intervir no bairro, como fazer isso lado a lado com os moradores. É necessário compreender a importância e desempenhar um urbanismo participativo, unindo pessoas e as fazendo potência de transformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BATATA PRECISA DE VOCÊ. **Ocupe Largo da Batata**: Como fazer ocupações regulares no espaço público. 2015. Disponível em: <<http://largodabatata.com.br/wp-content/uploads/2015/07/publicacaoFINALagosto2015.pdf>> Acesso em: 10 de maio de 2019.

BASTOS, Marco. Flâneur, basé, zappeur: variações sobre o tema do indivíduo. **E-Compós**, v. 10, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

CERQUEIRA, Yasminie. **Espaço Público e Sociabilidade Urbana**: Apropriações e significados dos espaços públicos na cidade contemporânea. 2013. 122f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). UFRN, Rio Grande do Norte.

D'INCÃO, Maria. Modos de ser e de viver: A sociabilidade urbana. São Paulo: **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, vol.4, n.1-2, p. 95-109, 1992.

FREHSE, Fraya. O Mundo das calçadas. Por uma política democrática de espaços públicos. **Cadernos De Campo**, São Paulo, v. 10, n. 10, p. 147-152, 2002.

FRÚGOLI, Heitor. **A sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

JACQUES, Paola. **Notas sobre espaço público e imagens da cidade**. 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.110/41>> Acesso em: 25 de abril de 2018.

LIMALIMA, Angélica. KOZEL, Salete. Lugar e mapa mental: uma análise possível. **Geografia**, Londrina, v. 18, n. 1, jan/jun 2009.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1960. LIMA, Angélica.

SANTOS, Carlos. **Quando a rua vira casa**: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. São Paulo: FINEP/IBAM, 1985.

SIMMEL, Georg; PARK, Robert; et al. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar**: A perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

PERTEN[S]ER: A INFLUÊNCIA DO PROJETO VILLA SANHAUÁ NO SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO AO CENTRO HISTÓRICO DE JOÃO PESSOA-PB

PERTEN[S]ER: THE INFLUENCE OF THE VILLA SANHAUÁ PROJECT ON THE FEELING OF BELONGING TO THE HISTORIC CENTER OF JOÃO PESSOA-PB

VASCONCELOS, ILANE ABREU DE

Arquiteta e Urbanista, Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ

VILLARIM, LIZIA AGRA

Doutoranda em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

RESUMO

Para entender que influência o Projeto Villa Sanhauá, que reabilitou edifícios do centro histórico de João Pessoa-PB para a criação de unidades habitacionais e comerciais, estabeleceu no sentimento de pertencimento ao lugar em questão, foram aplicados questionários com os sujeitos com ele envolvidos. Através da análise de conteúdo temática, os indicadores de significado, identidade e valor, permitiram analisar o conteúdo das respostas, e assim caracterizar como o incentivo à novos usos na área influenciou nessa sensação de pertencimento, possibilitando avaliar como ela pode vir a contribuir para a preservação do centro histórico. Também se pôde apontar, para os órgãos gestores do município, esse sentimento como um novo indicador na seleção de habitantes e comerciantes como agentes no processo de reabilitação desse núcleo histórico. Com os resultados alcançados, se permitiu notar a grande contribuição do projeto na relação entre indivíduo, grupo e centro histórico, caracterizando a influência nessa pertença ao lugar, atribuída principalmente aos significados estabelecidos.

PALAVRAS-CHAVE: sentimento de pertencimento; projeto Villa Sanhauá; centro histórico de João Pessoa.

ABSTRACT

To understand the influence of the Villa Sanhauá Project, which rehabilitated buildings in the historic center of João Pessoa-PB for the creation of housing and commercial units, established in the feeling of belonging to the place in question, questionnaires were applied with the people involved with it. Through the analysis of thematic content, the indicators of meaning, identity and value, allowed to analyze the content of the responses, and thus characterize how the incentive to new uses in the area influenced this sense of belonging, making it possible to evaluate how it may contribute to the preservation of the historic center. It was also possible to point out, for the municipal management, this feeling as a new indicator in the selection of inhabitants and traders as agents in the process of rehabilitation of this historic nucleus. With the results achieved, it was possible to notice the great contribution of the project in the relationship between people, group and historic center, characterizing the influence in this belonging to the place, attributed mainly to the established meanings.

KEYWORDS: feeling of belonging; Villa Sanhauá project; historic center of João Pessoa.

INTRODUÇÃO

Este artigo visa discutir sobre o impacto que projetos de incentivo à novos usos em centralidades históricas têm no sentimento de pertencimento ao lugar, para isso, apresentando, de forma resumida, os resultados de um Trabalho de Conclusão de Curso (VASCONCELOS, 2018). Essa pertença, está naturalmente sujeita a construções e percepções internas e externas, ressaltando seu caráter subjetivo.

O Projeto Villa Sanhauá foi escolhido como um meio de compreender se essa pertença, sob sua influência, é suscitada ou inibida. O objeto de estudo é o mais recente e representativo projeto de reabilitação e incentivo a preservação, moradia e comércio desenvolvido no principal conjunto de patrimônio histórico arquitetônico da cidade de João Pessoa-PB.

Resultante de um processo de transformações no uso do solo e do estigma de declínio associado ao centro, sua porção histórica vem sofrendo descaracterização de seu patrimônio. Nesse contexto, a criação de novos simbolismos atrelados ao centro histórico pode mudar a maneira como ele é apreendido, e acabar influenciando no sentimento anteriormente citado, que está sendo ressignificado a cada momento, pois está direta e indiretamente ligado às atribuições de identidades, significados e valores ao lugar (SILVA, 2013).

Mesmo imerso nesse processo, muitas vezes apenas simbólico, de construção de um quadro de progressiva desvalorização quando comparado ao passado, essa porção histórica tem passado por reinterpretações e vem sendo alvo de discussões perante a sociedade e ao poder público. Fato que cada vez mais culmina na criação de políticas de incentivo à reabilitação local, que pode ser confirmado pela execução do projeto aqui escolhido como estudo de caso.

Em caráter específico, a investigação objetivou descobrir a influência do projeto no sentido de pertença a essa parcela da cidade, em função do incentivo à moradia e comércio na área. Como também, avaliar como os programas e projetos de incentivo a novos usos no centro histórico¹ podem contribuir para a sua preservação, apontando o sentimento de pertencimento como um dos indicadores para a seleção de habitantes e comerciantes para o centro histórico², alertando esse novo indicador para os órgãos gestores do município de João Pessoa. Considerando que essa apropriação do lugar pode fazer aflorar sentimentos ligados aos valores, identidades e significados estabelecidos, aqui adotados como indicadores desse sentimento, podendo fazer com que os sujeitos representem importantes agentes na preservação e conservação do lugar em questão (PELEGRINI, 2006).

O projeto Villa Sanhauá restaurou e revitalizou parte dos edifícios patrimoniais da Rua João Suassuna, no bairro do Varadouro, converteu os casarões históricos em unidades de moradia e comércio, através de aluguéis sociais, objetivando estimular a dinâmica urbana, a cultura e a preservação do patrimônio. O edital de seleção, condicionou a concorrência das vagas ofertadas à alguns requisitos. Os interessados deveriam se encaixar em um perfil social, econômico e cultural específico para disputarem o aluguel de umas das unidades.

O aprofundamento nos conceitos de sentimento de pertencimento, permitiu identificar indicadores, que tornaram metodologicamente aplicáveis o conceito no grupo de

moradores e comerciantes da vila, por meio do instrumento de coleta de dados, o questionário aberto. A interpretação dos dados se deu através do método de análise de conteúdo temática, fazendo possível perceber como a relação entre indivíduo, grupo e lugar, tendo a Villa Sanhauá como cenário agente, atuou na pertença a esta centralidade histórica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

Esse sentimento surge com base nos acontecimentos, nos sujeitos envolvidos e no lugar onde ocorre (POLLAK, 1992). Quando esse sujeito interage com o lugar, direta ou indiretamente também se apropria de sua experiência como parte de um ou mais grupos, destacando que seu caráter individual é influenciado pelo coletivo.

A associação das identidades, dos valores e/ou dos significados individuais ou coletivos atribuídos a cada contexto como sendo elementos fundamentais na concepção do sentimento aqui investigado é recorrente entre diversos autores. Logo, esses três elementos foram aqui adotados como indicadores dessa pertença, e suas conceptualizações, que muitas vezes se mesclam, demonstram sua correlação.

Como destaca Pesavento (2007, p.4) “as identidades, enquanto sensação de pertencimento, são elaborações imaginárias que produzem coesão social e reconhecimento individual”, sendo assim, quando correlacionada ao lugar, estreita os laços sociais, ao construir estruturas de identificação.

A Carta de Cracóvia (2000) a conceitua como a referência estabelecida a partir de parâmetros coletivos, considerando a valoração que a comunidade atribui ao presente e ao passado. Também considerando o entendimento de Pollak (1992), que cita os três elementos que constituem as identidades, sendo eles os “acontecimentos”, as “pessoas personagens” e os “lugares de memória”, o autor ainda cita que:

Por identidades coletivas, estou aludindo a todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro do grupo quer se trate de família ou de nação o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência (1992, p. 7).

Portanto, mediante o descrito, será adotado como conceito para detectar se o conteúdo de cada resposta do questionário transmite a ideia de identidade, toda referência, coletiva ou individual, estabelecida a partir de atributos do presente e do passado, que confira ao indivíduo o sentimento de unidade, continuidade e coerência, que estabeleçam relação direta ou indireta entre o centro histórico e o Projeto.

Quanto aos valores, que são transmitidos a cada nova geração, viabilizam as interações em comunidade e representam o sentimento de pertencimento (TEIXEIRA, 2011, apud MASON, 2002). Existem diversos tipos de valor, um para cada contexto em que a valoração é atribuída. Ao associar a transmissão de referenciais ao contexto patrimonial, Gonçalves aponta que “as tradições, os saberes, os valores e os sentimentos associados aos bens culturais surgem como aferidores de sua legitimidade como patrimônio” (2015, n.p). Já para Teixeira,

Os tipos de valores dos bens patrimoniais são [...] esclarecidos de acordo com a interpretação de quem os afere, atentando para a situação do bem, seu contexto cultural e o julgamento dos sujeitos envolvidos com a valoração (2011, p 24).

A partir desses entendimentos de valor, atribuídos a contextos específicos, pode-se colocar em primeiro plano a compreensão básica de valor para os dois autores e depois mesclá-la. Portanto, será adotado como conceito para detectar se o conteúdo de cada resposta do questionário transmite a ideia de valor, todo julgamento de valoração aferido, legitimado segundo a interpretação do sujeito envolvido, de acordo com o contexto em questão, que estabeleçam relação direta ou indireta entre o centro histórico e o Projeto.

As identidades e os valores estão cheios de significados, e a maneira com que cada um deles é estabelecido muda a forma como os indivíduos traduzem o espaço. Cada simbolismo, relacionado aos significados estabelecidos, pode gerar diferentes tipos de interpretações e emoções, e, por isso, estão diretamente ligados com o surgimento do sentimento em questão.

A primeira referência descreve que significado refere-se “[...] à importância, sentido, conotação, ou denotação transmitidos por alguma forma de informação” (BIBLIOTECA VIRTUAL DE PSICOLOGIA). A segunda referência aponta “[...] os significados como o conteúdo do que é dito, acreditado, desejado” por uma comunidade, considerando-se o seu contexto específico (RIBEIRO; LIRA, 2012, p. 40 apud AUDI, 2006).

Portanto, diante das definições, será adotado como conceito para detectar se o conteúdo de cada resposta do questionário transmite a ideia de significado, todo sentido, conotação ou denotação atribuído a alguma informação ou conteúdo, estabelecido no contexto em questão e sob referenciais individuais e coletivos, que estabeleçam relação direta ou indireta entre o centro histórico e o Projeto.

CENTRO HISTÓRICO DE JOÃO PESSOA

As consequências geradas pelo crescimento e espraiamento da cidade, em virtude do surgimento de novas centralidades urbanas, que se intensificaram a partir de 1970, e da criação de grandes avenidas em direção às áreas periféricas da cidade, como a Av. Pres. Epitácio Pessoa, aberta na década de 1920, importante via de ligação entre o centro e a praia, modificou a dinâmica relacional da população com o centro, o que trouxe transformações sociais, econômicas e culturais para a área, que antes era majoritariamente elitizada. Com isso, o centro assumiu um caráter institucional, comercial e de serviços. Por consequência, seu patrimônio passou por descaracterização física, histórica e cultural, em virtude do cenário simbólico de desvalorização atrelado, mesmo concentrando as maiores ofertas de serviços, mobilidade e infraestrutura da cidade.

Paralelo a isto, por parte dos órgãos gestores do patrimônio, algumas medidas estavam sendo tomadas para a criação de propostas de revitalização, através de convênios internacionais e parcerias com a iniciativa privada. A intervenção mais representativa foi realizada na Praça Antenor Navarro, no bairro do Varadouro, com a revitalização do seu espaço público e seu entorno.

Motivada pela revitalização, a mudança da dinâmica urbana do bairro não trouxe apenas vivacidade e revalorização, como influenciou no surgimento do fenômeno da gentrificação (SCOCUGLIA, 2004). Demonstrando que, intervenções pautadas em

revitalizar centralidades históricas como estratégia de marketing político e/ou turístico ou com fins comerciais, feitas de maneira isolada de seu contexto econômico, social, espacial e cultural, podem ter resultados que acabem por provocar o aumento da segregação e da problemática dos centros históricos.

PROJETO VILLA SANHAUÁ

Uma das propostas de revitalização citadas no tópico anterior foi a Villa Sanhauá, que foi finalizada e entregue no segundo semestre de 2018, e compreendeu a reabilitação de oito edifícios patrimoniais da Rua João Suassuna, no bairro do Varadouro, para a criação de dezessete unidades habitacionais, seis unidades comerciais e uma unidade de uso institucional e objetivou reabilitar a função social dos imóveis a partir de novos usos, e com isso “[...] perquirir a ocupação adequada das áreas centrais, estimular as atividades culturais e garantir a preservação do patrimônio histórico” (PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA, 2017, p. 2).

A prefeitura definiu um perfil social, econômico e cultural como fator de escolha, estabelecendo, em resumo, um ranking de pontuação de acordo com o tempo de atuação na área artística ou cultural, proximidade da moradia ou do trabalho com o projeto e relevância da atividade desenvolvida.

Ao definir perfis específicos para o usufruto do projeto, a natureza excludente do edital vem à tona. Afinal, em que medida a definição dos citados perfis como critério para passar a morar ou trabalhar no centro histórico garante o direito à cidade? Em virtude dos critérios aplicados, pode-se levantar a hipótese de que o Projeto pode vir a corroborar para o processo de segregação da cidade.

Uma outra hipótese de consequências segregatórias também pode ser levantada. Sabendo que a prefeitura pretendeu, por meio do projeto, mudar a dinâmica urbana local, através da cultura, do turismo, do comércio e da preservação do patrimônio histórico, é possível argumentar que essa mudança pode influenciar no processo de gentrificação do centro histórico.

METODOLOGIA

A presente pesquisa pode ser caracterizada por ter abordagem qualitativa, natureza aplicada, objetivos exploratórios e procedimentos que se enquadram como estudo de caso (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

O questionário, instrumento de coleta de dados adotado, foi aplicado com 11 moradores e 5 comerciantes. Suas 5 perguntas abertas relacionavam Projeto e centro histórico: 1. Você considera o Projeto importante? Por quê?; 2. Cite dois pontos positivos e dois pontos negativos do Projeto.; 3. Por quais motivos você decidiu participar do Projeto?; 4. Você acha que esse projeto vai ter repercussão no centro como um todo? Que tipo de repercussão?; 5. Qual sua relação com o centro histórico? Ela mudou desde que você se mudou? Por quê?.

O conteúdo coletado foi submetido à modalidade de análise temática, que se dividiu em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Após a última etapa, esse conteúdo foi codificado nas categorias

estabelecidas com base nos indicadores de identidade, significado e valor, que, por meio das respostas, estabelecessem relação direta ou indireta entre o Projeto e o centro histórico.

No tratamento dos dados, não se considerou a semântica das palavras adotadas como unidade de análise, mas a ideia transmitida. Com isso, após submetidas às três categorias citadas, as respostas foram classificadas como possuidoras de ideias de valor, identidade e/ou significado.

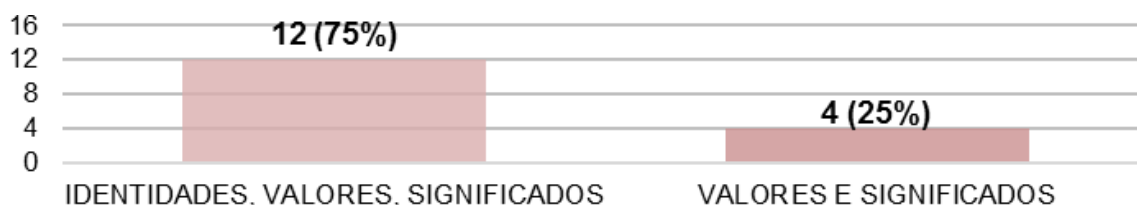
Quanto aos aspectos éticos, a pesquisa foi desenvolvida sob as exigências da Resolução nº 466/12 (2012), sendo aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa e tendo como respaldo à coleta de dados o Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após correlacionar conceitos, referencial teórico e método, a análise dos resultados gerou discussões referentes a representatividade da influência do Projeto no sentimento de pertencimento ao lugar em questão.

Notou-se que no conteúdo das respostas de 12 dos 16 questionários, os três indicadores de sentimento de pertencimento foram identificados, e em 4 dos 16 questionários foram identificados apenas os indicadores de valor e significado. Os três indicadores, juntos ou separados, apareceram em 60 das 80 respostas, sendo assim, o sentimento de pertencimento ao centro histórico de João Pessoa, sob influência do Projeto Villa Sanhauá, foi identificado em 75% do total de respostas (gráfico 1).

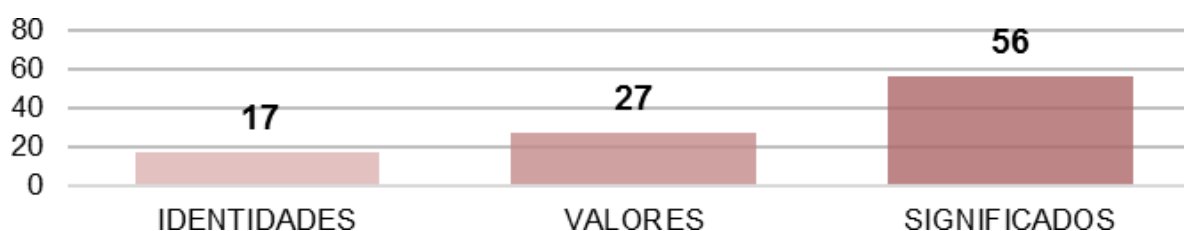
Gráfico 1 - Indicadores identificados (considerando os 16 questionários aplicados).



Fonte: Ilane Abreu, 2018.

De acordo com o gráfico 2, o indicador de significado representou a maior porcentagem de frequência nas 80 respostas coletadas, enquanto os indicadores de valor e identidade apareceram em menor número.

Gráfico 2 - Frequência de indicadores (considerando as 80 respostas).



Fonte: Ilane Abreu, 2018.

Conforme apontam os gráficos, entendemos que o sentido de pertença dos participantes é majoritariamente pautado pelos significados e, logo em seguida, pelos valores estabelecidos. O indicador de identidade, que aparece em menor proporção, aponta que os moradores e comerciantes não se sentem tão identificados, coletiva ou individualmente com o lugar sob influência direta ou indireta do Projeto. O que pode ter sido motivado pelo tempo em que ocupam as unidades comerciais e residenciais. Hipótese que pode ser reforçada por argumentos usados em algumas respostas.

O projeto em si ainda é muito recente para que mudanças mais significantes fossem sentidas, tanto individualmente quanto como coletivo [...] (Comerciante, pergunta 5).

Quando foi feita a coleta de dados, os moradores e comerciantes só estavam na vila há no máximo três meses, sendo assim, os sentimentos de coerência, unidade e continuidade, citados por Pollak (1992), atrelados às identidades, ainda poderiam estar surgindo e talvez por isso não se apresentaram com maior ênfase.

O fato das respostas não terem demonstrado significativamente o sentimento de identidade dos participantes atribuído à relação entre projeto e centro histórico, não significa que ela nunca vá surgir. Grande parcela manifestou identidade ao relacionar direta ou indiretamente o grupo ao qual pertencem, artístico cultural, ao centro histórico ou ao projeto. Sendo assim, com o tempo, essa relação pode naturalmente acontecer, pois nesse aspecto a identidade individual e coletiva da maioria já se relaciona com o centro histórico ou com a Vila.

De um modo geral, os valores e significados relativos ao projeto, foram atribuídos ao restauro dos casarões, à criação de moradias e comércios e ao perfil dos participantes, e os valores e significados relativos ao centro histórico, foram atribuídos ao resgate histórico e cultural, à preservação do patrimônio, à reabilitação e revitalização urbana, e ao novo olhar das pessoas para o espaço. O que também foi citado de maneira unânime foi a responsabilidade e influência que os moradores e comerciantes da vila tem e terão nesses aspectos.

Especificamente, os significados e valores foram manifestados sob duas diferentes perspectivas. Na primeira, parte dos participantes, quando relacionaram o centro histórico e o Projeto, demonstraram sentimentos de expectativa em relação as mudanças que ele poderia gerar, e concordaram que o projeto vai influenciar no processo de revitalização e reabilitação desta área.

Creio que seja o pontapé inicial para que se olhe para a história da nossa cidade de uma forma mais aproximada, mais íntima; Pra que o resgate físico do lugar onde “nasceu” João Pessoa possibilite a percepção da importância da preservação (Comerciante, pergunta 1).

Já na segunda perspectiva, os participantes demonstraram massivamente que o projeto já está colaborando para isso, e até deram exemplos objetivos relativos a essa repercussão e impacto causado pela mudança na dinâmica urbana local.

Tá havendo uma chegada de turistas internos e externos pra visitar. Grupos chegaram e pediram pra conhecer e eu trouxe aqui pra casa e expliquei sobre o projeto. Curiosidade das pessoas que moravam aqui ou perto daqui (Morador,

pergunta 4).

[...] já vejo alguns casarões sendo pintados e até pessoas falando em restaurar outros. Existe pessoas interessadas em morar no centro [...] (Morador, pergunta 4).

Concordando com algumas das expectativas dos participantes e atingindo alguns dos objetivos a que se propôs a prefeitura através do projeto, a Villa Sanhuá gerou impacto de vizinhança, tornando seu entorno mais frequentado por transeuntes e despertando o anseio de restauração e o interesse de moradores e turistas. Entretanto, durante as visitas de campo para fazer a coleta de dados, o que se observou foi o predomínio do tráfego de veículos, em detrimento da circulação de pedestres, principalmente nos horários de começo e fim de expediente. Ao analisar o entorno imediato, composto principalmente por comércios de serviços e prédios em ruínas ou fechados, talvez se possa entender esse como um dos porquês.

Ainda sobre os impactos gerados, o conteúdo de algumas respostas apontou pontos negativos relativos às mudanças ocorridas e as que possam vir a ocorrer, principalmente quanto ao caráter pontual do Projeto em relação ao centro histórico.

A invisibilidade do projeto com o entorno / Comunidade Porto do Capim [...] (Morador, pergunta 2).

As pessoas acham que eu ganho pra morar aqui, existe preconceito e crítica social (Morador, pergunta 4).

Esse cenário de percepções motivou os participantes a compartilharem nas respostas indícios segregacionistas atrelados ao projeto, o que pode acabar por contribuir para o processo de segregação central. Parte dos moradores e comerciantes se sentem “ilhados” em relação ao contexto urbano e relatam que os moradores da região não interagem com o Projeto. Talvez por não “se reconhecerem” nele, já que apenas umas das unidades comerciais é um comércio de base. As demais são voltadas para públicos de maior poder aquisitivo.

Em relação a exploração turística, marketing e ocupação do espaço por grupos específicos, alguns participantes demonstraram o anseio de que mudanças dessa ordem aconteçam, o que também pode trazer consequências segregatórias, pois os moradores e comerciantes serão agentes fundamentais nesse contexto.

Existe uma expectativa grande de que ao juntar tantos expoentes culturais, o movimento cultural no Varadouro volte a ter a visibilidade que já teve e [...] possa se firmar verdadeiramente (Comerciante, pergunta 4).

Considerando o sentido de pertença como um todo, em relação ao conteúdo das respostas, o que se pôde notar é que a maioria dos participantes estabeleceram relação entre projeto e centro histórico mediante o que os conecta diretamente, que é o trabalho e a moradia. Nesse sentido, os participantes expuseram os motivos pelos quais estão ali, o que os levaram a participar e o que os faz querer permanecer, e as respostas oscilaram entre sonhos, identidade ao grupo, desejos, comodidade, paixões e viabilidade econômica.

Sempre fui apaixonado por essa parte da cidade. Além disso a necessidade de ancorar por mais tempo em lugar pra chamar de “meu”, pagando um valor abaixo

do que vinha pagando (Morador, pergunta 3).

Quanto à quinta pergunta, foram identificadas algumas disparidades, houve os que consideraram que sua relação com o centro histórico não mudou depois da mudança, mas que existiu uma adaptação à nova realidade, como também os que consideraram que após a mudança sua relação com o lugar mudou, fazendo com que os participantes se sintam integrados ao centro histórico.

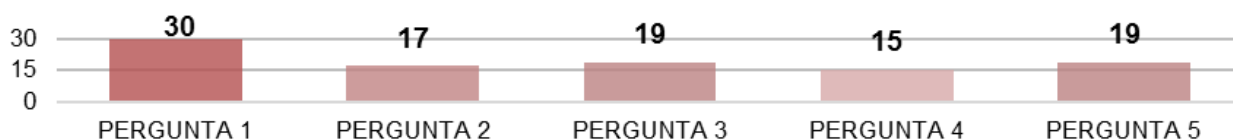
[...] minha relação não mudou o caráter/costume, o que mudou foi o desafio de saber conviver com essa nova realidade, devido aos lados positivos e negativos (Morador, pergunta 5).

O primeiro grupo, por já ter estabelecido um vínculo mais estreito com o centro histórico antes do projeto, considerou que essa relação não mudou, mas que pode vir a mudar. Já o segundo grupo, declarou que a interação e a maneira como passou a olhar o lugar mudou depois do projeto.

[...] deixei de ser um passante para virar morador. Tenho agora um olhar mais íntimo e pessoal com este lugar, faço parte dele! (Morador, pergunta 5).

Diante de todo o exposto, pôde-se ter dimensão da maneira como o sentimento de pertencimento dos moradores e comerciantes se apresentou no conteúdo dos questionários aplicados. No geral, o sentimento investigado foi demonstrado através da importância atribuída ao projeto, que pôde ser confirmada pela incidência de indicadores identificada na primeira pergunta, que trata desta importância (gráfico 3).

Gráfico 3 - Incidência de indicadores (por pergunta).



Fonte: Ilane Abreu, 2018.

De acordo com o gráfico, a primeira pergunta apresentou a incidência de 30 indicadores e as outras quatro apresentaram uma média de 17. Demonstrando a maneira que o lugar em questão influenciou nesse sentimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho pôde-se perceber que à medida que ocorre a interação entre grupo, projeto e lugar, os sentimentos vão aflorando e se transformando. Essa relação acontece em um ciclo permanente, e tem a mutação como característica inerente.

Em meio a essa subjetividade foi possível melhor compreender como se dá a relação entre os sujeitos envolvidos com projetos de incentivo à moradia e comércio em centralidades históricas e o lugar, e para isso aplicou-se metodologia investigativa para analisar em que medida essa relação incita a pertença. Essa análise só foi possível por meio da identificação de indicadores do sentimento analisado, que permitiram tratar de forma objetiva a citada relação expressa de forma subjetiva, numa metodologia condizente com um trabalho de

conclusão de curso de graduação.

Interpretando o conteúdo coletado pelos questionários aplicados, notou-se que a grande maioria estabeleceu, através das respostas, relação direta ou indireta entre o projeto e o centro histórico de João Pessoa, atribuindo principalmente os indicadores de significado, seguido pelo de valor, e, por último, em menor frequência, pelo de identidade, caracterizando assim a maneira como essa influência foi identificada.

Constatou-se que o incentivo à moradia e comércio na área influenciou na pertença dos participantes, a partir da interação direta com essa centralidade histórica que a Vila os proporcionou, fortalecendo a apropriação e os vínculos com o lugar.

Avaliou-se que programas e projetos de incentivo à novos usos no centro histórico podem contribuir para sua preservação, à medida que foi constatado que os participantes atribuíram à relação projeto-centro histórico temas como a criação de moradias e comércios, o resgate histórico e cultural, a preservação do patrimônio, a reabilitação e revitalização urbana, e o novo olhar das pessoas para o espaço.

Além disso, se pôde apontar o sentimento investigado como um dos indicadores para a seleção de habitantes e comerciantes para o centro histórico, e alertar esse novo indicador para os órgãos gestores do município. Pois, concordando com Pelegrini (2006) o sentimento de pertencimento está atrelado à preservação do lugar, pois, se percebendo como parte integrante, a valoração por identificação o faz estimar e ressignificar seu olhar e suas ações para com o entorno.

As hipóteses lançadas, motivadas por inquietações relativas ao contexto urbano em que o Projeto se insere e relativas ao próprio Projeto, desde à seleção até o pós-ocupação, puderam ser fortalecidas, à medida que os participantes também deram indícios de que o Projeto pode vir a ser influenciador no processo de segregação e gentrificação do centro histórico.

Por fim, a investigação deixa mais uma contribuição que correlaciona indivíduo, intervenção e cidade, sob o viés do sentimento de pertencimento em centralidades históricas, com a pretensão de que incite cada vez mais inquietações sobre o tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOTECA VIRTUAL DE PSICOLOGIA. Disponível em: <<http://www.bvs-psi.org.br>>. Acesso em: 04 de out. de 2018.

GONÇALVES, Ana. Valor etnográfico. In: REZENDE, Maria B.; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 1. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbete). ISBN 978-85-7334-279-6.

PATRIMÔNIO CULTURAL. **Carta de Cracóvia**. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt>> Acesso em: 10 de set. de 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Resolução nº 466/12**, de 12 de dez. de 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. **Edital de Seleção**. Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/>>. Acesso em: 10 de abr. de 2018.

PELEGRINI, Sandra C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo 2006, v. 26, nº 51, p. 115-140.

PESAVENTO, Sandra J. História, memória e centralidade urbana. **Nuevo Mundo, Mundos Nuevos**. Debates, 2007.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212: 1992.

RIBEIRO, Cecilia; LIRA, Flaviana. Autenticidade, **Integridade e Significância Cultural**. In: LACERDA, Norma; ZANCHETTI, Sílvia M. (Orgs.). Gestão da Conservação Urbana: Conceitos e Métodos. Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada (CECI) Olinda, 2012.

SILVEIRA, Denise T.; GERHARDT, Tatiana E (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

SILVA, Michelle N. da. **Identidade, pertencimento e sociabilidade no espaço urbano: observações sobre a percepção dos usuários do bairro cidade baixa em porto alegre**. Iluminuras, Porto Alegre, v. 14, n. 34, p. 194-210, ago./dez. 2013.

SCOCUGLIA, Jovanka B. C. **Revitalização urbana e (re) invenção do centro histórico na cidade de João Pessoa 1987-2002**. João Pessoa: Editora UFPB, 2004.

TEIXEIRA, Marília R. **Sobre a significância do conjunto arquitetônico e paisagístico da Praça Batista Campos em Belém do Pará**. Dissertação de Mestrado. Pernambuco: UFPE, 2011.

VASCONCELOS, Ilane A. de. **Perten[s]er: A influência do Projeto Villa Sanhauá no sentimento de pertencimento ao centro histórico de João Pessoa**. Trabalho de Conclusão de Curso (Arquitetura e Urbanismo). João Pessoa: UNIPÊ, 2018.

ICÓ, O RIO E A ENCANTERIA DA BALEIA

ICÓ, THE RIVER AND THE ENCHANT WHALE

MOREIRA, LUCAS RODRIGUES

Arquiteto e Urbanista (UNIFIP), Especialista em Design e Arquitetura de Espaços Efêmeros (UNIESP),
Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPB (PPGAU-UFPB)

RESUMO

Recorrente de um intenso processo de urbanização às cidades veem se desenvolvendo negando seus recursos hídricos, sem incorpora-los ao seu contexto urbano, deixando-os às margens, gerando com isso uma série de problemas ambientais, sociais e culturais. No município de Icó/CE a realidade não é outra, a cidade se desenvolve a parte do rio, sem inseri-lo no seu desenvolvimento, utilizando-o como depósito de lixo. Com isso o presente estudo tem como objetivo resgatar a história e apresentar a importância do rio para a cidade, através da criação de uma intervenção urbana e de caráter efêmero, onde se utiliza do conto da baleia adormecida para provocar a memória, perpetuar e registrar esse imaginário coletivo, e fomentar a discussão acerca do rio.

PALAVRAS CHAVES: corpos hídricos; Icó/CE; intervenção urbana; encanteria.

ABSTRACT

Recurring of an intense process of urbanization, cities keep growing and denying their water resources, without incorporating them into their urban context, leaving them on the margins, generating a series of environmental, social and cultural problems. In the city Icó/CE the reality is no other, the city develops a part from the river, without inserting it in its development, using it as a garbage dump. The purpose of this study is to rescue the history and to show the importance of the river to the city, through the creation of a urban intervention of ephemeral character, where the story of the sleeping whale is used to provoke the memory, perpetuate and record the collective imagination, and to foment the discussion about the river.

KEYWORDS: *water bodies; Icó/CE; urban intervention; wold enchant.*

INTRODUÇÃO

Diretamente relacionada com a formação e desenvolvimento das civilizações, a água, um recurso vital para o planeta, condicionou, em primórdios, o modo como a civilização se organizava, e a formação e expansão das cidades, tanto por oferecer o insumo fundamental, quanto por razões culturais, econômicas, sociais e de defesa.

Contudo, devido ao desenvolvimento urbano desenfreado, e também pela insuficiência ou inexistência da atuação do poder público no que tange questões de infraestrutura urbana, coleta e tratamento de esgotos, inicia-se um processo de canalização e cobertura dos cursos fluviais, ocupações em áreas de preservação permanente (APP's), margens de rios, encostas e morros. Modificando o ambiente já existente, gerando uma série de problemas e perdas históricas, sociais e ambientais.

Hoje, proveniente de tais questões, ambientes dotados da presença de áreas vegetadas ou de cursos fluviais tornaram-se estratégicas para a redução de riscos ambientais, tanto por proporcionarem ambientes agradáveis para o lazer da população como por serem vitais para a manutenção, preservação e renovação da fauna e flora locais.

Realidade presente no município de Icó, terceira vila instalada no estado do Ceará, construída no século XVIII, às margens do Rio Salgado, como centro dos caminhos das boiadas, atividade na qual ganha destaque, devido à grande quantidade de água presente na localidade, fator importante para a criação do gado. Leva à água consigo, desde o significado do seu nome, “água” ou “rio da roça”, palavra de origem da tribo Tapuia da Nação Cariri, os Icós; na sua formação e desenvolvimento, como também para o imaginário cultural com os contos relacionados à água, que materializam a importância do corpo hídrico para a cidade, como o do papagaio que se afogava na cheia ou da baleia adormecida que guarda o santuário do Senhor do Bonfim.

No entanto, nem mesmo com a significativa importância que o Rio teve para a formação e desenvolvimento da cidade ele foi poupado dos impactos causados pela população, e do descaso do poder público. Transformado de fonte de insumo em local de despejo de dejetos e lixo, vetor de doenças. Causando a perda do seu potencial ambiental, de sua função social e cultural, levando consigo os contos folclóricos, os quais se perpetuam, ainda, por intermédio das relações hereditárias, ou seja, passadas de familiar para familiar, através da oralidade, com poucos ou quase nenhuma documentação textual, didática, e oficial, existentes, beirando o esquecimento.

Dado a perda que a cidade vem sofrendo, tanto ambiental como histórica e cultural, pretende-se, com o seguinte trabalho, resgatar a história e apresentar a importância do rio para a cidade, utilizando do conto da baleia, por fazer alusão ao rio e devido a sua influência na construção da identidade cultural da população, visto que por anos o povo acreditou que de fato existisse uma baleia adormecida sob a cidade, correndo risco iminente de inundação. Por meio da criação de uma intervenção urbana e de caráter efêmero.

E como objetivos específicos:

_Retratar parte da cultura local através da produção de material gráfico;

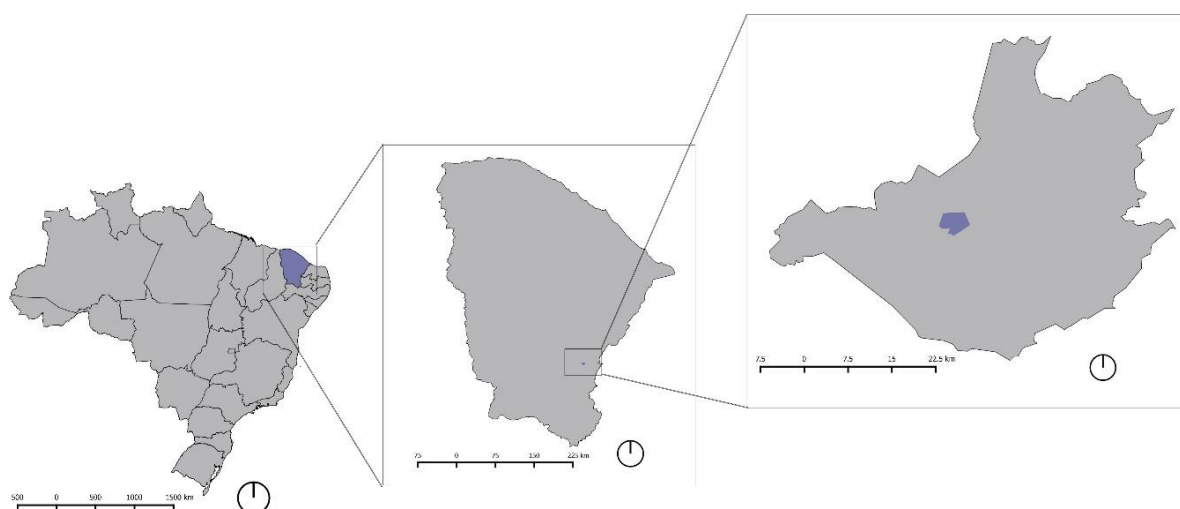
_Intervir na cidade com o material produzido em forma de lambe-lambe;

ICÓ, “A TERRA DO LOURO”

Colonizada no início do século XVIII, foi a terceira vila a ser instalada no estado do Ceará, às margens do Rio Salgado, afluente do Rio Jaguaribe, como centro dos caminhos das boiadas. Se desenvolve paralelo ao leito do rio, no entorno do Largo do Theberg, seguindo determinações urbanísticas de Portugal, com a presença de ruas regulares paralelas ao rio, interceptadas por becos e travessas (NETO, 2007).

Localizada à 375 km da capital Fortaleza, conforme figura 1, no centro-sul. Conta com uma população estimada em 67.972 habitantes, uma área de 1.872 km² e densidade demográfica de 34,97 hab/km² (IBGE, 2017/2018).

Figura 01: Localização do município de Icó/CE.



Fonte: elaborado pelo autor (2016)

Ganhou destaque devido ao cultivo da carne de charque, proveniente da grande quantidade de água presente em seu território, tornando-se assim uma das principais cidades comerciais do Nordeste. Durante muito tempo ficou conhecida como a “Terra do Louro”, oriundo de várias versões, sendo a mais famosa a do conto do papagaio que se afogava na cheia (COUTO, 1962).

Diz a tradição popular que, em uma das enchentes do rio Salgado, um pescador encontrou e salvou um papagaio que descia sobre as águas preso em um galho, correndo risco de vida. Contudo, ao ser socorrido e antes mesmo de ser retirado das águas o “louro” questionou sobre o lugar que estava, se recusando ao resgate preferindo descer na correnteza após ficar sabendo que se encontrava em Icó (LIMA; SOUSA, 1996).

O motivo? Diz respeito a uma época com escassez de chuva, onde a produção, especialmente de milho, teve uma baixa significativa. Não bastava a falta de água os milharais sofriam ainda com os fortes ataques de papagaios, que terminavam por acabar com a plantação existente (COUTO, 1962).

Preocupados com o risco de destruição provocado pelas aves, os governantes locais instituíram uma legislação onde se dispensava a arrecadação de impostos em cabeças de papagaio, gerando uma queda no número de aves na cidade, e justificando a decisão

do “louro” resgatado.

Após anos de destaque comercial, à cidade começa a declinar. Tendo início a partir de 1862, quando uma epidemia de cólera, que durou até 1864, atinge a cidade. Em 1877, ela sofre com uma das maiores secas da história do estado, causando uma queda na produção agrícola e do charque (NETO, 2007). O século XX é marcado pela perda da passagem da estrada de ferro pela cidade, devido as decisões dos governantes locais, tementes de que surtos virais e pestes atingissem a cidade mais uma vez, o que frustrou o seu desenvolvimento, e a perda do seu destaque comercial. Tais perdas acabaram por estagnar o desenvolvimento da cidade e acarretar a perda de partes das referências culturais e místicas, mas possibilitaram a conservação do seu patrimônio arquitetônico (IPHAN, 2008).

O RIO

Curso de água intermitente que banha o estado do Ceará, o Rio Salgado nasce drenando o Vale do Cariri, recebe esse nome devido à alta incidência de salinidade nas suas margens (COUTO, 1962; COGERH, 2010). Com extensão de 308 km e aproximadamente 13.000 km², sua bacia hidrográfica, Bacia do Salgado, abrange 23 municípios, dentre eles: Icó, Cedro, Umari, Ipaumirim, Lavras da Mangabeira, Aurora, Barro, Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Missão Velha, Milagres, Brejo Santos, dentro outros, conforme figura 2 (COGERH, 2010).

Figura 02: Bacia do Salgado.



Fonte: Gerência de Tecnologia da Informação - COGERH (2018)

Mesmo com seu destaque para a formação e desenvolvimento da cidade, o rio vem sofrendo com alguns impactos causados pela população, tais como: desmatamento e queimadas, ocupação irregular das margens, contaminação hídrica, depósito de resíduos a céu aberto e retirada indiscriminada da mata ciliar, reduzindo a quantidade de água ao longo dos vales e sofrendo com as grandes cheias em épocas de chuva (MOREIRA, 2018), conforme figura 3.

Figura 03: Rio Salgado em época de cheia.



Fonte: OLIVEIRA (2014)

Realidade comum dos rios no contexto citadino, desde a antiguidade até os dias atuais, onde os problemas se agravam. Durante a antiguidade e idade média, os rios passaram a receber elevadas cargas de resíduos, provenientes de atividades comerciais e industriais; com o inchaço urbano, reflexo do crescimento desordenado, aumenta-se o número de moradores nas cidades, causando um aumento nos índices de salubridade, da poluição dos rios, da ocupação das margens e do número de epidemias. (REYNOSO et al., 2010 apud. BAPTISTA; CARDOSO, 2013). Com isso, preocupados com os altos índices de poluição nas cidades, inicia-se uma série de reformas higienistas, dando origem aos sistemas de esgotamento sanitário e de drenagem pluvial, a fim de prever enchentes e doenças, o que levaria futuramente a uma perda progressiva no papel da água na paisagem das cidades (CAMACHO, 2016).

Recorrente do estado dos cursos fluviais atuais e das potencialidades oferecidas pelos mesmos, inicia-se, com o surgimento dos movimentos ambientalistas, a partir da década de 1970, uma valorização dos recursos naturais e o reconhecimento da água como um bem precioso e vital (MOREIRA, 2018). Desde então uma série de legislações vem sendo

sancionadas buscando a recuperação desses cursos.

A RELIGIOSIDADE E A ENCANTARIA DA BALEIA ADORMECIDA

Relacionada com uma das mais antigas e importantes festas religiosas do estado, a história da baleia adormecida se perpetua desde 1749, ano de construção da Igreja do Senhor do Bonfim, até os dias atuais (IPHAN, 2008), figura 4.

Figura 04: Igreja do Senhor do Bonfim, encantaria da baleia.



Fonte: acervo do autor (2018)

Povo crente e devoto, as festividades do Senhor do Bonfim começaram a ganhar destaque, chegando a ser umas das maiores festas religiosas do estado. Dado a expansão da mesma, a Igreja logo não comportava o grande número de fiéis que vinham em busca de atender suas preses. Com isso construiu-se outra igreja, que levaria o mesmo nome, inaugurada já no século XX, no ano de 1960. No entanto, quando a nova igreja estava pronta para ser aberta e receber a imagem do Senhor do Bonfim transferida do seu altar original, a população se revoltou, indo contra a mudança de santuários (BORTOLOTTI, 2016).

Isso devido a história de que sob o altar da igreja, repousa uma baleia adormecida, e que se um dia a imagem for retirada para transferência, a baleia irá acordar e o Icó se transformara em um braço do mar. Fato curioso, visto que a abundância de água é algo tão aclamado e sonhado pelas populações que vivem em regiões sujeitas a secas periódicas, como é o caso de Icó. Mas que nesse contexto viria como um castigo, causando ainda mais sofrimento e mortes (IPHAN, 2008). Não é de conhecimento popular quando ou por quem surgiu esse conto.

Seria o conto da baleia um presságio para os desastres que a cidade sofreu ao longo dos anos, ou até mesmo para as condições em que o rio Salgado se encontraria um dia?

Ainda dentro do âmbito religioso, é possível identificar uma relação entre a figura da baleia e a encantaria. Forma de manifestação espiritual e religiosa afro-ameríndia¹, a encantaria é praticada sobretudo, na região nordeste, mais presente no Piauí, Bahia, Pará e Maranhão, podendo estar relacionado a diversas religiões, como a Pajelança, Terêco, Tambor de Mina, Candomblé, Nagô, entre outras, ambas “que se entrelaçam de forma a se utilizar da matéria viva do corpo para que os guias venham se manifestar” (RIBEIRO, 2011), ou seja, através da mediunidade e da possessão. A encantaria se refere também aos locais onde os encantados vivem (FERRETTI, 2008). Descritos pelos médiuns como locais muito energizados, de grande poder, por onde passam muitas correntes espirituais. Sempre ligados as forças da natureza, é comum a presença de encontro de águas, de pedreiras, de mata.

Os encantados fazem referência a seres espirituais, podendo ter sido pessoas que viveram e desapareceram misteriosamente, onde acredita-se que venceram a morte, que se “encantaram”, ou que nunca possuíram forma e matéria, e que vivem em outro plano, entre o céu e a terra, nas encantarias ou “incantes” (FERRETTI, 2008). Fazem parte de outra categoria de seres espirituais, não podendo ser considerados espíritos mortos, “como os “eguns” do candomblé e os espíritos que se comunicam com as pessoas em centros espíritas” (FERRETTI, 2008, p. 2). São exemplos de encantados: Mãe d’Água, Rei Sebastião.

Com isso, caracteriza-se a baleia como um encantado, e a Igreja do Senhor do Bonfim como sua encantaria.

METODOLOGIA

Movido pela curiosidade e objetivando a criação e disseminação de novos conhecimentos a respeito dos cursos fluviais da cidade, pode-se caracterizar a pesquisa como básica, dado que seus levantamentos não terão uma aplicação em soluções práticas de imediato (GIL, 2008).

Referente as técnicas de análise, pode-se classificar o estudo como qualitativo (GERHARDT; SILVEIRA, 2009), baseados na exploração ao nível dos olhos, na escala humana, partindo de visitas *in loco*, registros fotográficos utilizando uma câmera fotográfica, e conversas informais com a população,

Quanto aos objetivos, classifica-se a pesquisa como exploratória, onde se cria maior familiaridade com o problema, a fim de se esclarecer e desenvolver conceitos e ideias (GIL, 2008).

Tratando-se de uma pesquisa exploratória tem-se como base primária fontes bibliográficas. O estudo utiliza de artigos, livros, e sites eletrônicas para melhor investigar as áreas, identificando suas problemáticas e potencialidades, entendendo a sua importância no contexto histórico, social, cultural, e investigando a relação ser humano e água e sua modificação, os folclores e contos, transmitidos de familiar para familiar,

¹ Religiões de matriz africana difundida pelo Brasil, com a vinda dos povos africanos durante o período de escravidão (BRANDÃO, 2004).

através da oralidade.

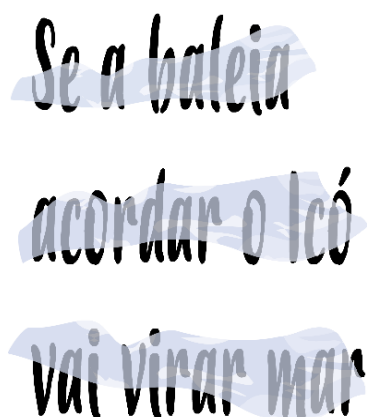
RESULTADOS

A fim de resgatar o que tange os aspectos históricos e culturais do Rio Salgado, foram produzidos 4 cartazes, vide figuras 5, 6, 7 e 8, com as seguintes frases: se a baleia acordar o Icó vai virar mar; quando seca o azul; o Rio Salgado sangra; brincar e nadar no Rio Salgado, essa última tendo como referência a intervenção “Campanha Não-Eleitoral” de 2012, da revista Piseagrama.

Para retratar a encantaria da baleia utilizou-se do trabalho da artista plástica Estela Miazzi, residente em São Paulo, figura 5. Seu trabalho parte de uma profunda afinidade que ela sente para com o mar, seja o mar fixo, que une povos e continentes, ou o mar interno, existente dentro de cada um. Estela utiliza de aquarelas para produzir baleias e frases.

Figura 05: Se a baleia acordar o Icó vai virar mar.

Figura 06: Quando seca o azul...



Se a baleia
acordar o Icó
vai virar mar



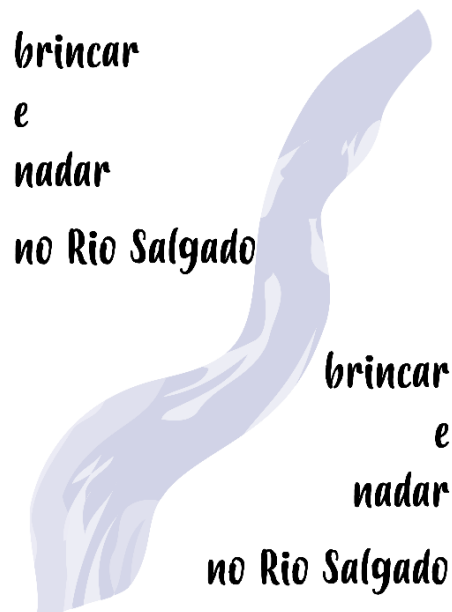
quando
seca o
azul...

Fonte: elaborado pelo autor (2018)

Figura 07: o Rio Salgado sangra



Figura 08: brincar e nadar no Rio Salgado



Fonte: elaborado pelo autor (2018)

Figura 08: Aquarela de baleia.



Fonte: MIAZZI (2018)

A intervenção tem como objetivo, despertar, mesmo que rapidamente, a memória do conto da baleia, que, por si só já faz alusão ao rio, mas que, quando associada com as frases gera outra visão, outro questionamento a respeito do rio, a respeito do que ele vem sofrendo, e do que está sendo feito com ele. E concomitante a isso, gerar outra forma de disseminação e perpetuação do imaginário coletivo, que como falado anteriormente, vem se perdendo.

Para a realização da intervenção optou-se por intervir na área central da cidade, mais especificamente dentro da poligonal de tombamento histórico, às margens do Rio Salgado e onde se localiza a Igreja do Senhor do Bonfim, encantaria da baleia, como observado nas figuras 9, 10 e 11.

Figura 09: Se a baleia acordar o Icó vai virar mar. Figura 10: Brincar e nadar no Rio Salgado.



Fonte: acervo do autor (2018)

Figura 11: Aplicação de lambe na ponte Piquet Carneiro, com o Rio Salgado ao fundo.
Figura 12: Aplicação de lambe no chão, em frente à Igreja Senhor do Bonfim.



Fonte: acervo do autor (2018)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recorrente da urbanização, do inchaço urbano e crescimento desordenado das cidades,

os cursos fluviais encontram-se hoje, em sua maioria, poluídos e esquecidos, são utilizados como fonte de dejetos, depósito de lixo, etc., perderam sua função social, cultural, histórica, e lutam, em meio a constantes mudanças e agressões sofridas, para manter a ambiental.

Dadas tais mudanças, e sabendo a importância da água para a formação e desenvolvimento das civilizações, manutenção e preservação do meio ambiente, fica clara a necessidade de se estudar tais áreas, e repensar o modo como elas estão sendo aproveitadas, a fim de resgatar seu papel social e cultural, visto que muitos povos possuem forte ligação com a água.

Como no município de Icó/CE, que, mesmo com a grande importância da água para sua formação e desenvolvimento, vem crescendo sem inseri-la no seu contexto urbano e cidadão, causando as mesmas graves impactos ambientais, perdendo com isso parte de sua identidade cultural e histórica, crescendo desmemoriada.

Com isso, o presente trabalho busca resgatar a história e mostrar a importância do rio para a cidade, com uso do conto da baleia adormecida sob o altar da Igreja do Senhor do Bonfim. Para isso foram realizados levantamentos bibliográficos e exploratórios, para melhor investigar a área, suas problemáticas e potencialidades e entender sua importância histórica, social e cultural.

Com base nas informações obtidas, foi realizada uma intervenção urbana de caráter efêmero, onde se utilizou do conto da baleia para resgatar a história e a importância do rio para com a cidade. O que, por sua vez, abre espaço para que futuros trabalhos possam, com bases nas informações aqui apresentadas, melhor analisarem a área e seus múltiplos aspectos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, M.; CARDOSO, A. **RIOS E CIDADES: uma longa e sinuosa história**. UFMG, Belo Horizonte, v. 2, n. 20, p.124-153, jul. 2013.

BORTOLOTTI, P. **Icó: a Igreja Nosso Senhor do Bonfim e a baleia adormecida**. 2010. Disponível em: <<http://blogs.opovo.com.br/pliniobortolotti/2010/01/15/ico-a-igreja-nosso-senhor-do-bonfim-e-a-baleia-adormecida/>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

BRANDÃO, C. R. Fronteira da Fé - Alguns Sistemas de Sentido, Crenças e Religiões no Brasil de hoje. In **Revista Estudos Avançados** Vol. 18 nº 52. São Paulo Sept./Dec. 2004.

CAMACHO, S. **INTERVENÇÕES EM CORPOS HÍDRICOS URBANOS: Uma visão da atual conjuntura no Brasil**. 106. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Engenharia Civil, Universidade Estadual Paulista, Ilha Solteira, 2016.

COGERH. **Cartilha informativa hidroambiental: Vamos conhecer o Salgado**. Fortaleza, 2010.

COUTO, F. A. **A história do Icó: sua genuína crônica**. Iguatu, 1962.

CURADORIA. **Estela Miazzi**. 2019. Disponível em: <<https://projetocuradoria.com/estela->

miazzi/>. Acesso em: 20 dez. 2018.

FERRETTI, M. **Encantos e encantarias no folclore brasileiro**. São Paulo, 2008.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ufrgs, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.

IBGE - FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População estimada**. Rio de Janeiro, 2018.

IBGE - FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Densidade demográfica**. Rio de Janeiro, 2018.

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Ribeira dos Icós: Icó – CE**. Ceará, 2008.

LIMA, I. S.; SOUSA, M. E. **Princesa dos sertões**. Fortaleza: Tropical, 1996.

MOREIRA, L. R. Às margens: repensando o uso dos corpos hídricos de Icó/CE. FIP, Paraíba, 2018.

NETO, C. R. J. **A urbanização do Ceará setecentista: As vilas de Nossa Senhora da Expectação do Icó e de Santa Cruz do Aracati**. UFBA, Bahia, 2007.

PISEAGRAMA. **Campanha Não - Eleitoral**. 2012. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/sites/cidadegrafica/campanha-nao-eleitoral.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

RIBEIRO, R. C. **O mundo da encantaria, a pajelança Amazônica: A linha do fundo, os ritos de passagem para os pajés e as curas**. 2011. Disponível em: <<http://www.artigos.com/artigos-academicos/9292-o-mundo-da-encantaria-a-pajelanca-amazonica-a-linha-do-fundo-os-ritos-de-passagem-para-os-pajes-e-as-curas>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

semana
acadêmica
de arquitetura
e urbanismo
uniesp

SAAU'21



uniesp
Centro Universitário



COOPERE
Coordenação de Pesquisa, Extensão e Responsabilidade Social

ISBN 978-655825138-5



9

786558

251385